

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS | PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: ESTUDOS DA LINGUAGEM
LINHA DE PESQUISA: LINGUÍSTICA APLICADA

NATÁLIA BARRONCAS DA FONSECA

IDEOLOGIAS DE LINGUAGEM NA PERIFERIA DO CAPITALISMO TARDIO: O
CAMPO INDICIAL DO INGLÊS NA FRONTEIRA BRASIL-GUIANA

Porto Alegre
2023

NATÁLIA BARRONCAS DA FONSECA

IDEOLOGIAS DE LINGUAGEM NA PERIFERIA DO CAPITALISMO TARDIO: O
CAMPO INDICIAL DO INGLÊS NA FRONTEIRA BRASIL-GUIANA

Tese de Doutorado em Estudos da Linguagem, apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Pedro de Moraes Garcez

Porto Alegre
2023

CIP - Catalogação na Publicação

Fonseca, Natália Barroncas da
Ideologias de linguagem na periferia do capitalismo
tardio: o campo indicial do inglês na fronteira
Brasil-Guiana / Natália Barroncas da Fonseca. -- 2023.
222 f.
Orientador: Pedro de Moraes Garcez.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de
Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2023.

1. Fronteira Brasil-Guiana. 2. ideologias de
linguagem. 3. ideologias raciolinguísticas. 4. inglês.
5. valor de uso e de troca. I. Garcez, Pedro de
Moraes, orient. II. Título.

Natália Barroncas da Fonseca

IDEOLOGIAS DE LINGUAGEM NA PERIFERIA DO CAPITALISMO TARDIO: O
CAMPO INDICIAL DO INGLÊS NA FRONTEIRA BRASIL-GUIANA

Tese de Doutorado em Estudos da
Linguagem, apresentada como requisito
parcial para a obtenção do título de Doutora
pelo Programa de Pós-Graduação em Letras
da Universidade Federal do Rio Grande do
Sul.

Porto Alegre, 10 de novembro de 2023.

Resultado: Aprovada com conceito A.

BANCA EXAMINADORA:

Professora Dra. Margarete Schlatter
Programa de Pós-Graduação em Letras
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Professora Dra. Neiva Maria Jung
Programa de Pós-Graduação em Letras
Universidade Estadual de Maringá (UEM)

Professora Dra. Branca Falabella Fabrício
Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Ao meu avô, Jadir Barroncas, *in memoriam*, que partiu meses antes desta pesquisa ser concluída, por ter sempre demonstrado orgulho de mim.

A minha família toda, pela fé, amor e torcida.

A vocês dedico, com amor, este trabalho.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ser aquele que sempre esteve e está ao meu lado, me abençoando, guiando, protegendo e dando sabedoria e forças na minha caminhada de vida.

À minha família, por ser a minha base. Por todo amor, apoio, carinho e atenção investidos em mim. Pela alegria das partilhas. Em especial, agradeço a minha mãe, Juçara Barroncas, pela força e por ser sempre socorro presente.

Ao meu orientador, professor Dr. Pedro de Moraes Garcez, pela orientação criteriosa, segura e excelente que tanto me ensinou. Pela constante disponibilidade para dialogar comigo e refletir sobre a minha pesquisa. Por me incentivar a ir além do que eu achava que poderia fazer. Por toda a compreensão ao longo de todo o processo.

Às professoras Dra. Luciene Juliano Simões e Dra. Simone Sarmiento, por todo conhecimento partilhado ao longo das disciplinas.

Às professoras Dra. Margarete Schlatter e Dra. Neiva Maria Jung, por terem aceitado compor minha banca de qualificação e pelos valiosos comentários e sugestões para esta pesquisa.

Às professoras Dra. Margarete Schlatter, Dra. Neiva Maria Jung e Dra. Branca Falabella Fabrício, por terem concordado em participar da banca de defesa desta tese.

À professora Dra. Janaína Vianna da Conceição, pela disponibilidade para ler o relatório final e tecer seus valiosos comentários.

A todos os colegas e pesquisadores do curso de doutorado em Letras da UFRGS, por compartilharem das mesmas dificuldades e alegrias ao longo desta jornada. De maneira especial, agradeço à Alana Fries e à Giana Bess, pelo acolhimento, ajuda e suporte.

À Marlene Gasparin, pelas valiosas trocas na reta final de escrita desta tese e por todo apoio e incentivo.

À Ana Celia, pela generosidade em nos receber em sua casa em Porto Alegre e nos ajudar naquele momento de mudança de cidade. Agradeço o apoio, as dicas, a amizade.

Às amigas e companheiras de jornada Nathália Oliveira e Cleo Nascimento, pela parceria desde antes do doutorado, na alegria e na tristeza. Pelo apoio, paciência, companheirismo e carinho empreendidos.

À Débora Brito, pela amizade, carinho e apoio desde antes do doutorado.

Às amigas, Mara Gardeane e Fernanda Souza, pela amizade e pelo constante apoio desde a época do mestrado.

À Maria Lúcia Brito, pelos conselhos primorosos, carinho e cuidado de sempre.

À professora Dra. Déborah Freitas, por todo ensinamento e apoio durante o mestrado, e pelo incentivo desde o início do doutorado.

Aos amigos de longa data Marilaine Pedretti e Vandercleyson Barbosa, que me apoiaram e ajudaram na graduação e, por essa razão, cheguei até aqui.

Às amigas Ivanilde Barros e Elizangela Pedroso, pelas palavras de edificação, por cada ensinamento, conselho e partilha. Pelo suporte, apoio, cuidado e, sobretudo, pelas orações.

Ao meu amado companheiro Rodrigo Reis, por sempre acreditar no meu potencial e me incentivar a conquistar meus sonhos. Por ter sempre sido paciente, amoroso e compreensivo, sobretudo no período em que morei em Porto Alegre. Por me acalmar nos momentos de angústias e por vibrar comigo nos momentos de alegria. Por seu amor.

Aos meus cunhados Diana Pastana e Rui Jr., pelo apoio, incentivo e torcida de sempre.

À minha psicóloga, por toda escuta qualificada, pela paciência em me ouvir reclamar sempre das mesmas coisas e por me ajudar a me conhecer melhor e a superar minhas dificuldades.

Aos participantes desta pesquisa, pela colaboração e voto de confiança.

Aos intermediários desta pesquisa, pela valiosa ajuda para que eu conseguisse chegar aos participantes.

À Universidade Federal de Roraima, pela liberação para o afastamento para qualificação.

A todos que me ajudaram direta e/ou indiretamente, os meus mais sinceros agradecimentos.

RESUMO

Esta tese teve como objetivo principal verificar o que dizem falantes de inglês de origem guianense sobre os repertórios linguísticos que circulam no mercado sociolinguístico fronteiro de Bonfim, Brasil e Lethem, Guiana, para examinar e discutir, na perspectiva desses falantes, as configurações dos valores de uso e de troca atribuídos ao inglês percebidos nas ideologias de linguagem observadas e reportadas pelos participantes, com vistas à produção de entendimentos sobre a situação sociolinguística local. Para este estudo etnográfico, foram utilizados relatos de entrevista semiestruturada e vivência etnográfica na região. Quinze entrevistas foram realizadas ao todo, com pessoas falantes de inglês, migrantes guianenses em Bonfim, e brasileiros atuantes ou moradores na região, totalizando pouco mais de 10 horas de material gravado. O enquadre teórico-metodológico deste estudo engloba, centralmente, as discussões de linguagem associadas ao capitalismo avançado (Heller; Duchêne, 2012), o trabalho ideológico da linguagem apresentado por Gal e Irvine (2019) e ideologias raciolinguísticas (Flores; Rosa, 2015; Alim; Rickford; Ball, 2016). O exame dos dados revela que elementos de raça emergiram com relevância crucial para compreender a dinâmica de produção e manutenção das ideologias da linguagem para aquelas pessoas naquele espaço. O trabalho ideológico da linguagem identificado nesta pesquisa revela, pelos eixos de diferenciação e como são constituídos ideologicamente, as relações hierárquicas na dinâmica da fronteira: sujeitos racializados, indicializados pelo inglês que falam. No que se refere ao valor atribuído ao inglês, os resultados mostraram que o valor de uso dos referentes de inglês — do que opera na fronteira e daquele que opera tanto na fronteira como nos centros — é mínimo, pelo sentimento de vergonha de falar e pela mobilização de ideologias raciolinguísticas. Com relação ao valor de troca, para o referente de inglês local é zero, porque não há mobilização desse recurso com a finalidade de vantagem econômica e nem para a obtenção de distinção que produz acesso a certos espaços. Para o referente que opera localmente e nos centros, o valor de troca é determinado pelo que ele pode proporcionar dentro e fora da fronteira. O resultado da reinterpretação dos dados revela que a configuração do campo indicial e a atribuição de (des)valor ao inglês são mobilizados por práticas de significação (Pannell, 2023) para desviar da vigilância reducionista da etnógrafa. No tocante às contribuições teóricas, para o campo de mercantilização de linguagem, verificou-se que o cenário periférico examinado, que não está nas principais rotas capitalistas, parece pouco afetado, em escala local, pelos discursos de lucro. Para o campo de ideologias de linguagem e ideologias raciolinguísticas, constatou-se que há um esvaziamento do sentido indicial que o inglês tem em outros espaços, quando quem o produz é sujeito racializado.

Palavras-chave: Fronteira Brasil-Guiana; ideologias de linguagem; ideologias raciolinguísticas; inglês; valor de uso e de troca.

ABSTRACT

This thesis aimed primarily to investigate the perspectives of Guianese English speakers regarding the linguistic repertoires circulating in the sociolinguistic border market of Bonfim, Brazil, and Lethem, Guyana. It sought to examine and discuss, from the standpoint of these speakers, the configurations of use and exchange values attributed to English as perceived in the language ideologies observed and reported by participants. The goal was to generate insights into the local sociolinguistic situation. For this ethnographic study, semi-structured interview accounts and ethnographic fieldwork in the region were employed. In total, fifteen interviews were conducted with English-speaking individuals, including Guianese migrants in Bonfim and Brazilians working or living in the region, resulting in slightly over 10 hours of recorded interaction. The theoretical and methodological framework of this study centrally incorporates discussions of language associated with late capitalism (Heller; Duchêne, 2012), the ideological work of language presented by Gal and Irvine (2019), and raciolinguistic ideologies (Flores; Rosa, 2015; Alim; Rickford; Ball, 2016). Analysis of the data reveals that elements of race emerged with crucial relevance for understanding the dynamics of production and maintenance of language ideologies in that space. The ideological work of language identified in this research, through the axes of differentiation and how they are ideologically constituted, exposes the hierarchical relationships in the border dynamics: racialized subjects indexed by the English they speak. Regarding the value attributed to English, the results showed that the use value of English referents – both those operating on the border and those operating in both the border and urban centers – is minimal, due to the feeling of shame in speaking and the mobilization of raciolinguistic ideologies. Concerning exchange values, for the local English referent, it is non-existent because this resource is not mobilized for economic advantage or for gaining access to specific spaces; for the referent operating both locally and in urban centers, the exchange value is determined by what it can provide within and outside the border. The result of the data reinterpretation reveals that the configuration of the indexical field and the (de)valuation of English are mobilized by acts of signifyin(g) (Pannell, 2023) to deflect the reductionist surveillance of the ethnographer. In terms of theoretical contributions, in the field of language commodification, it was found that this peripheral setting, which is away from the primary capitalist routes, is minimally affected locally by discourses of profit. For studies of language ideologies and raciolinguistic ideologies, this research offers a view, in contrast to other spaces, of devalued indexical meanings of English produced by racialized subjects.

Keywords: English; use and exchange value. language ideologies; raciolinguistic ideologies; Brazil-Guyana border.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Mapa 1- Mapa de Roraima e seus municípios	37
Mapa 2- Mapa da Guiana.....	45
Figura 1- Esquema de funcionamento teórico-conceitual.....	54
Figura 2- Esquema conceitual das noções norteadoras	92
Figura 3- Igreja dos ingleses em Boa Vista-RR	96
Figura 4- Primeira conjectura do campo indicial de June.....	126
Figura 5- Segunda conjectura do campo indicial de June	128
Figura 6- Primeira conjectura do campo indicial de Zaniyah	132
Figura 7- Campo indicial de June e Zaniyah	133
Figura 8- Primeira conjectura do campo indicial de Brittany	140
Figura 9- Campo indicial de June, Zaniyah, Harper e Brittany	140
Figura 10- Campo indicial com dois eixos de diferenciação	148
Figura 11- Campo indicial com novos objetos contrastantes no segundo eixo.....	152

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
1.1 O PROBLEMA DE PESQUISA	16
1.2 MOTIVAÇÕES E JUSTIFICATIVAS	20
1.3 DISTRIBUIÇÃO E ORGANIZAÇÃO DOS CAPÍTULOS DO RELATÓRIO	33
2. O ESTADO DE RORAIMA E A FRONTEIRA BRASIL-GUIANA: ESPAÇOS TENSIONADOS	35
2.1 BONFIM, RR	40
2.2 GUIANA E LETHEM	43
3. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	49
3.1 NOÇÃO DE LÍNGUA E REPERTÓRIO LINGUÍSTICO	55
3.2 IDEOLOGIAS DE LINGUAGEM	58
3.2.1 Ideologias raciolinguísticas	66
3.2.2 Ideologias de linguagem sobre o conjunto de recursos nomeados como inglês	70
3.3 LINGUAGEM E ECONOMIA POLÍTICA	78
3.3.1 O valor contemporâneo da linguagem: discursos de orgulho e de lucro 82	
3.4 A CONTRADIÇÃO CAPITALISTA: VALOR DE USO E DE TROCA	86
4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	93
4.1 CARÁTER DA PESQUISA E INSTRUMENTOS DE GERAÇÃO DE DADOS 93	
4.1.1 A pandemia e as modificações metodológicas	95
4.2 RECRUTAMENTO DOS PARTICIPANTES E REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS	97
4.3 TRATAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS	102
4.4 APRESENTAÇÃO DOS PARTICIPANTES	105
5. A SEMIOSE DO TRABALHO IDEOLÓGICO DA LINGUAGEM NA FRONTEIRA BRASIL-GUIANA	122
5.1 "O INGLÊS DAQUI DA GUIANA É MUITO GÍRIA, MUITO GÍRIA MESMO": O CAMPO INDICIAL E OS EIXOS DE DIFERENCIAÇÃO	124
5.1.1 "Os indianos, eles não falam nem inglês; eles têm um outro giro, os negros também têm outro giro": hierarquias étnicas manifestadas nas ideologias de linguagem	143
5.2 "TU NÃO VAI... ENTENDE?": IDEOLOGIAS DE DIFERENCIAÇÃO SOCIAL E A COMPREENSÃO DA DIMENSÃO SIMBÓLICA DO INGLÊS NA FRONTEIRA BRASIL-GUIANA	155

5.3	"NEM NOS ESTADOS UNIDOS, NEM NA INGLATERRA ELES NÃO ENTENDEM O GIRO, QUANDO TU CHEGA NA INGLATERRA, OU NOS ESTADOS UNIDOS, VOCÊ TEM QUE VOLTAR À ESCOLA": AS ENTIDADES REFERIDAS PELA NOMEAÇÃO INGLÊS VARIAM.....	167
5.3.1	"Eu precisei mais do inglês nessa ocasião quando eu me inscrevi pro Jovens Embaixadores": uso do referente de inglês em sobreposição.....	175
5.4	"O MEU SALÁRIO NÃO É MELHOR QUE NINGUÉM [...] ISSO DAÍ É MITO, SÓ SE EU SER UM TRADUTORA, SABE?": VALOR DE USO E DE TROCA DO INGLÊS NA FRONTEIRA BRASIL-GUIANA.....	179
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS: CONTRIBUIÇÕES DESTE ESTUDO E POSSIBILIDADES DE NOVOS IMAGINÁRIOS PARA OS ESTUDOS DA LINGUAGEM	192
6.1	Respostas às perguntas de pesquisa.....	192
6.2	Retomada dos objetivos e contribuições deste estudo	197
	REFERÊNCIAS.....	202
	APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTAS	214
	APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	216
	APÊNDICE C – CONVENÇÕES DE TRANSCRIÇÃO.....	218

1. INTRODUÇÃO

É possível se desprender da sombra da colonialidade? Talvez sim, mas isso pode exigir muita autorreflexão e disposição, como decerto foi a minha experiência autoral deste trabalho. A máxima de que o racismo é estrutural (Almeida, 2019) e estruturante é muito verdadeira quando aprendemos a ver e ouvir. Não estou referindo-me a ver e ouvir os outros, mas a nós mesmos. Parece clichê, mas não é. É uma tarefa árdua, porém possível e necessária. Como estudiosos da linguagem, achamos que temos as respostas para explicar os fenômenos, desde que elas não questionem a prática investigativa do pesquisador e que não abalem as estruturas do conhecimento estabelecido pela academia. Contudo, como produzir conhecimento de qualidade sem desestabilizar todas as estruturas colonial-raciais, sem exceção? A presente pesquisa mostra como um bom exercício de autorreflexão e meta-análise dos dados podem contribuir para a percepção da sombra colonial-racista que acompanha todos. O que se apresenta aqui como relatório de pesquisa linear envolve dois momentos autorais: um segundo momento, de autorreflexão etnográfica e teórica, enquadra o primeiro esforço investigativo e em boa medida reexamina a própria análise.

O movimento meta-analítico desta pesquisa, a ser apresentado já nesta introdução, revelou que: (1) uma postura etnográfica vigilante induz os participantes a interpretarem/significarem as intenções do pesquisador, resultando em respostas que refletem as expectativas do etnógrafo (Pannell, 2023); e (2) a produção discursiva mantém uma relação interdependente/relacional com o pesquisador, que desempenha um papel significativo na configuração do contexto de elocução, no qual a negatividade e representações de falta sustentam a interação. Então, o que motivou a reinterpretação, nesta pesquisa? A resposta reside na maneira como o campo indicial do inglês da Guiana foi configurado a partir dessa construção relacional e da vigilância etnográfica. Para uma compreensão mais abrangente e aprofundada, é importante reconhecer que o resultado reinterpretado foi alcançado por meio de um exame detalhado, abrangendo diversas camadas de análise. Antes, é necessário contextualizar o local da pesquisa: a fronteira Brasil-Guiana, situada no estado de Roraima, e discutir os motivos que me levaram a conduzir este estudo nessa região.

Roraima está no extremo norte do País, fazendo fronteira com Guiana e Venezuela, em que diversos recursos linguísticos são mobilizados cotidianamente. Para além desse entorno, o heterogêneo cenário cultural e linguístico decorre do fluxo migratório para a região. Dentre as diversas razões para a migração, destacam-se a busca por riquezas nos garimpos e a transferência para ocupar postos em instituições do Estado, como os militares. Com efeito, desde que Roraima tornou-se estado em 1988, muitas pessoas se interessaram por esse lugar para trabalhar no serviço público e estudar em uma instituição que ofereça ensino gratuito. Com as migrações, o cenário linguístico também ganhou novo contorno, e a diversidade sociolinguística aumentou.

Como migrante amazonense, eu mesma faço parte desse grupo de pessoas que escolheu Roraima como casa. Falo do lugar de quem é “de fora”, mas, depois de 16 anos em solo roraimense, penso que falo também como alguém “de dentro”, se é que o tempo me habilita, de alguma maneira, para tal. Talvez apenas me auxilie a chegar e observar quem realmente é “de dentro”. Sou professora de língua inglesa desde 2007, de cursos livres de línguas ao ensino regular da rede pública. A atuação como professora de língua portuguesa veio com o ingresso no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Roraima, em 2015, onde tive/tenho a possibilidade de me reconhecer nessas duas faces.

Foi observando o espaço Roraima, com seus diferentes usos dos diversos repertórios linguísticos, que me encantei pela fronteira Brasil-Guiana; pela ponte sobre o rio Tacutu, que nos permite chegar em solo guianense já na mão inglesa; pelas pessoas que ali habitam e seus repertórios. O primeiro encantamento veio da minha completa ignorância à época, como alguém “de fora”, da existência de um espaço tão rico e tão próximo, como o das cidades Bonfim (lado brasileiro) e Lethem (lado guianense). Sendo interessada por “línguas” e por pessoas que falam essas “línguas”, logo quis conhecer a realidade sociolinguística desse lugar.

Assim, em 2015, realizei pesquisa de mestrado com estudantes de origem guianense de uma escola estadual localizada na sede de Bonfim, em que busquei compreender como se dava a construção identitária desses alunos pela intersecção língua/cultura (Fonseca, 2015). A escolha por esse espaço se deu, primariamente por razões que envolviam meu encantamento pessoal com o lugar, mas, sobretudo pelas muitas possibilidades de pesquisa oferecidas pelo campo. É um cenário em que o “inglês” circula e que muitos não conhecem e que muitos dos que conhecem não

valorizam, é um campo silenciado. Do ponto de vista linguístico, muito há que ser problematizado, dada a profusão de recursos circulantes e a complexidade dos sujeitos presentes nesse cenário. As cidades fronteiriças se originaram em períodos diferentes, mas possuem características comuns e uma interdependência entre elas.

No período de doutoramento, o “encantamento” foi objeto de reflexão ao longo de todo o processo de escrita deste relatório, exatamente pela crítica ao funcionamento ideológico colonial, capitalista e racista. Questionei-me, a partir de conversas com outros pesquisadores, se o encanto é/fora resultado do que considero exótico e que antes me era desconhecido. Ou ainda se em mim operava tão fortemente uma ideia de que inglês “deveria” ser falado apenas em espaços menos periféricos, por determinadas pessoas e, portanto, a surpresa em ouvi-lo tão proximamente. Certamente há algo de genuíno na curiosidade que leva à inquietação para se fazer pesquisa, mas sobretudo há a lógica branca de produção de conhecimento que dita o que é diferente, o que deve ser valorizado, quando e por quem.

A fronteira Brasil-Guiana é um cenário superdiverso, multilíngue e periférico que apresenta tensões entre ideologias de linguagem relacionadas às noções de pertencimento, Estado-nação e político-econômicas. É um espaço que causa inquietação pelo número de perguntas que se pode fazer, pela complexidade dos seus atores sociais, pelas contradições evidentes ali (Fonseca, 2015; Lima, 2015; Martino, 2016). Como alguém de fora, imersa e envolta nos discursos legitimadores do capitalismo, identifiquei, a partir do meu lugar institucionalizado e daquilo que reconheço como inglês, que em Bonfim-RR há indicativos de que o inglês é item pouco valorizado no mercado sociolinguístico local, sugerindo uma possível contradição em seu valor de uso de troca. Então, questionei-me como um item linguístico altamente valorizado em espaços capitalistas menos periféricos – alvejado por muitos como algo que proporciona acesso a recursos, mobilidade social e espacial e ganho financeiro – poderia não ter a mesma condição nessa fronteira.

Esse questionamento inicial me guiou por um percurso que me conduziu à análise que apresento ao leitor nesta tese. Em especial, foi o que me possibilitou enxergar a operacionalidade disseminada do capitalismo mediante as minhas próprias ideologias de linguagem. Por que presumi que o recurso é/era desvalorizado? E por que considerei que deveria ser valorizado? A resposta é simples: eu operava com ideologias raciolinguísticas desde a formulação das perguntas de pesquisa. Após

perceber a imposição das minhas próprias ideologias de linguagem desde a formulação do problema de pesquisa até as interações com os participantes, em discussão com outros pesquisadores, uma meta-análise foi realizada. A metadiscussão decorrente da reinterpretação dos resultados é o ponto central desta investigação, sem, contudo, prescindir da análise anterior.

Em minha pesquisa de mestrado (Fonseca, 2015), observei atitudes negativas dos próprios atores sociais de Bonfim-RR com relação ao inglês guianense, que discuto a seguir na seção de justificativas. Isto é, havia sinais de que os próprios guianenses não valorizavam o recurso linguístico que possuem. Com essa expectativa e buscando confirmar e compreender essa observação, para a realização desta pesquisa fui a campo com algumas inquietações mais centrais: por que pessoas de origem guianense supostamente não valorizam um recurso falado mundialmente e altamente prestigiado e que eles possuem? O que faz com que algumas dessas pessoas tendam a valorizar variedades de inglês de países hegemônicos e enxergar função e beleza nessas variedades, mas não na sua? Por que muitos preferem afirmar que são brasileiros? Essas são algumas das perguntas que busquei responder nesta pesquisa.

Após respondê-las, no exercício meta-analítico, compreendi que as próprias perguntas norteadoras estão imbuídas e são reveladoras da minha construção ideológica, do que eu percebia como identidade e do que entendia como mercadoria. A expectativa do valor do inglês era minha e operava dentro do que construí como aprendizado institucionalizado e colonial. Ora, como poderia alguém simples e supostamente desfazer do inglês? Os participantes desfazem mesmo do recurso ou sou eu que só consigo ver as coisas pela minha lente de pesquisadora branca? Achei que seria excêntrico apresentar a razão pela presumida desvalorização do inglês por falantes guianenses. Acreditei, sobretudo, que a principal contribuição acadêmica desta pesquisa seria dizer o motivo de se desvalorizar um recurso que em muitos outros espaços é altamente valorizado. Contudo, a real contribuição é o dar-se conta da operacionalização do capitalismo pelas ideologias raciolinguísticas; é a construção de discurso relacional dos sujeitos da/na interação (Pannell, 2023) — os participantes e eu — para que se produzissem representações de falta e discursos de deprivação e incompatibilidade (Pannell, 2023, p. 1).

Nessa perspectiva, parti das discussões de linguagem associadas ao capitalismo avançado (Heller; Duchêne, 2012), que são resultado de reflexões

recentes em Sociolinguística contemporânea e são a base teórica que utilizo para desafiar o *status quo* dos estudos da linguagem. Nelas, os estudiosos têm observado casos em que a linguagem tem sido mobilizada com a finalidade de obter vantagens econômicas, o que é sintetizado nessa literatura em torno do termo em inglês para “lucro”, isto é, *profit*, em contraste com *pride*, “orgulho”. Esse “lucro” pode ser simbólico ou financeiro. Tal resignificação de recursos linguísticos seria consequência de tendências pós-nacionalistas (Heller, 2011). Se antes esses recursos eram tratados como orgulho, símbolo identitário e de pertencimento, hoje, em função de mudanças do sistema político-econômico atual, tornarem-se itens com valor de mercado que passam a ser passíveis de mercantilização (Heller; Duchêne, 2012; 2016). Nesta pesquisa, “orgulho” e “lucro” serão empregados para os termos *pride* e *profit*¹ referidos acima. Igualmente relevante, para a discussão que proponho aqui, é o quadro teórico-conceitual apresentado por Gal e Irvine (2019) sobre ideologias de linguagem e o trabalho ideológico empreendido desde uma perspectiva semiótica em que o contraste e a diferenciação são basilares.

No entanto, ao observar em minha pesquisa anterior algo que indicava uma suposta desvalorização do inglês, eu acreditava que havia indícios de que, em muitos casos, como pode ocorrer com grupos de pessoas em regiões isoladas e periféricas, como a fronteira brasileira com a Guiana, a mobilização desses recursos poderia apresentar contradições intrínsecas ao sistema capitalista. Em meio a diferentes motivações, interesses, tensões e contradições inerentes à nova economia globalizada, os discursos de orgulho e lucro podem não ser, necessariamente, para esses grupos, discursos bem definidos e separados que ocorrem em momentos distintos. Pelas pesquisas recentes em Sociolinguística e pelas diversas possibilidades investigativas oferecidas pelo campo em que já atuei como pesquisadora em Roraima, esta pesquisa tem como objetivo principal verificar o que dizem falantes de inglês de origem guianense sobre os repertórios linguísticos que circulam no mercado sociolinguístico fronteiro de Bonfim, Brasil e Lethem, Guiana e discutir, na perspectiva desses falantes, as configurações dos valores de uso e de troca atribuídos ao inglês percebidos nas ideologias de linguagem observadas e

¹ Convém esclarecer que os termos *pride* e *profit* aqui dispostos estão sendo utilizados em português para que os efeitos de sentido sejam mais bem elucidados, e para que a circulação e projeção do que está sendo discutido aqui sejam mais amplamente espalhadas nas interlocuções acadêmicas afiliadas a esse debate.

reportadas pelos participantes, com vistas à produção de entendimentos sobre a situação sociolinguística local. Para este estudo etnográfico, utilizei relatos de entrevista semiestruturada e minha vivência etnográfica na região. Quinze entrevistas foram realizadas ao todo, com pessoas migrantes guianenses em Bonfim e brasileiros atuantes ou moradores na região.

Ao exame de ideologias de linguagem dessas pessoas, está associado o interesse por questões de mobilidade, de dinâmica centro-periferia e de economia política. A ambição é equacionar ideologias de linguagem e dinâmicas socioeconômicas locais e regionais, as economias políticas locais e regionais-nacionais, com o intuito de produzir entendimento fundamentado sobre como essas dinâmicas podem estar associadas às ideologias de linguagem locais, principalmente no que se refere ao valor atribuído ao inglês nesse lugar, e a linguagem no ordenamento do capitalismo avançado e suas contradições no âmbito mais amplo da nova economia globalizada. A partir da análise dos dados, elementos de classe social e raça emergiram com relevância crucial para compreender a dinâmica do trabalho ideológico da linguagem para aquelas pessoas naquele espaço. Conforme anteriormente mencionado, essa dinâmica ideológica é relacional e constitui objeto de significação (Pannell, 2023), uma vez que as participantes se engajam em um processo de resposta que reflete suas percepções do que seria uma resposta desejável, moldadas por normas preestabelecidas. Esse comportamento é atribuído à orientação promovida pela condução da etnógrafa.

Conforme evidenciado ao longo deste relatório, classe social emerge como categoria significativa, delineada pelos dados, especialmente devido ao seu papel interseccional crucial na discussão de raça. Entretanto, sua abordagem neste estudo será mais sucinta, que precisará de investigações mais aprofundadas em estudos subsequentes. Por outro lado, a questão da raça receberá atenção mais proeminente, pois o cerne desta pesquisa reside nos achados relacionados às ideologias raciolinguísticas.

Nesse sentido, a conclusão central e elucidativa revelada pelos dados é a de que há uma dinâmica de relações hierárquicas na fronteira Brasil-Guiana que é moldada por ideologias raciolinguísticas. Essa configuração ideológica produz um cenário de sujeitos racializados que são indicializados pelo “inglês” que falam, e este, a seu turno, tem seu valor de uso e o de troca determinado pela avaliação que é feita de quem fala. A partir dessa descoberta e da reinterpretação dos dados, compreendi

que a tese que defendo aqui é a de que a condução etnográfica moldada por uma negatividade radical produz, de forma relacional, a organização do campo indicial tal como ele foi projetado pelos participantes. Isto é, os participantes racializados constroem noções de linguagem e de quem enuncia discursivamente a partir de representações do falante negro (Pannell, 2023, p. 1). É uma produção conjunta, em atos de significação, como resposta à condução das perguntas feitas pela pesquisadora.

1.1 O PROBLEMA DE PESQUISA

O problema de pesquisa foi elaborado partindo da inquietação inicial provocada pelos resultados observados em minha pesquisa anterior (Fonseca, 2015), de que o “inglês” teria valorização diferente da recebida em outros cenários para fora de Bonfim-RR. Considerando isso, me propus a realizar uma verificação sobre os relatos de falantes de inglês de origem guianense sobre os repertórios linguísticos que circulam no mercado sociolinguístico fronteiro de Bonfim, Brasil e Lethem, Guiana, com o intuito de discutir essas ideologias de linguagem, na perspectiva desses falantes, com vistas à produção de entendimentos sobre a situação sociolinguística local. Isto é, mostrar como essas ideologias se apresentam nesse cenário de zona de fronteira diante de uma dinâmica social aparentemente muito particular, que indica uma configuração de campo indicial própria e orientada por ideologias raciolinguísticas.

Para tanto, busquei conhecer qual é o repertório sociolinguístico dos atores sociais dessa fronteira Brasil-Guiana e, também, os valores por eles associados às diversas práticas sociolinguísticas locais, tendo em vista a compreensão sobre quais itens de repertório são destacados ou apagados e o que ocasiona o destaque ou o apagamento. Nesse enquadramento, igualmente relevante foi descobrir como guianenses falantes de inglês residentes ou atuantes em Bonfim atribuem valor ao inglês por eles falado, considerando o mercado sociolinguístico local e translocal. Contudo, mais relevante ainda foi reexaminar como essa atribuição valorativa foi realizada, na produção discursiva objeto das entrevistas.

Como já mencionado, essa verificação de atribuição de valor ao inglês pelos participantes vem de um pressuposto de que este deveria ser valorizado na fronteira Brasil-Guiana, já que é um recurso altamente estimado dentro do sistema capitalista,

a exemplo do fervoroso interesse pelo inglês na Coréia do Sul, segundo Park e Wee (2012) e Park (2021). Portanto, por que um falante de inglês não perceberia o valor desse recurso? Fiz-me esses questionamentos, sobretudo a parti da literatura consultada, e com eles fui a campo para buscar compreender esse desvalor. Fiz uma jornada intelectual na ânsia de compreender regimes de valor, ideologias de linguagem e de questionar a operacionalização de ideologias dominantes que promovem exclusão e diferença social. Acontece que a jornada que era para ser transgressora não foi assim. Ao finalizá-la, percebi que, inadvertidamente, estava operando dentro das mesmas estruturas ideológicas que pretendia criticar, uma revelação que evidenciou minha própria imersão nesse paradigma.

Nesse sentido, além de verificar o que os atores sociais da fronteira têm como referência de “inglês”, examinei as ideologias de linguagem circulantes nessa região de fronteira nas suas relações quanto às dinâmicas de mobilidade e localidade desses sujeitos, para o entendimento dos nexos de atribuição de valor ao inglês no plano local. De uma perspectiva contemporânea, busquei fazer um equacionamento epistemológico entre ideologias de linguagem e elementos de economia política com vistas à produção de entendimento fundamentado sobre como essas relações podem estar associadas às ideologias de linguagem locais e, também, a possíveis contradições do capitalismo – especificamente a de valor de uso e de troca. Para além de compreender o valor de uso e de troca do recurso linguístico, ao reexaminar os dados, fiz o equacionamento epistemológico projetado, mas acrescido da discussão racial que se impôs. O reexame contribuiu para a percepção de como a escuta branca não compreende – e nunca compreenderá – o lócus de enunciação do falante negro. Isso implica que, independentemente dos esforços empreendidos por um pesquisador branco, ele jamais conseguirá apreender as práticas de significação geradas discursivamente pelos falantes negros, especialmente se essas práticas forem interpretadas como erros, como indicativos de uma falta de algum elemento, como produtos de deprivação cultural ou como reduções ilógicas (cf. Pannell, 2023, p. 15).

Portanto, este estudo teve como objetivo primário e principal verificar o que dizem falantes de inglês de origem guianense sobre os repertórios linguísticos que circulam no mercado sociolinguístico fronteiro de Bonfim, Brasil e Lethem, Guiana e discutir, pela aproximação da perspectiva desses falantes, as configurações dos valores de uso e de troca atribuídos ao inglês percebidos nas ideologias de linguagem observadas e reportadas pelos participantes, com vistas à produção de entendimentos

sobre esses valores e até que ponto essas ideologias são moldadas pelas perspectivas de centro e periferia e pelas dinâmicas socioeconômicas (locais, regionais-nacionais) das pessoas atuantes ou moradoras da região.

Objetivos secundários deste trabalho são (1) conhecer o repertório sociolinguístico dos atores sociais desse ponto de fronteira Brasil-Guiana e, também, os valores por eles associados às diversas práticas sociolinguísticas locais, tendo em vista a compreensão sobre quais itens de repertório são destacados ou apagados; (2) examinar de que maneira as ideologias de linguagem dos atores sociais da fronteira estão relacionadas às dinâmicas de mobilidade e localidade desses sujeitos e, também, às suas perspectivas quanto ao que consideram centro e periferia; e (3) descobrir que relações podem ser estabelecidas entre as dinâmicas socioeconômicas locais e regionais, as economias políticas locais e regionais-nacionais e as ideologias de linguagem observadas e reportadas pelos participantes com vistas à produção de entendimento fundamentado sobre tais relações, além de também colocar em discussão as relações que podem haver entre as dinâmicas locais e possíveis contradições do capitalismo.

Para que os objetivos acima fossem alcançados, algumas perguntas de pesquisa foram expressamente formuladas. Elas estão organizadas dentro de uma ordenação hierárquica de maneira que, ao buscar responder às subperguntas, a pergunta de pesquisa principal também seja respondida. Na disposição que apresento a seguir, introduzo a questão teórica fundamental (valor de uso e de troca) desta investigação na pergunta central. Depois, nas subperguntas, insiro questões acessórias, cujas respostas complementarão o escopo teórico a ser alcançado. A meta-discussão que resultou na tese defendida decorre da reinterpretação dos dados que fundamentaram as respostas às perguntas e subperguntas delineadas no percurso intelectual inicial.

Assim, a pergunta de pesquisa principal é: como as ideologias de linguagem circulantes no mercado sociolinguístico fronteiro Bonfim, Brasil e Lethem, Guiana revelam a configuração de valor de uso e de troca do inglês nesse espaço, especialmente na perspectiva de falantes de inglês de origem guianense quanto à sua participação na vida social no lado brasileiro?

As subperguntas de pesquisa tiveram dois enfoques: (1) o exploratório/confirmatório, uma vez que havia detalhes que precisavam ser demonstrados e compreendidos; (2) o teórico/investigativo para suscitar reflexões

relacionando os detalhes verificados com os conceitos e perspectivas teóricas adotadas nesta pesquisa. Desse modo, a primeira subpergunta foi formulada de maneira a propiciar a compreensão sobre que práticas sociolinguísticas são destacadas ou apagadas e os valores associados a essas práticas linguísticas. A segunda subpergunta referia-se à confirmação ou não do que observei (Fonseca, 2015), na pesquisa de mestrado, acerca do recurso inglês e a suposta atribuição de pouco valor ao referido recurso; à compreensão do que os atores sociais da fronteira tinham como referência de “inglês”. Caso se confirmasse essa atribuição de pouco valor, o que dessa atribuição poderia ser depreendido em termos do que os participantes possuem como parâmetro no que se refere às diferentes escalas de valorização? Pela configuração das perguntas, busquei confirmar ou negar a desvalorização do recurso em análise, sem considerar a possibilidade de outra interpretação valorativa. Essa consideração, a posteriori, só se tornou possível mediante um debate crítico dos dados com os pares acadêmicos.

A terceira subpergunta foi elaborada de modo que a pesquisadora conhecesse o histórico de mobilidade e/ou localidade dos participantes e problematizasse de que maneira essas dinâmicas de mobilidade e as perspectivas quanto ao que eles consideram centro e periferia relacionam-se às ideologias de linguagem. Por fim, a quarta subpergunta dizia respeito às dinâmicas socioeconômicas locais e regionais, as economias políticas locais e regionais-nacionais e que relações podem ser estabelecidas entre essas dinâmicas e as ideologias de linguagem.

No desenho metodológico em questão, é possível notar que as perguntas investigativas, apesar de visarem promover a reflexão sobre ideologias hegemônicas, reducionistas e racistas, acabavam por operar de acordo com aquilo que se pretendia criticar. Ao buscar compreender o repertório sociolinguístico dos atores sociais da região, acabei por limitar, categorizar e rotular línguas, algo que declarei evitar (cf. Capítulo 3). A categorização é algo que, como pesquisadora, precisei para compreender as ideologias de linguagem circulantes na fronteira, algo que os participantes não precisam. Essa conclusão chegou ao meu entendimento ao longo da análise dos dados. Ao tentar compreender as perspectivas dos participantes em relação ao que consideram como centro e periferia, inadvertidamente, acabo por reforçar a noção de que pessoas que residem em áreas afastadas dos centros tendem a conceber como centros e periferias os mesmos espaços que eu.

A mesma lógica se aplica ao objetivo de investigar tanto o valor de uso quanto o valor de troca: por que é essencial que as pessoas percebam o valor de um recurso linguístico? Além disso, qual é o valor que o pesquisador supõe que elas devem reconhecer? Contudo, enfatizo que toda a trajetória de produção intelectual deste relatório de pesquisa é relevante e contribui para a reflexão mais ampla objeto da meta-análise. Sem a construção das perguntas de pesquisa da maneira como foram formuladas inicialmente e sem todo o caminho analítico feito (cf. Capítulo 5) não seria possível enxergar a discussão mais abrangente. Prescindir dessa construção inicial seria desprezar um passo importante para a reflexão que empreendo aqui. Portanto, ao longo do texto apresento ao leitor minhas primeiras impressões, anteriores ao exercício meta-analítico, seguidas por uma reinterpretação destas com o intuito de promover uma análise crítica e estimular o pensamento transgressor antirracista.

1.2 MOTIVAÇÕES E JUSTIFICATIVAS

Apresento, nesta seção, a justificativa para a realização desta pesquisa, bem como a relevância da tese para os campos de ideologia de linguagem e economia política na sua relação com os estudos linguísticos com os quais esta pesquisa está alinhada. Exponho a contribuição do ponto de vista teórico, bem como proponho um diálogo com três diferentes flancos de discussão acadêmica aos quais a reflexão aqui empreendida pode interessar. Para o enquadramento das contribuições desta pesquisa, apresento pontos tanto de interlocução acadêmica, quanto lacunares para os quais este estudo pretende contribuir, tendo feito o exame de arcabouço teórico sobre a linguagem em tempos de capitalismo tardio e tendo observado estudos realizados na região de Bonfim-Lethem.

Esta pesquisa tem como proposta central apresentar um entendimento fundamentado sobre o valor de uso e de troca atribuído ao inglês a partir das ideologias de linguagem circulantes na zona fronteira Brasil-Guiana, tendo em vista aspectos locais e regionais-nacionais-internacionais de economia política. A expectativa inicial e que motivou a realização deste estudo era a de que o inglês falado nessa região é/era considerado item de pouco valor pelos atores sociais que ali atuam ou residem, com especial atenção para os falantes de inglês de origem guianense. Nesse sentido, acredito que o resultado deste estudo contribui com a produção de conhecimento que pode interessar a grupos de pesquisadores dedicados ao ensino

de línguas adicionais, àqueles que estudam sobre Roraima, bem como para quem mora no estado e aos que se ocupam em estudar sobre fronteiras.

Para os professores de inglês e/ou linguistas aplicados que estejam refletindo sobre o ensino de língua adicional, este estudo se mostra relevante por destacar, primeiramente, um cenário onde há falantes de inglês que enxergam o recurso de que dispõem em seus repertórios de modos muito diversos, os quais podem ou não atender às expectativas hegemônicas e, depois, por apresentar uma compreensão sobre os usos e valores atribuídos ao inglês falado na fronteira Brasil-Guiana. Mais do que entender se e como os atores sociais atribuem valor de forma diferente aos recursos linguísticos disponíveis em seus repertórios, é fundamental que os professores reconheçam que os participantes não são obrigados a valorizar algo simplesmente porque a academia assim o determina. É crucial, sobretudo, compreender que os lócus de enunciação onde as valorações são elaboradas por participantes racializados não estão diretamente acessíveis aos pesquisadores brancos, porque não temos a vivência (cf. seção 5.2) nem a bagagem sociocultural exigida. No entanto, permanece a possibilidade de que pesquisadores negros se engajem na incursão de compreender processos de significação (cf. Pannell, 2023) para atribuição de valor a recurso linguístico. Contudo, é fundamental reconhecer que o ser negro está para além da questão fenotípica, mas envolve posicionalidades que estejam em consonância com a negritude. Portanto, é possível que haja pesquisadores negros com posicionalidades alinhadas à branquitude.

Acredito que, enquanto pesquisadores em Linguística Aplicada, as ideologias de linguagem identificadas a partir dos dados aqui analisados nos permitem examinar criticamente práticas de linguagem e verificar em que medida essas práticas estão sendo mobilizadas para a produção de desigualdades sociais. Como professores de língua adicional, em especial o inglês, a discussão aqui apresentada em torno desse recurso contribui para a nossa reflexão pessoal acerca do que nós mesmos entendemos que seja linguagem (pois isso tem impacto direto nas nossas aulas); reflexão sobre as variedades de inglês ensinadas ao nos questionarmos quais estamos enfatizando e quais estamos deixando de fora e por quê; e observação da nossa prática em sala de aula como situada, se consideramos o contexto de aprendizagem dos alunos e suas necessidades.

No que se refere ao ensino de língua inglesa, nos livros didáticos da rede pública, há uma valorização recente para o ensino de variedades dessa língua, mas

o que se percebe é que as variedades das nações hegemônicas cujo inglês é língua oficial estão mais presentes nos livros. Não tenho conhecimento de materiais didáticos oficiais da rede pública de ensino que façam qualquer menção à Guiana ou a qualquer país que tenha o inglês como língua oficial e que esteja em situação econômica pouco expressiva. Para além do que consta nos livros didáticos, esta discussão pode servir aos propósitos do ensino de inglês em Roraima, no sentido de contribuir para um entendimento sobre linguagem para que fronteiras geográficas e simbólicas sejam transpostas e distanciamentos minimizados.

Embora, a partir do conjunto de dados analisados, a variedade de inglês falada na Guiana tenha outra valorização pelos atores sociais da fronteira e de outros espaços de Roraima, essa atribuição distinta de valor não exclui o fato de que é possível aprender inglês com esses falantes e de que se tem acesso a um lugar que propicia interações sociolinguísticas em situações de uso real da língua. Além do mais, o resultado desta investigação pode proporcionar momentos de reflexão e discussão acerca das ideologias de linguagem sobre o inglês desde uma perspectiva global até um olhar mais situado e local.

Assim, ao tornar esse espaço fronteiriço evidente, salientando aspectos importantes tanto da Guiana quanto do espaço Bonfim-Lethem, que são desconhecidos por boa parte da população brasileira, compreendo que esta pesquisa pode trazer visibilidade para esse universo peculiar que, embora periférico, é intrigante pela diversidade sócio-linguístico-cultural. Como professora de inglês, que mora e atua em Roraima, considero ser muito relevante conhecer e estudar essa fronteira para que a compreensão sobre os espaços sociolinguísticos complexos desse estado seja ampliada, uma vez que em Roraima o inglês da fronteira Brasil-Guiana é desvalorizado pela comunidade em geral, conforme atesta Braga (2016). Ao examinar esse cenário, o resultado disso pode vir a oportunizar uma interlocução com outros professores de inglês atuantes no estado sobre esse lugar, suas características e sobre a questão do inglês que circula na região e em outros espaços do estado. Entendo que o diálogo com docentes de inglês que atuam localmente pode proporcionar a ampliação das práticas sociolinguísticas de seus interlocutores em situações reais de uso da linguagem.

Outra contribuição importante desta pesquisa diz respeito à reflexão sobre a categoria raça imbricada nas ideologias de linguagem presentes nos discursos das pessoas, sobretudo de agentes institucionalizados (e.g., professores e

pesquisadores), que disseminam tais discursos em suas práticas pedagógicas e científicas. Essas reflexões podem contribuir para um olhar sobre a linguagem que seja menos (ou nada, de preferência) hegemonicamente racializante ou que racialize o branco para combater o seu privilégio. Um caminho inicial possível seria discutir sobre ideologias raciolinguísticas na formação inicial e continuada de professores, e os resultados de pesquisas como esta, que apresento aqui, são evidências dos efeitos produzidos por ideologias desse tipo. Nessa mesma linha, as reflexões e a discussão sobre ideologias raciolinguísticas podem ser cruciais para a proposição de ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER) em todos os níveis de formação.

Além disso, compreendo que o resultado desta investigação pode contribuir para o conjunto de pesquisas sobre fronteiras tendo em vista que a do Brasil com a Guiana é pouco explorada, apresenta uma composição geopolítica e econômica que merece destaque e carece de problematização, especialmente se examinada considerando aspectos linguísticos da perspectiva dos atores sociais.

No que tange à contribuição do ponto de vista teórico, inicio pelas observações de estudos realizados na região de Bonfim-Lethem. Destaco cinco pesquisas que discutem sobre linguagem e educação nessa região de fronteira: Fonseca (2015), Lima (2015), Braga (2016), Martino (2016) e Prudente (2019), ressaltando que, no banco de teses e dissertações da CAPES, pouco se encontra sobre pesquisas nessa região envolvendo linguagem. A escolha por essas pesquisas, especificamente, se deu pelos indicativos de valores atribuídos aos itens de repertório linguístico reconhecidos como inglês na região citada e em Boa Vista. E, concomitantemente, apresento como este estudo contribui com a produção de conhecimento sobre as ideologias de linguagem que circulam na região fronteira de Bonfim-Lethem ao mesmo tempo em que aponta como elementos de raça e de economia política estão delineando as ideologias da linguagem ali presentes.

Em Fonseca (2015), realizei um estudo etnográfico com alunos guianenses ou filhos de guianenses que estavam estudando em Bonfim, Roraima. Busquei discutir questões sobre linguagem, identidade e cultura e equacionar esse tripé teórico-conceitual à construção identitária dos participantes. Interessava-me compreender e discutir como alunos guianenses mobilizavam e compreendiam linguagem para a construção de suas próprias identidades, morando em outro país, com outra(s) língua(s) presentes e circulantes em seus cotidianos. Apoiada numa perspectiva interdisciplinar, em que estudos culturais e linguísticos pudessem conversar e, com o

intuito de problematizar questões sociolinguístico-identitárias evidenciadas nos dados de pesquisa, discuti como a linguagem é item central para marcar identidades, buscando operar com uma noção de língua vista como prática social.

Os dados apontaram para uma valorização da variedade de inglês que é falada em grandes centros, como Inglaterra e Estados Unidos, e para uma desvalorização da variedade falada na Guiana. Indicaram também uma associação de raça e língua à identidade nacional, como quando os participantes destacaram que por características fenotípicas sabiam a origem das pessoas, e em seguida pediam que elas falassem para ter certeza (Fonseca, 2015, p. 78). Nesse ponto, ideologias racializantes orientavam a percepção identitária, sem prescindir da linguagem. Contudo, havia também participantes que preferiam ouvir primeiro as pessoas falarem para ter certeza de suas origens (Fonseca, 2015, p. 79-80), isto é, pareciam tomar a linguagem como traço distintivo primário de marcação identitária.

Entretanto, embora eu tenha feito uma tentativa válida de não operar com a noção de língua enquanto código fixo e delimitado e tenha buscado discutir sobre a não essencialidade da identidade do sujeito, meus apontamentos ainda recaíram sobre uma perspectiva moderna de língua muito característica de um projeto político nacionalista, que associa uma língua a um povo, uma nação, uma cultura (Anderson, 1983), semelhantemente ao que se pode observar em Lima (2015), que tratou de representações sociais e linguísticas, e Martino (2016), que tratou da educação em região de fronteira.

Já Prudente (2019), embora numa proposta decolonial, também acaba recaindo numa perspectiva moderna de língua pela nomeação dos diversos recursos linguísticos por ela identificados. A autora defende que o português assume posição hegemônica entre os participantes de sua pesquisa na mesma região pesquisada, e que o crioulo da Guiana é item que denota ora discriminação, ora resistência ao colonialismo britânico.

Assim, acredito que uma primeira justificativa para a realização da pesquisa que proponho aqui, é que ela contribui para o conjunto de pesquisas que já existem, em estudos sociolinguísticos contemporâneos, que rompem com essa noção moderna de língua ligada a identidades nacionais, num entendimento de que a delimitação de línguas por si só não dá conta de explicar fenômenos mais complexos envolvendo a linguagem e não considera a perspectiva dos atores sociais. Contribui, também, para a reflexão de nossas posicionalidades enquanto professores e pesquisadores da

linguagem, sobretudo quando buscamos nos descolar de ideologias hegemônicas sem o desejado sucesso. Nesta pesquisa, apesar do intenso esforço em desafiar a noção moderna de língua e outras ideologias hegemônicas, como o leitor pôde acompanhar até aqui, reconheço que caí novamente na mesma armadilha de antes. No entanto, desta vez e diferentemente dos estudos citados, o ponto de partida investigativo já sugeria o desejado descolamento. O fato de não ter alcançado sucesso pleno ao longo desta trajetória de pesquisa não diminui a contribuição da meta-discussão para os estudos raciolinguísticos.

Nos dados desta pesquisa, é possível perceber que, mesmo com toda a vontade de não reproduzir discursos legitimadores nacionalistas, meus questionamentos aos participantes revelam o quão atrelada eu ainda estava a esses discursos. Portanto, nesse sentido a contribuição da nova empreitada investigativa relatada aqui é reflexivo-metodológica e pode auxiliar futuros pesquisadores que estejam alinhados à mesma perspectiva teórica a questionar diferentemente.

Minhas observações de trabalho de campo em 2014 e os apontamentos de Lima (2015), e Martino (2016) indicaram que a variedade de inglês falada nessa região, para falantes de inglês de origem guianense, é item “pouco” valorizado no mercado sociolinguístico local. Ressalto que o “pouco” (acima citado), hoje, pelo exame do conjunto de dados desta pesquisa, é apenas diferente, dado que os participantes apresentam alguns referentes para o que chamam de inglês, cada um deles possui uma escala de valoração e o valor do recurso linguístico, independente do referente, é determinado por uma avaliação racializada de quem o fala. Após essa conclusão preliminar, reexaminando os dados é possível afirmar que tanto os referentes de inglês quanto a escala de valoração foram elaborados relacionalmente, num processo de significação (cf. Capítulo 3).

É relevante frisar, novamente, que a indicação de “pouco” valor nas pesquisas citadas vem de uma expectativa institucionalizada e arraigada de atribuição de grande valor ao inglês. A lente ideológica que orienta as pesquisadoras — certamente orientou a minha expectativa inicial — é essa que diz que o inglês *precisa* ser valorizado. É uma orientação relacionada à posição “sujeito ouvinte” (Inoue, 2003), que diz respeito aquele sujeito que quer ouvir por que o inglês não é valorizado naquele lugar.

Dessa indicação de “pouco” valor, decorrente dessa expectativa inicial, surgiram as perguntas de pesquisa aqui propostas (apresentadas na seção 1.1). Nessas pesquisas, duas questões não aparecem resolvidas, somente apontadas: (1)

o que guianenses falantes de inglês residentes ou atuantes em Bonfim, bem como os outros atores sociais da fronteira, têm como referência de “inglês”, isto é, não fica nítido o que esses atores classificam como item de “pouco” valor, se é o inglês tido como padrão ou o crioulo da Guiana ou outra variedade do inglês, inclusive com itens de repertório reconhecidos como sendo de línguas indígenas da região; (2) se a desvalorização ou a atribuição de “pouco” valor a esse “inglês” por esses atores sociais da fronteira tem relação, em primeiro lugar, com uma desvalorização arraigada herdada de um processo colonizador histórico e, em segundo lugar, com o que outros atores sociais (possivelmente não guianenses) residentes ou atuantes nessa região (ou de outra região) dizem sobre esse “inglês”.

Essas duas primeiras lacunas foram preenchidas quando, pelo que apontam os resultados, descobrimos que: (1) o(s) referente(s) de inglês possuem valores de uso e de troca distintos, e a escala de valoração envolve as trajetórias de vida e as perspectivas particulares dos participantes quanto ao uso do recurso e quanto ao que ele pode oferecer como moeda de troca, dentro e fora de Bonfim-RR (cf. seção 5.4); (2) a escala de valoração tem relação com um processo social de manutenção de língua crioula e o que ele representa, mas, sobretudo, é determinada pela coconstrução da ideia de linguagem e de raça (Flores, 2019) (cf. seção 5.1.1). Sendo assim, os resultados desta pesquisa desconfirmam a expectativa inicial, uma vez que o valor do recurso linguístico é determinado por uma avaliação racializada de quem o fala; e a configuração do campo indicial situado, apresentado pelos participantes, é moldado por ideologias de linguagem de padronização, colonialistas e racializadas. Além dessa refutação e das ideologias identificadas, destaco mais uma vez que a produção discursiva dos participantes foi elaborada de forma relacional, em que estes formulam o enquadramento das respostas dentro do jogo de significações (Pannell, 2023), evidenciando assim a minha limitação em compreender a complexidade da realidade social deles e o papel do inglês em suas vidas.

Sendo essa fronteira um espaço muito periférico, localizado entre dois outros em escala muito mais ampla (Brasil e Guiana) também periféricos (conforme apresentado na seção 2), importava, inicialmente, discutir essas ideologias de linguagem desde uma perspectiva que considere o que os atores sociais atuantes ou residentes em Bonfim-Lethem demonstram como orientação de centro e periferia. Para isso, me baseio em Pietikäinen e Kelly-Holmes (2013) e Kelly-Holmes e Pietikäinen (2013), que organizaram estudos de multilinguismo sob a dinâmica

“centro-periferia” (discutida na seção de pressupostos teóricos) e Blommaert (2010). Segundo as autoras, considerar essa dinâmica ajuda a compreender as tensões ideológicas e distinções criadas entre “línguas”. Então, ainda que a presente proposta de pesquisa não esteja diretamente problematizando questões sobre multilinguismo (mas a região a ser pesquisada é um universo multilíngue economicamente periférico), entendo que o olhar da dinâmica “centro-periferia” para os propósitos deste estudo se justifica por iluminar as tensões e contradições entre ideologias de linguagem existentes no lugar pesquisado.

Embora essa categorização do que é considerado centro e do que é periferia não seja fixa, conforme apontam as autoras referidas, entendo que a fronteira Brasil-Guiana tem apresentado características de área periférica dada a sua participação no sistema capitalista brasileiro e mundial, sendo também uma região geograficamente isolada. A própria Guiana tem sido enquadrada como periferia do sistema conforme estudos históricos apontam (Cavlak, 2016), mas que está numa orientação forte para o capitalismo em razão das recentes descobertas de grandes jazidas petrolíferas no país. O potencial petrolífero desse país foi anunciado há pouco tempo e, pelas descobertas, possivelmente a Guiana estará entre os maiores produtores de petróleo dentro de alguns anos. Sendo um país pobre, com cerca de 800 mil habitantes e um PIB inferior a USD\$ 4 bilhões, a exploração de campos de petróleo pode chegar a valer cerca de USD\$ 40 bilhões a unidade, conforme notícias de agosto de 2019², mas isso não significa necessariamente que a Guiana lucrará com essa exploração. Diante disso, pode haver muita atenção para esse espaço ao longo dos próximos anos, com grandes chances de até os lugares mais isolados e periféricos, como Lethem, sentirem alguns dos efeitos advindos dessa atenção e da entrada de recursos causados pelo mercado do petróleo.

Ainda sobre a importância da noção de centro e periferia para esta pesquisa, cabe ressaltar que a região de Bonfim-Lethem, sendo considerada periférica, enquadra-se na explicação de Blommaert (2010) sobre como as periferias funcionam no que diz respeito às normas e aos padrões. Elas possuem uma dinâmica local muito característica, mas relacionadas a um centro, pois ele é tido como referência de desenvolvimento. Importa estudar o que se passa em lugares periféricos, porque eles

² Disponível em < <https://www.worldoil.com/news/2019/8/12/tullow-makes-significant-oil-discovery-offshore-guyana>>>, < <https://www.worldoil.com/news/2019/8/13/guyana-may-not-be-ready-for-its-pending-oil-riches-but-exxonmobil-is> >.

são ricos em detalhes que os tornam singulares e nos ajudam a compreender como práticas ideológicas dominantes atuam e como práticas locais se unem às dominantes/hegemônicas. Com o advento do capitalismo avançado, as peculiaridades de regiões periféricas são celebradas e estão se tornando recurso financeiro para a obtenção de lucro. O que anteriormente era apagado pelas ideologias dos centros hoje é valorizado (Kelly-Holmes; Pietikäinen, 2013). O cuidado que deve ser observado reside em não presumir que locais periféricos sejam unicamente ou exclusivamente exóticos, nem que apenas ideologias linguísticas específicas estejam em vigor nesses espaços. Tal perspectiva reforça a abordagem desenvolvimentista que buscamos evitar, especialmente no que diz respeito à definição de normas e à submissão a elas.

Em Bonfim-Lethem, a valorização do que antes era apagado tem estado em evidência no caso dos itens de repertórios que envolvem as línguas indígenas reconhecidas, como macuxi e uapixana, recentemente cooficializadas³. Nessa cooficialização, é possível perceber a recente celebração do que antes estava apagado, muito também em função da lei que legitima o uso. Entretanto, no que tange aos itens de repertório linguístico reconhecidos como inglês, não parece que esse seja o entendimento. As tensões ideológicas envolvendo o valor atribuído ao inglês parecem estar muito latentes, com indícios de que sejam modos de atualização das ideologias raciolinguísticas pelo capitalismo. Dessa maneira, entendo que outra contribuição que este estudo pode oferecer, principalmente considerando os estudos de centro e periferia, é apontar o que as pessoas que residem na fronteira Brasil-Guiana têm como referência de centro e o quanto dessa orientação se manifesta nas ideologias de linguagem locais, de modo especial com relação ao inglês falado nessa região.

É fundamental sublinhar que as pessoas que residem na fronteira Brasil-Guiana estão muito distantes de centros. Sob o ângulo de quem está em Lethem, o centro mais próximo é Boa Vista ou até mesmo Bonfim, a depender da escala. Mas além desses centros, essa região fronteira é uma periferia em relação a muitos outros

³ Disponível em <

http://www.diariomunicipal.com.br/amr/materia/BA8EC5F5/03AOLTBLTs8lpyC5VWXW6Dhd6xh1QRQyazzA0ZbSsletmizGft9NQXojAGp3K3UQxu6h08uxKerin9sBQoeeekPShPrzks1kLSKigCmz3UYVtJCG7RjqNJ2gR3tO1kzOuTmj0-703FBWkM52i-FcRSy2E-zrfj3G1Ydr0Qeq8j9BEn3voZeMXHA5DEbq7XXgxKH0P9f7oBbogpTDK4i0Z9GO7vVaMSWPWHmZO3R4g4rYrQat951xPIItKYW2IoLLwdKS7Hr-OgST442AN9RsljT4xEn3YIII27PgxZbo8ftZD4Q-Et3Ub5RupyCA_i4RVsTYJtdfM25LKMnro5m82g4OuBhIQ00Sc4Ffa > Acesso em: 01 ago. 19.

possíveis centros, como Georgetown, capital da Guiana; a Inglaterra, país colonizador da Guiana, ou Manaus, maior cidade da Região Norte e capital da Zona Franca; Brasília, a capital federal do Brasil, ou Rio de Janeiro e São Paulo, centros culturais e econômicos brasileiros e latinoamericanos. No horizonte mais amplo, Bonfim e Lethem estão localizados entre dois estados nacionais periféricos em que se apresentam, em várias escalas, possíveis centros em relação às duas cidades fronteiriças aqui enfocadas.

Ressalto que as dinâmicas sociais, linguísticas, políticas e econômicas nessa zona de fronteira são pouco notadas por professores e pesquisadores das mais diversas áreas. Das produções levantadas, as de maior número se concentram nas áreas de História, Antropologia, Economia e estudos de programas interdisciplinares. Geralmente o foco é em migração guianense para o Brasil ou de brasileiros para a Guiana, migração de indígenas guianenses para o Brasil ou de indígenas brasileiros para a Guiana e políticas indigenistas da fronteira. Mais recentemente, o comércio formiga e a área de livre comércio de Bonfim têm entrado na pauta. Pesquisas que envolvam problematizações acerca da linguagem nessa região ainda são escassas, considerando o material disponível no site da CAPES. Das que tenho conhecimento e que tratam de linguagem, as discussões envolvem questões identitárias, de bilinguismo e de educação em espaço fronteiriço, desde uma perspectiva moderna de linguagem (Santos, 2012; Souza, 2014; Martino, 2016; Santos, 2019). Há também as pesquisas sobre as línguas indígenas locais e educação escolar indígena nessa mesma visão (Frank, 2014).

Ainda na ótica de centro e periferia, Roraima é considerado periferia em relação a outros estados brasileiros, em razão da sua constituição tardia e pouca expressividade e colaboração no sistema capitalista brasileiro, conforme aponto a seguir no breve histórico do estado. Em termos de Brasil, um dos centros político-econômicos que dita regras e onde muitas decisões são tomadas é a capital brasileira, Brasília. Muitas ideologias centralistas partem de lá, inclusive ideologias de linguagem. Assim, penso que, em termos de Brasil, importa evidenciar esse cenário linguístico e esse inglês que está presente numa região brasileira que, por diversas vezes, sofre apagamento e cuja população é invisibilizada. Outro aspecto a ser considerado é que, se o Brasil almeja estreitar relações comerciais com a Guiana em razão das reservas de petróleo recém-descobertas, importa compreender aspectos sociolinguísticos do país vizinho.

Conforme já mencionado, a modernidade recente e o capitalismo avançado têm reconfigurado recursos que, desde uma perspectiva moderna do século XX, eram desvalorizados, mas passam agora a ter valor de mercado. Heller e Duchêne (2012, 2016) têm observado uma mudança discursiva nesse sentido. Eles identificaram que discursos de lucro, que dizem respeito à atribuição de valor econômico aos recursos linguísticos, estavam surgindo, e os discursos de orgulho, que correspondem às questões identitárias e à sensação de pertencer a um Estado-nação por sustentar a legitimidade de determinado repertório, passaram a ter um contraponto. Para os autores, as crises econômicas mundiais que levaram a ressignificações do mercado fizeram com que esses discursos se confrontassem.

Logo, acredito que esta pesquisa contribui no sentido de expor que discursos de orgulho e lucro, nesse espaço, são constituídos em meio a contradições e tensões inerentes à nova economia globalizada, mas acrescidos das peculiaridades regionais e de um processo de significação mediante a incursão investigativa branca. Isto é, enquanto os estudos contemporâneos em Sociolinguística apontam para uma reorientação dos discursos modernos de orgulho para lucro em momentos distintos do capitalismo, a expectativa inicial foi que, no caso de Bonfim-Lethem, a orientação para lucro não estivesse acontecendo com relação ao inglês falado na fronteira. Essa expectativa foi confirmada, uma vez que, no escopo Bonfim-Lethem, o inglês (o referente reconhecido na fronteira e em outros centros) tem pouco valor de troca, e portanto, não há orientação para lucro. Somado a isso, cabe apontar que, nesse espaço, os diversos itens de repertório linguístico têm atribuições distintas de valores em razão do que cada um representa como horizonte possível de oportunidade social para quem ali atua ou mora. Certamente o português possui valor diverso do inglês para esses atores sociais, pois, em Bonfim, a “língua” que permite acesso a recursos é a portuguesa. Também é item valorizado em Lethem, porque o comércio atende muitos brasileiros.

Contudo, ainda que o português seja mais mobilizado e, potencialmente mais valorizado, essa valorização não implica necessariamente em pouca valorização ao inglês falado na região. Logo, esta pesquisa buscou responder à dúvida sobre por que falantes de inglês de origem guianense, supostamente, valorizariam “pouco” o inglês que falam e/ou estariam negando o valor atribuído ao inglês por falantes de português nos ambientes projetados como centrais desde Lethem-Bonfim. Essa dúvida, originada de uma expectativa inicial já desconfirmada, como mencionado

anteriormente, tem uma orientação ideológica de atribuição de valor a recursos linguísticos, que é justamente aquela que a pesquisadora critica neste trabalho, após reflexão sobre posicionalidade aliada ao que os dados informam. O empreendimento reflexivo me permitiu compreender que a complexa e interessante dinâmica de linguagem na fronteira Brasil-Guiana tornou-se problema de pesquisa através de uma perspectiva e uma expectativa própria do “sujeito ouvinte” (Inoue, 2003), mas principalmente do “sujeito ouvinte branco” (Flores; Rosa, 2015; Rosa; Flores, 2017).

Para além da particularidade dos discursos de orgulho e lucro acima apresentada, entendo que a relação entre economia política e estudos da linguagem pode ajudar a compor este desafio epistemológico. Apoiada em Block (2017), destaco que a relação entre esses campos é recente, mas necessária. Block *et al.* (2012) enfatizam que operar em um enquadramento de economia política possibilita ao pesquisador considerar outras áreas do conhecimento para subsidiar a compreensão de aspectos econômicos, tendo, portanto, um caráter interdisciplinar. Nesse conjunto, construtos como o neoliberalismo, a globalização, o capitalismo avançado e suas contradições são relevantes para a construção de um entendimento sobre os efeitos da economia na constituição das ideologias de linguagem. Esse enquadramento é fundamental para esta pesquisa.

Harvey (2014) aponta que o capitalismo possui muitas contradições e discorre sobre as dezessete que identificou, mas afirma que somente algumas dizem respeito à acumulação de capital. Salaria que são forças em aparente oposição, mas que se relacionam dialeticamente (tópico discutido na seção 3.4.1). Das dezessete, interessantes, aqui, a contradição de valor de uso e de troca. Pelo cenário socioeconômico de Bonfim-Lethem, a depender do referente de inglês reportado pelos participantes, verifiquei algum valor de uso (localmente) e pouco ou quase nulo valor de troca. Então, para discutir a respeito do valor de uso e de troca é crucial antes entender o que está sendo referido como inglês e há pelo menos dois referentes para inglês operando entre os participantes. Uma vez mais, enfatizo que a necessidade de identificar os referentes, quase que para posteriormente enquadrá-los em categorias, a fim de discutir sobre o valor, revela uma limitação discursiva minha e uma dependência da ideologia da língua moderna para a produção de compreensões a partir desse processo.

O campo está em um lugar em que a compreensão disso parece ser interessante porque, dentro das pesquisas levantadas, não parece que essa questão

já tenha sido problematizada e acredito que posso trazer entendimentos nesse sentido, tendo em vista que parte da pesquisa teve caráter confirmatório, mas parte foi da fronteira do conhecimento. Ressalto que a pesquisa aqui apresentada está associada a pontos de interlocução que estão num enquadre de grande relevância e que requerem do pesquisador dedicação ao denso arcabouço teórico-metodológico. Suponho que discussões para a construção da proposta de aproximação entre estudos da linguagem e economia política ainda sejam muito escassas, especialmente no Brasil.

O intuito, aqui, é o de articular essas áreas, a fim de projetar uma compreensão mais explicativa e fundamentada sobre a situação sociolinguística da fronteira Brasil-Guiana, desde uma perspectiva político-econômica. Essa relação da linguagem com elementos de economia política é discutida considerando o campo indicial delineado, a partir do que versam Gal e Irvine (2019) sobre o trabalho ideológico da linguagem.

Sendo assim, sobre o que foi apresentado até aqui, esta pesquisa produz conhecimento sobre:

- (a) a natureza e a composição dos itens de repertórios linguísticos que são mais amplamente mobilizados e os que são apagados entre os participantes nessa região fronteiriça;
- (b) o trabalho ideológico da linguagem, no sentido de provocar reflexões sobre as ideologias de linguagem, sobretudo do inglês na fronteira Brasil-Guiana.
- (c) as ideologias de linguagem de circulação local em particular quanto ao inglês, e as ideologias raciolinguísticas;
- (d) os modos como as ideologias raciolinguísticas orientam as relações hierárquicas percebidas na dinâmica da fronteira;
- (e) os processos semióticos do trabalho ideológico da linguagem considerando o campo indicial apresentado: rematização, recursividade fractal e apagamento;
- (f) valores atribuídos a itens de repertórios linguísticos das pessoas dessa região fronteiriça, especialmente do ponto de vista de falantes de inglês de origem guianense, sobre o item de repertório reconhecido como inglês;
- (g) modos como a reflexão sobre posicionalidade é fundamental para a compreensão da lente teórica de pesquisadores;
- (h) as relações entre os processos de significação dos participantes e o racismo estrutural.

Apresento, a seguir, a organização deste relatório de pesquisa.

1.3 DISTRIBUIÇÃO E ORGANIZAÇÃO DOS CAPÍTULOS DO RELATÓRIO

Na seção 1.1, do primeiro capítulo, apresentei ao leitor o problema de pesquisa pela exposição do objeto de investigação e perguntas norteadoras. Na seção 1.2, apresentei também as motivações e justificativas que me levaram a fazer as escolhas teórico-metodológicas que fiz e, sobretudo, a estudar o valor do recurso linguístico reconhecido como inglês na fronteira Brasil-Guiana.

No capítulo dois, o leitor encontrará uma breve exposição de aspectos gerais do estado de Roraima e das cidades fronteiriças, Bonfim e Lethem. O intuito dessa seção é desenhar o cenário estudado para quem não conhece a região e informar sobre características próprias e tensionamentos particulares que subsidiam o entendimento daquilo que é apresentado e discutido na seção de análise.

No capítulo três, apresento a base teórica desta pesquisa pela exposição crítica dos principais conceitos/noções norteadoras: repertório linguístico, na seção 3.1; ideologias de linguagem, ideologias raciolinguísticas e eixos de diferenciação do trabalho ideológico da linguagem (seção 3.2); linguagem e economia política e mercantilização da linguagem (3.3); e valor de uso e de troca (3.4.1). No capítulo quatro, mostro os procedimentos metodológicos adotados e como a pandemia impôs modificações nesse sentido.

No capítulo cinco, apresento a análise dos dados e mostro a semiose do trabalho ideológico da linguagem na fronteira, na perspectiva dos participantes desta pesquisa. Na seção 5.1 e na subseção 5.1.1, realizo a discussão do campo indicial identificado pela exposição do que cada língua nomeada significa para os participantes, mediante eixos de diferenciação que as estruturam. Na seção 5.2, apresento a complexa dinâmica de vivência de linguagem da qual eu, como pesquisadora, busco me aproximar para explicar para mim e para o leitor o que se passa. Nas seções 5.3 e 5.4, apresento o exame dos dados que informam mais expressamente que inglês é referido pelos participantes e em quais momentos e qual valor de uso e de troca lhe é atribuído.

No capítulo seis, apresento as contribuições deste estudo para as áreas teóricas com quem se dialoga mais diretamente. Na seção 6.1, apresento as respostas encontradas para as perguntas de pesquisa. Na seção 6.2, realizo a

exposição das considerações finais pela retomada dos objetivos e apresentação das contribuições desta investigação.

2. O ESTADO DE RORAIMA E A FRONTEIRA BRASIL-GUIANA: ESPAÇOS TENSIONADOS

Neste capítulo, faço um apanhado geral da composição do cenário pesquisado. Para isso, saliento aspectos importantes não só de Bonfim e Lethem, mas também de Roraima e da Guiana, para que o leitor possa ter subsídios para compreender, mais adiante na análise, o contexto em que os participantes estão inseridos. A sequência de informações apresentadas começa com a localização geográfica do estado de Roraima, sua composição populacional, os movimentos migratórios, parte de sua historiografia e as atividades econômicas. Busquei seguir a mesma sequência para apresentar Bonfim, Lethem e a Guiana, de maneira mais generalizada.

Roraima, dos estados brasileiros, é o que está mais ao norte. Faz fronteira com a República Cooperativista da Guiana e a República Bolivariana da Venezuela. Embora seu território faça parte da região amazônica, uma parcela grande é de savana e não de floresta equatorial, e é nessa área que se encontram Boa Vista e a região de fronteira Bonfim-Lethem. Tal localização facilita a migração de venezuelanos e guianenses para Roraima e para o Brasil. Além desses, “[...] registra-se a presença de haitianos e peruanos, colombianos, bolivianos e cubanos” (Brito, 2019, p. 44). Há também registros de migração nacional e inter-regional como, por exemplo, “[...] a migração de indígenas para a capital [...]” (Souza, 2009, p. 43). Pouco mais de 46%⁴ do território roraimense é de área indígena, que conta com as seguintes etnias: “[...] Macuxi, Taurepang, Ingarikó, Wapixana, Ianomami, Uaimiri, Atroari e Maiongong (a maioria caribenha, vinda da costa do Atlântico, entre as Guianas e a costa do México) [...]” (Vale, 2007, p. 19-20).

Roraima foi parte do estado do Amazonas até o início do século XX, passando a ser estado de Roraima, em 1988, com a Constituição Federal (Ramalho, 2012, p. 40). No final da década de 1960 e início de 1970, medidas do Estado favoreceram as migrações em direção aos pequenos núcleos e para as novas áreas de colonização agrícola” (Vale, 2007, p. 96). Um exemplo foi a criação das rodovias BR 410, que liga Boa Vista a Bonfim – município fronteiriço que foi campo de pesquisa deste estudo, a

⁴ Disponível em: < <https://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/conflito/rr-povos-indigenas-da-serra-da-lua-lutam-contra-impactos-negativos-da-monocultura-de-acacias-no-entorno-de-suas-terras/> > Acesso em: 30 de setembro de 2023.

BR 174, que liga Roraima ao Amazonas, e a BR 210, que perpassa pelo sul de Roraima (Vale, 2007).

A migração nessa região foi impulsionada pela intervenção do Estado no que objetivava ser a “modernização” da Amazônia. Tais medidas desenvolvimentistas eram empreendidas sem a devida atenção “[...] às consequências socioambientais deste processo, profundamente contextualizadas no modo de vida das sociedades locais” (Raposo; Silva, 2013, p. 8). Iniciado na década de 1950, esse processo gerou modificações nos cenários econômicos, fundiários e sociais da região.

Do ponto de vista das consequências de um projeto dito modernizador que excluía a sociedade amazônica local, grande parte dos problemas decorrentes dos modelos de desenvolvimento adotados refletia os conflitos socioambientais, geralmente marcados pelo acesso à apropriação, manutenção e exploração dos recursos naturais disponíveis, enquanto fonte de subsistência da vida dos moradores locais e enquanto matéria-prima para as forças do capital na região (Raposo; Silva, 2013, p. 9).

Esse projeto, proveniente “[...] da incorporação dos modelos teóricos de desenvolvimento legitimados pelo pensamento econômico dominante” (Raposo; Silva, 2013, p. 11), impactou negativamente na forma como as populações se relacionam com os recursos naturais, e provocou conflitos quanto à apropriação e ao usufruto desses recursos.

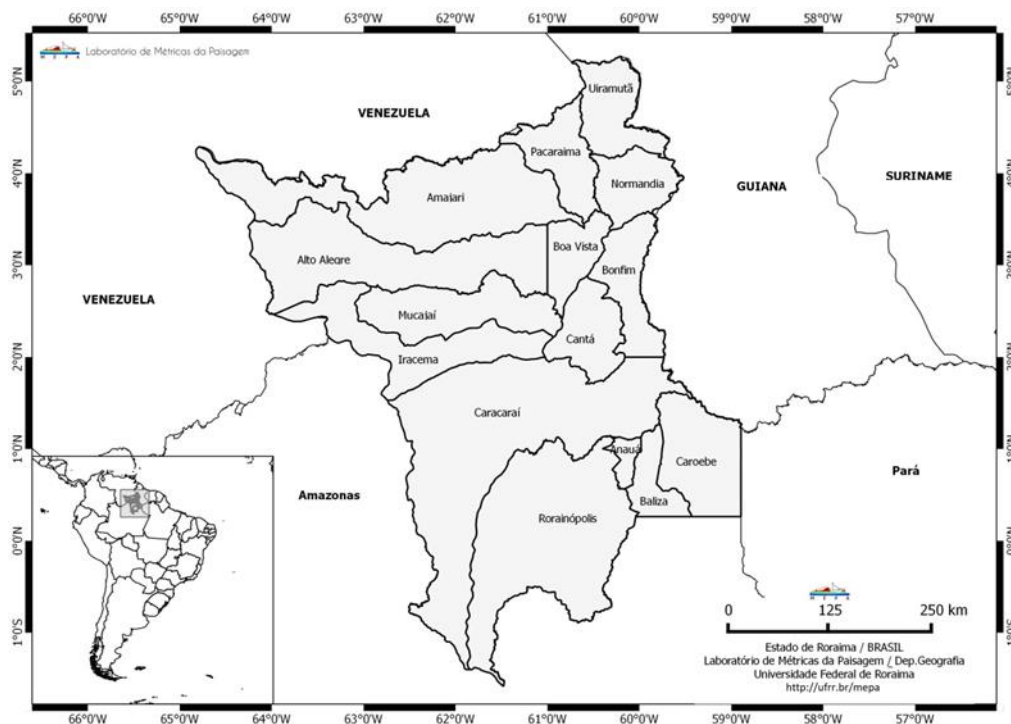
Em Roraima, o crescimento exponencial da população foi um reflexo da política criada pelo Estado a pretextos de desenvolvimento regional. As taxas de crescimento populacional expressivas nos anos 1980 e 1990 foram um “*boom* migratório” que se deu em função da mineração (Oliveira, 2003; Vale, 2007; Luz, 2013). Já após os anos 2000, o que ocasionou a migração em Roraima, segundo Souza (2009), foram “[...] a facilidade de acesso à terra, propiciada em grande parte por projetos e programas de colonização e assentamento e a ocorrência de garimpos” (p. 41). Em tempos mais recentes, ainda se tem notícia de muita ação garimpeira ilegal na região, especialmente em terras indígenas, o que acaba por atrair muitos que estejam interessados nesse tipo de atividade.

O fluxo migratório e as maneiras de organização espacial e ocupação dos espaços em Roraima, com destaque para a capital, Boa Vista, que foi e é mais visada, constituem novas relações de modo de produção econômica, e conflitos sociais emergem. Souza (2009) afirma que “[...] a região é um espaço de diversidade e de contradição, onde muitos se encontram, onde os nexos se fazem no encontro, nem

sempre pacífico e consensual entre ‘nós’ e ‘eles’, entre o ‘eu’ e o ‘outro’” (p. 41). A contradição e os encontros interessam para a discussão que empreendo aqui porque conformam a realidade percebida e vivida pelos povos da região.

Diante das migrações e do crescimento demográfico, numa tentativa política de aumentar os recursos financeiros, nas décadas de 1980 e 1990, o governo decide criar municípios como uma “[...] oportunidade política de justificar a entrada de recursos federais extras (Fundo de Participação dos Municípios - FPM) [...]” (Vale, 2007, p. 99). Assim, compõem a divisão administrativa do estado de Roraima um total de quinze municípios. Para a estrutura municipal que se tem hoje, oito dos quinze municípios foram criados em 1982, e o restante, em 1996 (Vale, 2007), sendo que Boa Vista, a capital, e Caracarái, os mais antigos, deram origem aos outros. O mapa abaixo apresenta os nomes dos municípios e a localização atual de cada um:

Mapa 1- Mapa de Roraima e seus municípios



Fonte: UFRR/MEPA disponível em: <http://ufr.br/mepa/phocadownload/geograficos/roraima2aa.jpeg>

A exploração do ouro abordada anteriormente, como mencionado, foi fortemente praticada nas décadas de 1980 e 1990 e teve seu fim “oficial” em 1990, como afirma Oliveira (2003, p.138),

[...] por ordem do Presidente Fernando Collor, o garimpo entrou em desarticulação, com bombardeamento de dezenas de pistas de pouso pela polícia federal, quando foi desmontada, na capital Boa Vista, toda a estrutura dos comerciantes do garimpo: compra e vendas do ouro, de maquinário, serviços de vôo, entre outros. No entanto, de forma lenta e clandestina o garimpo continuou.

A ação do Estado no governo do então Presidente Fernando Collor fez com que alguns garimpeiros fossem retirados das terras roraimenses, mas outros tantos permaneceram, mesmo diante das condições de vida muito precárias (Luz, 2013) acentuadas pela circunstância de ilegalidade em que se encontravam. Mesmo com essa retirada, a mobilidade a Roraima era um fenômeno bem presente. De 1996 a 1999, um grande contingente migratório de nortistas e nordestinos migrou para Roraima em maior número do que pessoas de outras regiões brasileiras em virtude das promessas políticas de viabilizar acesso à terra e mobilidade social (Vale, 2007, p. 138).

Entretanto, esse volume de pessoas não encontrou espaço no mercado de trabalho formal roraimense (Vale, 2007, p. 180), tendo sido absorvido pela atividade econômica que empregou muitas pessoas nesse período, a produção de arroz (Vital, 2016). Esse tipo de agronegócio, que até hoje é praticado em terras roraimenses, ainda que em proporções menores⁵, teve sua lucratividade reduzida em razão do processo de demarcação das terras indígenas Raposa Serra do Sol, que culminou na retirada dos arroteiros⁶ que ocupavam aquela área.

Além do arroz, Roraima testemunhou grupos estrangeiros, como por exemplo, os suíços que, com a intenção de criar uma fábrica para produção de papel celulose, compraram muitas extensões de terras⁷ roraimenses e plantaram espécies que causavam prejuízos às plantações locais⁸. A iniciativa dos suíços conduziu-se pelas mesmas bases de desenvolvimento idealizada pelo Estado no início do século XX, consistindo na promessa de geração de empregos e renda, numa ideia economicista de progresso que deixa “[...] para segundo plano, toda a discussão sobre o desgaste

⁵ Disponível em: < <http://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2015/01/produtores-de-rr-organizam-abertura-oficial-da-colheita-do-arroz-irrigado.html>> Acesso em: 30 de out. de 19.

⁶ Disponível em: < 1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,MUL464471-5598,00-ENTENDA+O+CONFLITO+NA+TERRA+INDIGENA+RAPOSA+SERRA+DO+SOL.html> Acesso em: 30 de out. de 19.

⁷ Disponível em: < <https://noticias.ambientebrasil.com.br/clipping/2004/02/10/13625-industria-da-celulose-ameaca-na-amazonia.html>> Acesso em: 30 de out. de 19.

⁸ Disponível em: < <https://noticias.ambientebrasil.com.br/clipping/2004/02/10/13625-industria-da-celulose-ameaca-na-amazonia.html>> Acesso em: 30 de setembro de 2023.

dos recursos naturais e sua exploração desenfreada pelo modelo de produção vigente.” (Raposo; Silva, 2013 p. 12).

Cabe destacar que boa parte da população assalariada de Roraima é empregada no serviço público, como apresenta a Fecomércio-RR^{9,10}, em artigo técnico publicado em julho de 2019. Tendo como base dados de atividades econômicas locais de 2003-2016, essa análise da economia de Roraima parece lamentar que o serviço público ainda seja a principal atividade econômica do estado, e ao afirmar que o comércio vem ganhando espaço, o documento traz uma projeção de quando o comércio tornar-se-á a principal atividade econômica de Roraima. Em outro relatório dessa mesma instituição¹¹, há um destaque para um suposto aumento nas relações comerciais entre Brasil e Guiana, em razão da recente descoberta de imensas jazidas de petróleo em território guianense. A projeção do relatório é de que as relações comerciais entre Brasil e Guiana se intensifiquem, uma vez que, com o provável aumento da renda da população guianense em razão do salto econômico previsto para os próximos anos, a importação de insumos advindos do comércio de Roraima tenda a aumentar, tendo em vista que o consumo dos produtos, pelos guianenses, também tenda a subir (FECOMÉRCIO-RR, 2019)¹². Entretanto, estudos já realizados corroboram a possibilidade de que o petróleo pode não apresentar os benefícios esperados para a Guiana. Conforme destacado por John (2024), a Guiana encontra-se imersa no “[...] mito da extração de recursos capitalistas como 'desenvolvimento'[...]” (p. 1) e sugere que é pouco provável que o petróleo contribua para o progresso do país (p. 1), devido à desvantagem em que a prática de extração desse recurso natural coloca a população guianense em relação ao capital estrangeiro nesse setor.

Em que pese a falta de uma discussão aprofundada a respeito do viés ideológico de instituições como a Fecomércio, neste trabalho a presença das informações produzidas por aquela instituição tem o fim de demonstrar como os modelos capitalistas permanecem, mesmo em temporalidades diferentes, endossando um ideal de desenvolvimento que desconsidera a diversidade sócio-

⁹ Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de Roraima.

¹⁰ O crescimento do comércio em Roraima. Disponível em < <https://fecomerciorr.com.br/o-crescimento-do-comercio-em-roraima/> > Acesso em: 23 de jul. de 19.

¹¹ Disponível em < <https://fecomerciorr.com.br/relacoes-comerciais-entre-roraima-e-a-guiana/> > Acesso em: 25 de jul. de 19.

¹² Disponível em < <https://fecomerciorr.com.br/surgimento-de-petroleo-em-georgetown-facilitara-intercambio-comercial-entre-brasil-e-guiana/> > Acesso em: 30 jul. 19.

histórico-cultural das populações. Nenhuma das projeções de estreitamento de relação entre os dois países contribui, de fato, para outros fins de cooperação que não sejam de natureza meramente econômica, e nenhuma considera aspectos humanitários de povos tão ricamente diversos. É a ampla operacionalização do capitalismo, voltada para a busca do lucro e do progresso concentrado nas mãos de poucos, sem considerar as consequências adversas para a população em geral.

A breve exposição do histórico de Roraima teve como propósito oferecer ao leitor uma visão abrangente do funcionamento do estado, através de informações históricas, geográficas e econômicas, que certamente não são exploradas completamente nesta seção. Embora a literatura acadêmica que engloba essas informações seja predominantemente descritiva, é possível discernir as tensões latentes dentro desse contexto. A historiografia predominante, majoritariamente produzida por gente branca e não indígena, retrata as disputas territoriais e econômicas de modo a sugerir que visam o desenvolvimento do estado. No entanto, omite as tensões provocadas pela exploração ilegal das terras indígenas pelo garimpo, transformando essa corrida econômica em uma narrativa de progresso superficial. Além disso, negligenciam as tensões interétnicas, exemplificadas pela invisibilidade enfrentada pelos guianenses e pela xenofobia direcionada aos venezuelanos.

2.1 BONFIM, RR

Bonfim é um dos quinze municípios do estado de Roraima, na posição mais nordeste do estado, e em 2022, segundo estimativa do IBGE¹³, a população total do município chegava a 13.897 pessoas. A cidade, que hoje é a sede do município de Bonfim, se originou por volta do período de 1890-1900, tendo a atividade agropecuária como determinante para o seu desenvolvimento. Nas primeiras décadas do século XX, a atividade econômica da região iniciou-se por meio da criação de gado. Nesta época, Bonfim atendia à Guiana em sua “demanda por carne” (Oliveira, 2003, p. 130; Farias; Silva, 2013, p. 240).

Nas décadas seguintes, mais precisamente de 1930 a 1960, pessoas se deslocavam para Bonfim com a intenção de atuar no garimpo. O crescimento

¹³ Disponível em: < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rr/bonfim/panorama> > Acesso em: 30 de setembro de 2023.

populacional na região se deu principalmente pelas atividades econômicas já citadas, mas sofreu uma queda em virtude dos conflitos enfrentados pela Guiana na segunda metade da década de 1960 (Senhoras; Veras; Silva, 2012).

Em 4 de dezembro de 2014, o município de Bonfim promulgou a Lei nº 211/2014¹⁴, que cooficializou as línguas indígenas macuxi e uapixana. Os itens de repertório linguístico que mais circulam na região de Bonfim são os reconhecidos como português, inglês, macuxi e uapixana, e seus falantes residem tanto na sede de Bonfim, quanto nas comunidades próximas e em Lethem — na sede e vilas anexas. Outros itens linguísticos de menor circulação também foram identificados, como: árabe e chinês, segundo Pereira e Machado (2019).

Segundo Oliveira e Bethonico (2013, p. 124), Bonfim “[...] é o município de Roraima que possui maior área de fronteira com a República Cooperativista da Guiana”, tendo como cidade irmã¹⁵ Lethem, do lado guianense. As duas cidades se conectam desde 2009 através da ponte sobre o rio Tacutu. Antes dessa data, a travessia de um município a outro era feita por barcos e balsas (Farias; Silva, 2013).

A respeito da ponte sobre o rio Tacutu, é importante salientar que se trata de um projeto antigo, datado de 1981, em que os dois Estados, Brasil e Guiana, firmaram acordo com o objetivo de construir essa interligação por via terrestre (Pereira, 2005). Contudo, só foi concluído em 2008 e inaugurado em 2009 (Santos; Oliveira; Senhoras, 2009). Com a construção dessa ponte, os Estados-nações ambicionavam estabelecer elo comercial entre os países do Caribe e da América do Sul. A ponte trouxe mudanças significativas para a região, especialmente quanto à espacialidade, uma vez que mobilizou os atores sociais da região para se adequarem não apenas à nova realidade, mas também quanto aos seus projetos pessoais (Pereira, 2015). Com sua construção, as novas composições espaciais contavam com “[...] estrutura de estrada da cidade de Boa Vista até a aduaneira, novas sinalizações em placas, postos de

¹⁴ Disponível em <

http://www.diariomunicipal.com.br/amr/materia/BA8EC5F5/03AOLTBLTs8lpyC5VWXW6Dhd6xh1QRQyazzA0ZbSsletmizGft9NQXojAGp3K3UQxu6h08uxKerin9sBQoeeKPSHPrzks1kLSKigCmz3UYVtJCG7RjqNJ2gR3tO1kzOuTmj0-703FBWkM52i-FcRSy2E-zrfj3G1Ydr0Qeq8j9BEn3voZeMXHA5DEbq7XXgxKH0P9f7oBbogpTDK4i0Z9GO7vVaMSWPWHmZO3R4g4rYrQat951xPIItKYW2IoLLwdKS7Hr-OgST442AN9RsljT4xEn3YIII27PgxZbo8ftZD4Q-Et3Ub5RupyCA_i4RVsTYJtdfM25LKMnro5m82g4OuBhIQ00Sc4FfA > Acesso em: 01 ago. 19.

¹⁵ A escolha por adotar cidade irmã e não gêmea é porque, segundo Farias e Silva (2013), a nomenclatura “gêmea” não se aplica a cidades que tiveram períodos de surgimento diferentes como é o caso das duas cidades em questão.

comércio à margem do rio em especial barracas para a troca da moeda local” (Pereira, 2015, p. 430).

Antes de 1966, as relações comerciais entre Bonfim e Lethem eram realizadas por escambo. O interesse entre brasileiros e guianenses, do ponto de vista comercial para irem de uma cidade a outra, envolvia ouro e produtos industrializados (Pereira, 2015). Houve uma desaceleração desse comércio em decorrência de conflitos que levaram à guerra civil de 1969 na Guiana (Farias; Silva, 2013; Senhoras; Veras; Silva, 2012; Oliveira, 2003).

Após a construção da ponte, Bonfim, embora interligada via terrestre, ficou despercebida, ou seja, o deslocamento das pessoas é feito direto para Lethem, elas não precisam mais passar por Bonfim para atravessar a fronteira (Pereira, 2015). O fluxo de pessoas mobilizado pela presença da ponte é importante ter em vista para que seja possível compreender o cenário sociolinguístico.

Outro ponto a ser destacado é que em Bonfim há uma Área de Livre Comércio¹⁶. De acordo com a lei de criação das ALCs, o objetivo delas é “[...] promover o desenvolvimento das regiões fronteiriças do extremo norte daquele Estado e [...] incrementar as relações bilaterais com os países vizinhos, segundo a política de integração latino-americana” (Brasil, 2008). Uma iniciativa deficitária mesmo para os objetivos capitalistas a que se propõe, uma vez que, apesar de ter uma ALC administrada por um órgão que incentiva a industrialização, em Bonfim esse setor parece trazer pouca receita para o município.

De acordo com informações recentes da mídia local¹⁷, a presença de atividades ilícitas na fronteira Brasil-Guiana envolve a entrada de produtos contrabandeados das mais diversas ordens no Brasil diariamente, por intermédio de guianenses e brasileiros roraimenses e amazonenses atraídos pela facilidade de transportar essas mercadorias (Rocha, 2019). Outras questões também densas de caráter social, como o contrabando de alho chinês (Sousa, 2019), que tem inclusive incitado a rivalidade e morte entre os contrabandistas, o tráfico de pessoas e exploração sexual¹⁸ também

¹⁶ Albuquerque (2011, p.15) informa que “as Áreas de Livre Comércio (ALC) são regiões de incentivo tributário que surgiram a partir do aprimoramento de políticas de incentivo ao desenvolvimento da Amazônia Ocidental”. O que nos remete mais uma vez às medidas desenvolvimentistas adotadas pelo Estado na segunda metade do século XX.

¹⁷ Disponível em < <http://boavistaja.com/local/2019/01/20/guianense-e-presos-acusado-de-contrabando-de-roupas-brinquedos-e-remedios/> > Acesso em 30 out. 19.

¹⁸ Disponível em: < <https://folhaby.com.br/noticia/Bonfim-e-Lethem-se-unem-contratrafico-de-pessoas-/45223> > Acesso em: 30 de out. de 19.

têm ocorrido na fronteira Brasil-Guiana, o que revela ser esse um espaço bastante complexo e com diversas minúcias a serem consideradas.

Do ponto de vista linguístico, como mencionado na subseção de justificativas, em Bonfim há uma variedade grande de recursos linguísticos mobilizados por sua população. A educação escolar é realizada, majoritariamente, em português, e os alunos de origem guianense e/ou indígenas precisam adequar o repertório (cf. Souza, 2014). Em estudos sobre bilinguismo e multilinguismo em Bonfim, como de Souza, as questões geralmente pontuadas são as das dificuldades que professores e alunos enfrentam no dia a dia para lidar com a intensa mobilização de diversos recursos linguísticos e como isso impacta as relações interpessoais e a aprendizagem (cf. trabalhos listados na seção 1.2).

Fora do ambiente escolar, as questões linguísticas podem ser tão ou mais complexas. Pereira e Machado (2019), após fazerem diagnóstico sociolinguístico de Bonfim e arredores, defendem que “[...] que todas as línguas ali faladas deverão ser ensinadas de alguma forma [...] e que sejam mantidas as línguas indígenas [...]” (p. 158). Em que pese a tônica dada às pesquisas sobre bilinguismo e multilinguismos nas escolas de Bonfim ou mesmo as nomeações linguísticas mobilizadas para defender direitos, é possível perceber o jogo ideológico que posiciona e valoriza determinados recursos linguísticos em detrimento de outros, sobretudo em espaços institucionalizados. Percebe-se igualmente o processo de significação – objeto da meta-análise desta pesquisa – acontecendo entre participantes e pesquisadores.

2.2 GUIANA E LETHEM

A Guiana é o único país de língua oficial inglesa na América do Sul. Segundo Cavlak (2016), ela esteve boa parte do seu período colonial sob o domínio da Holanda. A Inglaterra só garantiu soberania sobre essa pequena porção na América do Sul no século XIX. Por dois séculos antes do domínio holandês e inglês, a Guiana Essequibo¹⁹ esteve dominada por espanhóis. Outras duas regiões guianenses, Demerara e Berbice, também foram colonizadas pela Holanda, que teve êxitos nessas colônias por conta da exploração de escravos negros vindos da África (Pereira, 2015b). Em 1831, as três colônias das três regiões nomeadas acima foram unificadas

¹⁹ Corresponde à parte territorial ao oeste da Guiana que foi zona de disputa com a Venezuela (PEREIRA, 2007).

e passaram a se chamar Guiana Inglesa (Cavlak, 2016). A escravidão sob o domínio inglês teve seu fim em 1834, tendo antes disso havido as revoltas de Berbice, em 1728, e de Demerara, em 1823, impulsionadas pelos missionários que atuavam na região (Pereira, 2015a, 2015b).

Diante desse novo cenário, trabalhadores foram trazidos da Índia para movimentar a economia da colônia, e o tratamento dado a eles era semelhante ao dado aos escravos, com condições precárias de trabalho e baixos salários. O final do século XIX foi marcado por mudanças na então Guiana Inglesa, que sofreu com taxas de desemprego e recessões de várias ordens, resultantes da crise nos preços internacionais e da automatização da indústria (Cavlak, 2016, p. 60).

Contudo, no início do século XX, a colônia inglesa passa por mais mudanças de ordem econômica e política. Em 1946, um grupo de orientação político-ideológico marxista começou a se organizar para buscar a independência da então Guiana Inglesa e, em 1951, fundou o Partido Popular Progressista (*People's Progressive Party*) – PPP com bases fortes no viés socialista (Cavlak, 2013). Em 1955, o Congresso Nacional Popular (*People's National Congress*) – PNC foi fundado e estabeleciam-se, assim, os dois partidos mais representativos que governariam a Guiana até os dias de hoje: o PPP, vinculado a indo-guianenses, e o PNC, de afro-guianenses (Baines, 2012). Raça e política alinharam-se fortemente. O funcionamento político-econômico considerava e ainda considera elementos étnicos da sociedade guianense. Baines (2012, p.37) diz que,

após a divisão do *People's Progressive Party* em 1955, a política partidária, na Guiana, configurou-se mais em termos étnicos do que ideológicos. Os conflitos étnicos no densamente povoado litoral do país expressam-se na configuração dos partidos políticos.

Em 1966, a Guiana Inglesa tornou-se independente, passando a chamar-se República Cooperativista da Guiana. Com uma economia ainda muito voltada para a extração do açúcar, passou por um período em que o governo controlava quase toda a economia e fazia muitos acordos de nacionalização, cujo objetivo era "[...] o domínio da economia pela elite afro-guianense do Congresso Popular Nacional, que aparelhou todo o Estado e os meios de produção" (Lima, 2011, p. 56; Cavlak, 2013). Os anos 1980 foram marcados por ser um período em que muitas pessoas emigraram da Guiana (Cavlak, 2013). Corbin e Aragón (2015, p. 70) afirmam que

atualmente, apesar de melhorias no desempenho macroeconômico em relação às décadas de 1980 e 1990, a Guiana continua sendo um dos países de maior emigração relativa do mundo. Em compensação a diáspora guianesa gera vultosas remessas que beneficiam diretamente as famílias no país. Ao mesmo tempo a alta emigração é relativamente compensada pela imigração, especialmente de garimpeiros brasileiros, os quais contribuem para a produção de ouro e diamante no país.

Segundo Cavlak (2013), no quadro de emigração, o Brasil também é destino de migrantes guianenses. A Guiana faz parte do CARICOM²⁰ (Comunidade do Caribe) e, por conta dessa inserção, os trabalhadores guianenses têm direito à livre circulação em outros países que façam parte da mesma comunidade (Corbin; Aragón, 2015, p. 80).

Do ponto de vista geográfico, a Guiana é um país de pouco mais de 700.000 mil habitantes, organizado em dez regiões administrativas distribuídas num território pouco menor que o do estado de Roraima, recoberto de savanas e florestas (Pereira, 2005). Lethem faz parte da região nove, localizada ao sul do país, *Upper Takutu-Upper Essequibo*, cuja população total alcançava pouco mais de 24.000 habitantes conforme o censo da Guiana de 2012²¹. O mapa a seguir ilustra a localização geográfica de Lethem, no sul da Guiana e fronteira com o Brasil.

Mapa 2- Mapa da Guiana



Fonte: < <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/gy.html> > Acesso em: 01 ago.

²⁰ Disponível em:< <https://caricom.org/about-caricom/who-we-are/our-governance/heads-of-government/guyana> > Acesso em: 01 ago. 19.

²¹ Disponível em: <https://statisticsguyana.gov.gy/census.html#comp>

A capital da região nove da Guiana, como uma cidade pequena, de pouco mais de mil habitantes, com pouca infraestrutura urbana, possui duas vilas integradas, Tabatinga e Culvert. A criação de gado é a base da atividade econômica da região, que ainda depende de produtos advindos do Brasil e da capital da Guiana, Georgetown (Silva, 2005). Até o ano de 1968, a pequena cidade do sul da Guiana “[...] era uma referência para o comércio em todo o vale do rio Branco, sendo base para negócios ilegais que proviam Boa Vista com *whiskys*, perfumes, motocicletas, carros e batatas” (Silva, 2005, p. 10).

Todavia, essa situação mudou devido à revolta do Rupununi (1969), que reconfigurou todo o cenário sociopolítico da região (Silva, 2005) e representou o “[...] movimento de secessão mais importante da história da Guiana” (Pereira, 2005, p. 38). Essa revolta propunha criar a república do Rupununi e contou com o apoio da Venezuela, tendo como líderes os fazendeiros que não concordavam com o governo da Guiana na época e, por essa razão, queriam criar um país independente, mas não tiveram sucesso (Silva, 2005). Esses líderes da revolta eram de “[...] famílias inglesas identificadas como brancas e mestiças (branco com índio) que habitavam naquela região” (Pereira, 2015a, p. 228), detinham o controle econômico e não estavam dispostas a partilhar esse controle com o então governo.

Os anos 1966 e 1969, que correspondem ao ano da independência da Guiana e da revolta do Rupununi, respectivamente, foram os anos que marcaram a história guianense, dado que, até esse período, o país não havia tido uma presença militar forte em suas regiões. Depois de 1969, o país começa a se preocupar em proteger as fronteiras e faz isso colocando os militares na região (Pereira, 2005): nacionalismo articulado com interesses de certos grupos e protegido por militares.

A população de Lethem é constituída pelos povos indígenas Macuxis e Uapixanas que já habitavam essa região. Pereira (2005) faz um destaque para os grupos populacionais de Lethem, que, além dos povos indígenas, são classificados pela autora como “[...] Negros Guianenses, Coolie²² e Brasileiros Regionais²³ [...]” (p. 35). Devido à colonização inglesa, muitos guianenses são chamados de “ingleses” por brasileiros e por descendentes de guianenses (Brito, 2012; 2019). Pereira (2010)

²² São guianenses descendentes de indianos (Pereira, 2007).

²³ São brasileiros residentes na fronteira, englobando também aqueles em estada temporária (PEREIRA, 2005, p. 85).

identifica, também, uma categoria nomeada de “o negro inglês ou inglês” (p. 209) por grupos de brasileiros que atribuem essa designação aos guianenses.

Pelo que expõe a autora, o "negro inglês" é uma das categorias de identificação de guianenses na região e está relacionada a de "negro guianense", acima mencionada. A autora afirma que, como esses "[...] são os moradores de Lethem, talvez decorra daí o fato de que a identidade étnica de ser negro ali diretamente se associa à identidade nacional de ser guianense" (Pereira, 2010, p. 209). O "negro inglês" tem a língua nomeada como elemento de identificação identitária, o que Pereira (2010) chama de "marcador diacrítico" (p. 209). A autora nos diz ainda que tanto a cor da pele, quanto o recurso linguístico, são elementos observados para a categorização de quem e de onde é a pessoa. É a operacionalização das ideologias raciolinguísticas. Isso foi algo que também verifiquei antes (Fonseca, 2015) como também agora, com destaque para o fato de que não apenas os "brasileiros regionais" mobilizam essas características fenotípicas e linguísticas, como os próprios participantes também o fazem. O uso do recurso linguístico como "marcador diacrítico" representa uma manifestação da ideologia de língua moderna. Associar isso à cor da pele do falante é uma maneira de racializar a linguagem. As categorias estabelecidas para distinguir guianenses, brasileiros, indígenas guianenses e indígenas brasileiros evidenciam as tensões raciais presentes entre esses grupos.

No que se refere à educação, em Lethem, há o vilarejo de St. Ignatius, que dá nome a uma escola que faz parte de uma comunidade Macuxi. Considerando Lethem e todos os seus vilarejos, fui informada por professores guianenses, quando participei de um encontro formativo com eles sobre o projeto de escola intercultural de fronteiras (Fonseca, 2015), de que há na região um total de cinco escolas: duas que correspondem ao ensino pré-escolar, duas de ensino fundamental e uma de ensino médio. Em notícias veiculadas na mídia guianense em 2014²⁴, a Guiana estaria investindo no ensino de língua portuguesa nas escolas por todo o país para melhorar as relações com o Brasil.

Também observei que, no panorama dos repertórios linguísticos existentes na fronteira Brasil-Guiana, há a presença das seguintes línguas nomeadas: macuxi, uapixana, português e inglês em Bonfim e em Lethem. Além disso, percebi a presença de um recurso diferente que aparece na cidade de Lethem, em específico no posto

²⁴ Disponível em < <https://www.education.gov.gy/web/index.php/media-center/news/item/673-ministry-of-education-launches-portuguese-curriculum-for-schools> > Acesso em: 01 ago. 19.

policial guianense e em lojas mais afastadas da área mais central, que possivelmente pode ser reconhecido como o crioulo da Guiana e, já dentro da cidade, especialmente nas lojas centrais, há a presença das “línguas” inglesa e portuguesa.

Na perspectiva econômica, Simões (2014) destaca que há em Lethem um comércio formiga que pode ser entendido como um pequeno comércio de produtos e serviços entre o espaço Bonfim-Lethem, que pode assinalar trocas comerciais legais ou ilegais. A autora salienta que

[...] o comércio de Lethem cresce devido à larga escala de produtos falsificados dispostos à venda nesse mercado. Se antes o comércio girava em torno da produção do gado, hoje, ao lado do garimpo e das atividades ilegais como o narcotráfico e o tráfico de pessoas, a economia globalizada da pirataria alavanca ainda mais a renda que gira em torno dessa cidade (Simões, 2014, p. 129).

Simões (2014) afirma que há um “vazamento de renda” de Roraima para a Guiana, identificando que a economia de Lethem (Guiana) tem efeito negativo sobre Bonfim (Brasil). O atual comércio em Lethem atrai trabalhadores brasileiros de Bonfim por absorver mão de obra pouco qualificada, além de apresentar um número de empresas que “[...] é quase três vezes superior se comparado ao número de empresas de Bonfim” (Simões, 2014, p. 129).

O que foi aqui apresentado sobre a região da fronteira Brasil-Guiana contribui para uma reflexão sobre as desigualdades resultantes de projetos políticos e econômicos excludentes, tanto no Brasil, com as populações de Bonfim, como na Guiana, com as populações de Lethem. Para o objetivo de conhecer as escalas de valorizações do inglês nesse espaço, conforme expliquei mais detalhadamente da seção de motivação e justificativas (seção 1.2), há que se considerar que é desses processos históricos que ainda emerge, na atualidade, um ideal de desenvolvimento consubstanciado em formulações sociopolíticas que impossibilitam mudanças na estrutura social e que, como veremos ao longo deste trabalho, reverberam nas dinâmicas fronteiriças de interações sociolinguísticas cotidianas.

A fronteira está para além das definições meramente geográficas, as quais, embora sejam essenciais para a compreensão das territorialidades, não conseguem abarcar a complexidade intrínseca aos espaços fronteiriços. A breve exposição sobre Roraima, Bonfim, Guiana e Lethem fornece indícios de que há uma gama de aspectos a serem considerados quando se propõe investigar práticas linguístico-sociais nesses espaços. Martins (2009, p. 10-11) sugere que é nas fronteiras onde as questões

culturais e humanas se destacam, enfatizando a intensificação da alteridade, que por sua vez conduz a uma diferenciação mais clara entre aqueles considerados locais e os não-locais. Percebi isso durante o período de campo: “[...] o modo de viver no limite, na fronteira, e [as] ambiguidades que dela decorrem” (p. 10).

Além das fronteiras geográficas e simbólicas, há uma entre mim e os participantes. Nos encontramos na “[...] fronteira do humano [...]” (p. 11), para usar a expressão de Martins (2009), mas nos distanciamos em aspectos daquilo que nos constitui como humanos, como: valores culturais, trajetórias pessoais, classe social e a racialização dos nossos corpos. A minha racialização de pessoa branca aliada a uma representação da branquitude carregada de autoridade é fator limitador, e portanto que estabelece fronteiras, na interação com os participantes racializados. Há algo na minha racialização e no conjunto de minha trajetória pessoal que me impede de acessar o espaço desse participante (cf. seção 5.2).

Dessa inacessibilidade outra fronteira é evidenciada: a da produção discursiva dos participantes e da escuta etnográfica. Há um limite entre o que é produzido e o que posso compreender. Essa é uma fronteira elucidada pela categoria analítica "som negro fungível" (p. 2), proposta por Pannell (2023). Essa categoria será mais detalhadamente explorada na seção 3.2.1; no entanto, em termos gerais, refere-se à prática discursiva negra mediante significações em que aquilo que é produzido pelo falante negro não pode ser compreendido pelo sujeito ouvinte branco (Pannell, 2023, p. 15). Assim, embora a produção discursiva seja relacional – envolvendo os participantes e a pesquisadora --, existe uma prática linguístico-discursiva fugidia que busca contornar a intrusão branca (Pannell, 2023, p. 15), a qual desumaniza a vida negra, manifestando-se pela linguagem tanto na produção quanto na escuta.

3. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Este relato de pesquisa tem fundamentação em pressupostos estabelecidos em literatura acadêmica recente que trata de diversidade sociolinguística e a nova economia globalizada. Dentro dessa perspectiva, campos como o de ideologias de linguagem, mercantilização da linguagem, linguagem e economia política são os eixos mais centrais para a discussão que proponho aqui, embora as noções de centro e periferia estejam presentes como suporte para a discussão de ideologias de

linguagem que empreendo. As dinâmicas e características socioeconômico-linguísticas muito singulares de regiões fronteiriças como a que serve de campo para esta investigação se prestam para o exame de questões da discussão que se projeta aqui.

Portanto, antes de passar à apresentação de cada seção deste capítulo, apresento brevemente as noções de centro, periferia e escala pelo que afirmam Pietikäinen e Kelly-Holmes (2013), Kelly-Holmes e Pietikäinen (2013) e Blommaert (2010), para informar ao leitor que se trata de um eixo importante para os entendimentos produzidos neste estudo, embora não seja central como os já citados. Destaco inicialmente o que Pietikäinen e Kelly-Holmes (2013) afirmam sobre os estudos de multilinguismo sob a dinâmica *centro-periferia* que, para elas, “[...] ajuda a trazer à tona tensões entre ideologias da linguagem que são evidentes em questões de criação de distinções entre línguas, de quem é dono das línguas, de mercantilização e autenticidade”²⁵ (p. 1).

Para elas, a dinâmica centro-periferia “[...] é uma metáfora espacial comum usada para descrever e explicar a distribuição desigual de poder na economia, na sociedade e na política”²⁶ (Pietikäinen; Kelly-Holmes, 2013, p. 3). As autoras chamam a atenção para a discussão de como essa dinâmica tem moldado ou “[...] pode moldar práticas linguísticas [...]”²⁷ (Pietikäinen; Kelly-Holmes, 2013, p. 1), além de afirmarem que lugares periféricos e de minoria linguísticas apresentam tensões de ideologia linguísticas mais evidentes (p. 2), como é o caso das ideologias de linguagem evidenciadas neste estudo.

O centro é tido como referência de avanço e polo político-econômico para as periferias, que representam o oposto e dependem dos centros para subsistir (Pietikäinen; Kelly-Holmes, 2013). Segundo Blommaert (2010), as periferias apresentam normas e padrões que só possuem validade no seu espaço. Essas regras direcionam os diversos “[...] modos de vida [...]”²⁸ (p. 80) existentes nesses lugares repletos de desigualdade. Ainda de acordo com o autor, as periferias podem ser vistas como espaços de produção de normas distintas das dos centros, mas ainda assim

²⁵ [...] helps to bring forth the language ideological tensions which are evident in issues of language boundary-making, language ownership, commodification, and authenticity. [...]

²⁶ [...] is a common spatial metaphor used to describe and explain the unequal distribution of power in the economy, society, and polity. [...]

²⁷ [...] might shape language practices [...].

²⁸ [...] ways of life [...].

relacionais, porém, atendendo às demandas locais. Pelo que reportam os participantes desta pesquisa, o funcionamento é como afirma o referido autor: padrões ideológicos que só possuem validade local, mas que são moldadas ou se relacionam com discursos hegemônicos, sobretudo os racializados.

Kelly-Holmes e Pietikäinen (2013) afirmam que as periferias têm algo a oferecer aos estudiosos da linguagem porque o momento político-econômico da modernidade recente e do capitalismo avançado em que vivemos favorece o destaque e a mercantilização do que antes era para ser invisibilizado pelas ideologias dos centros. As autoras apontam que, independentemente do repertório linguístico do falante e da quantidade de itens que compõem seu repertório, sempre haverá algo a ser valorizado. Entendo que, para o caso em tela, relacionar as discussões de centro-periferia contribui para a compreensão de qual ou quais centros se originam as ideologias centristas que pautam as pessoas da fronteira Brasil-Guiana. Notadamente, elas sinalizam, pelo que reportam nas entrevistas, centros como Estados Unidos da América, Canadá e Inglaterra, quando se trata do inglês. Já quando o assunto é educação e emprego, os centros mais reportados são Boa Vista, Manaus, Georgetown.

Compreendo que associar escala às noções de centro e periferia é relevante para este estudo porque pode ajudar a complementar o entendimento sobre o horizonte e a perspectiva dos atores sociais de Bonfim-Lethem com relação ao seu lugar no mundo e ao valor que atribuem às línguas²⁹. O conceito é emprestado da Geografia Social e da História, e as noções de

Escalas e processos de dimensionamento [...] apontam para o fato de que eventos e processos sociais se movem e se desenvolvem em um continuum de escalas em camadas, com o estritamente local (micro) e o global (macro) como extremos e com várias escalas intermediárias (por exemplo, o nível do Estado) no meio (Lefebvre 2000; também Geertz 2004).³⁰ (Blommaert, 2007, p. 1)

²⁹ Em alguns momentos do texto utilizarei o termo *língua* como recurso didático para o leitor compreender a que estou me referindo. Ressalto, contudo, que não opero com a noção estanque de linguagem que particulariza e categoriza recursos linguísticos.

³⁰ *Scales and scaling processes [...] point to the fact that social events and processes move and develop on a continuum of layered scales, with the strictly local (micro) and the global (macro) as extremes, and with several intermediary scales (e.g., the level of the State) in between (Lefebvre 2000; also Geertz 2004)*

Outro destaque à noção de escala é que ela “[...] oferece uma metáfora espacial vertical, saturada de poder, para fenômenos e processos sociolinguísticos”³¹ (Blommaert, 2007, p.16). Para Blommaert (2007), essa metáfora espacial vertical é essencial para a compreensão de valor de recursos linguísticos, porque alia os processos de ordenação com os de distribuição e fluxo. Além disso, é utilizada em investigações sobre globalização dado que, segundo Blommaert (2007), “[...]. Eventos e processos na globalização ocorrem em diferentes níveis de escala, e vemos as interações entre as diferentes escalas como um recurso essencial para entender tais eventos e processos”³² (p. 1-2). Desse modo, uma vez identificados os centros aos quais as pessoas da fronteira Brasil-Guiana se orientam, importa compreender os níveis de orientação dessas pessoas para as ideologias que operam nesses centros, e como isso produz efeitos, em termos de ideologias de linguagem, localmente.

Para compreender as ideologias de linguagem e seus efeitos, é necessário, antes, pautar as concepções de linguagem e mostrar qual será adotada, nesta pesquisa, como lente teórico-analítica. Apresento e discuto, então, na primeira seção, a concepção moderna de língua e suas implicações, bem como a proposta de operar numa abordagem de repertórios linguísticos, tendo como referência Jaffe (2000), Makoni; Pennycook (2005, 2007), Blommaert; Rampton (2011), Blommaert; Backus (2013), Blommaert (2016), Busch (2012, 2015). Essa discussão apresenta a constituição da concepção moderna de língua enquanto elemento fundamental para o estabelecimento do Estado-nação moderno, bem como de difusão de sentimentos nacionalistas, e questiona suas implicações, principalmente no que se refere à promoção de desigualdades e injustiças sociais. Em oposição a essa noção de língua estanque, apresento como alternativa a noção de repertórios linguísticos, apoiada nos autores já citados. Operar com repertórios permite a compreensão das trajetórias de linguagem, especialmente no caso deste estudo, em que a nomeação institucionalizada de recursos linguísticos faz sentidos diversos, em momentos e contextos específicos, dentro dos usos de linguagem em seus cotidianos.

A segunda seção trata da discussão de ideologias de linguagem pelo que dizem Silverstein (1979), Woolard (1998, 2021), Woolard e Schieffelin (1994), Kroskrity

³¹ [...] offers such a vertical, power-saturated, spatial metaphor for sociolinguistic phenomena and processes.

³² [...] Events and processes in globalization occur at different scale-levels, and we see interactions between the different scales as a core feature of understanding such events and processes. [...]

(2000, 2005, 2010, 2016), Irvine e Gal (2000), Moita Lopes (2014), Heller e McElhinny (2017), seguido do processo semiótico do trabalho ideológico da linguagem de Irvine e Gal (2000) e Gal e Irvine (2019). Finalizo a seção com as ideologias de linguagem apontadas em Heller e Duchêne (2008), Vessey (2021), e trago a discussão de ideologias raciolinguísticas a partir de Rosa (2015, 2018), Flores (2017), Rosa e Flores (2017, 2020). Depois apresento as ideologias de linguagem especificamente sobre o inglês, Park e Wee (2012) e Signorini (2013). No que se refere ao inglês como língua global, me baseio em Holborow (1999), O'Regan (2021), Park (2021) e Rubdy e Tupas (2021). Essa é a discussão central desta pesquisa.

É pelas ideias sobre linguagem apresentadas nos relatos de entrevistas dos participantes que outras questões são compreendidas, como: a constituição dos eixos de diferenciação que organizam o trabalho ideológico como um todo e tornam sistemáticos os processos semióticos (rematização, recursividade fractal e apagamento); a possibilidade de perceber a racialização dos corpos e a indicialização de recursos linguísticos a eles; a percepção dos participantes quanto ao que é língua e para que lhes serve, bem como quais são seus referentes no que se refere às línguas nomeadas; por fim, é a partir do exame das ideologias de linguagem operantes entre os participantes desta pesquisa que é possível verificar valores (de uso e de troca) por eles atribuídos a determinados recursos linguísticos.

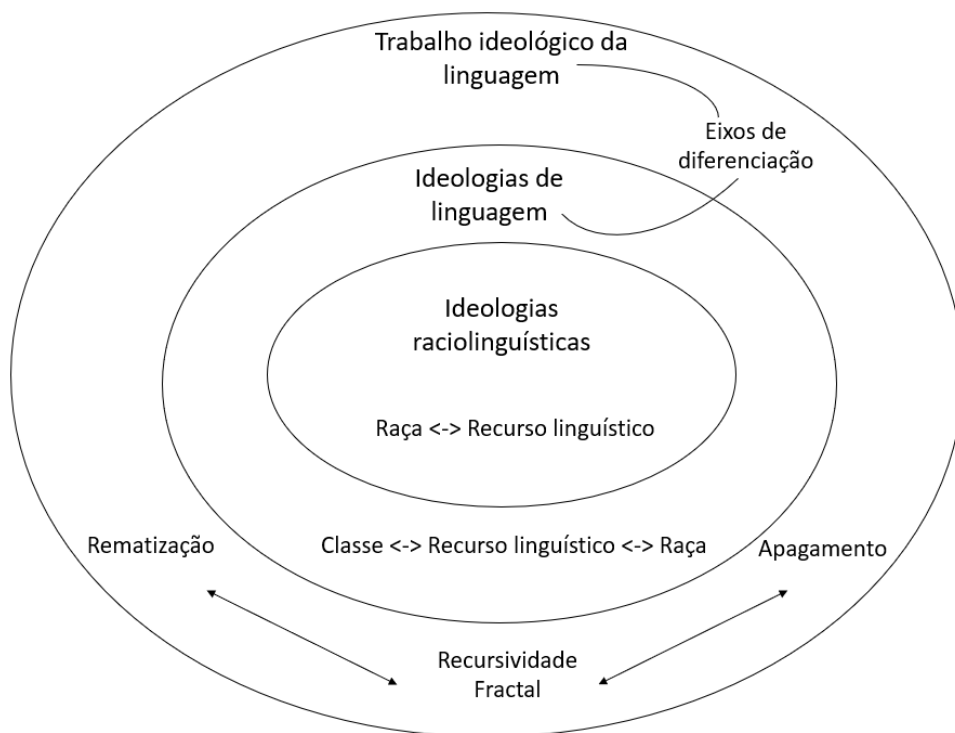
Na terceira seção, apresento a discussão de linguagem e economia política a partir de Gal (1989), Irvine (1989), Block, Gray e Holborow (2012), McElhinny (2015), Gal (2016), Allan e McElhinny (2017), Del Percio, Flubacher e Duchêne (2017), Block (2017a, 2017b, 2018a, 2018b). Na sequência, o tópico de mercantilização da linguagem e linguagem no capitalismo tardio, conforme os estudos de Heller (2010), Duchêne e Heller (2012), Heller e Duchêne (2012, 2016) e Heller e McElhinny (2017). Na quarta e última seção deste capítulo, discorro sobre o capitalismo e suas contradições, conforme Harvey (2014) e outros.

A terceira seção apresenta a discussão da relevância de se examinar os usos e ideologias de linguagem num enquadramento de economia política considerando elementos como classe social, desigualdade de distribuição de renda, atividade econômica, efeitos do capitalismo e do colonialismo (Block, 2017, p. 35). Com essa premissa analítica, ainda na terceira seção, apresento a discussão recente de Heller e colaboradores a respeito da mercantilização da linguagem e linguagem no capitalismo tardio, em que recursos linguísticos têm sido mobilizados para agregar

valor a produtos e/ou como habilidade técnica passível de valoração econômica. Tanto o enquadre de economia política quanto a discussão de linguagem no capitalismo tardio dialogam com o que está apresentado na quarta e última seção teórica: o capitalismo e suas contradições.

Das contradições fundamentais que embasam o funcionamento capitalista, para esta pesquisa, interessa a que se refere ao valor de uso e valor de troca, pois é na discussão de valor (uso e troca) acerca do recurso linguístico nomeado inglês que a tese central desta pesquisa é formulada, embora, para isso considere centralmente o alicerce do trabalho ideológico da linguagem. Na figura abaixo, apresento um esquema ilustrativo de como as noções norteadoras adotadas nesta pesquisa operam:

Figura 1- Esquema de funcionamento teórico-conceitual



Fonte: elaborado pela autora (2023).

No que segue, exponho meu entendimento dessas noções e as controvérsias existentes pela revisão desses estudos. O intuito é que fiquem expressos os posicionamentos relativos aos principais conceitos adotados: repertório linguísticos,

trabalho ideológico da linguagem, ideologias de linguagem, ideologias raciolinguísticas e valor de uso e de troca.

3.1 NOÇÃO DE LÍNGUA E REPERTÓRIO LINGUÍSTICO

As línguas humanas da maneira como conhecemos — cada uma com um nome, divididas em sistemas de signos linguísticos isolados de outros por limites bem definidos — são *invenção*, de acordo com Makoni e Pennycook (2005, p. 138) e servem ao colonialismo e ao nacionalismo (Makoni; Pennycook, 2007, p. 1). Como os próprios autores recomendam, não basta saber que as línguas foram inventadas, é preciso olhar criticamente para o processo, especialmente se dele resultaram apagamentos, injustiças, desigualdades sociais, produção e promoção de ideologias de linguagem política e economicamente interessadas (Makoni; Pennycook, 2005, p. 138). Blommaert e Rampton (2011, p. 4) chamam esses referentes de “línguas nomeadas”³³, e Blommaert (2016, p. 244) diz que essas línguas são “construções ideológicas”³⁴. Blommaert e Backus (2013) afirmam que a noção funciona como um aparato estatal de controle, presente nos mais diversos domínios da sociedade.

Anderson (2008 [1983]) discute a invenção da ideia de nação, mostrando como a linguagem escrita foi mobilizada no século XVIII para a criação de “comunidades imaginadas” (p. 55). O autor apresenta o romance e o jornal como fundamentais na construção de uma ideia de nação unificada e moderna. A imprensa, aliada ao capitalismo, no que Anderson chamou de *capitalismo editorial*, conformou a noção de nação moderna ao tentar criar homogeneização linguística. Com efeito, “[...] o capitalismo e a imprensa criaram públicos leitores de massa e monoglotas” (Anderson, 2008, p. 78).

Operar com a noção de língua da modernidade dificulta ao pesquisador entender fenômenos complexos e inerentes à contemporaneidade. Sobretudo, não permite “[...] identificar os importantes processos sociais e semióticos que levam à sua construção”³⁵ (Makoni; Pennycook, 2007, p. 1). Makoni e Pennycook (2007) propõem que as noções de línguas sejam desinventadas e reconstruídas a partir de outras maneiras de pensar a(s) língua(s) — como conhecemos —, de uma maneira que

³³ *Named languages*

³⁴ *ideological constructions*

³⁵ *[...] identify the important social and semiotic processes that lead to their construction.*

lembram dos aspectos histórico-coloniais que levaram à sua constituição e que façamos isso desde uma perspectiva desterritorialista (p. 3). Mas, como efetivamente empreender essa tarefa? Uma parte da resposta parece estar na abordagem de repertórios linguísticos em vez de línguas nomeadas.

O surgimento do termo é atribuído a John Gumperz, importante sociolinguista interacional (Busch, 2012, 2015; Blommaert; Backus, 2013). Para ele, repertórios referem-se “[à] totalidade dos recursos linguísticos (isto é, incluindo tanto formas invariáveis quanto as variáveis) disponíveis para membros de comunidades particulares [...]”³⁶ (Gumperz, 1972, p. 20-21). Em outras palavras, para Gumperz, repertório é o conjunto de recursos que os membros de uma determinada *comunidade de fala* partilham. Blommaert e Backus (2013) afirmam que a definição de Gumperz pressupõe que se possa examinar isoladamente os recursos linguísticos circulantes em grupos específicos de pessoas (p. 12).

Contudo, contemporaneamente, essa noção de repertórios tem sido revisitada e tem passado por desenvolvimentos para dar conta de explicar a complexidade que envolve as práticas linguísticas e sociais, especialmente se considerarmos os efeitos do capitalismo tardio e do avanço tecnológico vertiginoso, sobretudo da internet. Dos estudiosos que estão se engajando em trazer contribuições para a discussão sobre repertório linguístico, vale o destaque para Busch (2012), que propõe uma abordagem biográfica pós-estruturalista para os estudos de repertórios linguísticos, apoiada na teoria de desconstrução de Jacques Derrida e no conceito de poder normativo da linguagem de Judith Butler (p. 521). Busch conclui que “[o] repertório pode [...] ser visto como uma estrutura hipotética, que evolui pela vivência da linguagem em interação em nível cognitivo e emocional e se inscreve na memória corporal e corporificada como *habitus* linguístico [...]”³⁷ (p. 521). A autora faz um percurso analítico pelas lentes filosófico-cognitivas, com ênfase em aspectos como emoção, desejo e o conceito de “experiência vivida da linguagem”³⁸ (Busch, 2015, p. 341), que não são as lentes que adoto também aqui.

³⁶ *The totality of linguistic resources (i.e., including both invariant forms and variables) available to members of particular communities [...]*

³⁷ *The repertoire can thus be seen as a hypothetical structure, which evolves by experiencing language in interaction on a cognitive and on an emotional level and is inscribed into corporal memory and embodied as linguistic habitus [...]*

³⁸ *lived experience of language*

Para a discussão mais ampla do campo, é interessante ter em vista uma perspectiva interacional que considera também a trajetória de vida das pessoas cujos repertórios estão sendo examinados. Blommaert e Backus (2013) e Blommaert (2016) repensam a noção de repertórios linguísticos e, por consequência, a de comunidade, com o objetivo de compreender a profusão de questões que atravessam as “práticas de criação de significado”³⁹ das pessoas no mundo contemporâneo (Blommaert, 2016, p. 12).

Dessa maneira, para este relatório de pesquisa, a noção de *repertórios linguísticos* que se mostra mais adequada para a discussão empreendida aqui é a que está num enquadramento que considera a linguagem como

um conjunto ideologicamente configurado e indiciado de recursos linguístico-semióticos específicos, às vezes coincidentes com o que é comumente aceito como uma língua (por exemplo, o inglês), mas na maioria das vezes coincidentes com noções mais específicas como ‘registro’, que se desenvolvem dinamicamente como ‘repertórios’ no decorrer da vida social das pessoas e são implementadas em práticas sociais muito sensíveis aos contextos e metalinguisticamente reguladas. (Blommaert, 2016, p. 244)⁴⁰

Portanto, conforme Blommaert e Backus (2013), repertórios são constituídos de diversos recursos linguístico-semiótico-culturais aos quais as pessoas têm acesso ao longo da vida social (p. 12-17) e “são a verdadeira ‘linguagem’ que temos e podemos implantar na vida social: mosaicos biograficamente montados de recursos comunicativos funcionalmente distribuídos”⁴¹ (Blommaert; Backus, 2013, p. 29). Os recursos — que compõem os repertórios — são aprendidos sem definição funcional linear, com padrões de aprendizagem que os referidos autores categorizaram como “profundos e duradouros”⁴² (p. 17) ou “efêmeros e restritos”⁴³ (p. 17-19). Os primeiros correspondem a uma composição de recursos linguísticos no repertório do indivíduo, que lhe permite comunicar-se mais elaboradamente com determinado grupo no qual esteja inserido. Blommaert e Backus (2013) chamam isso de “padrões mais gerais de

³⁹ *meaning-making practices*

⁴⁰ [...] *an ideologically configured and indexically ordered set of specific linguistic-semiotic resources, sometimes coincident with what is commonly accepted as a language (e.g., English), but most often coincident with more specific notions such as “register”, dynamically developing as “repertoires” in the course of people’s social lives, and deployed in highly context-sensitive metalinguistically regimented social practices.*

⁴¹ [...] *are the real ‘language’ we have and can deploy in social life: biographically assembled patchworks of functionally distributed communicative resources.*

⁴² *profound and enduring*

⁴³ *more ephemeral and restricted ones*

socialização”⁴⁴ (p. 17). Já os segundos, referem-se, como os nomes sugerem, a recursos flexíveis, aprendidos em menores porções. Nesses padrões, “[...] aprendemos pedaços muito pequenos de linguagem, não os elaborados conjuntos de gêneros, estilos e registros [presentes no padrão profundo e duradouro] [...]”⁴⁵ (p. 18). Os recursos com usos mais restritos dentro do repertório, os autores denominam como “truncado”⁴⁶ e/ou “inacabado”⁴⁷ (p. 14 e 25). Talvez o termo não seja a melhor escolha para designar repertórios variados e em construção, pois sugere a ideia de que se pode atingir uma totalidade quimérica. É por essa razão que a designação de repertório “multifacetado”, apresentado por Jaffe (2000, p. 57), está mais de acordo com a ideia de que dispor de menos recursos coincidentes com determinada língua nomeada não denota incompletude, mas diversidade.

Blommaert e Backus (2013) afirmam que “[...] os recursos que entram em um repertório são recursos indiciais, materiais de linguagem que nos permitem produzir mais do que apenas significado linguístico, mas produzir imagens de nós mesmos [...]” (p. 28)⁴⁸ e seguem dizendo que “[...] analisar repertórios equivale a analisar os itinerários sociais e culturais percorridos pelas pessoas, como elas manobram e navegaram por eles e como se colocaram nas várias arenas sociais que habitaram ou visitaram em suas vidas”⁴⁹ (p. 28). Para os percursos socioculturais de cada pessoa, há um trabalho ideológico envolvido, notadamente um “trabalho ideológico de linguagem” (Gal; Irvine, 2019) que deve acompanhar o exame crítico.

3.2 IDEOLOGIAS DE LINGUAGEM

Afiliadas às problematizações acerca da noção moderna de língua e à proposta de abordagem de repertórios estão as discussões de ideologias linguísticas ou ideologias de linguagem, enquadramento teórico-analítico estabelecido há pouco mais de 40 anos, que sugere o exame da linguagem considerando o entendimento

⁴⁴ *general patterns of socialization*

⁴⁵ [...] *we learn very small bits of language, not the elaborate sets of genres, styles and registers [...]*

⁴⁶ Este é um termo que, por definição, significa abreviado, encurtado, resumido.

⁴⁷ *‘truncated’ and ‘unfinished’*

⁴⁸ [...] *The resources that enter into a repertoire are indexical resources, language materials that enable us to produce more than just linguistic meaning but to produce images of ourselves [...]*

⁴⁹ [...] *analyzing repertoires amounts to analyzing the social and cultural itineraries followed by people, how they manoeuvred and navigated them, and how they placed themselves into the various social arenas they inhabited or visited in their lives.*

dos atores sociais sobre seus repertórios, englobando questões de ordem político-econômicas, histórico-geográficas e de mobilidade (Blommaert; Rampton, 2011).

Ressalte-se, contudo, que os primeiros estudos sobre ideologias de linguagem ainda não tratavam expressamente de questões de ordem político-econômicas, ou mesmo histórico-geográficas e de mobilidade, como veremos mais adiante. Atinou-se para a inclusão da percepção do falante sobre sua língua como recurso analítico, mas isso era feito de uma maneira ainda para explicar fenômenos estritamente linguísticos, sem associação com teoria sociocultural (Woolard, 1998, p. 11; Kroskrity, 2000, p. 4-5). Os pesquisadores foram observando necessidades emergentes a partir da vida social em curso e a premência de explicar fenômenos que envolviam linguagem, mas que não eram da ordem do código somente.

Nesse sentido, apresento neste relatório de pesquisa, inicialmente, a revisão de textos de natureza teórica e histórica que apresentam um panorama geral dos estudos de ideologias de linguagem e que, considerando a época em que foram escritos, reúnem definições e vieses sobre o campo em questão (Woolard, 1998, 2021; Woolard; Schieffelin, 1994; Kroskrity, 2000, 2004, 2016). Grande parte desses manuscritos foram revisitados recentemente, tanto para confirmar posicionamentos ou repensá-los como para propor relações prementes de demandas da contemporaneidade para os estudos de ideologias de linguagem.

A definição mais amplamente utilizada e a qual adoto, embora não seja a primeira, é a de Irvine e Gal (2000), para quem ideologias de linguagem são “[...] ideias com as quais participantes e observadores estruturam sua compreensão de variedades linguísticas e mapeiam esses entendimentos em pessoas, eventos e atividades que são significativas para eles”⁵⁰ (p. 35). Se, por um lado, a noção de ideologias de linguagem proposta pelas autoras é relativamente simples, por outro, operar nesse enquadramento possibilita que questões de ordem político-econômico-sociais dos atores sociais, em um dado espaço geográfico e momento histórico, venham à tona (Irvine; Gal, 2000).

Em estudo precursor, Silverstein (1979) propôs uma definição preliminar para ideologias de linguagem: “[...] quaisquer conjuntos de crenças sobre a linguagem articuladas pelos usuários como uma racionalização ou justificativa da estrutura e uso

⁵⁰ [...] *the ideas with which participants and observers frame their understanding of linguistic varieties and map those understandings onto people, events and activities that are significant to them.* [...]

da linguagem percebida [...]”⁵¹ (p. 193). É flagrante na definição de Silverstein que ele examinava a relação entre estrutura linguística e ideologia. Evocando Benjamin Lee Whorf, especialmente no que ele chamou de “[...] ideologia de referência nativa dos usuários [...]”⁵² (p. 194), Silverstein estrutura e desenvolve seu argumento de que alguns fenômenos linguísticos de variação e mudança seriam mais bem explicados se fossem considerados os entendimentos dos falantes sobre as línguas que falavam (p. 193-194; 204).

Anos mais tarde, Silverstein apresenta o que ele chama de “fato linguístico total” (p. 220) como construto dos estudos da linguagem que relaciona aspectos de estrutura, uso e ideologia linguística (Silverstein, 1985, p. 221; Inoue, 2022, p. 180-181). Segundo Inoue (2022), “[...] o princípio central de Silverstein de que a compreensão reflexiva que o falante situado cultural e ideologicamente tem da linguagem intervém na estrutura e no uso, o que por sua vez dá origem ao significado e às funções sociais cambiantes das formas linguísticas”⁵³ (p. 181). Nos dados examinados nesta pesquisa, é possível observar como a ideia de inglês reportada pelos participantes é constituída por diferenças da ordem da estrutura (quando fornecem exemplos do léxico e da pronúncia), pelo ponto de vista pragmático (quando e onde se fala determinado “inglês” — e.g., o crioulo é falado somente com pessoas próximas e/ou no seio familiar) e pela esfera ideológica (quando afirmam o que consideram e quem fala “gíria”).

Woolard e Schieffelin (1994) e Woolard (1998) apontaram os diferentes ângulos tomados pelos pesquisadores e as diferentes relações estabelecidas dentro daquilo que elas observavam emergindo na discussão do campo. Mas, quaisquer que sejam as ênfases dadas, a premissa parece ser a mesma: operar com o que os falantes dizem sobre o seu repertório, com o intuito de produzir entendimentos refinados sobre essas percepções e o que elas podem revelar. Esses vieses e definições ilustram que, embora não haja uma definição mais central para ideologias de linguagem, e que as diferenças entre as definições envolvam o entendimento do autor sobre o conceito de ideologia e o valor atribuído ao termo, o ponto em comum é o de que as percepções

⁵¹ [...] *any sets of beliefs about language articulated by the users as a rationalization or justification of perceived language structure and use* [...]

⁵² [...] *the users' native ideology of reference* [...]

⁵³ [...] *Silverstein's central tenet that the culturally and ideologically situated speaker's reflexive understanding of language feeds back into structure and use, which in turn gives rise to the shifting social meaning and function of linguistic forms.*

dos falantes sobre a linguagem são sempre posicionadas, cultural e economicamente (Woolard; Schieffelin, 1994, p. 57-58; Kroskrity, 2016, p. 98).

Na definição de Irvine (1989, p. 255) sobre ideologias de linguagem já ficava evidente que as ideias sobre a linguagem carregam consigo um posicionamento sociocultural que revela interesses diversos. Esses interesses revelam, em boa medida, os valores atribuídos aos recursos linguísticos e quem tem o poder de atribuir valores, quem tem acesso a esses recursos e como injustiças sociais se estabelecem (Heller, 2011, p. 39). Kroskrity (2016) também aponta as principais definições para ideologias de linguagem, desde o seu surgimento, e apresenta um levantamento histórico do campo. Avança na discussão ao mostrar como elementos de economia política, antes negligenciados nos estudos da linguagem, começaram a ter espaço (p. 95-97), citando manuscritos seminais como o de Gal (1989) – *Language and political economy*, que discutirei mais adiante (seção 3.3). É nesse ângulo que me afilio e apresento, no exame analítico dos dados (capítulo 5), como as ideologias de linguagem dos participantes desta pesquisa produtivamente revelam o estabelecimento de diferenciação social e de classe.

Contemporaneamente, as definições de ideologias de linguagem têm sido revisitadas. Heller e McElhinny (2017) discutem como as ideologias de linguagem atuam na produção e reprodução de desigualdade social, a partir da intersecção com o capitalismo e o colonialismo. Para as autoras, o termo ideologia é usado como ideia, não como falsa consciência, e está a serviço de discutir relações de todos os tipos de poder (p. 7). A abordagem linguístico-ideológica proposta por elas questiona quando, como e por que determinadas ideias sobre a linguagem surgem, ganham mais ou menos importância para grupos sociais específicos, buscando compreender quem se beneficia e quem se prejudica com a legitimação e circulação de certas ideias (p. 10). Essa intersecção com o capitalismo e o colonialismo é relevante para esta pesquisa, uma vez que as ideologias de linguagem dos participantes apontam para os efeitos da colonialidade nas práticas linguísticas locais de guianenses residentes em Bonfim-RR. Outro ponto relevante decorrente dessa intersecção é o exame da operacionalização pelas ideologias raciolinguísticas no âmbito do fazer etnográfico com participantes racializados.

Gal e Irvine (2019) propõem examinar “[...] ideologia como processo semiótico e trabalho ideológico [...]”⁵⁴ (p. 2) e utilizam o termo num enquadramento epistemológico “[...] que pode ser pensado como regime de valores [...]”⁵⁵ (p. 13) e que engloba o fluxo da vida social das pessoas e suas interpretações sobre suas ações sociais (p. 14). Mobilizam, para tanto, alguns princípios da semiótica peirceana para explicar o trabalho ideológico da linguagem e evocam a tradição goffmaniana de estudos de análise interacional para compreender papéis sociais evocados pelos atores sociais (p. 15-17).

A tricotomia do signo peirceana (ícone, índice e símbolo) é adotada pelas autoras, em que o ícone se produz por relação de semelhança entre o significante e o objeto representado; o índice se dá por relação do significante ao contexto em que se encontra; e o símbolo revela uma representação abstrata convencional entre o significante e o que representa. Acrescida a essa tricotomia, as autoras adotam o que elas chamam de “eixo de diferenciação”, um processo semiótico que envolve comparação (Irvine; Gal, 2019, p. 19), e que diz respeito a qualidades contrastantes ideologicamente construídas (p. 118). Irvine (2022) ressalta que ela e sua colaboradora de pesquisa, Susan Gal, adotam a abordagem peirceana em suas discussões sobre ideologias de linguagem desde Irvine e Gal (2000) e com o foco em “[...] diferenciação, contrastes e comparações [...]”⁵⁶ (p. 8). Contemporaneamente, as autoras refinam mais ainda a discussão do trabalho ideológico a partir da lente semiótica (Gal; Irvine, 2019).

Com base em suas respectivas etnografias realizadas na Hungria e no Senegal, as autoras demonstram como os processos semióticos por elas identificados operam na produção de trabalho ideológico da linguagem, organizados por eixos de diferenciação (Gal; Irvine, 2019, p. 39). Tais processos são: rematização (iconização), recursividade fractal e apagamento. A rematização, que é o conceito de iconização (Irvine; Gal, 2000) revisitado, é a representação de um contraste de índices (Gal; Irvine, 2019, p. 19). É o processo de atribuição de qualidades contrastantes a algo que está em condição de contraste. Segundo as autoras, “[a]s qualidades contrastantes

⁵⁴ [...] *approach to ideology as semiotic process and ideological work* [...]

⁵⁵ [...] *we prefer “ideology,” which can be thought of as a regime of value* [...]

⁵⁶ [...] *in order to combine a Peircean approach with a focus on differentiations, contrasts, and comparisons* [...]

nos signos são ‘encontradas’ ou projetadas nos fenômenos contrastantes que os signos são levados a indicializar" (Gal; Irvine, 2019, p. 19).

A recursividade fractal é “[...] a projeção de uma oposição [...]”⁵⁷ (Irvine; Gal, 2000, p. 38) — linguística ou não — geralmente uma dicotomização que se repete em vários outros níveis de modo a criar sub e supercategorias que estão sempre em oposição a algo (Irvine; Gal, 2000, p. 38). Apagamento é o processo que invisibiliza ou ignora grupos sociais e variedades linguísticas para servir a um propósito (Irvine; Gal, 2000, p. 38). Todos eles acontecem simultaneamente para a engrenagem da construção ideológica funcionar, e esse funcionamento é historicamente situado. O trabalho ideológico apontado pelas autoras, no campo da linguagem, passa pela relação icônica e indicial de determinadas variedades linguísticas com certos grupos de pessoas, enquanto outras variedades e grupos são desprezados; e esses processos se repetem de maneira a que se perpetuem dicotomias, contrastes e diferenciação.

Nos processos semióticos mencionados acima, as conjecturas — termo alternativo adotado pelas autoras ao “interpretante” de Peirce — são centrais nas constituições de signos, objetos e perspectivas (Gal; Irvine, 2019, p. 89), e têm consigo a função de tipificar os signos e ligá-los a objetos semióticos por meio das três relações sígnicas fundamentais: a icônica, a indicial e a simbólica (p. 94-97). Importa que essas relações sígnicas sejam bem observadas e ressaltadas, pois segundo Gal e Irvine (2019), são “elas [que] sustentam as ideologias, mostrando como as ideologias são assim organizadas”⁵⁸ (p. 110).

Uma vez organizadas, as ideologias moldam comparações (Gal; Irvine, 2019, p. 137) que revelam eixos de diferenciação responsáveis pela organização do trabalho ideológico como um todo. Nos dados examinados na seção 5.1, apresento como as comparações relatadas pelos participantes revelam um eixo central de diferenciação: padrão vs. gíria. As ideologias de linguagem que moldam esse eixo são as hegemônicas — e já identificadas em outros estudos — de padronização e de colonialidade, mas emergem dentro de um cenário sociolinguístico em que são racializantes e produzem mudança de significado social do “inglês”.

⁵⁷ *Fractal recursivity involves the projection of an opposition, salient at some level of relationship, onto some other level.*

⁵⁸ *Sign relations are worth studying because they undergird ideologies, showing how the ideologies are thereby organized.*

Algumas ideologias de linguagem já foram identificadas e nomeadas em estudos anteriores, como serão discutidas a seguir, sem o objetivo, contudo, de esgotar todas as possibilidades existentes, até porque isso seria improdutivo e inviável. A questão maior é identificá-las para compreender os processos que levaram à sua constituição e perpetuação, em alguns casos, e por qual motivo. A ideia aqui não é nomear para limitar, mas para compreender as relações existentes e quem se beneficia com tais ideias. Por isso, no que segue apresentarei nomeadamente algumas ideologias de linguagem observadas e discutidas em estudos anteriores que corroboram aquelas identificadas nesta pesquisa, em que as centrais são: a concepção moderna de linguagem, a noção de padronização/normatização e ideologias raciolinguísticas.

Vessey (2021), ao examinar o material discursivo presente em *tweets* durante as eleições canadenses de 2019, buscou compreender quais ideologias de linguagem apareciam nas discussões eleitorais, sobretudo as nacionalistas (p. 1). A autora enumera seis ideologias da linguagem para o funcionamento do nacionalismo: (1) ideologia de linguagem de normatização ou de padronização⁵⁹; (2) ideologias de linguagem de línguas em perigo⁶⁰; (3) ideologias de linguagem instrumental⁶¹; (4) ideologias de linguagem intrínseca⁶²; (5) ideologias de linguagem de monolinguismo⁶³; e (6) ideologias de linguagem de bilinguismo *ou* multilinguismo⁶⁴ (Vessey, 2021, p. 2).

Embora o estudo de Vessey (2021) seja metodologicamente distinto deste, e seu relato indique uma análise menos interpretativista e mais voltada para as ocorrências linguísticas veiculadas em mídia digital, as ideologias de linguagem que ela observa e afirma estarem a serviço da promoção do nacionalismo são pertinentes de se ter em vista porque elas são verificáveis e se reproduzem em outros cenários e com outros sujeitos, ainda que ela tenha chegado à conclusão de que nem todas as ideologias de linguagem por ela observadas em seus dados inicialmente promovem o nacionalismo canadense (p. 8).

⁵⁹ *Standard language ideologies*

⁶⁰ *Ideologies of language endangerment*

⁶¹ *Instrumental language ideologies*

⁶² *Intrinsic language ideologies*

⁶³ *monolingual ideologies*

⁶⁴ *bilingual or multilingual ideologies*

Assim, inicio pela(s) ideologia(s) de linguagem nacionalista(s). Como o próprio nome indica, articula(m) nacionalismo e linguagem. Aquele refere-se a qualquer movimento social e político que visa promover a unidade e a solidariedade, reunindo membros de um único grupo étnico ou membros de vários grupos étnicos”⁶⁵ (Park; Wee, 2017, p. 48), e essa ideia de unidade se estende à linguagem, e estabelece-se que esse grupo reunido num determinado espaço geográfico deve partilhar entre si de elementos que os unam a fim de constituírem uma nação, uma “comunidade imaginada” (Anderson, 1991; Park; Wee, 2017). Portanto, ideias sobre linguagem qualificadas como nacionalistas remetem à unidade e ao padrão. Unidade e padrão apontam para a ideologia de linguagem de “normatização” ou de “padronização”, que designa normas linguísticas a serem seguidas pelos falantes com o intuito de unificar e padronizar, silenciando e apagando prováveis variações. A ideia de unificar está relacionada ao que preconiza o nacionalismo. Por essa razão, a ideologia de padronização é nacionalista (Vessey, 2021). De modo semelhante, a ideologia de linguagem monolíngue ou do monolingüismo promove a ideia de uma língua nacional e legítima.

Já a ideologia de linguagem de “bilingüismo” ou “multilingüismo”, ainda que tenha se consolidado como uma mudança de perspectiva em relação à ideologia de monolingüismo no sentido de promover a diversidade linguística, reincide nos mesmos processos basilares que constituem o monolingüismo (cf. Fries, 2019). Duchêne (2020) diz que “[...] o multilingüismo não é neutro, mas sim intrinsecamente embutido em processos sociais que informam quem e o que conta como um falante, linguagem e prática legítimos”⁶⁶ (p. 93). Essa legitimação pode ser mobilizada em favor da promoção de um nacionalismo neoliberal, em que a distribuição de recursos é desigual e produz injustiça social; pode também levar a uma falsa sensação de reconhecimento e de valorização dos diferentes recursos linguísticos.

As ideologias de linguagem de “línguas em perigo”, de acordo com Vessey (2021), podem servir ao propósito nacionalista “[...] se uma língua for considerada constitutiva da distinção nacional: uma ameaça à existência linguística pode ser

⁶⁵ [...] refers to any social and political movement that aims to foster unity and solidarity, bringing together members of a single ethnic group or members from multiple ethnic groups [...]

⁶⁶ [...] multilingualism is not neutral, but rather intrinsically embedded in social processes that inform who and what counts as a legitimate speaker, language, and practice.

percebida como uma ameaça à existência nacional”⁶⁷ (p. 2). Heller e Duchêne (2008), ao discutirem sobre os discursos de “línguas em perigo”, afirmam que eles estão pautados numa visão de “linguagem construída como todo orgânico e sistemático, que tem vida própria fora da prática social”⁶⁸ (p. 6), e essa noção está relacionada a ideologias nacionalistas, pois privilegia a língua e não o falante (Heller; Duchêne, 2008, p. 7).

Vessey (2021), baseada no que dizem Robichaud e De Schutter (2012, p. 125-126), mobiliza também as noções de ideologia de linguagem “intrínseca e instrumental” (p. 2), a primeira relacionada ao valor identitário, e a segunda, ao valor funcional – especificamente à função comunicativa – dos recursos linguísticos. Essas ideias evocam valores atribuídos às línguas (recursos), mas dentro de um enquadramento moderno, no qual os recursos linguísticos são categorizados e delimitados, conforme discutido na seção anterior (3.1).

Importa observar que essas ideologias de linguagem que são hegemônicas e verificáveis em diversos cenários não apenas se reproduzem, mas relacionam-se com práticas sociolinguísticas locais, com as trajetórias pessoais e com o quadro sociopolítico-cultural local para: (1) legitimarem-se e perpetuarem-se; (2) fomentar ideias e relações sógnicas que mantenham a legitimação; (3) produzir mais diferença social mediante o alinhamento por vezes feito com elementos de raça e classe. Essa última observação nos remete à discussão de ideologias raciolinguísticas, que têm como premissa questionar a “[...] conaturalização de linguagem e raça como parte do projeto de modernidade.”⁶⁹ (Rosa; Flores, 2017, p. 623).

3.2.1 Ideologias raciolinguísticas

As ideologias raciolinguísticas são ideias racializadas e racializantes sobre linguagem. A raciolinguística é um campo que busca “[...] fazer e responder perguntas críticas sobre as relações entre linguagem, raça e poder em diversos contextos e sociedades étnico-raciais”⁷⁰ (Alim, 2016, p. 3). Surge a partir da emergência de se

⁶⁷ [...] if a language is believed to be constitutive of national distinctiveness: a threat to linguistic existence may be perceived as a threat to national existence.

⁶⁸ [...] is language constructed as an organic, systematic whole, which has a life of its own outside of social practice.

⁶⁹ [...] the co-naturalization of language and race as part of the project of modernity.

⁷⁰ [...] ask and answer critical questions about the relations between language, race, and power across diverse ethnoracial contexts and societies.

examinar o papel da linguagem na racialização dos corpos na sociedade contemporânea, isto é, como linguagem e raça são conaturalizadas a partir de referenciais construídos pelo Estado nacional moderno: um conceito de raça e um de língua que remetessem a uma naturalização desses construtos de modo a delimitá-los e a relacioná-los conforme o interesse do Estado em produzir separação para a hierarquização de recursos linguísticos e pessoas (Rosa; Flores, 2017, p. 623).

Os trabalhos de Nelson Flores e Jonathan Rosa são bastante representativos nesse campo (Flores; Rosa, 2015; Rosa, 2015; Rosa; Flores, 2017; Rosa, 2018; Flores, 2019; Flores, 2020). Suas pesquisas contribuem para o questionamento das bases estruturais de discursos racializantes que promovem desigualdade. Para a teorização desse campo, geralmente estão relacionadas algumas lentes teóricas e noções, tais como: ideologias de linguagem (Irvine; Gal, 2000; Gal; Irvine, 2019); sujeito ouvinte (Inoue, 2003); sujeito ouvinte branco (Flores; Rosa, 2015; Rosa; Flores, 2017); e discursos de adequação (Flores; Rosa, 2015).

As ideologias de linguagem, já amplamente discutidas neste relatório, são ideias sobre recursos linguísticos. Essas ideias são formadas por discursos legitimadores de manutenção do Estado moderno colonial. O “sujeito ouvinte branco”, formulado a partir do conceito de “sujeito ouvinte”, como apontam Flores e Rosa (2015), é uma noção socioideológica para perpetuar desigualdades sociais. Independentemente de se o sujeito biográfico é racializado por seus interlocutores ou não, adotar a escuta do ouvinte branco é uma postura que revela o trabalho ideológico colonial do Estado moderno (p. 151-152).

Para Inoue (2003), em sua pesquisa sobre as estudantes japonesas escutadas por homens intelectuais, o “sujeito ouvinte” é construído socialmente, dentro de um regime de poder. Esse sujeito ouve quem fala e o que fala, e os constrói, simultaneamente, a partir de uma realidade própria, criando aparatos discursivos para justificar uma escuta dentro do que se quer ouvir. Essa construção acontece a partir de uma ideologia de linguagem que propicia a idealização de que aquilo que se escuta é a realidade fiel, o que Inoue chama de inversão indicial (p. 164-165).

O cenário examinado das estudantes japonesas escutadas é diferente do que apresento aqui, porque nesta pesquisa os participantes que produzem aquilo que está sendo ouvido estão em interlocução com o sujeito ouvinte (isto é, a pesquisadora) e podem interagir, diferentemente das estudantes japonesas que Inoue discute, que não tinham essa possibilidade. Nesse sentido, embora esse não seja um conceito que será

aprofundado nesta pesquisa, ele é considerado no exame dos dados porque é um posicionamento discursivo-ideológico que emerge nas falas dos participantes e na escuta da pesquisadora.

Portanto, para a compreensão desses discursos, é importante que o leitor tenha em vista que o conceito é “sujeito ouvinte”, tal como proposto por Inoue (2003), mas, nesta pesquisa, o “sujeito ouvinte branco” (Flores; Rosa, 2015; Rosa; Flores, 2017) será o adotado porque o discurso do participante sinaliza a percepção racializada dos sujeitos que produzem práticas linguísticas também racializadas (Rosa; Flores, 2017, p. 628). Nesta pesquisa, alguns participantes produzem um discurso que eles acham que eu quero ouvir; fazem isso como uma maneira de resistir à “[...] vigilância racializante dos etnógrafos [...]”⁷¹ (Pannell, 2023, p. 18). Eles incorporam em seus próprios discursos a escuta branca, ainda que sejam eles próprios sujeitos racializados. Essa incorporação discursiva e essa resistência aquilombada à incursão da pesquisadora branca acontece mediante o que Pannell (2023) chama de “atos de ‘significar’”⁷² (p. 1) ou “significação”⁷³ (p. 15). Trata-se de uma prática linguística fúgitiva (p. 15-17) que exige dos participantes da interação uma bagagem suficiente para gerar significados dentro do contexto da elocução. É um recurso para driblar o julgamento depreciativo normalmente relacionado às práticas de pessoas racializadas.

Na esteira das noções relacionadas aos estudos raciolinguísticos e que nos ajudam a compreender a dinâmica de coconstrução de linguagem e raça, os discursos de adequação são aqueles que orientam qual variedade de determinado recurso linguístico deve operar, adequadamente, em espaços institucionalizados e de poder e qual é inadequada (Flores; Rosa, 2015, p. 150-151). Esses discursos fazem com que práticas de adequação surjam e, também moldadas ideologicamente a partir da posição sujeito ouvinte branco, sejam racializantes.

Tais práticas são racializantes na medida em que criam uma realidade social para que o sujeito que não fala determinada forma de determinada maneira seja visto como inadequado. É um ciclo em que o discurso legitimador de adequação é mobilizado para produzir mais sentimento de inadequação, portanto, mais desigualdade e diferença social. É precisamente o que se pode observar nos dados

⁷¹ “[...] *racializing surveillance of ethnographers* [...]”

⁷² “*acts of ‘signifyin(g)’*”

⁷³ “*signifyin(g)*”

desta pesquisa (seção 5). Como as ideologias de linguagem percebidas nos relatos dos participantes indicam racialização da linguagem, isto é, os sinais linguísticos indicializam grupos étnico-raciais, a inadequação é reproduzida não apenas do ponto de vista linguístico, mas racial. É a recursividade da inadequação que se explica pelo processo semiótico do trabalho ideológico da linguagem relacionado ao exame das ideologias raciolinguísticas, considerando as noções acima citadas.

A agenda de pesquisa pela perspectiva raciolinguística, embora muito recente, tem avançado nas proposições de estudo para melhor compreender ideologias de linguagem racializadas (Conceição, 2023). Alguns estudiosos têm examinado as ideologias raciolinguísticas a partir da noção de cronotopo (Flores; Lewis; Phuong, 2018), por considerarem ser esse um construto relevante para compreender a construção de categorias raciolinguísticas e do sujeito ouvinte branco. A noção de translinguagem também já foi mobilizada para a compreensão das ideologias raciolinguísticas, como ferramenta teórica para o exame de ideologias monoglóssicas de perspectiva deficitária (Flores, 2019, p. 45).

Flores (2020) apresenta o que ele chama de “genealogia raciolinguística” como abordagem metodológica (p. 111) com a finalidade de ampliar as possibilidades de pesquisa no campo. Nessa agenda, o autor propõe que sejam considerados: a orientação genealógica da construção discursiva racializada; o enquadramento materialista que examina os efeitos de distribuição de recursos a partir dos discursos racializados legitimadores; e a perspectiva raciolinguística que engloba os dois componentes anteriores na sua relação com ideologias de linguagem (p. 113-114). É essa última perspectiva que adoto no exame dos dados desta pesquisa mediante a análise do trabalho ideológico da linguagem, baseada em Gal e Irvine (2019).

As ideologias raciolinguísticas possuem também relação com os estudos de linguagem na nova economia globalizada, uma vez que a geração de inadequação que, por sua vez, produz desigualdade social está conectada com a noção de qual recurso é mercadologicamente almejado, considerando o que o sujeito ouvinte branco institucionalizado diz que é mercantilizável. A relação é dialética, pois o recurso desejável só existe porque há a convenção do inadequado, sem valor (simbólico e/ou econômico). Geralmente, observa-se que as pesquisas que buscam transcender no sentido de não legitimar discursos de adequação, acabam, paradoxalmente, por legitimá-los através das inúmeras representações pessimistas de falta, como foi o caso do trabalho de campo desta pesquisa. No entanto, é crucial ressaltar a

importância da autorreflexão como meio de desestabilizar a maneira de operar na produção de conhecimento, uma prática pela qual tenho me empenhado.

Assim, nos dados desta pesquisa as práticas linguísticas locais são moldadas por ideologias raciolinguísticas, que reforçam discursos de adequação/inadequação entre os participantes e que revelam nenhum valor de troca para o inglês mobilizado na fronteira. Como essas ideologias envolvem o conjunto de recursos nomeados e reconhecidos como inglês, no que segue, apresento e discuto as ideologias de linguagem específicas desse conjunto de recursos.

3.2.2 Ideologias de linguagem sobre o conjunto de recursos nomeados como inglês

Nesta subseção, apresento ao leitor um percurso teórico e histórico para explicar a elaboração de ideologias de linguagem sobre o conjunto de recursos nomeados como inglês. Para isso, adoto o que dizem autores como Holborow (1999), Park e Wee (2012), Signorini (2013) e O'Regan (2021). Considero ser relevante fazer esse caminho para que tenhamos em vista como e por que o inglês atingiu posições de grande valorização e prestígio e como pode também não ter essa valorização consagrada em outros espaços e da perspectiva de outras pessoas. Além disso, tal trajetória revela a disseminação da operacionalização do capitalismo na definição do que deve ser valorizado e por quem.

Informações, recursos, serviços e bens estão sendo reproduzidos e expandidos em função do capitalismo recente, ou como nomeia Wright (2015), “[...] a era do neoliberalismo triunfante”⁷⁴. No que se refere à expansão e até mercantilização de recursos linguísticos, Signorini (2013) usa o termo “globalização linguística” e cita o exemplo do inglês como um desses recursos que passou por processos globalizantes, revelando assim o funcionamento da “ideologia do globalismo” ou “ideologia linguística do globalismo” (p. 77). Essa ideologia diz respeito a recursos que ganham acesso a mais lugares do mundo, estão presentes em várias esferas da sociedade e conferem algum tipo de distinção a quem os utiliza. A expansão do inglês é produto dessa ideologia, mas não somente.

⁷⁴ “[...] the era of triumphant neoliberalism.”

Então, como e por que o inglês é visto pela lente da ideologia do globalismo? Holborow (1999) já explicava que “[...] o inglês mundial é inseparável do legado histórico do colonialismo e da internacionalização do capitalismo, tanto econômica quanto politicamente”⁷⁵ (p. 191). Duas décadas depois e a partir de uma perspectiva de base marxista, O’Regan (2021) examinou como o inglês tomou proporção mundial. O autor destaca a relevância de se olhar para o enquadramento histórico da expansão do inglês global paralelamente ao do surgimento e expansão do capital, pois ambos estão conectados (p. 4). O argumento é que o capital precisa da linguagem para se expandir e precisa que ela seja compreendida por muitos, desde o surgimento do capitalismo no século XVI (O’Regan, 2021, p. 6). Como informa O’Regan, “o capital agora pode ser transposto com o clique de um mouse, mas a linguagem ainda é necessária para a mediação semiótica do capital assim transposto”⁷⁶ (p. 6). Tal demanda de linguagem para a expansão do capital “possibilitou que o inglês agisse como um *free rider*⁷⁷ sobre o capital e se tornasse uma linguagem veicular e ‘centrada em capital’ de nota”⁷⁸ (O’Regan, 2021, p. 6).

Ancorando-se no que propõe Karl Marx sobre o capital e sobre “o processo de valorização do valor”⁷⁹ (p. 14), O’Regan (2021) explica por que o inglês é um *free rider*, um beneficiário sem custos, do capital. O autor sugere que o inglês como *free rider* está presente em toda a dinâmica do capital circulante, “[...] isto é, no investimento [a captação de dinheiro], no comércio [a venda de produtos] e no processamento dos lucros do comércio [retornos sobre o dinheiro originalmente investido]”⁸⁰ (p. 14-15), além de operar como capital simbólico também (p. 15).

A presença do inglês nessa dinâmica capitalista ocorre desde o início do século XVII, com a ascensão da Inglaterra, país composto por pessoas que falam inglês. Conforme o país ascendia, o inglês alcançava o posto de recurso importante para o comércio. A hegemonia da Inglaterra durou até o final do século XIX, quando os Estados Unidos começaram a ascender em meio a disputas com a Alemanha e depois

⁷⁵ [...] *World English is inseparable from the historical legacy of colonialism and from the internationalization of capitalism, both economically and politically*

⁷⁶ *Capital can now be transposed at the click of a mouse, but language is still required for the semiotic mediation of the capital so transposed.*

⁷⁷ Trata-se de um termo utilizado no campo da economia para designar algo ou alguém que adquire benefícios sem ter feito algo para merecê-los (DALMACIO E IWAGASE, 2018, p. 85).

⁷⁸ *It is this which has made it possible for English to act as a free rider upon capital and to become a vehicular and ‘capital-centric’ language of note.*

⁷⁹ [...] *the process of value valorization [...]*

⁸⁰ [...] *that is, in investment [the raising of money], in trade [the sale of products], and in the processing of profits from trade [returns on money originally invested].*

com a extinta União Soviética (O'Regan, 2021, p. 31). Desde então os Estados Unidos estão em posição econômica superior. Assim, “[...] desde pelo menos 1715, a potência hegemônica dominante, e assim também a fonte dominante de exportação e acumulação de capital global no mundo, tem sido uma nação de língua inglesa”⁸¹ (O'Regan, 2021, p. 31).

Considerando a proposta de O'Regan (2021) de que a expansão do inglês tem relação com a expansão do capital, e que países *de* língua inglesa têm se alçado, desde o século XVII, à posição de potências econômicas, é interessante observar como o autor elenca requisitos para que um país se torne uma hegemonia global. Primeiro, o autor nos apresenta a contribuição de Wallerstein (2000 [1974]) que afirma haver três áreas nas quais o(s) país(es) deve(m) destacar-se: “produção agroindustrial, comércio e finanças”⁸² (O'Regan, 2021, p. 31). A essas três, O'Regan (2021) acrescenta mais duas: a militar e a linguística (p. 31). Citando Strange (1989), O'Regan apresenta as quatro estruturas de poder por ela identificadas, para explicar do que um país necessita dispor para tornar-se uma hegemonia global: “produção, crédito, conhecimento e segurança”⁸³ (O'Regan, 2021, p. 32). Dentre as citadas, a estrutura de conhecimento (p. 32-34) é a que tem mais destaque na obra de O'Regan e a que por ora mais interessa para explicar a crescente ubiquidade do inglês desde o século XVIII. Para ele, “[...] conhecimento é de fato poder, mas é poder porque as outras estruturas se tornam muito menos eficazes sem ele”⁸⁴ (p. 34), e é nessa estrutura que a vantagem linguística se enquadra, conforme O'Regan.

Do ponto de vista histórico, como já mencionado anteriormente, as principais economias mundiais recentes foram a britânica e a norte-americana (Estados Unidos). A primeira durou do século XVII à primeira metade do século XX, e a segunda se tornou dominante a partir da segunda metade do século XX, até os dias atuais (O'Regan, 2021, p. 44). Foi nesse período que aquilo que entendemos como império britânico e império americano se constituiu. Contudo, O'Regan (2021) explica que o termo “império” melhor se aplica ao cenário britânico do século XVII, dado que se relaciona mais diretamente com a ideia de expansão territorial, pela tomada de muitos

⁸¹ [...] since at least 1715, the dominant hegemonic power, and so also the dominant source of global capital export and accumulation in the world, has been an English-speaking nation.

⁸² [...] it should have edge in agro-industrial production, in commercial trade, and in finance [...]

⁸³ These are production, credit, knowledge, and security.

⁸⁴ Knowledge is indeed power, but it is power because the other structures are rendered much less effective without it.

países (territórios) por colônias (p. 44-45). Já a economia dos Estados Unidos não pode receber a mesma denominação por não ter tido o mesmo alcance de dominação territorial, segundo o autor.

Esse entendimento sobre “império” e “imperialismo” não é unânime, mas é o adotado por O’Regan e pelos autores por ele citados. Em consonância com o autor, Heller e McElhinny (2017) afirmam que para elas o “[...] imperialismo é entendido [...] como a conquista formal, anexação e administração de territórios para garantir o controle de matérias-primas para a indústria e produtos agrícolas [...]”⁸⁵ (p. 30) e é também compreendido como “[...] controle dos mercados de bens e o controle das pessoas, tanto como trabalhadores quanto como consumidores em potencial, e até mesmo de rivais em potencial”⁸⁶ (p. 30).

Mesmo sendo considerada um “império”, a economia britânica teve aspectos de capital global, projetados para além dos domínios territoriais estabelecidos, que foram enquadrados por O’Regan (2021) como sendo constituintes do que ele chama de “império informal” (p. 45). No período de 150 anos compreendidos entre o início do século XVII até a primeira metade do século XVIII, operou o que o autor chama de “capitalismo agrícola” (também compreendido como capitalismo mercantil), muito embora Marx tenha chamado essa fase de pré-capitalismo (O’Regan, 2021, p. 47).

É nesse período que se verifica o movimento de expansão do império informal britânico com o estabelecimento de novas redes de comércio, especialmente para fora dos limites britânicos, e é também o período em que o inglês começa a expandir-se (O’Regan, 2021, p. 47). Alguns estudiosos da história imperial britânica consultados por O’Regan (2021) afirmam ser importante considerar a perspectiva comercial pré-industrial na expansão do império britânico, enquanto outros acreditam que isso deve ser feito, mas com a devida atenção ao processo de industrialização e ao capital móvel. As divergências não impedem o diálogo entre eles e o ponto comum é a concordância de que a expansão do capital é central para a dispersão do inglês (O’Regan, 2021, p. 58).

Da segunda metade do século XIX à primeira metade do século XX, as fontes geradoras de capital aos britânicos expandiram-se por efeito do crescimento das

⁸⁵ Imperialism is understood here as the formal conquest, annexation, and administration of territories to ensure control of raw materials for industry and agricultural products [...]

⁸⁶ [...] control of markets for goods and control of people, both as labourers and as potential consumers, and even of potential rivals.

ferrovias e do aprimoramento das comunicações (O'Regan, 2021, p. 68). O investimento feito na construção das ferrovias se deu em grande medida pelo financiamento britânico e isso “[...] funcionou como um canal para a maior dispersão do inglês, ao mesmo tempo em que lançou as bases comerciais e linguísticas para a economia mundial dos EUA que estava por vir”⁸⁷ (O'Regan, 2021, p. 68).

O final do século XIX foi um período em que a Grã-Bretanha começou a perder espaço para países que estavam se industrializando rapidamente, ainda que houvesse algum fluxo de capital advindo do comércio e de outros serviços (O'Regan, 2021, p. 69-70). Mesmo com a rápida industrialização de países da Europa Ocidental e dos Estados Unidos, a Grã-Bretanha teve um aumento dos seus investimentos em outros países e das suas aquisições coloniais (O'Regan, 2021, p. 71). O inglês estruturou-se nas colônias e uma forma padrão era utilizada nas negociações comerciais, especialmente no contexto portuário, mas, quando esse padrão “[...] era considerado complexo demais para fins de condução de negócios, os interlocutores locais conversavam em *pidgins* que, como em Cantão, muitas vezes tinham o inglês como pelo menos uma de suas raízes”⁸⁸ (O'Regan, 2021, p. 71).

Com o fim da primeira guerra mundial, o mundo observa a transição da Grã-Bretanha como centro hegemônico do sistema econômico mundial para os Estados Unidos (O'Regan, 2021, p. 101-102). A transição foi gradual. A Grã-Bretanha foi perdendo investimento estrangeiro ao passo que os Estados Unidos foram aumentando seus percentuais (p. 103). Devido à passagem gradual do controle econômico entre os países citados, há divergências sobre quando especificamente os Estados Unidos tomaram total controle (p. 102). Do ponto de vista linguístico, segundo O'Regan (2021), na década de 1960, o inglês americano assumiu o papel de língua hegemônica, no lugar da variedade britânica (p. 103).

Para o autor, independentemente do inglês que estivesse em posição hegemônica, o britânico ou o americano, o recurso linguístico sempre acompanhou o capital via diversas formas como “[...] comércio, investimento, tratados, tecnologias de comunicação, arranjos extraterritoriais e clientelismo, [...] bancos, corporações

⁸⁷ *The expansion of the railways, with British money and technical knowhow, worked as a conduit for the further dispersion of English, while also laying the commercial and linguistic foundations for the US world-economy which was to come.*

⁸⁸ *Where a standard form was deemed over-complex for the purposes of conducting business, local interlocutors conversed in pidgins which, as in Canton, often had English as at least one of their roots.*

empresariais, grupos religiosos proselitistas, soldados recrutados, [...]”⁸⁹ (O’Regan, 2021, p. 109). Ainda de acordo com o autor, os Estados Unidos em relação à Grã-Bretanha tiveram maior impacto no sistema econômico mundial quando ascenderam para a posição hegemônica no início do século XX (p. 109), e a segunda metade do século “seria a era de sua abertura para a dominação mundial”⁹⁰ (p. 109). Heller e McElhinny (2017) afirmam que “[n]o início do século XX, o ensino de línguas para os americanos, [...] já se concentrava no inglês no contexto de movimentos significativos de migração e americanização entre guerras [...]”⁹¹ (p. 179), pois ele “[...] era visto como portador de ideias de capitalismo e democracia para súditos das colônias americanas [...]”⁹² (p. 179).

A segunda metade do século XX foi um período que se destacou por duas mudanças significativas para o sistema econômico mundial. A primeira diz respeito à transição do controle da liquidez mundial, que passou a ser centrado nos mercados financeiros e não mais no governo (O’Regan, 2021, p. 130), e a segunda refere-se à internacionalização das corporações multinacionais que foi “[...] baseada em uma nova divisão internacional do trabalho, finanças estrangeiras e a hegemonia do inglês padrão”⁹³ (O’Regan, 2021, p. 132). Esse período ficou também evidenciado pelas crises de dívida global adquiridas por nações estrangeiras junto ao sistema bancário internacional, como consequência do gerenciamento da crise petrolífera de 1974 pelos Estados Unidos e pelas baixas taxas de juros mantidas por um tempo (O’Regan, 2021, p. 133-135).

Entre essas nações estavam países da América Latina. Contudo, a crise petrolífera gerou pressões inflacionárias (O’Regan, 2021, p. 135) que demandaram medidas entre os países para lidar com suas taxas domésticas. Logo, foi preciso aumentar as taxas de juros para que a inflação doméstica dos Estados Unidos baixasse. Isso fez com que as nações endividadas não conseguissem pagar o que deviam aos Estados Unidos e essa crise “[...] teve consequências significativas para a promoção do inglês global, particularmente da variedade padrão dos EUA, pois

⁸⁹ [...] trade, investment, treaties, communications technologies, extraterritorial arrangements and clientelism, [...] banks, business corporations, proselytizing religious groups, conscripted soldiers, [...]

⁹⁰ [...] was to be the era of their opening into world domination.

⁹¹ By the early twentieth century, language instruction for Americans, [...], already focussed on English in the context of significant migration and interwar Americanization movements [...]

⁹² English was seen as carrying ideas of capitalism and democracy to subjects of American colonies [...]

⁹³ [...] one which was based on a new international division of labour, offshore finance and the hegemony of standard English

várias agências [...], como o FMI e o Banco Mundial, foram acionadas para lidar com a crise”⁹⁴ (O’Regan, 2021, p. 136).

Uma vez endividadas, as nações entravam num ciclo de dívida programado para manter a condição de endividamento (O’Regan, 2021, p. 143). O ciclo incluía a reestruturação das economias devedoras por meio de arranjos e exigências, através dos “programas de ajuste estrutural escritos em inglês”⁹⁵ (O’Regan, 2021, p. 136) cujas premissas guardavam relação com o que prega o neoliberalismo. Esses programas despertaram o interesse das elites e dos governos nacionais, pois estavam cada vez mais relacionados à prosperidade socioeconômica, e o inglês, inserido nesse meio, passou a ser mais pleiteado (O’Regan, 2021, p. 137-138). O atual século XXI também já trouxe crises. Na primeira década houve o histórico ataque terrorista aos Estados Unidos em 2001, e uma das maiores crises financeiras em 2007-2008, causada em parte pelo grande número de empréstimos a crédito de risco para aquisição imobiliária. Ainda assim, os Estados Unidos continuaram e ainda continuam a ser quem lidera o sistema econômico mundial.

Foi nesse quadro histórico-econômico que ao inglês foi atribuído o status de língua global e franca, e que surgiu a chamada ideologia do globalismo de que trata Signorini (2013), mencionada no início desta seção. Park e Wee (2012) tecem críticas ao conceito de inglês global e propõem que esse status seja examinado a partir de uma teoria do valor (p. 6). De acordo com eles, “[...] uma orientação para o valor pode nos ajudar a entender como o inglês passa a ser valorizado em primeiro lugar [...]”⁹⁶ (p. 6) e ajuda a “[...] desenvolver uma maneira mais sistemática de pensar sobre como o problema do inglês global está enraizado em outros aspectos (não linguísticos) da vida social [...]”⁹⁷ (p. 6).

Para este relatório de pesquisa, é oportuno examinar as ideologias de linguagem – em especial as que são sobre o inglês – tendo como base uma teoria de valor, uma vez que a discussão empreendida aqui envolve percepções de valor. Além disso, é crucial para essa discussão compreender como determinados valores a

⁹⁴ [...] significant consequences for the promotion of global English, particularly of the US standard variety as various [...] agencies, such as the IMF and the World Bank, were brought into play in dealing with the crisis

⁹⁵ English-scripted structural adjustment programmes (SAPs)

⁹⁶ [...] an orientation to value can help us understand how English comes to be valued in the first place [...]

⁹⁷ [...] to develop a more systematic way of thinking about how the problem of global English is rooted in other (nonlinguistic) aspects of social life [...]

recursos linguísticos podem estar a serviço de reproduzir e/ou fomentar desigualdade social. Park e Wee (2012) apresentam uma discussão baseada na proposta de Pierre Bourdieu sobre mercado linguístico e analisam como ideologias de linguagem podem moldar valores atribuídos a recursos linguísticos (p. 6).

Das ideologias de linguagem sobre o inglês discutidas por Park e Wee (2012), destaco fundamentalmente as duas seguintes, por dialogarem diretamente com as identificadas nos relatos dos participantes desta pesquisa: (1) a ideologia de nomeação linguística, particularmente nomeação de variedades do inglês (p. 68-69); e (2) a ideologia de inglês padrão (p. 70). A primeira diz respeito a nomear práticas linguísticas particulares, atribuindo-lhes rótulos (p. 69). Nomear e relacionar variedades aos seus contextos de elocução (como inglês americano ou britânico, por exemplo) revela também a construção de um eixo de diferenciação, além de indicializar grupos, conforme nos explicam Gal e Irvine (2019); a segunda é a ideia de que há formas legítimas de se falar inglês em detrimento das demais e, assim como a anterior, está relacionada à concepção moderna de língua e à noção de “língua como entidade”⁹⁸ (Park; Wee, 2012, p. 119).

Park e Wee (2012) citam outras ideologias de linguagem, das quais sublinho três a seguir, por compreender que estão a serviço de sustentar as duas primeiras: a de nomeação de variedades do inglês e a de inglês padrão. Destaco, primeiramente, a ideologia da competência que está relacionada à proficiência linguística baseada em um padrão a ser alcançado (p. 71-74, 95). Alinha-se também à noção moderna de língua e à ideologia de inglês padrão. Depois, a ideologia de “autenticidade” diz respeito a quem tem legitimidade para falar determinado recurso linguístico mediante atributos de origem (p. 71 -74).

Nisso também se afilia à noção moderna de língua, além de reforçar a ideologia do falante nativo. Por fim, a ideologia da língua como “entidade” (Park; Wee, 2012, p. 118-119) refere-se à noção de abstração da língua com limites identificáveis pelos quais mantém seu valor (Park; Wee, 2012, p. 118). É uma ideia que fomenta a busca pela distinção por meio de capital linguístico (Bourdieu, 2017). Por vezes, esse capital linguístico tem sido contemporaneamente mobilizado para obtenção de algum ganho financeiro (Fonseca, 2021). Quando isso é identificado, deparamo-nos com a necessidade de examinar práticas linguísticas na sua relação com elementos de

⁹⁸ *Language-as-entity*

economia política, e quando recursos linguísticos são efetivamente mobilizados como habilidade para obter vantagens econômicas ou acesso a quaisquer outros recursos, estamos diante do fenômeno da modernidade recente intitulado mercantilização de linguagem, proposto por Monica Heller e colaboradores, discutido na seção a seguir.

3.3 LINGUAGEM E ECONOMIA POLÍTICA

Susan Gal (1989), em texto intitulado *Language and Political Economy*, aponta para a importância de examinar práticas linguísticas na sua relação com economia política. Nesse ensaio, Gal faz relações temáticas “[...] entre estrutura da linguagem, uso da linguagem e economia política”⁹⁹ (p. 346), para o exame da linguagem imbricada em questões relativas ao poder e dominação. No arcabouço teórico apresentado pela autora, as dicotomias saussureanas são citadas para mostrar como a dicotomia língua/fala foi — desde décadas que antecederam a escrita do artigo — objeto principal de investigação dos estudos sociolinguísticos variacionistas em oposição às dicotomias conceitual/material (a relação entre linguagem e o mundo material) e estrutura/agência (a relação entre linguagem e as escolhas dos sujeitos) (Gal, 1989, p. 346).

Contudo, segundo Gal (1989), ainda que seja relevante voltar o olhar investigativo para questões referentes à materialidade e à agência humana, para que sejam identificados os sistemas de desigualdade próprios do capitalismo nos quais práticas linguísticas estejam localizadas, é necessário diálogo com elementos de economia política (p. 347-348). Ressalta, contudo, que “[...] as suposições sobre economia política adotadas são cruciais em tais análises”¹⁰⁰ (p. 349), bem como as unidades analíticas adotadas para cotejo. Gal (1989) afirma que “[...] estudos sociolinguísticos recentes exploraram o papel da linguagem no colonialismo, na expansão capitalista, na formação do Estado, nas relações de classe e na dependência política e econômica”¹⁰¹ (p. 349) e estão num crescente desde então.

Gal (1989) entende que a linguagem tanto promove acesso a recursos materiais quanto pode, ela própria, ser tratada como recurso mercantilizável (p. 353). Tal apontamento prenuncia a posição dela no debate que viria mais tarde a respeito

⁹⁹ “[...] links among language structure, language use, and political economy.”

¹⁰⁰ “[...] the assumptions about political economy one adopts are crucial in such analyses”

¹⁰¹ “[...] recent sociolinguistic studies have explored the role of language in colonization, capitalist expansion, state-formation, class relations, and political economic dependence.”

de mercantilização de linguagem, noção a ser discutida mais adiante na subseção 3.3.1, e mobiliza os estudos de Bourdieu (2008), sobre como práticas linguísticas podem ser “[...] capital simbólico — que é uma parte constitutiva da economia política, conversível em capital econômico e social”¹⁰² (Gal, 1989, p. 353). Esse capital simbólico possui níveis de valoração, pois nem todo recurso linguístico é valorizado da mesma maneira ou dá acesso às mesmas posições consideradas prestigiosas. Essa valoração depende daqueles que podem efetivamente atribuir valor e decidir o que traz distinção e destaque no mercado de trabalho.

A partir dessa legitimação para atribuir valor é que a chamada “dominação simbólica” acontece, isto é, o grupo hierarquicamente inferiorizado acata sutilmente a decisão daqueles que têm o poder para decidir (Gal, 1989, p. 353; Bourdieu, 1989, p. 12-13). Compreendo que a atribuição de valoração aos recursos linguísticos está ligada às ideologias de linguagem hegemônicas que legitimam discursos acerca de o que e quem deve ser considerado mais valioso ou não. Contudo, operam conjuntamente com as ideologias de linguagem situadas em escala local.

Vinte e sete anos depois, Gal (2016) revisita a discussão sobre linguagem e economia política e traça um paralelo entre as pesquisas realizadas nos idos de 1989 e o que se vê nas pesquisas mais recentemente, em especial o conjunto de trabalhos publicados em 2016 que tematizam seu posfácio. Gal, concordando com Graan (2016), afirma que, em 1989, a proposta era reexaminar o que preconizava a antropologia da linguagem (Gal, 2016, p. 332). Tendo os pesquisadores vivenciado o período da Guerra Fria, as discussões ainda se baseavam em binarismos e dicotomias (Gal, 2016, p. 333). Pensava-se sobre economia política e linguagem a partir desse cenário sócio-histórico. Essas divisões sociais e linguísticas já não se aplicam no mundo pós-2010.

Se antes o que vimos em Gal (1989) e em outros estudos referenciais (cf. Irvine, 1989) sinalizava para recursos linguísticos que: (1) indicializavam grupos sociais considerados legítimos para atribuir valor e dizer o que é autêntico; (2) sobressaíam-se por promoverem distinção que poderia resultar em ganho econômico; ou (3) quando eram eles próprios as mercadorias incorporadas na economia vigente, mais recentemente o que se testemunha é a incorporação de recursos linguísticos à nova organização socioeconômica neoliberal (Gal, 2016, p. 333; Graan, 2016, p. 139),

¹⁰² “[...] *symbolic capital* — that is a constitutive part of political economy, convertible to economic and social capital”

mediante ideologias de linguagem neoliberais e a noção do sujeito neoliberal. Contudo, o que emerge como produto do capitalismo recente não exclui as possibilidades anteriores identificadas da relação linguagem e economia política, mas adiciona um componente analítico.

Del Percio, Flubacher e Duchêne (2017) afirmam que o exame de linguagem e economia política deve servir ao propósito de compreender as bases da desigualdade (p. 55). O entendimento dos autores é de que economia política é o agrupamento de “[...] tecnologias e processos que governam a valorização dos recursos, bem como sua produção, circulação e consumo dentro de um determinado lugar e em um momento específico”¹⁰³ (Del Percio *et al.*, 2017, p. 55). Os primeiros trabalhos envolvendo linguagem e economia política examinavam formas de falar e em quais delas identificava-se ligação essencial com desigualdade (Del Percio *et al.*, 2017, p. 56).

Já os mais recentes focam no trabalho ideológico da linguagem, economicamente interessado e que sustenta a distribuição e valoração desigual de recursos que gera desigualdade (Del Percio *et al.*, 2017, p. 56). Ainda no que tange às pesquisas sobre economia política e linguagem, Del Percio *et al.* (2017) fazem um adendo sobre como ainda se faz necessário investir no exame dos “[...] processos de consumo ou, mais particularmente, na maneira como a linguagem e a desigualdade se cruzam com as possibilidades que as pessoas têm de consumir recursos”¹⁰⁴ (p. 66). Neste relatório de pesquisa, pelo exame dos dados (seção 5), nota-se que a valoração dos recursos linguísticos (inglês nos diferentes referentes reportados) pelos participantes é acionada por ideologias de linguagem racializadas, pela percepção de classe social e o que juntas significam em termos de possibilidades de acesso para essas pessoas.

Tanto estudiosos de base marxista quanto de perspectiva foucaultiana engajam-se em investigações sobre linguagem e neoliberalismo (Allan; McElhinny, 2017). Contudo, seus pontos de vista sobre o conceito de neoliberalismo e suas implicações divergem. Os de orientação foucaultiana concebem neoliberalismo a partir da noção de “governamentabilidade” e, portanto, “[...] como uma racionalidade

¹⁰³ [...] the technologies and processes governing the valuation of resources as well as their production, circulation, and consumption within a given place and at a specific moment in time.

¹⁰⁴ [...] the processes of consumption or, more particularly, in the way that language and inequality intersect with the possibilities people have to consume resources.

política que informa a governança contemporânea de populações, instituições e práticas, incluindo linguagem e sujeitos”¹⁰⁵ (Rojo; Del Percio, 2019, p. 3).

Já para os de viés marxista, neoliberalismo é um projeto político-econômico de expansão do capital. Block (2017) enfatiza que o neoliberalismo “[...] pode ser entendido como a mais recente encarnação do capitalismo, mas desta vez por meios mais eficientes em circunstâncias mais intensa e extensivamente globalizadas e tecnologicamente avançadas”¹⁰⁶ (p. 37). O autor ainda aponta que o neoliberalismo é responsável por muitas circunstâncias que acabam por trazer mais desigualdade social, e que duas coisas devem ser consideradas em pesquisas que envolvem “questões linguísticas” e “neoliberalismo”: (1) “como o capitalismo tardio impactou nas subjetividades individuais e coletivas” (p. 39)¹⁰⁷; (2) “a inclusão necessária de classe como construto chave em qualquer discussão de capitalismo”¹⁰⁸ (p. 41).

O enfoque dos estudiosos da linguagem de viés fundamentalmente marxista (Block, Gray; Holborow, 2012; McGill, 2013; Holborow, 2015; Block, 2017a, 2017b, 2018a, 2018b) nas investigações envolvendo linguagem e neoliberalismo é desde uma perspectiva materialista, por vezes com enfoque dicotômico em base/superestrutura proposto por Marx. Reconhecem que recursos linguísticos são mobilizados no mercado econômico neoliberal. Contudo, defendem que a linguagem em si não pode ser efetivamente mercantilizada por não se configurar produto resultado de força de trabalho. Portanto, questionam a proposta de Heller e colaboradores discutida na seção seguinte (3.3.1).

Já os estudiosos de base foucaultiana operam num enquadre que examina a produção de subjetividades a partir da “racionalidade neoliberal”¹⁰⁹ e a capacidade pessoal do indivíduo de adquirir habilidades, para além da mercantilização de linguagem (Rojo; Del Percio, 2019, p. 3). Para este relato de pesquisa, adoto a lente teórica marxista com ressalvas, pois, diferentemente dos autores da linha marxista fundamentalista, compreendo linguagem como prática e como parte da realidade social das pessoas. Por isso, pode ser e é mobilizada para mercantilização. A

¹⁰⁵ [...] as a political rationality that informs the contemporary governance of populations, institutions, and practices, including language and subjects.

¹⁰⁶ [...] may be understood as the latest incarnation of capitalism, but this time by more efficient means in more intensively and extensively globalised and technologically advanced circumstances. [...]

¹⁰⁷ [...] way that capitalism in its current dominant form [...] has had a great and profound impact on individual and collective subjectivities. [...]

¹⁰⁸ [...] inclusion of class as a key construct in any discussion of capitalism, a point made by many scholars writing in political economy in recent years [...].

¹⁰⁹ neoliberal rationality

divergência se origina na maneira como concebemos linguagem e isso, portanto, impacta no modo como entendemos o fenômeno da mercantilização de linguagem.

No tocante à economia política, Block *et al.* (2012) esclarecem que ela pode ser entendida tanto como disciplina acadêmica com foco em elementos de economia na sua relação com as pessoas e análises de mercado nos seus diversos liames, quanto como enquadre que une elementos de economia e de política para compreender as relações sociais e o papel do capitalismo nessas relações (p. 2). A perspectiva dos autores é orientada para a segunda maneira de entender economia política e é onde me afilio também.

Até aqui o leitor foi apresentado, desde o início deste capítulo, à noção de repertório como alternativa à hegemônica nomeação linguística; e, também, às discussões de ideologias de linguagem, que centralmente orientam a lente analítica deste relatório e estão relacionadas à abordagem de repertórios. Depois, foram apresentados um pouco do histórico de expansão de inglês, pelo viés marxista, e as ideologias de linguagem sobre esse recurso, já que ele é o foco do problema de pesquisa. Na sequência, foi introduzida a discussão de linguagem e economia política, apresentada nesta seção, para subsidiar a de mercantilização de linguagem (que virá mais adiante).

3.3.1 O valor contemporâneo da linguagem: discursos de orgulho e de lucro

Em etnografia multissituada realizada no Canadá e na Europa francófona, Heller (2011) identificou tendências pós-nacionalistas ao observar que recursos linguísticos estariam sendo reconfigurados para itens economicamente relevantes, passíveis de mercantilização com valor agregado. Em adição ao que foi observado sobre os usos economicamente motivados de recursos linguísticos, Heller discute a “mercantilização da identidade”¹¹⁰ (p. 27, 144, 147), ou seja, como a identidade francófona também é mobilizada para fins de mercantilização via circulação de produtos e artefatos. Segundo a autora, a autenticação necessita também da linguagem para se legitimar, pois um artefato autêntico é de certa maneira identificado quando “[...] a pessoa de quem você compra realiza uma performance reconhecível

¹¹⁰ *Commodification of identity*

como culturalmente específica, e parte dessa performance geralmente é linguística”¹¹¹ (p. 28). Embora empregada para agregar valor de autenticidade, no processo de mercantilização, a linguagem não mais fica ligada à identidade como exige a dinâmica nacionalista e “[...] o valor dos recursos mercantilizados depende da legitimidade da nação cuja autenticidade esses recursos representam”¹¹² (Heller, 2011, p. 150).

Nesse panorama, Heller e Duchêne (2012) avançam na discussão ao identificarem mais indícios de mudança no tratamento da linguagem e da cultura. Observam, em diferentes lugares de investigação, o surgimento — e avanço — de discursos que atribuem valores econômicos a recursos linguístico-culturais gerando desestabilização nos discursos de orgulho nacionalistas. Apresentam uma discussão do que seriam os discursos de “orgulho” (p. 3-6) e de “lucro” (p. 6-8), bem como a complexa interligação entre eles, apontando o novo tratamento da linguagem em termos econômicos, sem, com isso, descartar totalmente a perspectiva anterior de tratamento da linguagem num enquadre político-cultural (p. 3), compreendendo que os dois discursos estão articulados.

Heller e Duchêne (2012) salientam que, para o estado-nação continuar atuando como um “[...] modo histórico particular de regulação do capital”¹¹³ (p. 3), as ideologias nacionalistas têm fundamental relevância. Isto é, do ponto de vista do “[...] nacionalismo característico do capitalismo industrial [...]”¹¹⁴ (Heller; Duchêne, 2016, p. 143), é interessante que sejam mantidos discursos que fomentem o sentimento nacionalista (orgulho) nas pessoas. Entretanto, os autores apontam que, diante das circunstâncias do capitalismo recente, o discurso de lucro passa a ser o que os estados-nações toleram ou mesmo incentivam toda vez que isso estiver a favor do desenvolvimento da nova economia (Heller; Duchêne, 2012, p. 10). Os autores observam a reconfiguração de discursos que expressavam sentimento nacionalista — de valorização do cidadão que fala a língua padronizada da nação como elemento constituinte da identidade nacional e de pertencimento legítimo como cidadão — em discursos em que recursos linguísticos são vistos como habilidade para obter vantagens econômicas ou mesmo acesso a recursos.

¹¹¹ [...] the person you buy from turns in a performance recognizable as culturally specific, and part of this performance is usually linguistic.

¹¹² [...] the value of commodified resources depends on the legitimacy of the nation whose authenticity those resources represent.

¹¹³ [...] a particular historical mode of regulation of capital.

¹¹⁴ [...] nationalism characteristic of industrial capitalism [...].

No cenário aqui pesquisado, pelo que reportam os participantes desta pesquisa, os discursos de orgulho e lucro não se apresentam tão expressamente qualificados como uma coisa ou outra. Essa consolidação expressa perpassa pelo entendimento de quais são as ideologias de linguagem que circulam entre os participantes e de como elas determinam a valorização e valoração de recursos linguísticos. Então, pelo quadro de ideologias de linguagem colonialistas e racializadas (apresentadas e discutidas na seção 5), o discurso de orgulho não fica exposto e o de lucro é sutilmente percebido nas oportunidades de acesso e mobilidade social relatadas, mediante a mobilização de um dos referentes de inglês reportados. Ressalto que esse entendimento acerca dos discursos de orgulho e lucro emergiu de uma análise detalhada dos dados, partindo da expectativa inicial de (des)valorização do inglês pelos participantes, e considerando o desenho metodológico elaborado para combinar discussões sobre ideologias linguísticas com aquelas sobre a mercantilização da linguagem, a fim de discutir o valor dos recursos linguísticos.

Em 2016, Heller e Duchêne desenvolveram mais uma vez seu argumento de que a linguagem tem recebido tratamento econômico na nova economia globalizada, e responderam a críticas de outros estudiosos que contestam esse argumento. Primeiramente, explicaram que compreendem linguagem como prática social, baseados em Bourdieu (1982), e não como sistema autônomo, como parece ser o entendimento de pelo menos parte de seus críticos. Essa divergência por si só já complexifica o diálogo, como reconhecem os autores (Heller; Duchêne, 2016, p. 139).

Contudo, Heller e Duchêne (2016) seguem elucidando como identificaram o tratamento econômico dado à linguagem e categoricamente afirmaram que não tratam de mercantilização em termos metafóricos (p. 140), como alguns críticos de base marxista acreditam. Trouxeram dados de seus contextos de pesquisa e atuação, Canadá e Suíça, para sustentar o argumento da mobilização linguística para fins econômicos. Apontaram que “[...] o aumento da presença do econômico – a virada econômica – assume três tipos”¹¹⁵ (p. 143): primeiro, o confronto entre discursos de orgulho e lucro; depois, mercados de nichos que são criados a partir de recursos semióticos produzidos pelo projeto nacionalista próprio da fase industrial do

¹¹⁵ [...] *the increased presence of the economic – the economic turn – takes three forms.*

capitalismo; por fim, os discursos que eram considerados como problema pelos mercados industriais são reformulados, agora, como bem econômico.

Entretanto, cabe ressaltar que Heller e Duchêne (2016) não afirmam ser a linguagem unicamente mercadoria ou somente mobilizada para trazer ganho financeiro, mas que pode também ser observada sob esses termos mediante condições históricas e econômicas específicas (p. 151), que é o que esta pesquisa se propôs a examinar. Essas condições podem levar recursos, sejam quais forem, a passarem por processos de mercantilização ou não (Heller; Duchêne, 2016, p. 151). A (não) mercantilização de determinados recursos linguísticos, materiais e/ou serviços resulta das condições de mercado vigentes que podem oscilar conforme a saturação dos nichos de mercado ocorre. Heller e Duchêne (2016) destacaram também, que, embora estejamos num período sócio-histórico-econômico que propicia a venda de recursos linguísticos, há pessoas que resistem à venda, e que observar esse fenômeno é também importante para compreender o que as leva a fazer isso.

Esse fenômeno é identificado entre os participantes desta pesquisa. Não há indícios de mercantilização de linguagem, notadamente do que se compreende como inglês, no cenário e pessoas examinados. Em tese, dado o momento sócio-histórico-econômico contemporâneo e pelo que já foi exposto sobre a expansão do inglês e sua valorização em outros espaços menos periféricos que Bonfim-RR, era de se esperar que quem possui esse recurso em seu repertório o valorizasse economicamente. Reitero que essa era uma expectativa pessoal minha à qual os participantes não estavam obrigados a corresponder. Para discernir entre valorização e desvalorização, parti da literatura examinada, permeada pela cultura de produção de conhecimento colonialista e pelas ideologias raciolinguísticas. O que interpreto como as participantes se desfazendo de seus repertórios, na verdade, vai além disso: trata-se do jogo de significação, da formulação de um enquadramento de resposta que evidencia minha inevitável incompreensão tanto das práticas linguísticas quanto da realidade social delas. Isso não desqualifica a descoberta relativa aos discursos de lucro e de orgulho; apenas demonstra que as dinâmicas não seguem necessariamente o padrão que eu antecipava.

As críticas ao trabalho de Heller e Duchêne (2012) estão relacionadas à visão de linguagem como mercadoria, proposta pelos autores. De acordo com alguns de seus críticos, em especial os de orientação marxista, a linguagem não pode ser considerada uma mercadoria porque não é produto de força de trabalho e não tem

materialidade física para figurar trocas econômicas (Block *et al.* 2012; McGill, 2013; Holborow, 2015; Block, 2017a; Block, 2018a; Block, 2018b). Block (2018a) explica que o ato de vender e comprar qualquer coisa advém de uma visão neoclássica de mercadoria e não precisamente do que propõe Marx (p. 6). Segundo o autor, na proposta de Marx, a venda de determinado produto “[...] produz mais-valia para os capitalistas que controlam os meios de produção”¹¹⁶ (p. 14).

Portanto, aí estaria mais uma razão para a linguagem não poder ser compreendida como mercadoria nem ser vendida, uma vez que em tese não produz a mais-valia citada, a menos que seja categorizada como habilidade, dentro de um conjunto de outras tantas que o trabalhador possa acumular, mas ainda assim não seria a venda da linguagem propriamente, mas do trabalho (Block, 2018a, p. 14). Meu posicionamento diverge. Entendo que, se as pessoas mobilizam linguagem (verbal ou escrita) e se essa mobilização é orientada, muitas vezes, para obtenção de vantagem financeira, então, sim, a linguagem pode ser compreendida como mercadoria.

Ainda a esse respeito, Silva (2021) fez um exame crítico das proposições sobre a noção de mercantilização de linguagem, feitas por autores para quem a linguagem só pode ser considerada mercadoria metaforicamente. O argumento do autor é o de que há uma ideologia semiótica modernista e calvinista (p. 441) que orienta a ótica desse grupo de autores e que os leva a questionar a concretude da linguagem para ser uma mercadoria “real” (p. 452). Os resultados de Silva (2021) indicam que “[...] a linguagem está imbricada num todo material e corpóreo, de tal modo que sua ontologia (ou o que esses recursos “realmente” são, p. ex., mercadorias) não se separa facilmente de sua episteme (o que se diz que esses recursos são)” (p. 440). Portanto, a linguagem tem materialidade por ser parte da realidade social das pessoas.

No que segue, apresento os conceitos de capitalismo, como se dá seu funcionamento e suas contradições, com destaque para o valor de uso e valor de troca, que é o mote central – junto com ideologias de linguagem – da tese proposta.

3.4 A CONTRADIÇÃO CAPITALISTA: VALOR DE USO E DE TROCA

Harvey (2014) explica que monopólio e concorrência se relacionam contraditoriamente de modo a configurarem-se essenciais para a atividade do capital

¹¹⁶ [...] produces surplus value for capitalists who control the means of production.

(p. 134), na lógica do capitalismo monopolista. Segundo o autor, o que dificulta o entendimento de que o monopólio fundamenta a concorrência é não enxergar o poder de classe da realidade monopolista (p. 135). Para além da divisão de classe estabelecida pelo capitalismo, o racismo também deve ser considerado como base estruturante desse sistema (Almeida, 2015). Almeida (2015) diz que "[a] compreensão das estruturas do capitalismo exige uma investigação sobre o racismo enquanto *práxis* que se reproduz segundo uma lógica específica [...]" (p. 2, grifo do autor). O autor afirma também que se deve buscar compreender como o racismo se reproduz no capitalismo e "[...] entender se o vínculo entre o processo de valorização do valor e as práticas racistas é estrutural ou simplesmente circunstancial" (p. 2). Nos estudos da linguagem, Heller e McElhinny (2017) examinam como a intensificação inerente a essa fase do capitalismo dialoga com ideias e valores atribuídos a recursos linguísticos na modernidade recente (p. 230), e afirmam que o imperialismo é outra estratégia para fomentar o nacionalismo europeu (p. 60-61).

Marx mostrou que não há como ter progressão indefinida de riqueza de maneira equilibrada para todos. A concorrência monopolizada sempre produzirá cada vez menos pessoas detentoras do capital e dos meios de produção e mais pessoas que precisam vender sua força de trabalho a custos de subsistência, até o sistema colapsar (Catani, 1985 [1980], p. 56). Essa é uma das dezessete contradições próprias do capitalismo: "apropriação privada e riqueza comum"¹¹⁷, discutida em Harvey (2014, p. 53-61).

Harvey (2014) explica que algumas são fundamentais, outras mutáveis e outras perigosas. Como definição de "contradição", o autor adota a lente analítica da contradição dialética (p. 4), em que os processos que parecem ser antagônicos, na verdade dependem um do outro. Harvey diz que o capitalismo é constituído por contradições que não serão resolvidas e não necessariamente significam algo ruim, podem servir a um propósito de mudança social (p. 3-4). De todas as contradições apresentadas por Harvey, a de "valor de uso e valor de troca"¹¹⁸ é a que será mais amplamente acionada ao longo do relatório, por ser conceito importante para a compreensão da argumentação que sustenta a tese: o inglês falado por sujeitos racializados na fronteira Brasil-Guiana tem seu valor de uso e o de troca determinado

¹¹⁷ *Private appropriation and Common Wealth*

¹¹⁸ *Use value and Exchange value*

pela avaliação de quem o fala. Essa avaliação é racializada, como já discutido anteriormente.

O valor de uso e o valor de troca são dois processos diferentes, mas que necessitam um do outro para que o objetivo do sistema capitalista seja alcançado: obter lucro financeiro. Assim, a definição de valor de uso corresponde diretamente à utilidade da mercadoria, para quais “usos”. Tomando o exemplo do objeto casa, adotado por Harvey (2014, p.15-16), para compreender os valores de uso e de troca, o autor assinala que a casa pode ter valores de uso variados, que vão desde atender à necessidade de abrigar pessoas até o porão da casa poder virar um esconderijo (p. 16). Portanto, muitas possibilidades de uso para esse objeto.

O valor de troca considera o trabalho empreendido para a produção de um objeto/mercadoria e as propriedades de uso desse mesmo objeto para chegar a um valor quantitativo (monetário) equivalente. Ainda no exemplo da casa, o valor de troca envolve o valor dos encargos, materiais, serviços, honorários de trabalhadores etc. (Harvey, 2014, p. 17). Portanto, o valor de troca depende do custo de cada item e tempo empregado na sua produção. Isso pode fazer com que se limite quantitativamente o valor de troca do objeto. Para produzir uma casa que tem mais valor de troca do que outra, por exemplo, é preciso aumentar o tempo de trabalho e os materiais utilizados para a sua construção. Para fazer isso, é necessário criar “usos”, ou seja, novas possibilidades de uso para a casa. Uma casa com escritório vai valer mais do que uma casa sem escritório, ainda que ambas possuam os mesmos outros cômodos. Portanto, para aumentar o valor de troca é preciso aumentar o valor de uso (Harvey, 2014, p. 15-17).

A contradição é que para conseguir o valor de troca (objetivo do sistema capitalista) o de uso precisa ser elevado. Porém, com a elevação do valor de troca, o valor de uso passa a ser usufruído por poucos (Harvey, 2014, p. 20-24), causando assim um desequilíbrio e, por consequência, desigualdade na distribuição de acesso a esses objetos/mercadorias. Para produtos e objetos que possuem materialidade física, como uma casa, essa atribuição de valores é mais bem compreendida. Para recursos que não possuem propriedades físicas, como os linguísticos, é possível que as valorações sejam tão subjetivas e simbólicas que tornem a equação um tanto quanto enigmática, principalmente porque a definição de valor de uso e de troca, em termos marxistas, está diretamente associada a algo material, fruto de trabalho empreendido para sua produção.

A aproximação que faço aqui é no sentido de verificar valores de uso e de troca de recursos linguísticos nomeados pelos participantes desta pesquisa como inglês, tendo como base a linguagem enquanto mercadoria ou, pelo menos como recurso que tem valor de mercado agregado, nos termos de Heller e Duchêne (2012, 2016), compreendendo que a linguagem não tem, evidentemente, a mesma materialidade de uma casa. Assim, empreendo uma discussão que, entre outros aspectos, enfrenta a dificuldade de operar com a complexidade de operação com a noção de linguagem como mercadoria, dado que os valores atribuídos a recursos linguísticos não podem ser medidos quantitativamente a partir da força do trabalho, como na visão marxista clássica.

Em termos linguísticos, o valor de uso deveria ser inerente. Contudo, como os dados desta pesquisa apontam, o valor de uso dos recursos linguísticos é alterado quando a comunicação é prejudicada, sobretudo pelo julgamento do sujeito que está usando aquele recurso linguístico. Já o valor de troca começou a se manifestar, em épocas mais recentes, a partir do momento em que o uso dos repertórios passou a inserir pessoas em mercados competitivos específicos e o dinheiro tornou-se a medida do valor de troca. Todavia, o contrário também pode ser verificado, mesmo em tempos de intensificação dos fluxos capitalistas e mesmo com a existência de mercados saturados em busca de novos nichos lucrativos.

Há itens linguísticos — geralmente os que não compõem repertórios de línguas nomeadas hegemônicas — que são percebidos como algo que não possui valor de troca, não dá acesso a mercados competitivos específicos e não produz lucro para quem os utiliza. Nesses casos, possivelmente, o valor de uso também é posto em xeque quando parece que o uso desse repertório é limitado a determinados círculos, famílias e amigos e em algumas circunstâncias. Por essa lógica, quanto menor o valor de uso, ou pelo menos quanto mais reduzidas as possibilidades de uso, também haverá menor valor de troca.

Nesta pesquisa, o referente de inglês percebido localmente pelos participantes tem algum valor de uso para eles, ao passo que a pequena parcela de itens linguísticos também referenciados como inglês que se sobrepõe ao referente local possui ainda menor valor de uso local. O valor de troca do primeiro referente é zero e o do segundo é condicionado ao que se pode conseguir com ele fora da fronteira (cf. seções 5.3.1 e 5.4). Ressalto que essa percepção comparativa dos referentes surge mais da minha necessidade de categorizar para entender (pela reflexão da

posicionalidade e do sujeito ouvinte branco). Certamente que a atribuição desses valores é materializada no discurso dos participantes, mas as fronteiras dos referentes de inglês, para eles, são muito menos delimitadas do que eu necessito para compreender, sendo alguém de fora.

Urciuoli (2008), baseada no que dizem Jhally (1987), Martyn Lee (1993) e David Graeber (2001), explica que valor de uso e de troca não são valores fixos e não são os mesmos para cada sujeito envolvido na transação porque são “[...] mutuamente constituídos e, portanto, ambos socialmente constituídos, cada um dependendo da perspectiva da pessoa envolvida”¹¹⁹ (p. 221). Sendo socialmente constituídos, os valores de uso e de troca de determinado item passam por um processo de construção de significado resultante das relações sociais. São também atravessados por outras questões da modernidade recente que Marx não tinha como prever na sua época, como as novas tecnologias e a publicidade, conforme relata Urciuoli (2008, p. 221). Outras questões também podem ser mobilizadas para esse fim, como: discursos legitimadores do sujeito neoliberal (Urciuoli, 2016), discursos do capitalismo (Chun, 2017), ideologias de linguagem hegemônicas.

Vale destacar que, assim como os valores de uso e de troca, as ideologias de linguagem também são socialmente construídas e partilhadas. E é a partir das ideologias, socio-historicamente situadas, que as valorações são elaboradas. A percepção dos participantes (ideologia de linguagem) a respeito do inglês que eles mesmos e determinados grupos étnicos na Guiana utilizam, mediante o estabelecimento de diferenciação fonológica e lexical por eles percebidas e reportadas (estrutura linguística), revela práticas de linguagem bastante situadas (uso de linguagem) e em contextos específicos. Dessa tríade (cf. Inoue, 2022) é possível depreender a atribuição de valor de uso e de troca ao recurso linguístico aqui examinado.

Gostaria de recordar ao leitor que a descoberta sobre o valor de uso e de troca do inglês nesta pesquisa se baseia no entendimento de que esse recurso deveria ser valorizado devido à sua valorização por muitos, conforme evidenciado pelas pesquisas realizadas por Park e Wee (2012) e Park (2021). Entretanto, é importante destacar que não é que eu esperasse que os participantes valorizassem o inglês na fronteira Brasil-Guiana; meu objetivo era compreender por que aparentemente não o

¹¹⁹ *Use- and exchange-value are, thus, mutually constituted and are, thus, both socially constituted, each depending on the perspective of the person involved.*

faziam. No entanto, mesmo essa preocupação, que inicialmente pode parecer dissociada da crítica à colonialidade que tanto enfatizo, inadvertidamente, reproduz a ideologia de valorização do inglês predominante.

O cerne da questão não está na dicotomia entre valorização ou desvalorização, embora essa discussão seja pertinente para alcançar a compreensão do que é essencial: a persistente reprodução de ideologias raciolinguísticas; o comportamento vigilante da etnógrafa na identificação de discursos de deprivação e o valor da branquitude como lugar de privilégio na sua articulação com o colonialismo. A quem interessa a valorização do inglês e quem de fato se beneficia com a sua valorização? Na dinâmica de valorização, não seriam os brancos os principais beneficiários desse processo? E não seriam eles, em sua condição branca, os únicos capazes de aumentar o valor de uso de um recurso que possuem? Em uma sociedade marcada pelo racismo, seria possível para um falante negro aumentar o valor de uso de um recurso linguístico também mobilizado por um branco? Nessa mesma linha de pensamento, seria plausível supor que os brancos sempre (consciente ou inconscientemente) percebem as pessoas negras como menos capazes, menos valorizadas e menos providas de recursos?

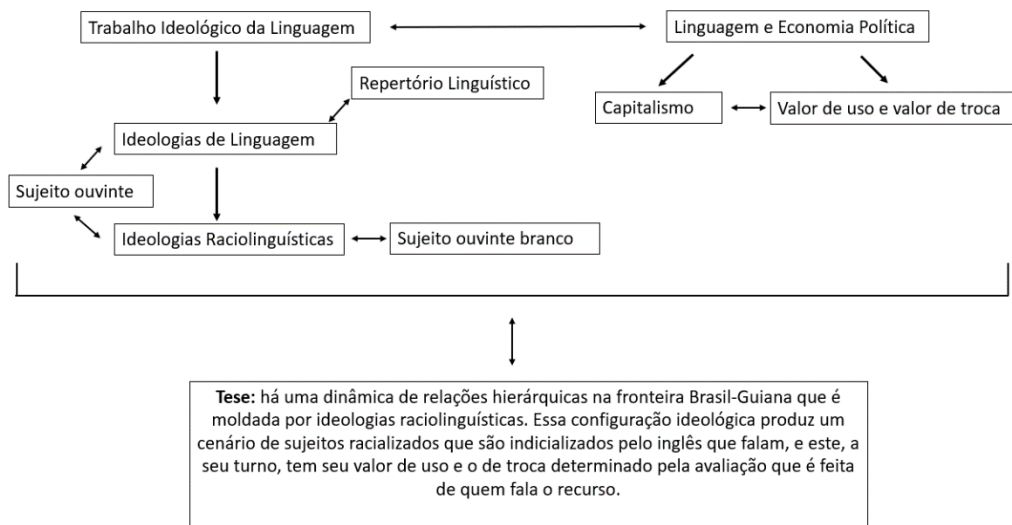
Neste capítulo, apresentei os principais conceitos norteadores para o exame do conjunto de dados desta pesquisa (cf. seção 5). Iniciei pela noção de repertórios linguísticos por entender ser essa uma alternativa à abordagem de línguas nomeadas, uma vez que a nomeação pressupõe a legitimação de ideias sobre linguagem que estão sendo criticadas neste relatório. Para o encadeamento dos conceitos, na sequência, apresentei e discuti a lente teórico-analítica de “ideologias de linguagem”, conceito central desta pesquisa, sobretudo o arcabouço teórico do “trabalho ideológico da linguagem”. Dentro da seção de ideologias de linguagem, foram apresentadas as ideias sobre o inglês a partir da literatura acadêmica escolhida que trata disso, já que a discussão aqui empreendida é em torno desse recurso.

Ainda nessa seção, apresentei a noção de ideologias raciolinguísticas, que são ideologias de linguagem racializadas. Essa é outra noção muito importante para a compreensão do que revelam os dados. Paralelamente à essa noção e apresentados na mesma seção, estão os conceitos de “sujeito ouvinte” e de “sujeito ouvinte branco”, pois guardam relação com os estudos raciolinguísticos e puderam ser evidenciados nos dados desta pesquisa. Ainda nessa seção, apresentei a discussão proposta por Pannell (2023) a respeito dos atos de significação e como a construção discursiva

relacional revela ideologias raciolinguísticas e de padronização própria do fazer etnográfico e da cultura de produção do conhecimento.

Em seguida, apresentei a discussão que sustenta o exame da relação entre linguagem e economia política, já que a proposta desta pesquisa é a de equacionar epistemologicamente esses campos para compreender ideias e valores sobre a linguagem. Como afirmam Garcez e Jung (2021), o intuito é o de "[...] compreender linguagem e sua articulação com o que se passa na economia política como campo de ação na vida vivida de atores sociais contemporâneos" (p. 339). Depois, na última seção, apresento as contradições do capitalismo para poder, então, passar para a exposição da contradição valor de uso e valor de troca que é, conjuntamente com a noção de ideologias de linguagem, central para sustentar as asserções que conformam o achado desta pesquisa. Para ilustrar a retomada dos conceitos, apresento, no que segue um esquema conceitual:

Figura 2- Esquema conceitual das noções norteadoras



Fonte: elaborado pela autora (2023).

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo apresento os procedimentos metodológicos adotados para a realização desta pesquisa. Trata-se de um estudo etnográfico interpretativo. Na seção 4.1, apresento o caráter da pesquisa e os instrumentos de geração de dados utilizados. Na subseção 4.1.1, apresento as mudanças metodológicas que foram realizadas em virtude das limitações impostas pela pandemia do novo coronavírus (COVID-19). Na seção 4.2, apresento como ocorreu o recrutamento dos participantes e a realização das entrevistas; na seção 4.3, discorro sobre como foram feitos o tratamento e análise dos dados; e na seção 4.4 apresento os participantes desta pesquisa.

4.1 CARÁTER DA PESQUISA E INSTRUMENTOS DE GERAÇÃO DE DADOS

Este é um estudo de caráter exploratório. Para esta pesquisa, adotei uma abordagem qualitativa que “[...] é caracteristicamente exploratória, fluida e flexível, orientada por dados e sensível ao contexto”¹²⁰ (Mason, 2002, p. 24). Essa escolha se justifica pelo fato de que a abordagem qualitativa nos permite conhecer o contexto pesquisado, considerá-lo para análise e associá-lo ao posicionamento dos participantes sobre suas próprias práticas e sobre o que acontece à sua volta.

Um dos princípios importantes para esta pesquisa é o da reflexividade, em que o pesquisador confronta suas suposições e analisa criticamente as decisões que toma e suas conclusões acerca daquilo que está examinando (Heller; Pietikäinen; Pujolar, 2018, p. 10; Mason, 2002, p. 5). Dentro dessa abordagem, realizei, a partir de Mason (2002), uma “etnografia interpretativa”¹²¹ (p. 56) considerando que esse interpretativismo, segundo a autora, não necessita se sustentar “[...] na ‘imersão total em um ambiente’, portanto, e pode apoiar felizmente um estudo que usa métodos de entrevista, por exemplo, onde o objetivo é explorar os entendimentos individuais e coletivos das pessoas, os processos de raciocínio [...]”¹²² (p. 56).

¹²⁰ [...] is characteristically exploratory, fluid and flexible, data-driven and context-sensitive. [...]

¹²¹ interpretive ethnography.

¹²² [...] on ‘total immersion in a setting’ therefore, and can happily support a study which uses interview methods for example, where the aim is to explore people’s individual and collective understandings, reasoning processes [...].

Portanto, um instrumento de geração de dados utilizado foi a entrevista semiestruturada que, segundo Mason (2002), “tem maior probabilidade de gerar uma representação mais justa e completa das perspectivas dos entrevistados”¹²³ (p. 66). Para a realização das entrevistas, elaborei previamente um roteiro (APÊNDICE - A) que me permitiu fazer perguntas específicas para evitar generalizações que o relato etnográfico busca evitar e, ao mesmo tempo, me possibilitou a flexibilização necessária para avaliar a situação durante a entrevista e inserir novos questionamentos, tendo a atenção de saber como perguntar, privilegiando “[...] relatos específicos dos entrevistados, experiências ou memórias relevantes para o tema examinado”¹²⁴, conforme sugerem Heller, Pietikäinen e Pujolar (2018, p. 91).

Também fiz uso de diário de campo para registro de notas etnográficas. Esses registros são de detalhes do início da realização do trabalho de campo, de como foram os primeiros contatos com intermediários e participantes; são de detalhes observados durante as entrevistas, que me serviram de suporte, ainda que as entrevistas fossem gravadas também em vídeo; e de interações vividas e observadas nas idas a Bonfim-RR, que foram importantes para compreender o quadro geral do cenário pesquisado. As notas foram registradas manualmente, com papel e caneta e eram mais objetivas, com informações pontuais. Depois, ao término do dia ou no dia seguinte, essas notas eram registradas em um arquivo de Word paginado, seguindo a ordem cronológica dos eventos.

Parte delas constituíram o conjunto de dados examinados, mas outra boa parte foi utilizada como Mason sugere que seja possível: “[...] você pode considerar as notas de campo como dispositivos de desenvolvimento para formular sua compreensão de seu ambiente, para documentar seus ‘palpites’ e para desenvolver e testar suas ideias analíticas”¹²⁵ (Mason, 2002, p. 99). Para compor meu entendimento e me manter informada sobre as cidades pesquisadas, acompanhei em observação páginas de redes sociais relacionadas à Guiana e à fronteira Brasil-Guiana e fiz registros. Foi a partir do que foi veiculado nessas redes que pude acompanhar as manifestações antivacina que aconteceram em Lethem¹²⁶ e outras em prol da abertura da fronteira

¹²³ [...] is more likely to generate a fairer and fuller representation of the interviewees' perspectives. [...]

¹²⁴ [...] interviewees' specific accounts, experiences or memories relevant to the topic examined.

¹²⁵ [...] you may regard fieldnotes as more developmental devices for formulating your understanding of your setting, for documenting your 'hunches', and for developing and testing out your analytical ideas.

¹²⁶ Disponível em: <https://guyanasouthamerica.gy/news/2021/08/24/lethem-residents-protest-coercive-vaccine-policies/> Acesso em: 19 set. 21

que aconteceram em Bonfim¹²⁷, por exemplo. Esse acompanhamento contribuiu também para que eu soubesse como as pessoas que moram e trabalham nessa fronteira estavam lidando com a situação pandêmica imposta, e quanto disso poderia ter (ou se teria) alguma relação com o fenômeno que eu estava examinando.

4.1.1 A pandemia e as modificações metodológicas

O projeto que possibilitou a realização desta pesquisa teve seu desenho metodológico inicial aprovado no final de fevereiro de 2020¹²⁸. Tinha como etapa preliminar da pesquisa (CNS, 2016, Art. 2º, XII), observação participante de uma semana contínua, apenas em espaços públicos, pelos dois núcleos urbanos, Bonfim e Lethem, com o intuito de ter vivência etnográfica e subsídios de entendimento local para buscar os participantes com perfis interessantes e depois empreender uma conversa mais aprofundada com eles. Projetava ainda como atividade preliminar, também apenas em espaços públicos, observação na Igreja Adventista do Sétimo Dia – os Ingleses no bairro Aracelis em Boa Vista, abrindo a possibilidade de retorno a esse local caso algo observado ali se mostrasse muito relevante e se conectasse a algo que eu estivesse vendo em Bonfim.

A escolha desse espaço se deu em razão do número de guianenses que frequentam essa igreja e se concentram no bairro. Em dezembro de 2007, a igreja surgiu do interesse deles em congregar num espaço em que pudessem utilizar o inglês como recurso de pregação e louvor. Chamam-na informalmente de “igreja dos ingleses” para marcar a diferença em relação às outras igrejas (Ortiz, 2016). Da circulação por esse espaço, eu fazia anotações em diário de observação de espaços públicos. Entretanto, com a pandemia pelo novo coronavírus (COVID-19), esse planejamento precisou passar por modificações. Em novembro e dezembro de 2021, fiz três visitas à igreja dos ingleses em Boa Vista, fui muito bem recebida, mas não registrei nada que requeresse imprescindível retorno. A seguir a foto da fachada da igreja:

¹²⁷ Disponível em: <https://guyanasouthamerica.gy/news/2021/09/16/bonfim-residents-execute-complete-blockage-of-entry-to-port-lethem/> Acesso em: 19 set. 21

¹²⁸ Número do primeiro parecer consubstanciado: 3.841.527

Figura 3- Igreja dos ingleses em Boa Vista-RR



Fonte: Acervo pessoal da autora (2021).

Em março de 2020, a fronteira Brasil-Guiana foi fechada¹²⁹; na segunda quinzena de março e início de abril de 2020¹³⁰, foi decretado o distanciamento social no Brasil. Diante da incerteza vivida mundialmente, aguardei para ver como a situação pandêmica ia ser administrada para só então pensar no que poderia ser feito em termos da pesquisa propriamente. Com a promessa de vacina para o início do ano de 2021, mas ainda com muitas incertezas sobre o que seria seguro fazer sem que houvesse contaminação pelo novo coronavírus e sem saber por quanto tempo mais a pandemia se estenderia, fiz alterações metodológicas no projeto de pesquisa e submeti emenda ao comitê de ética em maio de 2021.

¹²⁹ Disponível em: <https://folhabv.com.br/noticia/CIDADES/Capital/Fronteira-com-a-Guiana-e-reaberta-nesta-segunda/80329> Acesso em: 04 out. 2021.

¹³⁰ Disponível em: <http://cadernos.ensp.fiocruz.br/csp/artigo/1183/medidas-de-distanciamento-social-para-o-enfrentamento-da-covid-19-no-brasil-caracterizacao-e-analise-epidemiologica-por-estado> Acesso em: 15 jan. 23.

Nessas alterações as observações presenciais foram suspensas e as entrevistas com os participantes aconteceriam, agora, remotamente via plataformas digitais. No mesmo mês de submissão, a emenda ao projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) foi aprovada¹³¹. Depois dessa aprovação, iniciei o trabalho de campo dentro do que foi possível fazer tendo em vista a crise sanitária que estávamos passando.

4.2 RECRUTAMENTO DOS PARTICIPANTES E REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS

Pouco depois da aprovação da emenda, retomei o contato com pessoas conhecidas que são os intermediários para chegar aos participantes, conforme o método de amostragem bola de neve¹³². No total, o trabalho de campo ocorreu no período de 27 de maio de 2021 a 21 de dezembro de 2021. A geração de dados iniciou na nova data projetada, mas finalizou depois do período projetado, que era setembro de 2021, em decorrência de desafios inerentes ao processo e que a pandemia impôs.

Para Etikan *et al.* (2015), o método bola de neve é “[...] particularmente adequado quando a população de interesse é difícil de alcançar e compilar uma lista da população apresenta dificuldades para o pesquisador”¹³³ (p. 1). Assim sendo, esse procedimento afinou-se com este estudo uma vez que as pessoas da fronteira Brasil-Guiana, especialmente dentro do perfil delineado, não são tão fáceis de localizar, dado que em experiência anterior (Fonseca, 2015), identifiquei que alguns guianenses não se autodeclararam como tal, mas como brasileiros. Em alguns casos, nesta pesquisa, enfrentei a mesma dificuldade de antes (agora agravada pela pandemia) para a identificação de possíveis participantes.

Essa resistência em se autodeclarar como guianense pode ter motivação subjetiva do participante que não tenho como acessar, mas pode também ser vista como um estigma de autoidentificação como guianense, em que se percebe os efeitos da racialização desses corpos. Dito isso, destaco uma situação que percebi e que corrobora a afirmação anterior, mas, para não identificar a participante, vou relatar

¹³¹ Número do parecer substanciado da emenda ao projeto: 4.722.524

¹³² O método bola de neve consiste em “[...] uma amostra de estudo através de referências feitas entre pessoas que compartilham ou conhecem outras pessoas que possuem algumas características que são de interesse da pesquisa”¹³² (BIERNACKI E WALDORF, 1981, p. 141).

¹³³ “[...] which is particularly suitable when the population of interest is hard to reach and compiling a list of the population poses difficulties for the researcher.

aqui e não no capítulo analítico – em que as apresento. Uma das participantes é filha de outra. Elas me foram indicadas pela mesma intermediária – inclusive ela própria poderia ter participado da pesquisa, mas não o quis. A participante filha afirmou que a mãe é brasileira enquanto a própria mãe afirmou ser guianense.

O forte motivo para a utilização do método bola de neve nesta pesquisa é pela possibilidade que ele viabiliza de chegar a grupos de pessoas mais difíceis de alcançar, como já mencionado. Com a pandemia e a necessidade do isolamento social, chegar aos participantes foi mais desafiador, e um dos desafios foi realizar todas as etapas da geração de dados remotamente, via ligação telefônica e plataformas digitais como WhatsApp, por exemplo. Estabelecer a confiança entre pesquisador e participante, no formato remoto, depende em parte de boa intermediação. Um aceite ao convite da pesquisa às vezes está condicionado à relação do intermediário com aquele que ele está indicando, e de como foi o contato prévio entre intermediário e o participante para falar da pesquisa. Em alguns casos, a intermediação conta com a indicação de um possível participante sem que haja a conversa prévia entre intermediário e participante. Para todos os casos, com conversa prévia ou não entre intermediário e participante, foi importante informar quem fez a ponte entre mim e o(a) candidato(a) a participante da pesquisa.

Para algumas entrevistas realizadas nesta pesquisa, fiz contato inicialmente por mensagem via WhatsApp e depois por ligação telefônica. A mensagem de abordagem era para me apresentar ao candidato informando quem foi o intermediador do nosso contato. Nesta conversa inicial, eu já informava resumidamente sobre a pesquisa e negociava uma ligação para explicar do que tratava a pesquisa e sobre a participação do(a) candidato(a) conforme texto do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE – Apêndice B). Percebendo o interesse do(a) candidato(a) em colaborar com a pesquisa e em ler o TCLE, acordávamos, na ligação, o envio do termo ao candidato, solicitando que ele lesse o documento e, em caso de alguma dúvida, me retornasse.

Ao responder minha mensagem sobre o termo, eu solicitava aos candidatos que, estando esclarecidos sobre a pesquisa e caso concordassem em participar, gravassem em áudio ou vídeo seu consentimento para que então eu pudesse agendar e realizar a entrevista. Com duas exceções, todos escolheram gravar em áudio via WhatsApp. Fiz o download desses áudios e os arqueei nas pastas específicas de cada participante.

Após o consentimento informado, eu procedia à entrevista em dia e horário que fossem melhores para o(a) participante. Chegada a hora da entrevista, eu enviava mensagem de texto para informar que iria iniciar a chamada de vídeo por WhatsApp. O uso desse aplicativo se deu por ser de uso mais comum entre os participantes desta pesquisa e de manejo mais fácil para eles. Para o registro da entrevista, recorri à gravação de tela para captura de áudio e vídeo e ao gravador de voz do celular como um recurso de backup para o caso de acontecer algum problema com a outra gravação. Algumas entrevistas foram realizadas presencialmente devido à dificuldade de acesso tecnológico de alguns participantes, e também pelos episódios de precário sinal de internet que, por vezes, inviabilizava a ligação por áudio. Para a realização dessas entrevistas especificamente, foram tomados todos os cuidados sanitários necessários para evitar contaminação por COVID-19 e só foram realizadas após a disponibilização de vacina contra o vírus.

Para a realização das entrevistas presenciais, fui a Bonfim e encontrei com os/as participantes em lugar e horário pré-determinados e na conveniência deles. As entrevistas tiveram duração entre 30 minutos e uma hora e meia. Foram realizadas 15 entrevistas com um total de pouco mais de dez horas de material gravado. Alguns participantes escolheram realizá-las estando em suas casas, e outros, em seus locais de trabalho. Nas entrevistas presenciais, eu dispunha de um gravador de voz e uma câmera de vídeo para fazer os registros audiovisuais. Todas as entrevistas seguiram o roteiro de perguntas previamente estabelecido (Apêndice - A).

A primeira entrevista aconteceu no início de junho de 2021, dentro do período projetado para isso no novo cronograma de pesquisa. As outras demoraram um pouco mais devido à dificuldade de acesso aos participantes dentro do perfil esperado. Mesmo quando eu conseguia contatar alguns candidatos, recebi alguns “nãos”, e outros nem responderam ao meu contato. A demora para conseguir candidatos dispostos a participar da pesquisa pode ser interpretada como uma resistência à participação pelo estigma da autoidentificação. Há pessoas que não querem falar de suas origens, não querem acessar conteúdos pessoais ou mesmo falar de algo que para elas é rotineiro, comum e funciona sem precisar de explicação ou de respostas.

Considerando o caráter da pesquisa, pensei em critérios gerais de inclusão de perfil de participantes que envolvessem: migrantes guianenses possivelmente com cidadania brasileira que não vivessem aldeados e brasileiros que não possuíssem

parentesco direto com guianenses e que atuassem ou morassem na fronteira. A partir dos critérios de inclusão de participantes, o perfil almejado incluía:

- 1) migrantes guianenses, com ou sem cidadania brasileira, que não vivessem aldeados e que:
 - a) se autoidentificassem como indígenas regionais, excluindo-se todos os que tivessem identificação formal/legal indígena (registro da FUNAI).
 - b) tivessem algum histórico familiar local, da região administrativa nº 9 da Guiana.
 - c) tivessem ascendência indiana ou que tivessem alguma ligação com grupos étnicos indianos.
 - d) tivessem ascendência africana ou que tivessem alguma ligação com grupos étnicos africanos.
 - e) tivessem alguma ligação com as religiões hindu, anglicana ou cristã (evangélica pentecostal, católica romana, adventista do sétimo dia).
- 2) brasileiros que não possuíssem parentesco direto com guianenses e que atuassem e/ou morassem na fronteira, como: os agentes educacionais e empregadores da região.

O primeiro critério geral se justifica porque este relatório de pesquisa trata de questões de mobilidade. Portanto, importa que os participantes sejam migrantes. O segundo critério geral se justifica em razão de aumentar as possibilidades de triangulação e para ter ângulos de perspectivas sobre a presença dos guianenses e como são percebidos.

Para o critério de migrantes guianenses, cinco especificações foram pensadas, tendo como base as categorias raciais que já operam entre os participantes. Os que se autoidentificassem como indígenas regionais ou que possuíssem algum histórico familiar local seriam pertinentes a esta pesquisa porque são pessoas que talvez não tivessem formação nacionalista e, por isso, pudessem apresentar ideologias de linguagem distintas daqueles que apresentam tal característica.

Os que tivessem ascendência indiana/africana ou se autointitulassem como indo-guianenses/afro-guianenses ou possuíssem alguma ligação com indianos/africanos, grupos que estão presentes na Guiana desde o período colonial, interessavam por eles próprios ou seus ascendentes serem possivelmente migrantes de áreas costeiras da Guiana, cujo histórico familiar terá sido de deslocamentos

transcontinentais. Os que declarassem alguma ligação com as religiões apontadas acima, talvez pudessem demonstrar orientação voltada para grandes centros o que, possivelmente, poderia refletir naquilo que dizem sobre as *línguas* circulantes na fronteira em questão.

Para o critério dos brasileiros, importava conhecer o que dizem sobre a presença de guianenses os agentes educacionais atuantes e/ou moradores na região, porque talvez pudessem apresentar perspectivas de um ponto de vista de sujeitos que vêm de regiões menos periféricas e, provavelmente, expor posicionamentos diversos sobre a presença desses migrantes nessa fronteira. Brasileiros empregadores atuantes nessa região talvez pudessem proporcionar discursos de valorização de itens de repertório linguístico específicos como critério de contratação. Pelas perguntas e objetivos desta pesquisa, importava que os participantes possuíssem idades variadas para que se tenha o maior número de representatividade. Portanto, a idade dos participantes desta pesquisa vai de 23 a 70 anos.

As entrevistas foram conduzidas com doze participantes guianenses e três brasileiros. O preenchimento do subperfil não seguiu à risca o que foi planejado porque, embora existam diferentes grupos étnicos na Guiana e os próprios participantes reconheçam essa existência, chegar a essas pessoas mais especificamente foi bastante desafiador. Quando eu solicitava aos meus intermediários e aos próprios entrevistados indicações de candidatos a participantes dentro dos subperfis, a resposta que eu recebia era de que ou não conheciam pessoas nesses perfis, ou conheciam e tentariam fazer a intermediação. Em alguns casos, os que diziam conhecer esses candidatos afirmavam não ter certeza se aceitariam o convite para participar da pesquisa por serem muito reservados e “desconfiados”.

Todas as entrevistas foram examinadas (seção 4.3), e nove delas foram utilizadas para compor o conjunto de dados apresentados neste relatório de pesquisa. Esse número foi definido pelas ocorrências discursivas que estavam em consonância com as categorias analíticas (seção 4.3), e porque esse conjunto apresentou indícios suficientes para a formulação dos argumentos do objeto analisado. Além disso, os dados provenientes dessas nove entrevistas foram satisfatórios para o estabelecimento de comparações e para explicar o fenômeno a que me propus investigar.

Em termos de representatividade, os participantes que deram essas entrevistas são homens e mulheres, de diferentes idades e com diferentes trajetórias de vida, que

retratam a realidade representada de Bonfim-RR. Há professores, servidores públicos, donas de casa e profissionais autônomos. No tocante aos subperfis, em que pese a dificuldade de chegar às pessoas como já mencionado, estes foram contemplados nesse conjunto de nove participantes. As outras três entrevistas de participantes guianenses que não foram utilizadas não apresentam ocorrências discrepantes, mas não traziam nenhuma informação específica que pudesse acrescentar novidade à discussão.

As entrevistas com os três participantes brasileiros não foram utilizadas no relatório porque se mostraram pouco relevantes e uma delas foi improdutiva. Possivelmente seja o caso de, em pesquisas futuras, aprofundar mais o trabalho de campo para verificar a existência de casos discrepantes. O trabalho de campo que realizei foi menos intenso do que poderia ser desejável em virtude da pandemia do COVID-19, mas ele foi suficiente para revelar o campo indicial apresentado e as ideologias de linguagem que o compõem.

4.3 TRATAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS

Os dados gerados foram armazenados em pastas digitais com a identificação de nomes fictícios dos participantes para análise. Os pseudônimos foram escolhidos por mim de maneira a considerar o número de letras e sílabas tônicas dos nomes reais dos participantes. A partir disso, escolhi nomes em inglês tentando manter o número de letras e a mesma tonicidade. A escolha dos nomes em inglês tem a ver com o meu entendimento de que essa seria uma maneira de garantir a desidentificação dos participantes, uma vez que alguns apresentam nomes brasileiros. Não houve outra razão para a escolha dos pseudônimos.

As entrevistas foram transcritas inicialmente sem convenções. Assim como Fries (2019, p. 86), optei por fazer esse trabalho prévio de transcrição para ter uma materialização escrita de todo material gravado e, assim, conseguir segmentar os dados posteriormente. Em seguida, a segmentação dos dados foi feita mediante análise temático-discursiva, tomando como base as perguntas e os objetivos de pesquisa. A pergunta de pesquisa principal apresentada na seção introdutória deste relatório trata centralmente de ideologias de linguagem e as outras que seguem relacionam ideologias de linguagem a localidade e mobilidade, dinâmica centro-periferia e economia política. Tendo sempre em vista a pergunta de pesquisa central,

ouvi e assisti às entrevistas, algumas vezes. Iniciei o exame dos dados procedendo conforme sugerem Heller, Pietikäinen e Pujolar (2018, p. 104) ao afirmarem que “[o]s processos analíticos que orientaram seu projeto de pesquisa e coleta de dados o levarão a algumas hipóteses preliminares. Use-os para decidir por onde começar o mapeamento, o que rastrear e quais conexões procurar”¹³⁴.

Para a primeira fase analítica — a segmentação —, ouvir, assistir e reler o material transcrito previamente reiteradas vezes me possibilitaram identificar alguns padrões de resposta e mapear o material. Como projetei perguntas com enfoque exploratório, foquei o olhar nas respostas dos participantes a respeito de temas que responderiam a essas perguntas projetando, assim, as categorias analíticas. A primeira delas foi “repertório sociolinguístico local”. Era importante que eu verificasse, inicialmente, qual era o repertório dos participantes e as práticas linguísticas destacadas e/ou apagadas por eles mesmos ou por outras pessoas, bem como o que diziam os participantes a respeito desse repertório e dessas práticas. No material mapeado, rastreei e selecionei os segmentos de entrevista dentro dessa temática e os separei em um arquivo específico para isso.

A segunda categoria foi “inglês na fronteira”. Depois de verificar o repertório dos participantes, era crucial que eu direcionasse o olhar para o objeto central da tese. Para compreender o valor do inglês na fronteira Brasil-Guiana, eu teria que primeiro entender o que os participantes diziam do recurso, o que tinham como referência de inglês e se discriminavam inglês ou crioulo da Guiana. Procedi da mesma maneira que antes e separei os segmentos em um arquivo específico para isso.

Por fim, a terceira categoria foi “dinâmicas de mobilidade e localidade”. Ao lidar com participantes que são migrantes, era relevante compreender o histórico de mobilidade e de localidade deles e de suas famílias para, pelas trajetórias de vida, compreender as razões pelas quais migraram, o que consideravam como centro e periferia, e se essas dinâmicas de mobilidades tinham alguma relação com suas ideias sobre linguagem. Portanto, os dados segmentados foram indexados nas seguintes categorias: (1) repertório sociolinguístico local; (2) inglês da fronteira; e (3) dinâmicas de mobilidade e localidade. Feito isso, para buscar as conexões existentes no material indexado, rastreei possíveis relações entre as categorias que me possibilitassem tanto

¹³⁴ *The analytical processes that drove your research design and data collection will led you to some preliminary hypotheses. Use them to decide where to begin mapping, what to trace, and which connections to look for.*

verificar as expectativas criadas (desde a formulação do projeto à fase de mapeamento dos dados) quanto formular as asserções empíricas.

Após a segmentação e indexação, as transcrições dos segmentos selecionados seguiram o modelo Jefferson adaptado proposto por Garcez, Bulla e Loder (2014, p. 272). Apenas os segmentos selecionados passaram pela transcrição no modelo citado (cf. Apêndice – C). As transcrições foram realizadas diretamente em tabela que informa o número da linha, o nome dos interlocutores e o trecho de fala transcrito.

Por recomendação de Garcez, Bulla e Loder (2014, p. 268-269), utilizei a fonte Courier, tamanho onze, a ortografia, recorrendo, por vezes, a grafia modificada para manter a máxima aproximação possível do que o(a) participante proferiu, principalmente considerando que parte dos participantes fala um português com sotaque inglês. Os registros em que há desvio de concordância verbal e nominal estão postos da maneira como foram vocalmente proferidos.

Então, o leitor encontrará exemplos como “minha passaporte” e “era muito indianos”. Os elementos continuadores de atividade vocal não lexical, que indicam atenção e concordância (Garcez; Bulla; Loder, 2014, p. 269), foram grafados da seguinte forma: *humrum*, *anham*, *ah*, *ãh*, *hum*. Os softwares *ExpressScribe* e *Audacity* foram ferramentas utilizadas para a realização das transcrições e medição de micropausas e lapsos de silêncio.

Os segmentos transcritos foram analisados tendo como base as “leituras interpretativas e reflexivas”¹³⁵ (Mason, 2002, p. 149). Esse tipo de leitura permite que o pesquisador possa refletir sobre o que os participantes disseram e construir significados e asserções e perceber que essas interpretações refletem aquilo que o pesquisador percebe como sendo o entendimento do participante, mas sem deixar de lado suas próprias concepções (Mason, 2002).

Na escrita deste relatório de pesquisa, busquei atender o que determinam os manuais de pesquisa qualitativa (Mason, 2002; Heller; Pietikäinen; Pujolar, 2018), a respeito da análise dos dados e da construção da argumentação para o leitor. A sustentação das asserções foi feita mediante, primeiramente, o destaque gráfico do(s) dado(s) – excertos de entrevistas, citações de diário de campo, figuras esquemáticas –, seguidos da prosa analítica para informar meu entendimento do fenômeno

¹³⁵ *Interpretive and reflexive readings.*

observado na sua relação com o resultado de outras pesquisas já realizadas ou com o que dizem teorias/conceitos do mesmo campo de estudos. Depois, fiz a interpretação do que informam os dados e a prosa analítica para a elaboração do(s) argumento(s). No que segue, apresento o exame analítico dos dados.

4.4 APRESENTAÇÃO DOS PARTICIPANTES

Nesta subseção, os participantes são apresentados por meio de suas próprias vozes, proporcionando ao leitor um acesso direto à autodeclaração identitária de cada um. Junto a autodeclaração, eu os reapresento inserindo informações por eles acrescentadas ao longo da entrevista, e forneço informações sobre como os conheci. Início com minha própria apresentação, uma vez que, na qualidade de pesquisadora e entrevistadora, também atuo como participante na interação.

Como já brevemente apontado na introdução, nasci e fui criada em Manaus-AM. Toda a minha escolarização básica foi feita na capital amazonense, frequentando instituições de ensino privadas. Reconheço o privilégio que tive e o esforço de minha família para me proporcionar a melhor educação possível, mesmo não sendo financeiramente abastada. Durante minha infância, solicitei à minha mãe aulas de piano e inglês. Sonhava em seguir o exemplo das professoras que admirava naquela época, as quais foram fundamentais na construção da minha percepção tanto do piano quanto do inglês. No entanto, diante de limitações financeiras, precisei tomar uma decisão e, inexplicavelmente, optei pelo inglês. Talvez tenha sido influenciada pela minha forte vontade de imitar as professoras e os cantores de música estrangeira que admirava. Acreditava na beleza da língua inglesa e almejava falar como eles. Naquela época, a ideia da distinção relacionada ao domínio do inglês era particularmente marcante, e, como tantas outras pessoas, considerava importante adquirir esse recurso linguístico em meu repertório.

Quando iniciei meus estudos em inglês, fui tomada por um encantamento tão profundo que achei que poderia ensinar as bonecas ou as colegas da vizinhança da casa de minha avó. Entretanto, jamais imaginei que um dia me tornaria professora. Os indícios já estavam presentes; eu apenas precisava reconhecê-los. Meu desejo inicial era seguir a carreira médica, porém, os rumos da vida me conduziram ao curso de licenciatura em Letras. A despeito disso, antes mesmo de formalizar minha atuação como professora, já ministrava aulas de inglês em cursos livres. Posteriormente,

ingressei na docência do ensino regular. A cada ano à frente de uma sala de aula, sentia uma crescente necessidade de aprimoramento, visando proporcionar o melhor para meus alunos. Assim, dediquei-me à realização de uma especialização, seguida pelo mestrado e, por fim, pelo doutorado. Ao longo desse processo formativo, o inglês sempre esteve presente de alguma maneira, e meu interesse pela fronteira Brasil-Guiana emergiu como um ponto de interesse particularmente significativo, pois unia: o inglês e a proximidade com um país de língua inglesa.

Evidentemente que tive uma formação tradicional e, portanto, no que se referia às línguas, nomear, categorizar e qualificar estavam no meu horizonte para entender o seu funcionamento. Contudo, desde antes de tomar conhecimento da disciplina de Linguística Aplicada, eu já tinha interesse em compreender os porquês, mais do que descrever qualquer fenômeno observável ou qualquer produção linguística. Comecei a considerar que o "r" aspirado que pronuncio talvez não esteja diretamente ou tão somente ligado à região onde nasci. Principalmente, comecei a questionar se, para mim e para a abordagem de produção de conhecimento que defendo, seria proveitoso manter-me nesse nível de explicação da produção linguística. Foi então que minha atenção aos falantes se intensificou. Busquei compreender não apenas por que as pessoas falam como falam, mas também qual é a percepção delas sobre o que produzem, quais benefícios ou desvantagens percebem nisso e que outros aspectos são mobilizados em suas vidas em decorrência disso. Esse trajeto intelectual, que não transcorreu de forma solitária, conduziu-me à presente pesquisa sobre ideologias de linguagem.

Durante o desenvolvimento deste estudo, ocorrido em meio à pandemia do COVID-19, meu primeiro encontro com uma participante, por meio de uma intermediária, foi June. Conforme meu costume nas entrevistas conduzidas, solicitei que ela se apresentasse e compartilhasse um pouco de sua trajetória:

Excerto 1 Entrevista 1 [01-14; 17-23; 26-31; 36-38]

- 01 Natália: pra começar me conta um pouquinho sobre você
 02 me conta um pouquinho sobre tua história de
 03 vida:: da tua família::
 04 June: a minha família ela é descendência da Guiana ()
 05 a minha história começa com meu pai que ele é
 06 brasileiro e minha mãe é ()
 07 Natália: sua mãe é da Guiana?
 08 June: minha mãe é descendência da Guiana Inglesa

- 09 Natália: hmm
 10 June: ahh meu pai com dezessete anos foi trabalhar na Guiana
 11 inglesa saiu daqui do Brasil dum interior aqui de
 12 Roraima aí foi trabalhar () assim que
 13 () conheceu minha mãe casou pra lá teve três
 14 filhos pra lá () no Brasil vieram pra cá de
- [...]
- 17 ()pra cá eu tava com sete anos de idade com
 18 [eles]
 19 Natália: [você] nasceu lá na Guiana também?
 20 June: foi lá na Guiana eu nasci lá na Guiana foi quatro
 21 filhos nascidos pra lá pra lá pra Guiana, meu irmão
 22 mais velho, a minha irmã, a minha outra irmã (foi)
 23 também
- [...]
- 26 Natália: entendi e::: aí você falou que veio pra Bonfim com
 27 sete anos né? como é que foi essa chegada aí em
 28 Bonfim?
 29 June: ai essa chegada foi (difícil) eu não sabia nada de
 30 português, foi tudo o começo de: foi muito bullying
 31 na escola porque eu não sabia falar, e eles sorriam
- [...]
- 36 Natália: humrum
 37 June: (.) e hoje eu sou formada, hoje eu terminei o meu
 38 estudo, eu tenho cursos técnico (.) ainda não trabalho

E, mais adiante, completou:

Excerto 2 Entrevista 1 [41-61]

- 41 June: não trabalho, eu fiz eu fiz dois curso técnico depois
 42 porque eu quando eu tava com dezessete anos também eu
 43 fui me embora pra Guiana de novo
 44 Natália: ah si:m
 45 June: pra Guiana, aí lá eu me casei, casei com um () que
 46 mora na Guiana, na Guiana Inglesa
 47 Natália: e por que que você foi pra lá com dezessete anos?
 48 June: porque:: eu queria ir passear, eu queria andar um
 49 pouco, aí eu fui com a minha tia de volta pra lá na
 50 Guiana, e:: chegando (lá) eu conheci o homem que eu
 51 vivo hoje (já) há quinze anos ()
 52 Natália: que legal
 53 June: aí ah quando eu tava aqui eu aprendi tanto o- quando
 54 eu comecei com sete anos eu comecei a estudar, eu
 55 aprendi tanto o português que eu esqueci totalmente
 56 o inglês
 57 Natália: sério?
 58 June: () eu esqueci totalmente o inglês, foi difícil o
 59 inglês ah: pra pegar de volta aí por isso que eu

60 também queria ir por lá porque:: como (não as coisas)
61 eu não entendia mais o inglês, a gente (esquece)()

Por ocasião da entrevista, quando questionada, posteriormente, como se sentia, June respondeu:

Excerto 3 Entrevista 1 [297-308]

297 Natália: como é que você se sente, você se sente::
298 brasileira:: você se sente guianen::se como é
299 que é pra [ti]?
300 June: [hhh] pra mim eu me sinto brasileira não
301 me sinto guianense hhh não me sinto guianense de jeito
302 nenhum
303 Natália: [é::?]
304 June: [eu me] sinto totalmente brasileira aqui desde sete
305 anos aqui eu (.) eu: a maioria das minhas lembranças
306 das minhas recordações que eu tenho é aqui no Bonfim
307 é aqui no Bonfim, todas minhas amigas, todo mundo
308 que eu conheço é daqui do Bonfim

June é guianense, filha de pai brasileiro e de mãe guianense. Tinha 33 anos na data em que gravamos a entrevista (linhas 4, 8 e 20 do excerto 1). Disse que aos sete anos de idade foi trazida para morar no Brasil e que esse foi um período difícil, pois não sabia falar português e por isso sofria muito *bullying* na escola. Não nomeou expressamente, nesse momento, o recurso linguístico que falava, somente o que não conhecia. Contou, em seguida, que se esforçou para aprender português e relatou que aprendeu tanto que chegou a esquecer o inglês. Parou de frequentar a escola brasileira quando decidiu, aos 17 anos de idade, retornar para a Guiana.

Segundo ela, um dos motivos para o seu retorno foi para reaprender o inglês que havia esquecido. A visita de uma tia sua, que morava na Guiana, ajudou a despertar o interesse de retorno (excerto 2). Foi quando pediu permissão à sua mãe para voltar à Guiana, acompanhando sua tia. Lá conheceu seu marido e teve um filho. Casada, June disse que morou por seis anos na Guiana, quando reaprendeu o inglês de lá (excerto 2). Nesse período de retorno à Guiana, June morou na região do país mais próxima ao Suriname, que ela nomeou como Rosignol e Black Bush. Aos 23 anos retornou para o Brasil e reside em Bonfim desde então. Retomou os estudos e finalizou dois cursos técnicos, mas não conseguiu emprego nas áreas de atuação.

June foi uma das pessoas mais colaborativas com quem conversei e que aceitaram participar desta pesquisa, sempre solícita e sorridente. Nosso contato

prévio foi viabilizado por uma intermediária, e realizamos a entrevista remotamente por vídeo chamada, dadas as condições impostas pelo COVID-19. Isso possibilitou que ela me mostrasse itens da culinária indiana muito usados na Guiana, quando me dava exemplos de palavras no inglês de lá, classificado por ela como gíria. Mostrou-me o *dhal* – um tipo de lentilha bastante utilizada na culinária indiana – e o *curry*, tempero também muito utilizado.

A próxima participante é Harper:

Excerto 1 Entrevista 2 [12-51]

- 12 Natália: bom, Harper, primeiro queria que você falasse um
 13 pouquinho sobre você onde você nasceu, onde você
 14 estudou
 15 Harper: então, eu nasci em- no capital mesmo Georgetown,
 16 né, e eu estudei, estudei na capital, né? por
 17 muitos anos, até os quinze anos ()
 18 Natália: aham
 19 Harper: e:: é:: a minha mãe, ela é brasileira e meu pai é
 20 guianense, e:: a gente está sempre é::: nós temos
 21 é:: família aqui aqui no Brasil, então, nas férias
 22 da escola da Guiana
 23 Natália: humrum
 24 Harper: eu estava sempre aqui, passando as férias com meus
 25 primos, avó, avô, tio (foi sempre assim na infância),
 26 a minha vó é índia, índia mesmo, assim ()
 27 cabloco eles falam, né? e:: é:: ela é daqui, de uma
 28 comunidade indígena no Brasil
 29 Natália: humrum
 30 Harper: e::: como aqui é a fronteira, é::: ela conheceu,
 31 ela conheceu meu avô, que vinha de Inglaterra, ele,
 32 o pai, o tio, e:: é::: ele fazia pesquisa de
 33 diferentes animais, espécies de animais, e (meu
 34 vô) trabalhava com uma família, é::: os Melvilles,
 35 é::: tem, tem os::: você conhece ah::: (as diferenças
 36 das famílias) da Guiana? entre Melvilles e Harts
 37 já ouviu falar?
 38 Natália: já
 39 Harper: então, a minha avó, ela era uma das é::: empregada
 40 dessa família, Melville, os Melvilles na época era
 41 a família é::: poderosa, né? na época e::: é:::
 42 recebiam os ingleses, de Inglaterra, americano, os
 43 missionários, e meu avô viu minha avó na cozinha,
 44 uma moça de dezesseis ou quinze anos, se apaixonou
 45 e tirou ela da vida- dessa empregada, e foi assim,
 46 nasceu é::: minha mãe, e foi assim que eu (surgi)
 47 Natália: ai, que legal, sim, ahn, e você morou em Georgetown
 48 quanto tempo?
 49 Harper: como eu falei, eu sou ruim com datas, né? eu sou
 50 de de 70, né? 1970, então eu vim embora com treze
 51 anos, de vez

Cheguei à Harper por uma intermediária. Essa intermediação foi crucial para que a nossa entrevista acontecesse, visto que ela confia na intermediária e, portanto, nas suas indicações. Quando compartilhou essa informação comigo, senti mais responsabilidade ainda para conduzir a entrevista; para me fazer entender na explicação dos objetivos da pesquisa e dos termos do TCLE. Mas não só isso. Rememorei, mais uma vez, o compromisso que estava assumindo com a participante — assim como com todos os outros — e o comprometimento em fazer um relato de pesquisa engajadamente etnográfico que fizesse jus ao que pessoas como Harper estavam compartilhando comigo, e que a perspectiva delas fosse sempre central. Na primeira conversa por ligação telefônica que tivemos — minutos antes da entrevista acontecer, remotamente —, enquanto eu explicava os termos da pesquisa, a senti um pouco reticente, preocupada com a gravação em vídeo. Tirei suas dúvidas e esperei por sua decisão de participar ou não da pesquisa. Ela aceitou e realizamos a entrevista, no mesmo dia, com gravação de áudio.

Procedi da mesma maneira como com os outros participantes, pedindo que Harper se apresentasse e contasse um pouco sobre a sua história e a de sua família. Com 51 anos de idade na data da entrevista, Harper me disse que nasceu em Georgetown, fez parte de sua formação escolar na Guiana e costumava passar as férias escolares no Brasil. Contou-me que sua mãe é brasileira e seu pai é guianense que carrega no sangue um pouco de cada grupo étnico que constitui a Guiana. Sua avó materna é indígena, o avô materno é inglês e a avó paterna é canadense (excerto 1). Seus avós maternos se conheceram no período em que sua avó trabalhou para uma das famílias abastadas — os Hart[Heart] e os Melville (Silva, 2005; Pereira, 2015) — na Guiana naquela época.

Aos 13 anos de idade, por iniciativa de seu pai, Harper mudou-se para o Brasil com a família, devido ao período político delicado pelo qual a Guiana passava. Alguns anos depois, ela e um de seus irmãos tiveram a oportunidade de morar fora de Bonfim e, assim, o fizeram. Ambos aproveitaram essa oportunidade, enquanto sua família retornou para Georgetown, já que as coisas haviam melhorado na Guiana, após a morte do presidente Forbes Burnham. Decorrido mais um tempo, estabeleceram-se em Bonfim. Hoje Harper tem dois filhos, concluiu formação superior no Brasil, é servidora pública.

Zaniyah, com quem tive a entrevista mais longa, apresentou-se assim:

Excerto 1 Entrevista 9 [5-9; 13-54]

- 05 Zaniyah: (0.4) bom, meu nome é Zaniyah como tu já:: sabe↑
 06 (0.2) eu sou filha:: da dona:: XXXX que é guianense,
 07 meu pai é YYYY, que é brasileiro (0.2) aí:: eu
 08 nasci numa cidade: chamado Berbice (0.3) no::
 09 bairro:: (.) que é mais conhecido como::=
 [...]
- 13 Berbice (0.3) aí: eu tenho: (.) nós somos nove
 14 irmãos, um falece::u com quatorze anos (.) >que
 15 era mais velho que eu< três anos mais velho (0.2)
 16 aí minha chegada aqui no Brasil, ou tu quer saber-
 17 Natália: tudo, pode falar
 18 Zaniyah: da infância tudo tudo tudo [tudo]?
 19 Natália: [tudo] tudo tudo tudo
 20 [(hhh)]
 21 Zaniyah: [(hhh)] tá bom, bom meu avô:: ele vem lá da África
 22 do Sul aí ele: casou várias vezes, primeira esposa
 23 foi uma portuguesa lá na Guiana teve três filhos
 24 uma menina e dois homens depois ele vem por REGIÃO
 25 da:: de Lethem região nove↑ aí ele caso::u com uma
 26 wapixana ele já tev- tem filhos de:: patamo::na aí
 27 >não é só uma mulher não são vá:rias< (hhh)
 28 Natália: °não tem [problema]°
 29 Zaniyah: [VÁRIAS] várias várias mulheres, ele tem
 30 vários fi:lhos né nunca ouvi falar de uma:: mulher
 31 negra dele né só indígena: e português só que eu
 32 não sei qual a::no que ele tentou (no) Brasil, ele
 33 casou do↑is vezes aqui no Brasil
 34 Natália: (hhh)
 35 Zaniyah: a primeira mulher dele três filhos (0.2) uma moça
 36 de no::vo e dois homens, depois eu achei- ela
 37 falece::u e ele casou com a minha vó: AAAAA AAAA
 38 aí ele teve seis filhos com ela, três de cada três
 39 homens e três mulheres (.) e que o:: filho mais
 40 ve↑lho é o meu pai, bom foi criado lá em
 41 Georgetown educado com dezoito anos e me
 42 engravidei e minha mãe se zangou naquele tempo,
 43 >meu pai estava aqui no Brasil< ele se za:ngo:u
 44 e me expulsou (hhh)
 45 Natália: isso foi em Georgetown?
 46 Zaniyah: foi, foi, <me expulsou de lá::> diz que eu vou
 47 morar com meu pai pro Brasi:l porque ela não
 48 gosta do pai do:: menino né?
 49 Natália: humrum
 50 Zaniyah: aí eu estou aqui com dezoito anos, desde os
 51 dezoito até ho::je () eu tenho a mania de
 52 troca os números do meu (.) a idade [né]
 53 Natália: [humrum]
 54 Zaniyah: (então) eu tenho cinquenta e [trê↑s]

Mais adiante na entrevista relatou que:

Excerto 2 Entrevista 9 [954-961]

954 Zaniyah: porque pra me identificar, eu me sinto indígena e
 955 me sinto africano, né? e eu tenho muito orgulho,
 956 quem tem raiva de mim, problema é deles, eu sou
 957 assim, sou muito orgulhoso da do mesmo SA::NGUE do
 958 meu sangue, minha família é uma wapixana, macuxi,
 959 patamona, inglês e português, eu tenho muito
 960 orgulho disso, o resto para mim é lixo, (0.2) sou
 961 assim (hhh)

Concluiu a entrevista informando que:

Excerto 3 Entrevista 9 [1257-1264]

1257 Natália: como é que você se sente?
 1258 Zaniyah: ORGULHOSA da minha cor, orgulhoso de ser guianense,
 1259 orgulhoso de tá aqui no Brasil, orgulhoso de si-
 1260 subir no no Brasil, onde eu fui e foi pisado muito
 1261 aqui, sabe? mas isso daí só me ajudou a ser forte,
 1262 a perseguir, né, (em frente) a lutar po::r tenho
 1263 os meus direitos, até meu pai, meu pai foi o
 1264 primeiro a pessoa que () eu falo a verdade, a

O encontro com Zaniyah aconteceu por indicação e ajuda de dois intermediários. Ela sempre se mostrou muito colaborativa e com vontade de participar da pesquisa, mas a entrevista só foi realizada alguns meses depois do primeiro contato, presencialmente. Zaniyah aparentava ser mais reservada antes de iniciarmos a entrevista, mas depois mostrou-se expansiva, jocosa e expressiva. É afroguianense e declara-se também como indígena e *guybras* (com sangue guianense e brasileiro). Filha de mãe guianense e pai brasileiro, quando realizamos a entrevista, ela estava com 53 anos de idade.

Nasceu em Berbice e possui oito irmãos. Um dos avós imigrou da África do Sul e constituiu família no Brasil depois de ter passado um período na Guiana. Grávida aos 18 anos de idade, Zaniyah veio para o Brasil para morar com seu pai, depois de ter sido expulsa de casa por sua mãe após a descoberta da gravidez. Hoje tem sete filhos brasileiros e é servidora pública. Morou um tempo em Boa Vista e foi para Bonfim para procurar seus parentes por parte de pai. Contou que passou por situações difíceis na vida, na Guiana e no Brasil.

Brittany, a próxima participante, se apresentou da seguinte maneira:

Excerto 1 Entrevista 11 [1-35]

1 Natália: muito obrigada por ter aceitado, primeiro, eu gostaria
2 de:: que a senhora dona Brittany se apresentasse para
3 mim me dissesse um pouquinho da sua história, onde a
4 senhora nasceu (.) por favor
5 Brittany: eu nasceu em Guiana, Georgetown, >posso falar em inglês
6 ou português<?
7 Natália: pode:: pode misturar, [como a senhora quiser hhh]
8 Brittany: [(gargalhada)] ai,
9 pois é, porque é:: da do bairro é:: Berbice
10 Natália: humrum
11 Brittany: Corentyne (Corriverton) nasceu em Guyana
12 Natália: humrum
13 Brittany: e:::
14 Natália: é::: em que ano a senhora nasceu? quantos anos a senhora
15 tem?
16 Brittany: eu tem sessenta e quatro anos
17 Natália: humrum
18 Brittany: nasce- em 1957
19 Natália: a senhora sempre morou em Georgetown?
20 Brittany: até vinte e seis anos, e: ahn:: 199- e 83 eu vim pra:::
21 chega aqui entre Lethem e Bonfim, Guiana e Brasil
22 Natália: humrum
23 Brittany: até agora eu tô aqui morando,
24 Natália: [e o qu-]
25 Brittany: [em Bonfim, Roraima]
26 Natália: humrum, e o quê que trouxe a senhora pra vir morar no
27 Brasil?
28 Brittany: mas ahn:: eu sa- do meu trabalho em Georgetown em 82, no
29 tava trabalhando, eu tive uma irmão ele vem para cá em
30 Lethem, tava consertando f- ahn:: é geladeira, fogão essas
31 coisas com o amigo dele, ele vem para cá, e não tive mais
32 trabalho no oitenta e tr- dois, e disse pra ele que não
33 vem para cá, aonde ele tá (fique) tá bom, pessoas é bom,
34 o lugar é bom, Lethem, fronteira do Brasil, eu disse sim
35 tu pode ir, mas (vim pelo outro ano) 83

Depois, contou-me um pouco sobre seus pais e sua profissão:

Excerto 2 Entrevista 11 [76-98]

76 Natália: e seus pais nasceram onde? em Georgetown também?
77 Brittany: mãe e pai nasceu em Georgetown
78 Natália: e::: como que era na sua infância, como que foi a
79 sua infância, sua adolescência lá em Georgetown?
80 Brittany: ai, tava muito:: minha mãe teve muitos filhos, eu
81 não- ahn, eu tra- eu estuda até quinta séria
82 porque ela me tira da escola pra ajuda ela pra::
83 cuida meus irmãos irmãs pra ela trabalha
84 Natália: humrum
85 Brittany: né? e o:: marido dela:: ela não teve muito sorte
86 com maridos
87 Natália: humrum
88 Brittany: (não só) nossa, mas Deus tava com a gente todo o
89 tempo, né

90 Natália: humrum
 91 Brittany: hh porque todo mundo cresceu=
 92 Natália: =humrum
 93 Brittany: homem e mulher faz- começa a nossa vida °separado°
 94 Natália: e a senhora tem alguma profissão, a senhora
 95 trabalhou fora?
 96 Brittany: s- meu profissão só serviço de casa
 97 Natália: humrum
 98 Brittany: né, que essa é minha profissão doméstica

E, concluiu:

Excerto 3 Entrevista 11 [204-215]

204 Natália: e a senhora se considera mais guianense, se
 205 considera um pouco brasileira porque mora aqui,
 206 como é que é isso? ou a senhora só se considera
 207 guianense? como que é assi- isso para a senhora?
 208 Brittany: eu me considera um pouco brasileira
 209 Natália: humrum
 210 Brittany: né?
 211 Natália: humrum
 212 Brittany: porque eu tô falando menas português, né? mas,
 213 pra mim, eu sou mais inglês
 214 Natália: humrum
 215 Brittany: porque da língua
 216 Natália: humrum
 217 Brittany: hh como é que estou falando hh

Conheci Brittany por acaso. Nenhum intermediário interveio no nosso contato, diferentemente do que ocorreu com os outros participantes. Eu a avistei enquanto procurava o endereço da igreja da Fé — um local em que os cultos acontecem em inglês em Bonfim — quando vi duas senhoras conversando na calçada e uma moça à espera de uma delas, dentro de um carro. Resolvi parar, me apresentar e dizer por que eu estava ali. Falei primeiramente com a moça do carro. Disse-lhe que eu estava à procura de saber sobre as reuniões da igreja para ver a possibilidade de participar de algumas delas. Identifiquei a necessidade de me explicar melhor, e relatei que estava em busca dessas informações para compor uma pesquisa que eu estava fazendo a respeito do inglês falado na fronteira, com pessoas de origem guianense que morassem em Bonfim. Percebi certa abertura para a proposta de que contribuíssem com a pesquisa e aguardei sua resposta. Ela disse que não poderia me ajudar porque é brasileira, mas que sua mãe, uma das senhoras na calçada, talvez pudesse.

Brittany concordou em me receber em sua casa após o almoço. Chegando lá, apresentei-lhe mais detidamente os propósitos da pesquisa, ela aceitou participar, gravamos o consentimento e seguimos para a entrevista. Inicialmente, ela me perguntou se deveria falar em inglês ou em português, e eu disse que ela ficasse à vontade para escolher. Diante de minha resposta, suponho que ela tenha me visto como alguém que sabe inglês. Iniciamos a entrevista com Brittany falando um pouco de sua história. Contou que nasceu na região seis da Guiana, em Berbice, na parte mais oriental, em 1957.

Morou na Guiana até seus vinte e seis anos e depois veio para o Brasil, e passou a residir em Bonfim desde 1984. Filha de pais guianenses e neta de indianos, conheceu seu segundo marido na região de Lethem e Bonfim, pois ele trabalhava como barqueiro no rio Tacutu. Ao todo, gerou seis filhos, dois nascidos na Guiana e quatro no Brasil. Brittany sempre trabalhou com serviço do lar, e chegou a morar em Boa Vista antes de se estabelecer definitivamente em Bonfim. Contou que sua infância foi fora da escola para ajudar a cuidar dos muitos irmãos e irmãs, e que estudou somente até a quinta série.

Franklin, um dos três participantes homens, apresentou-se da seguinte maneira:

Excerto 1 Entrevista 12 [5-20]

5 Franklin: tudo bem, bom, hã:: então, eu sou o Franklin, é:: eu tenho
6 vinte e cinco anos, nasci e me criei aqui praticamente em
7 Bonfim, né, mas eu nasci na Guiana, só que:: é:: hhh eu
8 fui transportado pra cá,
9 Natália: humrum
10 é:: assim, desde então, eu moro aqui em Bonfim, na mesma
11 casa, no mesmo endereço, há vinte e cinco anos, é::
12 praticamente () ah:: meus pais são de origem guianense
13 também, é que também vieram pra cá nascido e criado na
14 Guiana
15 Natália: humrum
16 e por necessidade mesmo () tiveram que vir da::: pro
17 Brasil por questão de saúde também, e:: já reside::m, é
18 meu pai, na verdade, minha mãe faleceu, mas já residem há
19 aproximadamente, mais mais de 40 anos aqui em Bonfim (se
20 não me engano)

Informou-me sobre sua formação:

Excerto 2 Entrevista 12 [61-65]

61 Franklin: eu fiz licenciatura em geografia, só que
 62 atualmente eu não exerço a função, eu sou
 63 fotógrafo, tem outra [outra]
 64 Natália: [ah sim]
 65 profissão

Concluiu afirmando como se identifica:

Excerto 3 Entrevista 12 [1047-1057]

1047 Natália: sim, e você se considera mais guianense ou mais
 1048 brasileiro, como é que você se considera?
 1049 Franklin: ah meu deus do céu
 1050 Natália: hhhh
 1051 Franklin: eu acho que no fundo devido a a já usando de de
 1052 de moradia aqui no Bonfim
 1053 Natália: humrum
 1054 brasileiro mesmo
 1055 Natália: humrum
 1056 Franklin: né, brasileiro que:: como qualquer outro, né,
 1057 assim

Franklin nasceu na região 9 da Guiana (Lethem), mas foi criado em Bonfim. Tinha 25 anos quando realizamos a entrevista (excerto 1). Autodeclarou-se evangélico e foi por um projeto da igreja que ele conheceu a fotografia, sua atual profissão, embora seja geógrafo por formação. Toda a sua escolarização foi feita em Bonfim. Seus pais, também nascidos na Guiana, se mudaram para o Brasil por necessidade, por questões de saúde, nas palavras de Franklin. Segundo ele, seus pais se mudaram para Bonfim há mais de 40 anos, e sua mãe já é falecida (excerto 1). Seu avô materno era amazonense e migrou para a Guiana ainda muito jovem e foi trabalhar no garimpo. Lá constituiu família. A mãe de Franklin era servidora pública da união, e seu pai é autônomo da construção civil.

Contou que sua mãe sempre buscava conversar em inglês com ele em casa, mas que ele preferia o português por conseguir entender melhor, embora tentasse vez ou outra compreender o que a mãe dizia. Seu interesse pelo inglês só despertou quando chegou ao ensino médio e ouviu falar de um programa chamado "Jovens Embaixadores"¹³⁶. Conheci Franklin por indicação de outra participante. Ele foi muito solícito e disposto a participar da pesquisa e colaborar. Todas as nossas conversas

¹³⁶ É um programa destinado aos jovens estudantes do ensino médio, organizado e financiado pelo governo estadunidense e um dos critérios é ter bom conhecimento de inglês. Disponível em: <https://br.usembassy.gov/pt/education-culture-pt/programa-jovens-embaixadores/>. Acesso em: 6 de jun. 2023.

(desde a apresentação da pesquisa, envio do TCLE, envio do consentimento informado e a entrevista) foram realizadas remotamente, pelo aplicativo WhatsApp.

Eileen, a participante mais idosa, apresentou-se assim:

Excerto 1 Entrevista 6 [1- 37; 98-103]

- 1 Natália: bom dia, dona Eileen, eu queria que senhora
 2 começasse me contando um pouquinho da senhora, onde
 3 que a senhora nasce::u, onde que a senhora
 4 cresce::u, qual sua idade?
- 5 Eileen: ok:: ãh: eu nasceu no Guiana, Guyana ãh naquele
 6 tempo, era:: era::, não era só Guyana, não era::
 7 ãh:: Guyana Britana, né? porque ela não era
 8 independente ainda, né?
- 9 Natália: humrum
- 10 Eileen: e eu nasceu para cá, aqui no ãh: reg- ele chama
 11 região nove, aqui Lethem=
- 12 Natália: =a senhora nasceu em Lethem?
- 13 Eileen: sim, mas não é no exatamente Lethem, eu nasceu
 14 num lugar muito longe, é u::m luga:r eu acho que::
 15 é é do indígena in- do: do índios, né?
- 16 Natália: humrum
- 17 Eileen: eu acho que até a terras era deles, né?
- 18 Natália: humrum
- 19 Eileen: e eu nasceu para lá, para cá, meu pai é inglês do
 20 Inglaterra, e minha mãe é índio macuxi, minha mãe,
 21 né?
- 22 Natália: humrum
- 23 Eileen: e ele veio para cá, naquele tempo, muitos ãh::
 24 inglês de fora, né? ãh: viajava aí no no no
 25 Guiana,>né porque< lembra que ãh:: inglês,
 26 inglês, Inglaterra, que era dona, né? então muito
 27 inglês da Inglaterra veio aí foi mandada para lá,
 28 pra fazer trabalhos, né? trabalhos dele aí, então,
 29 meu pai ãh:: pai do meu pai, meu (vô) era um deles
 30 dessas pessoas, né, que veio nesse tempo, e ãh::
 31 e meu pai nasceu em Georgetown=
- 32 Natália: =humrum
- 33 Eileen: Georgetown a capital do do do Guiana e nasceu aí,
 34 e::: tempo em tempo, ele virou homem e depois ele
 35 veio para cá pra não- é:: interior do Guiana,
 36 interior
- 37 Natália: humrum
- [...]
- 98 Eileen: eu sempre ãh essa me fala para as pessoas que eu,
 99 meus filhos tem tudo raças, porque é do pai dele,
 100 né? ele é misturado, eu agora sou ãh::: é só índio
 101 e branco
- 102 Natália: humrum
- 103 Eileen: que que eles chama aqui, caboclo, né, chama isso

Eileen é uma senhora de 70 anos que, gentilmente, me aceitou em sua casa para conduzir a entrevista. Filha de um guianense com uma indígena macuxi, contou-me que nasceu na região 9 da Guiana, mas não em Lethem, e sim numa parte mais afastada. Seu pai é filho de ingleses que vieram morar na Guiana. Aos 10 anos de idade, ela e a família foram morar na capital, Georgetown, e anos depois sua mãe sentiu vontade de retornar para sua cidade e morar no interior, em busca de uma vida mais tranquila. Mas Eileen, que estava com 17 anos e trabalhando, não retornou com a família para a região do Rupununi.

Depois, Eileen casou-se, teve seus filhos e disse que costumava passar as férias escolares deles em Lethem e na vila Moco Moco para que visitassem seus avós, pais de Eileen. É casada com um indo-guianense, mas afirmou que ele é “misturado”, tem um pouco de todas as seis raças presentes na Guiana. Autodeclarou-se como “cabocla”, a “mistura de branco com índio”. A classificação dos grupos étnicos e o número que ela e outras participantes citam facilmente e de cor para falar deles, e consensualmente, parecem retirados de alguma informação cristalizada entre eles, pois é algo recorrente nas entrevistas de todos os participantes.

Jonathan, o segundo participante homem, apresentou-se da seguinte maneira:

Excerto 1 Entrevista 8 [1- 32]

- 1 Natália: eu queria começar nossa conversa pedindo que o
 2 senhor me contar um pouquinho da sua história, onde
 3 o senhor nasceu::, onde seus pais nasceram
 4 Jonathan: muito bem, começando pelos meus pais, o meu pai
 5 nasceu aqui, aqui em Bonfim, na realidade, aqui em
 6 Bonfim, mas ele é descendente:: é:: lá no Ceará,
 7 de XXXX, né? a minha mãe é amazonense, nasceu
 8 na cidade de YYYYYYY no Amazonas, eu nasci na
 9 realidade no país vizinho aqui, na cidade de
 10 Lethem, na nossa época, aqui é a única maternidade
 11 que existia era lá, lá na Guiana e com isso todas
 12 as mães na:: situação de parto eram deslocadas pra
 13 lá e lá era feito o trabalho de parto, mas morava
 14 aqui, continuo morando, aqui em Bonfim, não é? e::
 15 essa interligação, interação com o país vizinho,
 16 no passado, era muito mais forte do que hoje
 17 Natália: entendi, e o senhor estudou na:: aqui em Lethem?
 18 Jonathan: eu estudei Lethem, mas antes de estudar em Lethem
 19 eu estudava aqui, e meus pais, eles tinham um tipo
 20 de comércio que chamava-se xxxxxxxxxxxx, era um
 21 comércio que era realmente construído de material
 22 que flutuava e o comércio dele era lá na margem,
 23 na fronteira mesmo
 24 Natália: humrum=

25 Jonathan: =e por essa razão, eu passei a estudar lá na:: no
 26 colégio >chamado< Santo Inácio, né? na região do
 27 mesmo nome, Santo Inácio, eu estudei lá por quatro
 28 anos, é:: eu saí:: deixei de estudar lá após a
 29 revolução que aconteceu e 69, então, com essa
 30 revolução que aconteceu lá, eles proibiram que nós,
 31 brasileiros, é:: estudassem lá, por essa razão, a
 32 gente deixou de estudar lá desde o ano de 1969

Cheguei a Jonathan por um intermediário que sabia da minha procura por alguém com histórico familiar local, autodeclarado indígena sem registro e que tivesse nascido na Guiana. Fui muito bem recebida por Jonathan, que logo se prontificou a participar e colaborar com a pesquisa, após conversarmos pessoalmente. Na época em que realizamos a entrevista ele estava com 65 anos e ocupava a função de servidor público militar. Realizamos a entrevista no local de trabalho de Jonathan, pois ele assim achou melhor, especialmente devido a sua agenda requisitada de compromissos.

Jonathan nasceu em Lethem e sempre morou na linha da fronteira entre Brasil e Guiana, na divisão entre os países. Cresceu nessa dinâmica em que pessoas dos dois países transitam para usufruir do que cada cidade pode oferecer. Esse trânsito que ele disse ser um movimento muito comum, em menor frequência em tempos recentes, mas ainda assim comum. Seu pai nasceu em Bonfim e é descendente de cearenses. Sua mãe é amazonense, do interior do estado (excerto 1). Como seus pais moravam bem na divisão entre os países e, segundo Jonathan, naquela época havia maternidade apenas em Lethem, sua mãe o teve no país vizinho (excerto 1).

Seu pai tinha um comércio que funcionava na fronteira, o que motivava a residência na linha da fronteira, como ele afirmou. Estudou em Bonfim e em Lethem e depois concluiu os estudos em Bonfim. Não pôde continuar estudando na Guiana porque, segundo me disse, com a revolução de 1969, os guianenses não queriam mais que brasileiros estudassem lá. Relatou que, quando estudou na Guiana, tinha professores britânicos e que o estudo de lá era totalmente desenvolvido, embora tenha relatado que era muito rígido, inclusive com castigos físicos como estratégia pedagógica. Contou que viu muita serventia em tudo que aprendeu em Lethem, principalmente pelo que o aprendizado de inglês lhe proporcionou.

Madelyn é a participante mais nova e apresentou-se da seguinte maneira:

Excerto 1 Entrevista 4 [1-38]

1 Natália: olá, fala para mim um pouquinho sobre você, sua
2 idade, onde você nasceu, se apresenta um pouquinho
3 Madelyn: bem, meu nome é nome Madelyn, é:: eu nasci em Lethem
4 na Guiana, tenho vinte e três anos, estou morando em
5 Bonfim faz mais de 11 anos, e:: tenho um filho, moro
6 com minha mãe, eu tenho mais três irmãos
7 Natália: humrum, e:: você chegou a estudar em Lethem? você
8 viveu lá quanto tempo?
9 Madelyn: sim, é:: eu estudei apenas::s no fundamental, né::?
10 é:: na creche, depois disso, minha mãe me trouxe
11 pra morar em Bonfim, né? que é na fronteira com
12 Lethem
13 Natália: humrum
14 Madelyn: é:: bem no começo foi um pouquinho dificultoso
15 porque eu não sabia português, né? mas, de acordo
16 com o tempo, eu fui me adequando e aprendendo aos
17 poucos
18 Natália: entendi e me conta um pouco da história da dos seus
19 pais, dos seus avós, onde eles nasceram
20 Madelyn: bem, eu não conheço o meu avô, né? por parte de mãe,
21 eu só conheço minha avó bem, ela nasceu em ()né?
22 é um dos interiores da Guiana, é:: a minha mãe, ela
23 nasceu em Pirara, no meio do Rio, né? então não tem
24 como saber realmente exatamente, mas falaram para
25 ela que é de Pirara, né?
26 Natália: humrum
27 Madelyn: é:: meu pa::i o pai dele, eles são de Georgetown,
28 né? capital, também a minha vó, >só que eu não
29 conhecia eles<
30 Natália: humrum
31 Madelyn: só conheci minha vó por parte de mãe
32 Natália: certo
33 Madelyn: bem, a minha mãe, ela te::m cinquenta e seis anos,
34 vai fazer cinquenta e sete, ela tem mais
35 conhecimento do Bonfim, né?
36 Natália: humrum
37 é:: a gente:: veio morar para cá em o 2- em 2000
38 Natália: humrum

Cheguei à Madelyn por indicação de um intermediário e toda a nossa comunicação (desde a apresentação da pesquisa à realização da entrevista) foi remota, pelo aplicativo WhatsApp. Ela logo aceitou participar e colaborar com a pesquisa. Madelyn tinha 23 anos quando realizamos a entrevista, nasceu em Lethem. Mora em Bonfim com sua mãe desde os anos 2000. Tem um filho e três irmãos. Falou que logo que chegou em Bonfim foi difícil por não saber falar português, mas à medida que foi aprendendo, ficou mais fácil. Sua avó materna nasceu no interior da Guiana e costumava falar mais em wapixana. Já a mãe de Madelyn, nascida no Pirara, no meio do rio, fala wapichana, inglês e português. Os avôs paternos são de Georgetown, mas Madelyn não chegou a conhecê-los.

Por fim, a apresentação de Victoria:

Excerto 1 Entrevista 7 [1-36]

- 1 Natália: a senhora pode me contar um pouquinho da sua
 2 história, onde a senhora nasceu::, onde a senhora
 3 estudo::u, um pouco da sua infância, da sua família
 4 Victoria: bem, a minha mãe ela é da região ali, do Raposa
 5 Serra do Sol, Normandia
 6 Natália: humrum
 7 Victoria: é:: exatamente onde ela nasceu é Guariba, a
 8 comunidade indígena Guariba, meu pai, ele é do Baixo
 9 Amazonas aí, assim, nessa transição de mudança,
 10 quando eles fazem assim numa migração, ele chegou
 11 na Guiana Inglesa
 12 Natália: humrum
 13 Victoria: e daí, rapazinho, ele anda nas fazendas em- no
 14 Brasil, que o índio ele não tem fronteira, né? aonde
 15 ele vai é terra, então- e aí conheceu a minha mãe
 16 numa fazenda e a capturou e levou ela pra Guiana
 17 Natália: humrum
 18 Victoria: e lá:: eu sou a primeira filha, né? somos quatro
 19 irmãos, duas meninas e dois meninos, eu sou a mais
 20 velha, é a mamãe não sabe ler, não sabe escrever que
 21 ela morava nas fazendas, é:: ela perdeu a mãe dela
 22 bebê ainda, criança, um ano, entregaram> ela pros
 23 fazendeiros< e criaram ela, nunca colocaram ela na
 24 escola
 25 Natália: humrum
 26 Victoria: o meu pai não, ele sabe ler e escrever, estudou até
 27 a quarta série naquele tempo lá, 1900 e:: tantas que
 28 passou, ele lê inglês, fala macuxi, espanhol, né, e
 29 o português
 30 Natália: e a senhora nasceu onde?
 31 Victoria: eu nasci aí, bem aqui, na beira do rio, aqui nesse:::
 32 no Takutu mesmo aqui na nas margens, né? nasci
 33 nas margens aqui do Takutu bem aí onde fica aqui a
 34 estação, não tem os cajueiros aí da da beira?
 35 bem aqui mesmo, não tão longe não, bem na fronteira
 36 mesmo

Ela é guianense com histórico local. É professora. Nasceu na beira do rio Tacutu, bem na fronteira mesmo. Tinha a idade de 50 anos quando realizamos a entrevista. Sua mãe é da comunidade indígena Raposa Serra do Sol, e o pai é do baixo Amazonas, indígena Macuxi. Possui três irmãos. Estudou até a quarta série em Lethem porque precisou acompanhar sua mãe, recém divorciada de seu pai, que estava de mudança para o Brasil, por ser brasileira e não poder mais morar na Guiana.

Não chegou a conhecer seus avós maternos porque faleceram enquanto sua mãe era muito pequena. Os avós paternos são indígenas Aruak. Morou e estudou um

período em Boa Vista. Saiu de Bonfim por necessidade de trabalhar, mas relatou nunca ter tido vontade de sair de lá. Trabalhou em casas de família em Boa Vista e em algumas delas não podia falar em inglês porque os patrões não sabiam falar em inglês.

Alguns participantes autodeclararam-se expressamente nas entrevistas como sendo negros (pretos ou pardos) e/ou indígenas autodeclarados sem registro na FUNAI, como Zaniyah, por exemplo; outros não o fizeram. Todos eles nasceram ou na capital da Guiana e migraram pra Lethem ou em Lethem/redondezas mesmo. Passo, a seguir, ao exame dos dados.

5. A SEMIOSE DO TRABALHO IDEOLÓGICO DA LINGUAGEM NA FRONTEIRA BRASIL-GUIANA

Neste capítulo, desenvolvo em três seções e duas subseções os argumentos que buscam responder às perguntas norteadoras deste estudo e pelas quais os objetivos previamente estabelecidos serão alcançados. Os argumentos, assim como as subperguntas de pesquisa, estão dispostos em uma ordem de maneira a seguir uma lógica argumentativa que culminará com a apresentação da asserção principal acerca do valor do inglês para migrantes guianenses na fronteira Brasil-Guiana.

Assim, na primeira seção, busco elucidar quais práticas linguísticas são destacadas e apagadas no repertório sociolinguístico local, o que esses atores sociais da fronteira têm como referência de inglês, quais recursos linguísticos são discriminados e a partir de qual referente, e o que dizem sobre o inglês no mercado sociolinguístico local. Apresento respostas com enfoque exploratório e teórico-investigativo. Parto inicialmente do arcabouço teórico de Gal e Irvine (2019) para compreender como se dá o trabalho ideológico da linguagem nessa fronteira e para essas pessoas. A partir da compreensão de como funciona esse processo semiótico que gera e é gerado por ideologias, apresento e discuto as ideologias de linguagem verificadas. Os dados revelam a circulação de ideologias de linguagem de padronização e de colonialidade entre os participantes e a pesquisadora.

Na subseção 5.1.1, apresento o conjunto de dados que informa a respeito das ideologias de linguagem racializadas identificadas, mediante a análise de signos que indicializam corpos racializados a partir do entendimento dos participantes de quem

são as pessoas que falam o inglês que eles consideram gíria e/ou normal. O exame desses dados foi feito considerando o campo indicial projetado e elementos de racialização reportados pelos participantes. Como aporte teórico para embasar a discussão desta seção, adoto a perspectiva raciolinguística, proposta por Flores e Rosa (2015); Alim, Rickford e Ball (2016); e Pannell (2023).

Na segunda seção, item 5.2, discuto como os usos de itens de repertório linguístico reconhecidos como inglês são atravessados por ideologias de diferenciação sócio-racial e requisitam vivências de linguagem. A percepção de posicionalidades (dos participantes e minhas) é um elemento importante para a compreensão da complexidade que envolve os diferentes referentes de inglês para essas pessoas, nessa localidade. Nessa seção, será possível compreender como alguém de fora (a pesquisadora), a partir da posicionalidade em que se encontra, tem dificuldade para compreender os usos e as ideias sobre os recursos linguísticos que fazem parte do repertório dos participantes.

Na terceira seção, item 5.3, apresento como os itens referidos pela nomeação inglês não são sempre os mesmos para os participantes. O que os participantes têm como referência de inglês por vezes diverge daquilo que é compreendido como inglês em outros espaços fora de Bonfim, embora haja itens que se sobreponham. A partir da reflexão que o exame desses dados provoca, é possível compreender o lugar do português no repertório dos participantes. Considerando a região em que vivem (fronteira Brasil-Guiana, lado brasileiro), o português é muito mais requisitado e valorizado: no comércio local (seja em Lethem ou em Bonfim), nas escolas públicas brasileiras e nos equipamentos públicos de serviços. Na subseção 5.3.1, apresento como os participantes usam o referente de inglês que se sobrepõe, isto é, o inglês que nos foi ensinado, o institucionalizado, o convencionado. Os usos abrangem a comunicação, o prestígio local, a saída de Bonfim e a realização de projetos pessoais fora do microcosmo local.

Na quarta e última seção analítica, item 5.4, apresento e discuto o valor de uso e de troca dos referentes de inglês reportados pelos participantes. O(s) referente(s) de inglês local (todas as gírias, giros, crioulos usados na fronteira) possuem “algum” valor de uso, pelo uso na vida cotidiana e por satisfazer a necessidade de comunicação daquelas pessoas. Digo “algum”, porque, embora num primeiro momento o valor pareça ser elevado, a comunicação fica prejudicada, em muitos momentos, pelo sentimento de vergonha, pelo julgamento do sujeito que está usando

aquele recurso linguístico. Se o valor de uso é baixo, conseqüentemente, o valor de troca é zero. Para o referente de inglês que se sobrepõe, os dados apontam que, o valor de uso, na fronteira, é mínimo porque quem fala é, antes de tudo, desvalorizado por ser quem é: sujeito racializado, periférico e com poucos recursos financeiros. E o valor de troca desse referente estaria condicionado ao que se pode conseguir com ele fora da fronteira.

Assim, o leitor encontrará nas seções que se seguem um percurso que se inicia com o desenho do campo indicial, porque essa formulação foi crucial para o entendimento do(s) valor(es) atribuídos. Há uma dinâmica de atribuição de valor que foi explicada, nesta pesquisa, pela configuração ideológica do campo indicial. Nessa configuração, as ideologias raciolinguísticas manifestaram-se centralmente. Esse percurso teve como orientação epistemológica importante o edifício teórico-conceitual de Gal e Irvine (2019). Contudo, para além do que sugere o caminho teórico escolhido, havia a necessidade da pesquisadora de entender o que era o inglês para os participantes, necessidade originada de minha posicionalidade marcada por discursos legitimadores (apesar de todo empenho para não operar a partir deles), que exigia uma configuração linguística de separar recursos e atribuir-lhes nomes, o que não era sustentado pelos participantes, pelo menos não do ponto de vista institucionalizado e academicista. Portanto, começar pelo desenho do campo indicial teve a ver, também, com as limitações da pesquisadora para compreender o funcionamento linguístico-ideológico dos recursos, sobretudo do inglês, mobilizados pelos participantes. Por isso, no que segue, apresento a configuração do campo indicial e os eixos de diferenciação que o compõem.

5.1 "O INGLÊS DAQUI DA GUIANA É MUITO GÍRIA, MUITO GÍRIA MESMO": O CAMPO INDICIAL E OS EIXOS DE DIFERENCIAÇÃO

Empregando o aporte teórico de Gal e Irvine (2019) a respeito do trabalho ideológico da linguagem e os processos semióticos que o constituem, apresento nesta primeira seção o campo indicial formado por eixos de diferenciação, que, por sua vez, são compostos por referentes móveis, dinâmicos e organizados por ideologias de linguagem racializadas. A percepção dos participantes do que é inglês, do que é gíria e do que eles consideram bom ou não é organizada por esses eixos. Faço essa discussão a partir do exame de dados que evidenciam aspectos do repertório

sociolinguístico dos atores sociais da fronteira Brasil-Guiana, a partir de suas perspectivas, considerando as comparações e os referentes mobilizados para essas comparações pelos participantes.

Nas cidades de Bonfim (BR) e Lethem (GY) circulam repertórios linguísticos cujos recursos são reconhecidos pelas línguas nomeadas inglês, português, macuxi, wapichana, espanhol, segundo diagnóstico de Pereira e Machado (2019). Quem conhece ou mora na região sabe que o crioulo da Guiana (Devonish; Thompson, 2012; 2013) e outros recursos (e.g., árabe e chinês) também compõem o cenário linguístico local. Esses recursos são reconhecidos e reportados pelos participantes desta pesquisa, e indiciam grupos sociais, mediante trabalho ideológico organizado por diferenciações estabelecidas via comparação. Início o exame dos dados pelo que me contaram June e Zaniyah. Ao conversarmos sobre o inglês, elas contaram como veem esse recurso e estabeleceram comparativos entre o inglês falado na Guiana e o de outros países, como Inglaterra e Estados Unidos. Vejamos, a seguir, o excerto 4 da entrevista de June:

Excerto 4 Entrevista 1 [118-133 e 137-141]

- 118 vivo hoje e:: (.) e eu fiquei seis, seis anos na Guiana
 119 seis anos morando pra lá totalmente, aí aprendi
 120 totalmente o inglês e o inglês de lá é:: muito
 121 diferente que o inglês dos Estados Unidos
 122 Natália: é::?
 123 June: porque:: é:: por- gírias, eles falam muitas gírias
 124 na Guiana
 125 Natália: [pode me dar um ex-]
 126 June: [lá nos Estados Unidos] não, o inglês deles é é::
 127 como?
 128 Natália: não, pode, pode continuar, pode continuar
 129 June: pois é, aí:: lá: é que nem a:: (esse) inglês normal
 130 que nem que eles falam, eles falam assim que nem uma
 131 batata né? eles fala: potato e nos Estados Unidos e
 132 lá não, eles fal- e no no gíria deles eles fala:::
 133 assim como alu¹³⁷, num tem, num tem nada () que nem
 [...]
- 137 June: [aí] é muito, é muito também porque: assim eu
 138 fui esquecendo também o inglês corre:to hh porque eu
 139 convivia com eles, especialmente com os indianos, os
 140 indianos, que eu sou casada com um descendência de
 141 indiano, meu esposo

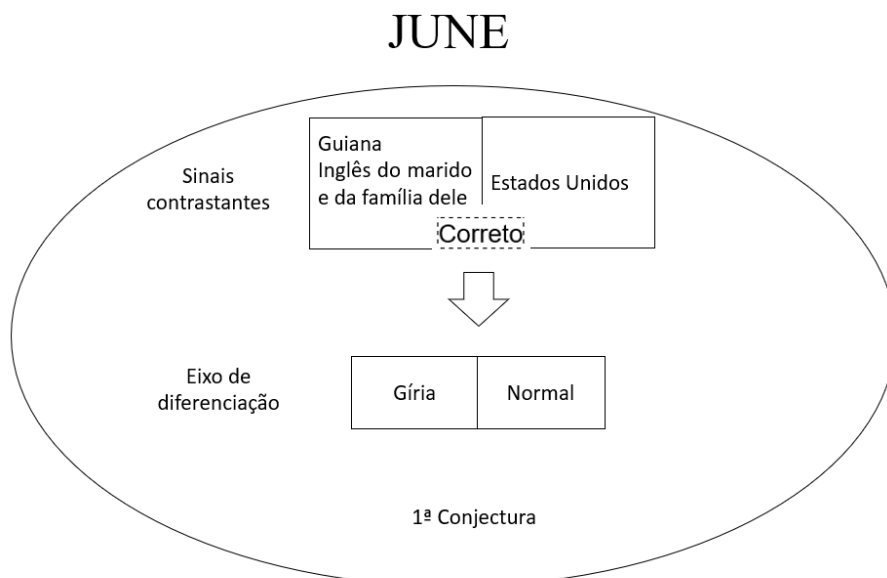
¹³⁷ Algumas dessas palavras, eu achei o correspondente em crioulo; as que não foram encontradas, transcrevi conforme ouvi.

Nas linhas 119 -121, June justifica o inglês que (re)aprendeu por meio de uma comparação com o inglês falado nos Estados Unidos. Na linha 123, explica que o inglês falado na Guiana tem muitas gírias e que o dos Estados Unidos é o *normal*. Depois, dá um exemplo de como a palavra batata é falada nos dois ingleses, novamente evocando o *inglês normal*. Continua, nas linhas 138-141, explicando que esqueceu o inglês *correto* porque convivia com eles, os guianenses descendentes de indianos.

Ainda nesse trecho, o inglês com gíria, ou a gíria, corresponde ao inglês falado na Guiana que o grupo específico de indo-guianenses costuma utilizar, de acordo com June. *Inglês normal* e *inglês correto* aqui aludem à referência comparativa adotada por June: o inglês estadunidense, que estabelece a divisão entre o que é normal/correto e o que não é. Essas comparações são ideologicamente moldadas, conforme Gal e Irvine (2019, p. 137).

Note-se aqui que as comparações acima ditam o primeiro eixo de diferenciação identificado: inglês normal/correto x inglês com gíria/não-normal. O campo indicial¹³⁸ ¹³⁹que projeta aquilo que está na análise do discurso da fala de June é:

Figura 4- Primeira conjectura do campo indicial de June¹⁴⁰



¹³⁸ Para as ilustrações dos campos indiciais, tomei como base as ilustrações que constam no artigo de Su (2022).

¹³⁹ Os desenhos dos campos indiciais são representações daquilo que as participantes estão entregando a partir do que a pesquisadora solicitou. São diagramas da análise do discurso dos dados.

¹⁴⁰ O referente "correto" na Figura 4 está posicionado no meio do eixo e é graficamente representado com linhas pontilhadas por ser móvel.

Fonte: elaborado pela autora (2022).

Os sinais contrastantes que revelam o eixo de diferenciação “gíria” *versus* “normal” mobilizados por June, nessa primeira conjectura, são: inglês da Guiana, do marido, da família dele e dos Estados Unidos. O objeto “inglês correto” é móvel porque é acionado tanto em referência ao inglês estadunidense quanto ao guianense a depender da comparação que está sendo feita.

June e eu seguimos a entrevista, e perguntei se havia diferença do inglês de sua mãe para o de seu marido. Ela disse que sim, muita diferença, pois o inglês da mãe é “normal” e do marido é “muito gíria”, como se pode observar a seguir:

Excerto 5 da entrevista 1 [576-591]

- 576 Natália: tem diferença do inglês da tua mãe pro inglês do teu
577 marido?
- 578 June: tem, tem muita diferença humrum tem muita diferença
579 o inglês dela é normal mesmo, inglês (.) inglês que
580 a gente aprende (.) a::gora do meu marido não, é muito
581 gíria
- 582 Natália: [é::?]
- 583 June: [muito muito] gíria, e eu: eu falo muito gíria
584 em inglês também igual ele
- 585 Natália: é::?
- 586 June: até:: até eu me:: algumas vezes assim me confunde
587 assim falando co::m o inglês de::lá e com o inglês
588 dele, e algumas vezes ela sorri de mim
589 também quando eu tô falando hhh ((risos))
- 590 Natália: é::?
- 591 June: porque é muito gíria inglês deles

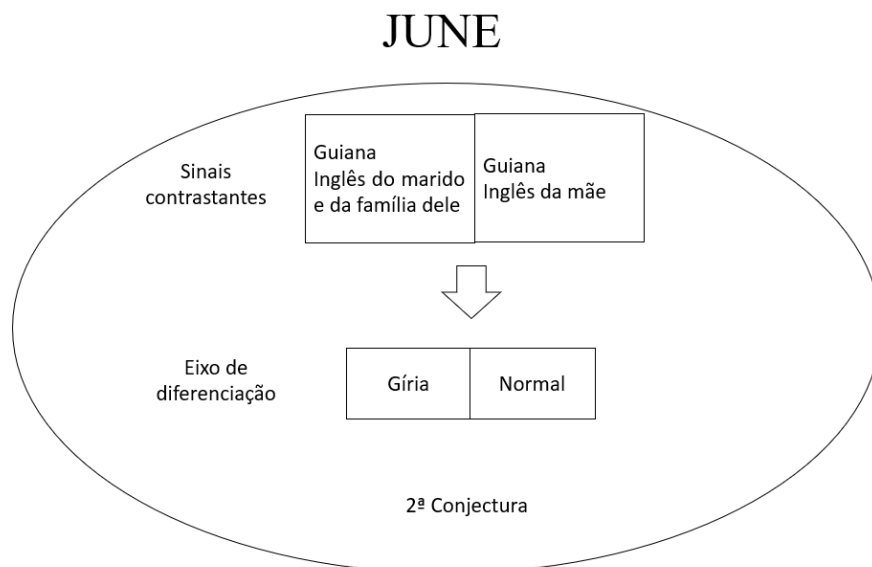
June evocou a “gíria” — falada pelo marido — e o inglês “normal”, porém dessa vez a referência não é a variedade estadunidense, mas o inglês falado por sua mãe, que também é guianense, mas não de ascendência ou origem indiana. Com isso, é possível perceber que os objetos de contraste trocam, mas o eixo “gíria” *versus* “normal” se mantém. Gal e Irvine (2019) afirmam que “[...] novos contrastes qualitativos podem ser adicionados a um eixo, transformando-o”¹⁴¹ (p. 119). Compreendo que essa transformação de que tratam as autoras tanto pode ser no sentido de alterar o eixo em si, quanto apresentar novo desenho ao eixo mediante a

¹⁴¹ [...] *new qualitative contrasts may be added to an axis, transforming it.*

movimentação dos objetos de contraste, que é o caso do que está sendo apresentado. Do ponto de vista da discussão proposta por Pannell (2023), a troca dos objetos de contraste pode ter significados diferentes para a pesquisadora e os participantes, devido à barreira sociocultural da escuta branca reproduzida por uma pesquisadora branca. Os objetos "gíria" e "normal" foram produzidos discursivamente de maneira inequívoca pela participante, porém, a percepção dela sobre esses objetos pode não estar pautada necessariamente numa representação de falta, como está a da pesquisadora. Para a lógica da produção científica de conhecimento, aquilo que é rotulado como "gíria" é frequentemente capitalizado negativamente.

Note-se que nos dois trechos emergem referências a um inglês com(o) gíria e a um inglês normal. Contudo, as referências não são sempre as mesmas. Para June, em momentos distintos "gíria" refere tanto o inglês do marido — dos indo-guianenses — quanto o inglês da Guiana. E o inglês "normal", diz respeito ora ao estadunidense e ora ao guianense. Quando os objetos de comparação são reposicionados, o campo indicial sofre alteração nos sinais contrastantes:

Figura 5- Segunda conjectura do campo indicial de June



Fonte: elaborado pela autora (2022).

Portanto, a partir dos excertos do relato de June, percebe-se que há reiteração da comparação a partir de diferentes objetos de contraste. A primeira conjectura (figura 4) leva à segunda (figura 5) a partir da observação e relação dos sinais

evocados, gerando a “cadeia conjectural”¹⁴² de que tratam Gal e Irvine (2019, p. 92). A comparação reiterada é o processo de recursividade fractal. Na verdade, segundo as autoras, os três principais processos semióticos — rematização, recursividade fractal e apagamento — não acontecem separadamente (Gal; Irvine, 2019, p. 20). No entanto, nesse segundo trecho, fica mais perceptível que a comparação é reiterada a partir de outros objetos contrastantes que vão criando subconjuntos (p. 20). Gal e Irvine (2019) dizem que na recursividade fractal tem-se “[...] o mesmo contraste – que organiza as relações entre as unidades, em qualquer grau de inclusão ou diferenciação”¹⁴³ (p. 20).

June reorganiza os índices que apontam para o “normal”, e essa reorganização ocorre mediante a mudança de perspectiva proveniente dos novos objetos contrastantes mobilizados. As comparações revelam o primeiro e central eixo de diferenciação: Gíria x Normal (correto). Esse eixo rematiza grupos sociais a partir de comportamentos linguísticos (Gal; Irvine, 2019, p. 122), e hierarquias étnico-raciais são manifestadas nas ideologias de linguagem, conforme discussão apresentada em subseção seguinte. June relaciona características linguísticas a um grupo social a partir da sua perspectiva, que é constituída por um conjunto de conjecturas, e essas, por sua vez, “[...] escolhem índices que chamam a atenção para algo [...]”¹⁴⁴ (Gal; Irvine, 2019, p. 17-20).

O mesmo eixo de diferenciação emerge dos relatos de Zaniyah e de outras participantes que logo serão apresentadas: Brittany, Harper e Eileen. Observemos a seguir o relato de Zaniyah:

Excerto 4 Entrevista 9 [881-914]

- 881 Natália: =como é que é o inglês da Guiana?
 882 Zaniyah: é °britânico°, mas a gente tem um giro por causa
 883 da escravidão, né? depois da escravidão e as
 884 pessoas poder FUGIR, né? eles criaram um giro que:
 885 que:: isso daí é mais falado lá (.) na Guiana, e
 886 as >pessoas mas vocês não falam inglês< do da
 887 Inglaterra, dos Estados U- f↑ala fala mas, a
 888 gente usa mais o giro
 889 Natália: humrum

¹⁴² *Chains of (metasemiotic) conjectures.*

¹⁴³ [...] *the same contrast – that organizes the relations among units, at whatever degree of inclusiveness or differentiation.*

¹⁴⁴ *Conjectures pick out indexes that call attention to something; axes of differentiation set up a qualitative comparison.*

890 Zaniyah: né? e as pessoas não compreendem o °giro°, aí
891 essa da- nem nos Estados Unidos, nem na Inglaterra
892 eles não entendem o giro, QUANDO tu chega na
893 Inglaterra, ou os Estados Unidos, você tem que
894 voltar à escola
895 Natália: pode me dar um exemplo?
896 Zaniyah: a minha tia, a minha tia saiu da Guiana foi pros
897 os Estados Unidos, aí ela teve que voltar à
898 escola, de primário, pra aprender a lín- FALA do
899 jeito deles né? porque eles não aceita assim,
900 não, que você chega nos Estados Unidos falar
901 inglês, aí você vai entrar? não, todo mundo tem
902 que voltar porque eles falam mais no gogó
903 Natália: consegue me dar um exemplo para diferenciar?
904 pra eu entender melhor?
905 Zaniyah: pra você entender melhor, né? (2.0) eu vou dizer
906 a palavra Deus, go::d, my go:d, o americano oh
907 my go::d oh my go::d o god, ((levanta-se e mexe os
908 ombros)) tá de::ntro, num é go::d que você ouve o
909 d oh my go:d, e assim eles falam, I'm hurt, sabe?
910 be:m curtinha enquanto o o o inglês não °ah ()
911 brigado° o inglês, não, a gente é assim escandalosa
912 hhh ((gargalhadas))
913 Natália: e na gíria que você falou que na na na gíria que é
914 mais falada, né, [na Guiana]
915 Zaniyah: [anham]
916 Natália: o quê que tem de [diferente?]
917 Zaniyah: [eu v- eu vou] dizer a mesma my
918 god
919 Natália: hum
920 Zaniyah: oh mi gód (0.3) (assim) é mais VULGAR, sabe? oh mi
921 gód, (about wrong to she?) what's wrong with her?
922 (da) a diferença e os indianos da Índia
923 eu vou falar de nós aqui
924 Natália: hum

Nesse trecho, Zaniyah me disse que o inglês da Guiana é o *britânico*, mas que há uma “gíria” fruto do período de escravidão. Segundo ela, a “gíria” era uma forma de “fugir” e é a língua mais falada na Guiana (linhas 882-888), possivelmente uma referência direta ao processo social de isolamento quilombola e manutenção de língua crioula. Como ela mesma disse, as pessoas não compreendem a “gíria”. Quem é de fora não entende. Cita a Inglaterra além dos EUA como referência de inglês e de grupo que não entende a “gíria” (linhas 890-893). Essa alusão à não compreensão da gíria por quem é de fora vai ao encontro do que Pannell (2023) afirma sobre a prática linguística fugidia de comunidades de pessoas negras, na qual o sujeito ouvinte branco tende a perceber erro onde há apenas produção linguística nova ou diferente, configurando-se como um espaço inacessível à escuta branca (p. 15). Certamente,

Zaniyah já estava indicando que eu, como pesquisadora e alheia, não entenderia a gíria.

Quando pedi um exemplo, Zaniyah me contou de sua tia que mora nos EUA precisou adequar seu inglês. Teve que aprender a falar do jeito deles, os estadunidenses, e afirma que eles falam muito no “gogó” (linha 892), mais “curtinho” (linha 900) e que na Guiana fala-se de maneira “escandalosa” (linha 901). Insisti nos exemplos na tentativa de compreender melhor o que ela percebia como diferença, pois é nessa percepção que está a porta de entrada para compreender o repertório e as ideologias de linguagem locais. Ela pensou uns segundos e me explicou como *god* é falado no inglês americano, no guianense e na gíria (linhas 895-902). E, ao imitar o jeito estadunidense de falar *oh my god* (linhas 896-897), Zaniyah levanta-se da cadeira onde estava sentada e mexe os ombros, balançando o corpo como forma de lhe ajudar na ênfase que queria passar, como se a diferença estivesse menos no recurso linguístico e mais em quem fala daquele jeito e de onde fala. A semiose por ela engendrada usou a expressão corporal para indiciar um grupo social. Concluiu sua explicação sobre o inglês da Guiana, assim:

Excerto 5 Entrevista 9 [981-989]

981 Natália: entendi (0.2) e esse inglês que é falado aqui na
 982 fronteira, quê que você pode me falar dele?
 983 Zaniyah: olha, eles fala gira e:: gramaticalmente também
 984 aqui na fronteira, na Guiana, aqui, em Bonfim
 985 Natália: na Guiana [Lethem aqui]?
 986 Zaniyah: [Lethem, Lethem]
 987 Natália: Humrum
 988 Zaniyah: a Guiana é tudo
 989 Natália: tudo hhh

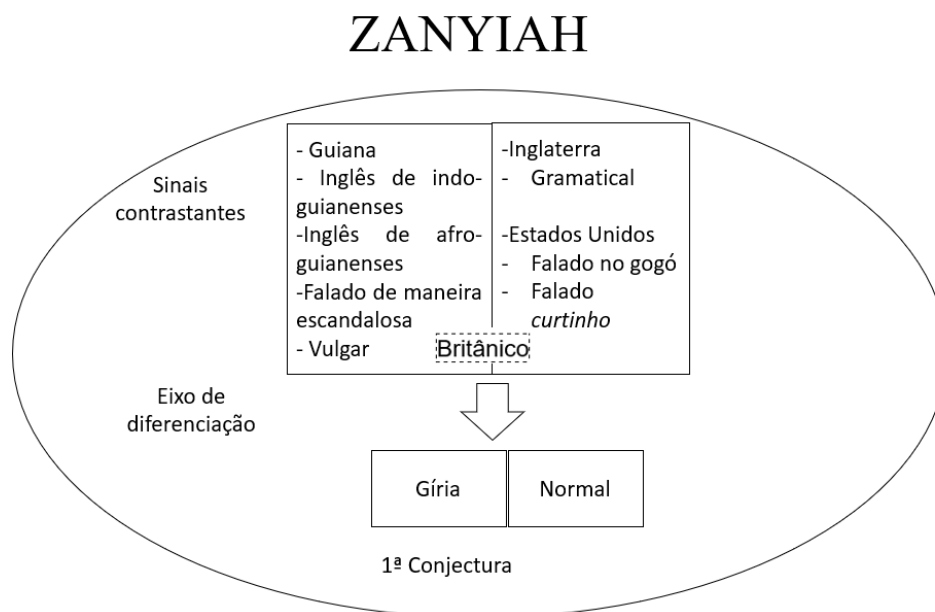
Examinando os trechos da fala de Zaniyah, identifico mais uma vez o inglês com gíria (ou a gíria) x o inglês *gramatical*. Zaniyah não nomeia de *normal* ou *correto*, mas entendo que é o mesmo eixo evidenciado no relato de June. A comparação nesse eixo se dá entre o que Zaniyah considera gíria – como falam indo e afro-guianenses – e gramatical, que é tudo que não entra na categoria de gíria, como o inglês estadunidense e o da Inglaterra.

Ainda do excerto 1, Zaniyah fez referência ao estilo de estadunidenses e guianeses falarem seus ingleses. Um é “curtinho” e outro é “escandaloso” (linhas 900 e 901), revelando mais um aspecto comparativo que estabelece lados nos eixos de

diferenciação identificados. Na sequência, perguntei sobre a gíria, e ela me disse que é mais “vulgar”, deu-me exemplos nessa gíria e na que os indianos falam. O argumento é que os eixos de diferenciação são mais partilhados entre pessoas de uma mesma localidade do que os contrastes qualitativos específicos que sustentam esses eixos. Os objetos contrastantes variam de acordo com a perspectiva e trajetória pessoal, mas giram em torno de um referencial de língua melhor ou certa e língua misturada.

Depois, me explicou que, na Guiana toda e na fronteira, fala-se a “gíria” e o “gramaticalmente” também, de acordo com o disposto no excerto 5. É possível notar que os sinais de contraste, que organizam o lado do eixo chamado de gíria, são diversos, e os referentes se misturam e se movem dentro do eixo. Os referentes para gíria também são múltiplos e móveis. O campo indicial que se apresenta a partir do que reporta Zaniyah está representado na figura 6 abaixo:

Figura 6- Primeira conjectura do campo indicial de Zaniyah



Fonte: elaborado pela autora (2022).

No campo indicial informado por Zaniyah, os objetos contrastantes são outros, exceto pelos indo-guianenses, que, assim como na fala de June, aparecem como o grupo rematizado pela maneira como falam inglês. “Britânico” aparece na figura como móvel, porque transita: ora é relacionado ao inglês da Guiana e ora ao da Inglaterra. No relato de Zaniyah, identifica-se o mesmo eixo de diferenciação de padronização

verificado na fala de June. Há a rematização de grupos étnico-raciais: indo-guianenses e afro-guianenses. Os contrastes qualitativos diferem, mas replicam o mesmo eixo de diferenciação. Dos relatos de June e Zaniyah, verifica-se que, pela ideologia contrastiva, há a replicação fractal do mesmo eixo de diferenciação. No que segue, apresento uma representação inicial para o campo indicial apontado pelas duas participantes:

Figura 7- Campo indicial de June e Zaniyah



Fonte: elaborado pela autora (2022).

Com os guianenses moradores da fronteira, tal como acontece com os Wolof no Senegal, verifica-se “[...] outra consequência comum de uma ideologia de contrastes: a replicação fractal do mesmo eixo de contraste em diferentes níveis de inclusão”¹⁴⁵ (Gal; Irvine, 2019, p. 43). Tendo em vista a ideologia de contrastes (Gal; Irvine, 2019, p. 43) e o que dizem Gal e Irvine a respeito das comparações serem moldadas ideologicamente (p. 137), compreendo que a ideologia de contraste opera num nível inicial de determinação de diferença e sustenta outras ideologias de linguagem mediante a diferenciação que criam. O funcionamento entre essas ideias parece ser dialético, uma depende da outra. A ideologia de contraste é mobilizada na

¹⁴⁵ [...] common consequence of an ideology of contrasts: the fractal replication of the same axis of contrast at different levels of inclusiveness

construção relacional discursiva entre participantes e pesquisadora. As participantes ativam práticas de significação (Pannell, 2023, p. 15) diante dos questionamentos feitos pela pesquisadora, buscando fornecer respostas que consideram capazes de desviar o foco vigilante da etnógrafa (Pannell, 2023, p. 15). Esse foco tende a categorizar as produções linguístico-discursivas como deficitárias, ainda que essa não seja a intenção, mas ocorre devido à operacionalização da ideologia moderno-colonial para examinar prática linguísticas de grupos minoritarizados e racializados.

É possível perceber a ação das ideologias de contrastes na produção de diferenciação e, por conseguinte, na revelação de ideologias de linguagem, mais especificamente, no relato de Harper, que nos revela a ação das ideologias de contrastes na produção de diferenciação:

Excerto 2 Entrevista 2 [241-254]

- 241 Natália: humrum
 242 Harper: fala inglês, uma coisa que minha mãe nunca:: nunca:
 243 é:: ela: ela >sempre policiava a gente< é falar o
 244 inglês, correto, ela nunca gostou, a gente é: é
 245 era proibido de fa- de falar igual os guianense o:
 246 o é o dialeto deles, como: aqui, a Guiana Inglesa são
 247 seis raças, eu tenho seis raças, meu pai e minha mãe
 248 Natália: hum
 249 Harper: entã::o, mas a gente nunca: é: é era proibido falar
 250 igual ele:s (.) em casa
 251 Natália: hum
 252 Harper: a gente era muito corrigida, muito policiada, assim
 253 sabe?
 254 Natália: humrum

Harper estava falando em que línguas se comunica com sua equipe de trabalho, quando encadeou a informação de que era muito policiada por sua mãe para falar o inglês *correto* e que era proibida de falar como os guianenses, no dialeto deles (linhas 243-246). Novamente, verifico a replicação do eixo de diferenciação “inglês correto x dialeto”. Embora nos relatos de June e Zaniyah outras nomeações sejam evocadas em vez de dialeto, o eixo permanece o mesmo. Ela mencionou que na Guiana há seis grupos étnicos e afirma que tanto sua mãe quanto seu pai “têm” essas raças (linhas 246-247). Segui a entrevista me dando alguns exemplos do que ela considera inglês correto e dialeto e quem fala cada um.

Excerto 3 Entrevista 2 [283-315]

- 283 Natália: aham, e:: como que é esse inglês::s que:: que não
 284 podia falar na sua casa? me fala um pouquinho dele
 285 (0.3)
 286 Harper: eles fa:lam, é: é a mistura do chinês- porque
 287 lá lá lá em Georgetown, na Guiana, tem muitos
 288 chinês que migrou para cá
 289 Natália: humrum
 290 Harper: muitos chinês (.) e eles num entendem, (e) eles
 291 começa a falar todo assim porque o que que ele
 292 escuta, né? a criança quando nasce:, escuta e
 293 escuta e vai aprendendo aquilo, né? e >fica na
 294 cabeça< né? vai registra::ndo
 295 Natália: humrum
 296 Harper: é igual os os os os é:: imigrantes, né? que chega
 297 no Brasil
 298 Natália: humrum
 299 Harper: falam muito muito- eles mistura tudo, mistura tudo,
 300 a a eles fala::ndo, eu entendo, eu entendo tudo
 301 porque meus colegas na escola fala: é:, por
 302 exemplo, a pala:vra (.) água, você fala inglês?
 303 Natália: sim
 304 Harper: a palavra água, é <water>, water
 305 Natália: anham
 306 Harper: water, né?
 307 Natália: humrum
 308 Harper: lá, lá fala water, o wa pra eles é uá
 309 Natália: anham
 310 Harper: né?
 311 Natália: sim
 312 Harper: e a gente nunca podia chegar em ca:sa e falar assim,
 313 mã::e I want water (.) é assim que eles falam lá,
 314 I want water eu quero água
 315 Natália: humrum

Harper evocou os chineses para exemplificar quem, na perspectiva dela, fala errado e disse como deveria ser o certo. Usou a palavra *water* para me explicar diferenças de pronúncia e marcar a diferença por ela observada. Naquilo que ela considera o correto (linhas 303 e 305), ao escutá-la reconheço uma das pronúncias como algo que se assemelha à maneira dos estadunidenses falarem. Na linha 308, Harper pronunciou a palavra *water* de maneira a dar ênfase em como, segundo ela, se fala no “dialeto”. Seguiu oferecendo outros exemplos:

Excerto 4 Entrevista 2 [332-346]

- 332 Harper: as crianças entra na sala de aula e fala: ah:: a a
 333 palavra certa é:: good mo::rning
 334 Natália: humrum
 335 Harper: good morning

336 Natália: humrum
 337 Harper: eles fala good mo::rning, mo:::rning assim que eles
 338 fala, não é good morning, mo:::rning, entendeu?
 339 Natália: sim, entendi
 340 Harper: ele fala assim, aí é:: esse é a mist- esse
 341 mo:::rning é a mistura dos ne:gro::s, os negros
 342 com os os os é alguma coisa que eles, eles, eles
 343 misturam junto, né?
 344 Natália: hum
 345 Harper e sai assim esse dialeto, mas tem vá::rios, tem
 346 vários assim aqui, é:: dois amigos se encontram=

No trecho acima, o exemplo do cumprimento bom dia (linhas 333-343) não revela nenhuma diferença relevante que seja perceptível. É demonstrado com pronúncias diferentes para marcar o que é “correto” e o que é “dialeto” e quem fala cada um, mas agora a “mistura” é atribuída aos negros. Nas linhas 333 e 335, Harper pronunciou *good morning* de uma maneira que me soou como estadunidenses costumam pronunciar. Nas linhas 337, 338 e 341, a pronúncia da mesma expressão já é mais prolongada, com ênfase na primeira vogal, sendo esse jeito de falar o que Harper considera como a mistura dos ne:gro::s (linha 341). Complementou com outros exemplos e respondeu que seus pais não deixavam, de forma alguma, que ela e seus irmãos falassem nesse(s) dialeto(s).

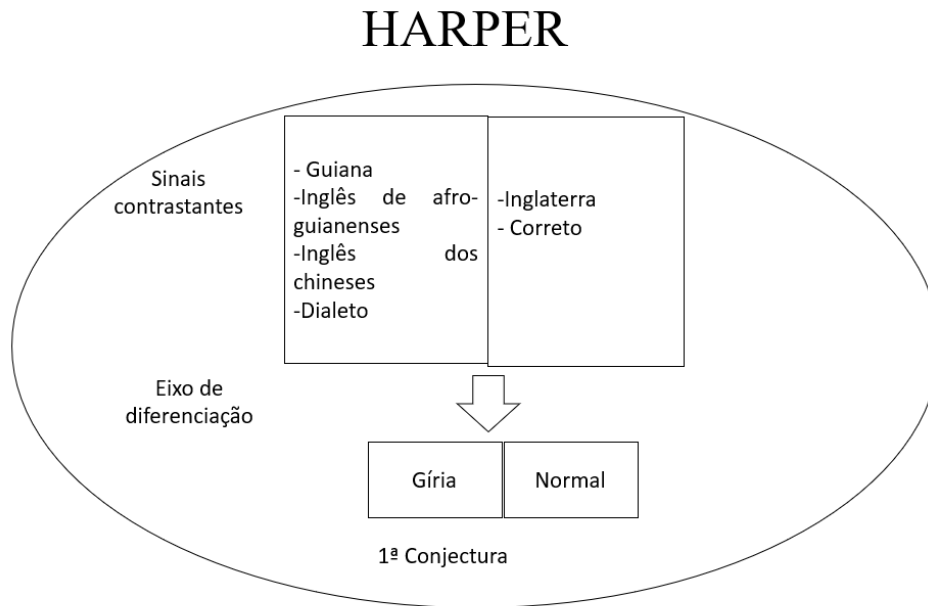
Excerto 5 Entrevista 2 [382-398]

382 Harper: aí eu: eu era muito policiada, né? por causa caso
 383 disso, né?
 384 Natália: e o e o quê que a sua mãe diz- quê que seus pais
 385 diziam que você não podia falar do- desse outro
 386 jeito por quê?
 387 Harper: não, ela falou que é não é porque:: ela queria
 388 ensinar a gente o corre::to, né?
 389 Natália: ah sim
 390 Harper: ela fala que eles fala assim porque:: porque ah: é
 391 eles é:: é outra cultura, outra cultura, né?
 392 Natália: Humrum
 393 Harper: e como é que a a minha mãe foi criado- o pai dela
 394 de Inglaterra, o (pai pai), o avô::, o bisavô::
 395 né? é:: () tia, tio tudo de Inglate::rra, eles
 396 foram- eles foram, né? eles falam correto, inglês
 397 britânico
 398 Natália: Anham

Harper concluiu esclarecendo que sua mãe apenas queria que ela — e seus irmãos — aprendessem o “correto” e não o “dialeto” que procedia de outra cultura

(linhas 388-391). Justificou que toda a linha de ascendência inglesa de sua mãe — pai, avô, bisavô — falava o inglês “correto”, o britânico (linhas 393-397). Portanto, o campo indicial informado no exame do discurso produzido por Harper é:

Figura 8: Primeira conjectura do campo indicial de Harper



Fonte: elaborado pela autora (2022).

Dos trechos de entrevista com Harper e do desenho do campo indicial por ela informado, percebe-se que, além dos mesmos eixos de diferenciação operando via outros objetos contrastantes, verifica-se mais claramente o funcionamento da ideologia de contraste, mencionada anteriormente. O eixo de diferenciação “inglês correto x dialeto” faz parte de um eixo mais amplo que estabelece diferenças via padronização. Portanto, o eixo de diferenciação de padronização. Não importa quais nomes sejam dados para criar o contraste ou até os níveis de inclusão, o eixo se mantém. A ideia é a mesma, logo replica-se a comparação mais ampla: uma forma correta e normal e outra errada/gíria/dialeto de falar inglês. No relato de Brittany, mantém-se a replicação do eixo de diferenciação mediante outros contrastes qualitativos, e há, também, a rematização dos estadunidenses com a marcação de que o inglês deles é bonito.

No que segue, apresento os excertos 1, 2 e 3 do relato de Brittany que revelam a replicação do eixo de diferenciação já identificado nas falas de June, Zaniyah e

Harper, mas com outros contrastes qualitativos, e com a rematização dos estadunidenses pelo índice *yankee* para a qualificação de inglês bonito:

Excerto 4 Entrevista 11 [294-314]

294 Natália: é::: e sobre o inglês da Guiana quê que a senhora
 295 pode me dize::r sobre ele, como é que ele é?
 296 Brittany: é::, pessoas de Guiana, guyanese fala creole
 297 inglês, não inglês é:: igual america::no or
 298 Inglaterra a ge- né? a gente fala:: creole
 299 Natália: [humrum]
 300 Brittany: [mais] brok- broken [()]
 301 Natália: [a senhora] pode me dar um
 302 exemplo↑?
 303 Brittany: example?
 304 Natália: humrum
 305 Brittany hhh example assi::m, (3.0) ah:: igual esse:: I'm
 306 going to the park, né? I'm going to the park
 307 Natália: humrum=
 308 Brittany: =or, give me that
 309 Natália: humrum
 310 Brittany: or, you walk that way, né? or, you go so, you go
 311 so, or come here come, come, you know é:::
 312 assi::m, mas americano fala mai:s:: yankee:: né?
 313 (0.2) they say uh, ↑where are you going girl? né
 314 hhh

Conforme o leitor verá também na seção 5.2, ao falar sobre o inglês da Guiana, Brittany afirma que as pessoas da Guiana falam o inglês crioulo (linha 296) e que não é igual o estadunidense ou o europeu. Disse que é um inglês *broken*, ou o que se conhece como *broken English*. Segui a entrevista pedindo exemplos para compreender melhor a distinção entre os ingleses para ela. Ela sorriu, pensou um pouco e me disse algumas frases. Falou que "americano fala mai:s:: yankee:: né, (0.2) they say uh, ↑where are you going girl? né hhh" (linhas 312-313). Depois de ouvir os exemplos de Brittany (linhas 305-313), perguntei quem falava do jeito que ela estava demonstrando:

Excerto 5 Entrevista 11 [315-325]

315 Natália: quem fala assim?
 316 Brittany: é:: americano fala ma:is assim yankee::
 317 Natália: humrum
 318 Brittany: Inglaterra eles (faz) fala mais fu:ndo também,
 319 né? inglês mais fundo, tem que escutar bem para
 320 entender o que eles fa:lam, ma::s Guyana¹⁴⁶ é mais

¹⁴⁶ O nome do país está escrito em inglês porque a participante o citou dessa forma.

321 simple
 322 Natália: hum
 323 Brittany: guyanese é mais simple (0.2)
 324 Natália: a >senhora< tem mais alguns exemplos pra me dar
 325 (.) pra eu entender melhor?

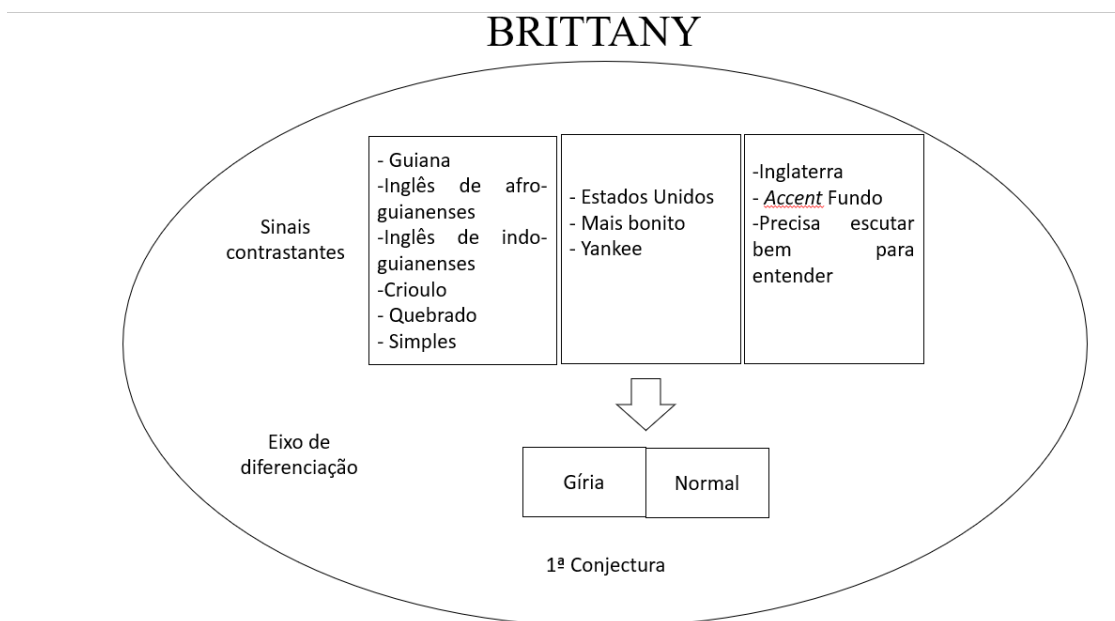
Ela respondeu que os estadunidenses falam mais yankee, que “Inglaterra eles (faz) fala mais fundo também, né?” (linha 318) e que “guyanese é mais simple (0.2)” (linha 323). Continuei insistindo por exemplos e ela seguiu tentando me fazer entender:

Excerto 6 Entrevista 11 [332-357]

332 Natália: ah:: como qual que é a diferença, na sua
 333 opiniã::o, do inglês da Guiana pro o inglês
 334 americano pro da Inglaterra, num num numa frase
 335 assim, num exemplo
 336 Brittany: porque americano fala mais bonito, né? tem
 337 inglês mais bonita assim () mas ah:: (.) Guiana
 338 é mais simple:s, é simples, né [()]
 339 Natália: [o da] Guiana a
 340 sen-
 341 Brittany: não tem muito::=
 342 Natália: =a senhora não acha bonito da Guiana?
 343 Brittany: (0.2) é boN↑ito, é porque é mais claro, né, não
 344 tem accent fundo or uma coisa assim
 345 Natália: humrum
 346 Brittany: por isso a gente diz é creole, inglês creole
 347 Natália: humrum
 348 Brittany: né, fala mais creole, (0.2) (like) they speak
 349 more clear, uh? more clear hhh ((negação com a
 350 cabeça))
 351 Natália: hhh sem proble:::mas
 352 Brittany: or broken broken também, because tem ah: negros
 353 in Guyana, tem indians, east indians, igual
 354 Índia, mas não é Índia in Índia, in Guyana
 355 Natália: humrum
 356 Brittany: they speak muito::: broken brea- break up english,
 357 no, tu não vai (.) entende ((gesto com a mão))

Brittany explicou-me que o estadunidense tem o inglês mais bonito e que o da Guiana, embora ela também ache bonito, é mais claro, é o *creole*. Faz referências aos grupos étnicos da Guiana e menciona os indo-guianenses que, segundo ela, falam um inglês muito quebrado. Pelos relatos de Brittany, o eixo de diferenciação que se apresenta é inglês correto/normal x gíria/errado. Portanto, meu entendimento do campo indicial conforme se apresenta no seu discurso poderia ser representado assim:

Figura 9- Primeira conjectura do campo indicial de Brittany

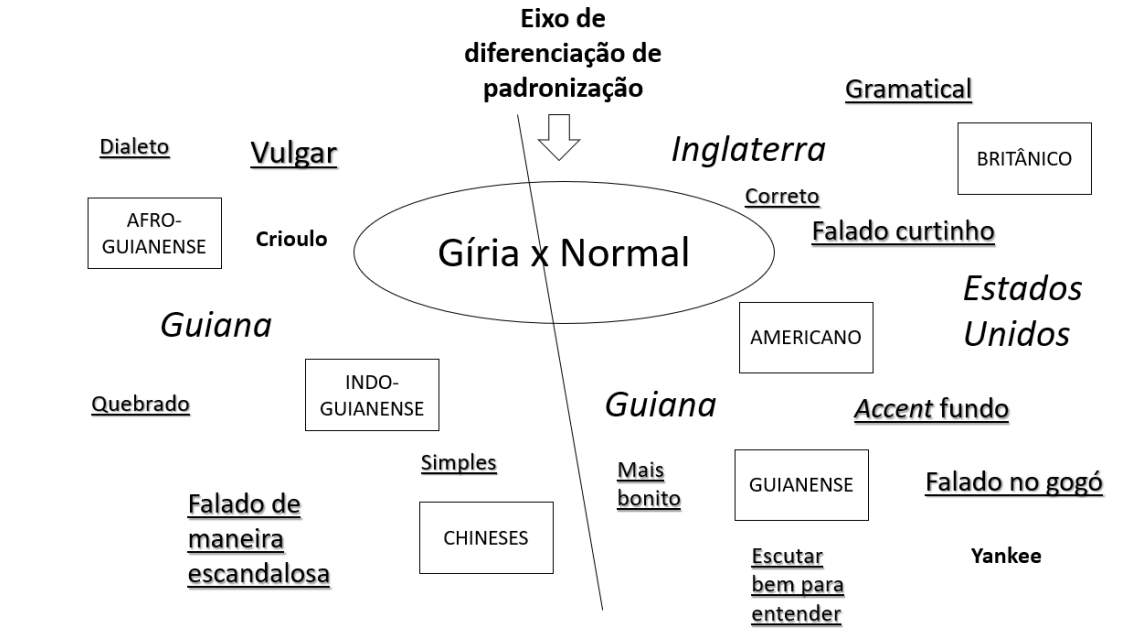


Fonte: elaborado pela autora (2022).

Brittany mobiliza outros contrastes qualitativos como: ianque/bonito x fundo x simples/claro/crioulo, para qualificar positivamente o inglês estadunidense, por exemplo, em oposição ao que afirma sobre o inglês guianense, ainda que tenha declarado que o acha bonito também. O termo *yankee* indicia os estadunidenses e marca uma maneira de falar: bonito. Quando Brittany aciona *yankee* para dizer que o inglês estadunidense é bonito, ela qualifica o recurso mediante a classificação das pessoas.

Novamente, a ideologia de contraste molda a comparação e organiza as ideologias de linguagem. As reiteradas comparações mediante objetos contrastantes diversos acionados por distintas perspectivas pessoais delineiam ideias sobre modos de falar que são racializadas. É nesse momento que ideologias de linguagem de normatização (e.g., o *gramatical* acionado por Zaniyah) e de colonialidade (e.g., o correto inglês britânico acionado por Harper) se manifestam. Essas mesmas ideologias orientam/direcionam a percepção que essas pessoas têm sobre o que é o inglês, a partir da noção de sujeito ouvinte branco. Pelo que relataram June, Zaniyah, Harper e Brittany, projeto o seguinte campo indicial:

Figura 10- Campo indicial de June, Zaniyah, Harper e Brittany



Fonte: elaborado pela autora (2022).

Destaco que todos os diagramas/desenhos/figuras apresentados nesta seção são um quadro sinótico da voz das participantes em resposta à interpelação desta participante sobre o que está operando como ideologia, ou seja, como realidade social, como naturalização. Eles ilustram aquilo que está na análise do discurso dos dados, e não objetivam, sobremaneira, simplificar a complexidade das relações indiciais no objeto pesquisado.

Pelo exame dos dados expostos até aqui, percebe-se que as trajetórias individuais de vida colaboram para a formação da ideologia de contraste, assim como a prática de significação a legitima. A essa ideologia inúmeros objetos contrastantes vão se relacionando para juntos conformarem comparações que resultam em eixos de diferenciação. As comparações são reiteradas por diversos objetos e qualidades contrastivas, por vezes para reafirmar um mesmo eixo de diferenciação, e em outras para transformá-lo (Gal; Irvine, 2019, p. 119). Nos dados apresentados, temos a reafirmação do mesmo eixo. A partir do(s) eixo(s) de diferenciação outras ideologias são reveladas, em particular as de linguagem, sobretudo as raciolinguísticas, apresentadas e discutidas na seção 5.1.1.

Os dados apresentados até o momento revelam que o eixo inglês correto/normal x inglês errado/não-correto/gíria advém de qualidades contrastantes distintas, apresentadas pelas participantes. Dentro do que elas consideram correto e errado emergiram categorias étnico-raciais nas quais o processo de rematização fica

expresso. Grupos sociais são indiciados por meio desse recurso linguístico: o inglês local. Depois, a partir da rematização e tendo em vista os objetos de contraste que fazem sentido para cada participante, a comparação é continuada. Nesse processo, outras qualidades são desprezadas levando ao seu apagamento.

O que resulta desse processo são as ideologias de linguagem que circulam entre os participantes. Não são verbalizadas taxativamente, mas estão lá. Argumento que a prática de contraste, essencial para o início do processo semiótico, ilumina/embasa o trabalho ideológico observado. Nos dados até aqui examinados, mediante os contrastes verificados, as ideologias de linguagem que moldam as comparações são também racializadas.

Nesse cenário fronteiriço, todos os recursos linguísticos estão sujeitos a regimes de valores locais, e mais amplamente percebe-se a circulação de discursos alinhados com valores hegemônicos estabelecidos, como: ideologia de padronização linguística, nacionalista e colonialista. Essas ideias sobre linguagem estão relacionadas. A ideia de que existe “um normal”, “correto”, “padrão” é bastante evidente entre as participantes dos trechos apresentados. A relação de que esse correto é o falado na Inglaterra revela efeitos do colonialismo britânico na região, em que a colônia tinha como modelo de desenvolvimento o centro colonizador. Afora o fato de que, para se criar a noção de desvio (do que não é bom, do que não é correto), é preciso ter antes criado a ideia de norma. E a norma está relacionada a quem tem poder para criá-la, isto é, o branco colonizador.

Segundo Nero (2000), “[...] o legado colonial no Caribe permitiu que eles [os crioulos de base inglesa] continuassem a ser retratados por seus falantes e estrangeiros como versões deformadas do inglês padrão”¹⁴⁷ (p. 486). A autora discute aspectos do crioulo de base inglesa falado nos países do Caribe e examina relatos de alunos caribenhos anglófonos que estudam nos EUA, sendo dois deles de origem guianense. Ao apresentar sobre o Caribe anglófono, explica sobre a língua crioula de base inglesa falada nos países caribenhos e em que esferas é mais utilizada. Afirma também que “[...] um dos legados mais irritantes da colonização britânica no Caribe é a estigmatização do inglês crioulo e o privilégio do inglês padrão [...]”¹⁴⁸ (Nero, 2000,

¹⁴⁷ [...]the colonial legacy in the Caribbean has allowed them to continue to be portrayed by both their speakers and outsiders as deformed versions of standard English.

¹⁴⁸ [...] one of the more vexing legacies of British colonization in the Caribbean is the stigmatization of Creole English and the privileging of standard English [...]

p. 487). Essa herança histórica explica em parte porque o inglês da Guiana aparece nos relatos das participantes como gíria e guia o entendimento sobre quem fala cada uma dessas variedades. O estigma do recurso linguístico é também racial exatamente pela conaturalização desses construtos (Rosa; Flores, 2017, p. 623).

É preciso ressaltar, contudo, que há estudos que apontam para uma valorização – em certa medida – dos crioulos de base inglesa (Nero, 1997) e do crioulo da Guiana (De Lisser; Wilkinson, 2020). Pelo que apresentam as autoras e pelo que observei na fronteira, entendo que a estigmatização de um recurso e a valorização de outro acontece de maneira muito heterogênea. Não é algo dicotômico e definitivo, há diversas nuances.

No que segue, apresento os usos dos diferentes referentes de inglês que são mobilizados para marcar hierarquias étnico-raciais e construir diferenciação.

5.1.1 "Os indianos, eles não falam nem inglês; eles têm um outro giro, os negros também têm outro giro": hierarquias étnicas manifestadas nas ideologias de linguagem

A percepção das participantes de quem são as pessoas que falam o inglês que elas consideram “gíria” ou “normal” são elaboradas a partir de ideologias de linguagem. Essa mobilização de categorias étnico-raciais expressa o processo de rematização e revela a circulação de ideologias de linguagem racializadas. Tal como propõem Rosa e Flores (2017), nesta pesquisa não opero com categorias linguísticas e étnico-raciais fixas e consolidadas, mas examino aquelas que emergem do que as participantes dizem considerando o histórico de colonialidade presente em suas trajetórias; e o projeto moderno-colonial, ainda muito operante pelo que revelam as ideologias de linguagem, que preconizava uma concepção de linguagem na qual recursos linguísticos estivessem estritamente relacionados a grupos e cujos usos estavam sujeitos a avaliação. A racialização dos sujeitos e de seus repertórios linguísticos é muito presente nos relatos de entrevista das participantes desta pesquisa. Observemos o que disse Zaniyah:

Excerto 6 Entrevista 9 [766-773]

766 Natália: mas você já viu alguém com vergonha aqui em Bonfim
 767 de [fa-]
 768 Zaniyah: [ah::] tem mui::tas cara de pau me dá raiva (.)
 769 Natália: [é?]

770 Zaniyah: [ah] não, eu esqueci↑, a↑h não, eu não f↑ala bem,
 771 fala tua língua no jeito que você que:r, porque tem
 772 os indianos, eles não falam nem inglês, eles têm
 773 um outro giro, os ah negros também têm outro giro

Zaniyah e eu falávamos sobre se existe vergonha em falar em inglês (tópico a ser discutido em seção subsequente), e, em sua resposta, os indo-guianenses foram evocados. Para Zaniyah, “eles não falam nem inglês” (linha 772), “eles têm um outro giro” (linha 772-773). Giro aqui é gíria. Zaniyah às vezes falava “giro”, outras vezes “gira” e em outras, “gíria”. Note-se que o primeiro grupo étnico que aparece como referência para ela é o indiano, embora mencione também os afro-guianenses. Para ela, cada um deles tem uma maneira de falar, e ela não considera que os indo-guianenses falem inglês, embora afirme entendê-los, conforme discuto na seção 5.2.

Continuamos a entrevista, e Zaniyah foi intercalando informações de episódios que viveu com as respostas daquilo que lhe era perguntado. Em meio ao que disse sobre o inglês de indo- e afro-guianenses, contou-me o que aconteceu por ocasião do falecimento de sua mãe, quando foi questionada por um policial a respeito de sua documentação de identificação para estar naquele local:

Excerto 7 Entrevista 9 [774-804]

774 aí se fosse só >por isso- eu< na Guiana, eu não
 775 tinha passaporte, nada, nada- até hoje eu não tem
 776 passaporte
 777 Natália: humrum
 778 Zaniyah: não tinha nem documento, quando a minha mãe
 779 faleceu e o policial falou que o meu irmão pra
 780 sentar no no banquinho, aí quando eu saí da sala
 781 ele disse por que tu tá aí? não, porque ele disse
 782 a gente tem que ter passaporte, eu disse minha
 783 língua é minha passaporte e disse tu pega qualquer
 784 outra pessoa brasileiro, venezuelano, qualquer
 785 outra pessoa e ensina eles inglês, mas se eu- você
 786 me pergunta uma coisa, eles não vão saber, porque
 787 a gira que não todo mundo pega a gira, né? e os
 788 indianos falam um gira diferente, onze e quinze,
 789 ((tocou o despertador de seu celular)) né?
 790 Natália: humrum
 791 Zaniyah: aí eu disse, não, eu so::u porque eu sou
 792 guianense, eu não >precisa passar por isso, mas
 793 como é que tu chega no Brasil?< aí eu disse, mas
 794 meu pai me leva lá, ah por que tu não falou antes?
 795 eu disse, oh, por que você não me perguntou, você

796 só queria dinheiro e eu não tenho dinheiro pra dar
 797 pra (negão)foi assim mesmo, eu falei, eu não tenho
 798 dinheiro pra dar pra negão, moço, os dez dedos
 799 cheio de ouro, cordão de ouro e ele queria
 800 propina, aí eu não concordo com isso daí, nem aqui
 801 no Brasil, nem no Japão, nem no canto nenhum, eu
 802 não vou dar dinheiro por passar ou se- se não
 803 pode, não pode, tudo bem, mas subornar, eu preciso
 804 para comer, querido

No excerto acima, novamente Zaniyah afirmou que os indianos falam uma “gira” diferente (linha 788). Disse isso ao completar seu relato sobre o policial guianense que pediu seu passaporte para verificação. Respondeu a ele que sua língua é seu passaporte (linha 783). Com essa afirmação, fica evidente que Zaniyah esperava ser identificada pela língua que demonstrou falar. Nas linhas 791 e 792, afirmou que por ser guianense não precisava passar pelo questionamento da documentação. Para ela, cada “gira” está associada a um grupo que compõe a população guianense. Há um entendimento compartilhado entre as participantes de que, ao falar, o sujeito revela sua identidade pelo que e como fala.

As diferenças étnico-raciais são ressaltadas nas entrevistas, em algumas, de maneira mais expressa, como as que apresento nesta subseção. Entendo que a racialização dos sujeitos e da linguagem tão presentes nos relatos aqui apresentados decorre da herança colonial da Guiana. Segundo McElhinny e Heller (2020, p. 134) “[o] colonialismo se justifica pela construção hierárquica de eus e outros, geralmente definidos ao longo de linhas racializadas/religiosas [...]”¹⁴⁹. Nos dados aqui apresentados, a linha religiosa não se mostrou um elemento decisivo na hierarquização das identidades étnico-linguísticas. É no terreno da linguagem que a construção ideológica do colonialismo das diferenças étnicas se manifesta e consolida (Wirtz, 2020, p. 213-214). Observemos o excerto da entrevista com Harper:

Excerto 6 Entrevista 2 [738-769]

738 Natália: e finalizando mesmo de vez agora, tem mais alguma
 739 coisa que você gostaria de me dizer sobre o inglês
 740 falado lá na Guiana? alguma outra informação? ou
 741 falado em Lethem que é mais próximo do Brasil
 742 Harper: nã- é é é (.) Lethem tem as seis raças
 743 Natália: humrum
 744 Harper: né? você encontra os caboclos, o chinês, os

¹⁴⁹ *Colonialism justifies itself through the hierarchical construction of selves and others, generally defined along racialized/religious lines [...]*

745 indiano, os coolie¹⁵⁰, o preto, o branco, né? você
 746 encontra eles e você encontra a:: as comidas
 747 típicas todos lá também
 748 Natália: humrum
 749 Harper: né? >comidas típicas< e:: é interessante, é
 750 interessante, é muito gostoso, né? quando é: tava
 751 aberta a fronteira, a gente ia lá e eu, eu tenho-
 752 eu também tava na política da Guiana, né? meu é::
 753 meu presidente da Guiana ganhou é:: é novamente,
 754 né?
 755 Natália: anham
 756 Harper: e a gente tá lá () e ele é indiano, é indiano
 757 e:: ah eu pude conversar com ele, e a:: a comida
 758 que ele gosta eu gosto, né? e:: quando ele veio
 759 pra::: pra e- ele fala é ah inglês dele, é::
 760 inglês indiano
 761 Natália: é?
 762 Harper: ele é estudado, ele é estudado, ele tem u:m
 763 doutorado, né? ele tem tudo lá, mas ele fala com
 764 a gente, né? que- quem é próxima a ele, porque
 765 nós fizemos campanha nas montanhas, né? e eu fui
 766 com ele, e ele sentou e comeu, e falou, a:: a:
 767 idioma dele é toda assim, sabe, é coolie assim,
 768 sabe? eu entendi tudo o que ele falou, eu entendi,
 769 né?

Perguntei à Harper se havia mais alguma informação a respeito do inglês falado na Guiana que ela gostaria de compartilhar comigo e sua resposta não foi somente sobre o recurso linguístico, mas sobre as raças e comidas típicas da Guiana (linhas 742 e 749). Em seguida, ao citar o presidente da Guiana, enfatizou que ele é indiano e fala o inglês indiano (linha 760). A resposta dada por Harper mostra que a percepção de linguagem que ela apresenta está relacionada à compreensão de quem fala determinado recurso. Rosa e Flores (2020, p. 96) afirmam que, pela perspectiva raciolinguística, “[...] as formas linguísticas e raciais são construídas conjuntamente como conjuntos e tornadas mutuamente reconhecíveis como línguas/variedades nomeadas e categorias raciais.”¹⁵¹ Essa coconstrução, ou conaturalização, nas palavras dos próprios autores, opera pelo que eles chamam de “processo de enregistramento raciolinguístico”¹⁵² (p. 96). No trecho abaixo, Harper volta a relacionar

¹⁵⁰ Segundo Pereira (2010, p. 208), o termo *coolie* é utilizado para designar a terceira geração de indo-guianenses. Para Major (2017), esse termo é uma designação utilizada desde o século XIX para se referir a trabalhadores indianos pouco qualificados.

¹⁵¹ [...] *linguistic and racial forms are jointly constructed as sets and rendered mutually recognizable as named languages/varieties and racial categories.*

¹⁵² *process of raciolinguistic enregisterment*

o recurso, ou a maneira como ela percebe o uso do recurso linguístico, a quem fala, no caso, os negros:

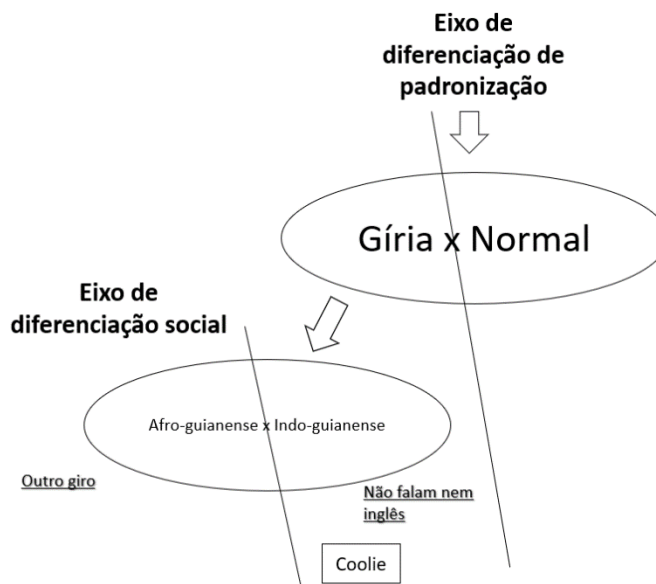
Excerto 4 Entrevista 2 [332-346]

332 Harper: as crianças entra na sala de aula e fala: ah:: a a
 333 palavra certa é:: good mo::rning
 334 Natália: humrum
 335 Harper: good morning
 336 humrum
 337 Harper: eles fala good mo::rning, mo:::rning assim que eles
 338 fala↓ não é good morning, mo:::rning, entendeu↑?
 339 Natália: sim, entendi
 340 Harper: ele fala assim, aí é:: esse é a mist- esse
 341 mo:::rning é a mistura dos ne:gro::s, os negros
 342 com os os os é alguma coisa que eles, eles, eles
 343 misturam junto, né?
 344 Natália: hum
 345 Harper e sai assim esse dialeto, mas tem vá::rios, tem
 346 vários assim aqui, é:: dois amigos se encontram=

No trecho acima, Harper deu exemplos de como os negros falam bom dia no dialeto/mistura deles, segundo sua percepção. Prolongou a primeira vogal e a pronunciou como uma vogal posterior aberta, e estabeleceu relação disso com uma categoria racial. Segundo Rosa e Flores (2020, p. 98), essa relação entre características linguísticas específicas e categorias raciais pressupõe a existência de um padrão imaginado. Nas linhas 333 e 335, Harper disse como deve ser a pronúncia *certa* da referida expressão. Ao fazer isso, e em seguida, indicar outra pronúncia para o que considera dialeto/mistura, sinalizou que considera a mistura o errado e a vinculou aos afro-guianenses.

É importante frisar que Harper apresenta traços fenotípicos identificáveis como alguém com características indo-guianenses, como: pele oliva, olhos amendoados e cabelos escuros. E seu relato elogioso ao então presidente da Guiana, que é indo-guianense, revela simpatia por esse grupo em específico. O que pode justificar a exemplificação linguística estigmatizada que ofereceu e que creditou aos afro-guianenses. Com isso e pelo padrão de respostas das entrevistas, é possível perceber que, além do eixo de diferenciação de padronização – moldado por ideologias de linguagem de normatização e de noção moderna de língua –, há também o eixo de diferenciação social (Gal, 2012, p. 240; Rosa; Flores, 2020, p. 98) moldado por ideologias de linguagem racializadas. No que segue, apresento o campo indicial formado por esses dois eixos:

Figura 11- Campo indicial com dois eixos de diferenciação



Fonte: elaborado pela autora (2022).

Pela ilustração do campo indicial acima, percebe-se, a partir do eixo central de diferenciação, que outro eixo é estabelecido – dentro de um dos polos do eixo central – para a contínua comparação, inerente à recursividade fractal. As características linguísticas, pelos exemplos dados pelas participantes, indiciam grupos apontando para o processo semiótico da rematização. Os sinais contrastivos objetos da rematização racializam os grupos e produzem avaliação negativa tanto do recurso linguístico quanto dos grupos. Essa avaliação tem como filtro as percepções de linguagem racializada (Rosa; Flores, 2017, p. 628), que distinguem categorias raciais hegemônicas de avaliação positiva e as não-hegemônicas de avaliação negativa.

Nesta pesquisa, as participantes cujos sinais contrastivos de seus discursos racializam grupos, são elas próprias racializadas e, por vezes, autodeclaradas pertencentes aos grupos étnicos que apontam nas entrevistas. É o caso de Zaniyah que se considera *misturada*, como se pode observar no trecho a seguir, em uma parte da resposta que me deu à pergunta a respeito da Guiana e do inglês falado lá.

Excerto 8 Entrevista 9 [1249-1257]

1249 Zaniyah: o o aqueles mulatinhos, que é moreninho, ma::s se
 1250 você estudar o biologia, você tem que sangue pura,
 1251 só quando você é de uma raça só, você é uma- aquela
 1252 coisa, eu não sou nada, eu sou tudo misturada, eu
 1253 sou negra, porque negros são aqueles que têm (.)
 1254 tudinho misturado, desde que teu sangue é cruzado,
 1255 você não é nem branco, nem negro, nem nada, nem
 1256 nada e nem nada, você é outra coisa, né? () hhh
 1257 Natália: como é que você se sente?

Ela evoca o conhecimento que tem de biologia para explicar seu entendimento sobre raças. Mobilizou a concepção de pureza racial com base biológica e afirmou que negros têm *tudinho misturado* (linha 1254), para referir-se a uma suposta não pureza de sangue desse grupo. Sobretudo, autodeclarou-se negra e *nada*. A racialização dos corpos nos seus múltiplos processos de constituição produziu a noção de inferioridade que muitas pessoas mobilizam. Rosa e Flores (2020) afirmam que “[...] a governamentalidade do estado-nação/colonial baseava-se em ideologias raciolinguísticas que posicionavam as populações colonizadas como inferiores às populações europeias idealizadas”¹⁵³ (p. 94). Corpos racializados são produtos da construção ideológica colonialista operante desde o século XIX, cujo objetivo era o de ter o controle sobre esses corpos (Ahmed, 2002, p. 47-48).

Ainda como parte da resposta dada por Zaniyah à pergunta a respeito da Guiana, do inglês e se haveria mais alguma coisa que ela gostaria de dizer, rapidamente respondeu que sim, gostaria de dizer mais alguma coisa sobre a fronteira e enfatizou que a Guiana e o Brasil são iguais, têm os mesmos povos, só diferem nas línguas:

Excerto 9 Entrevista 9 [1221-1242]

1221 Natália: tem mais alguma coisa que você gostaria de me
 1222 dizer, sobre a fronteira [Brasil Guiana]
 1223 Zaniyah: [sim]
 1224 Natália: ou sobre o inglês da Guiana, alguma coisa que eu
 1225 deveria saber e eu esqueci de te perguntar?
 1226 Zaniyah: a única coisa é o Brasil é igualzinho em
 1227 Guiana, só que os são dois línguas diferentes que
 1228 foram colonizadas, né? lá é inglês aqui é
 1229 português, os povos são ig- iguais, só a linguagem
 1230 é diferente, aqui tem ianomâmi, mas eu não sei o

¹⁵³ [...] nation-state/colonial governmentality relied on raciolinguistic ideologies that positioned colonized populations as inferior to idealized European populations.

1231 ianomâmi é qual raça na Guiana, esse daí eu preciso
 1232 saber, quem vai saber? eu não sei se é wai wai, né?
 1233 mas >da mesma forma que aqui tem< indígenas, vários
 1234 (.) tipos, lá também, né? a mesma coisa, aqui, aqui
 1235 tem brancos, lá também, aqui tem africanos, lá
 1236 também, aqui tem negros, mas negros e africanos são
 1237 a mesma só que as pessoas diz não negro é preto,
 1238 preto, eu detesto, fala em racismo e lá vem uma
 1239 ficha do governo federal, né? com essa palavra
 1240 preto, preto é uma coisa que suja, é
 1241 AFRODESCENDENTE ou negros, pronto, não tem preto,
 1242 não tem moreno, moreno é aquele que a hhh eu vou
 [...]

Como é possível observar no trecho acima, Zaniyah apontou para a diferença linguística, fez uma observação sobre a colonização dos dois países – Brasil e Guiana – e citou os grupos racializados. A ideologia racializante presente em seus relatos marca categorias étnicas e raciais. Não apenas nesse último trecho de Zaniyah, mas também nos anteriores e nos de Harper que foram apresentados ao longo desta subseção, verifica-se a forte presença da ideologia racializante. Em um dos momentos da entrevista com Harper (excerto 6 entrevista 2), eu, que insistia muito em perguntar sobre o recurso linguístico (inglês), recebi a resposta sobre as pessoas e as raças. A minha obstinação por tentar compreender o que era o inglês para elas, o que ele representava, como era mobilizado e em que situações, estava me impedindo, inicialmente, de entender que elas já haviam me respondido. O inglês é o índice dos sujeitos racializados.

Importa, também, compreender que a ideologia racializante está “[...] sempre em intersecção poderosa com ideologias de gênero, sexualidade, nacionalidade e outros eixos de pertencimento e diferenciação”¹⁵⁴ (Wirtz, 2020, p. 209-210). Outras estruturas interseccionais também são acionadas, como: religião e classe social. E esses elementos emergiriam em algumas entrevistas, como o que se pode observar no que me disse June quando perguntei a respeito do período que morou em Georgetown após seu regresso:

Excerto 3 Entrevista 1 [1084-1109]

1084 Natália: Olha

¹⁵⁴ [...] *ideologies of racial difference are always in powerful intersection with ideologies of gender, sexuality, nationhood, and other axes of belonging and differentiation.*

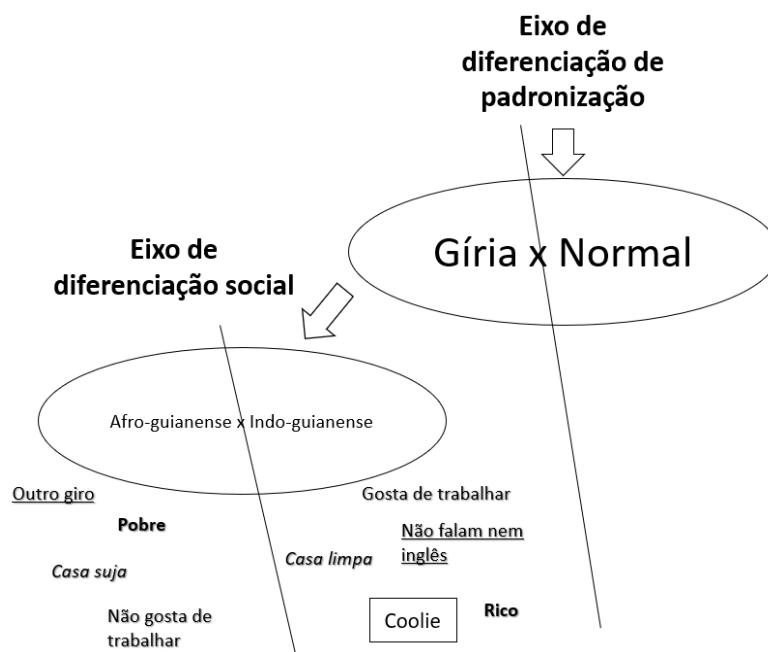
1085 June: quarenta centavos, e as verdura? um monte de beringela
 1086 assim uns seis sete beringela para um real dois reais
 1087 (.) é muito barato as coisas lá (porque) não:: assim
 1088 não gasta muito dinheiro eles têm como ah:: como
 1089 guardar o restante do dinheiro, eles as pessoas de
 1090 lá a maioria dos indianos, essas pessoa são rico,
 1091 eu digo rico (hhh) rico, que ne::m agora os os negão
 1092 mesmo, os pessoa nego mesmo, ah:: eu acho que eles
 1093 num são: eles num são rico porque eles não querem
 1094 porque eles têm a oportunidade mas mas só que fica
 1095 aí dependendo do governo essas coisas assim agora os
 1096 indiano não eles sai, trabalha e: tu pode perceber o
 1097 lugar onde que é de indiano e o lugar que é de:::
 1098 ah:: os os nego né? os morenos que fala (.) porque é
 1099 totalmente diferente, o lugar deles sempre é mais
 1100 su:jo, sempre é mais pequena as casa: e:: e dos
 1101 indiano não, quando tu vai é o lugar mais limpo: as
 1102 casas são mais grande:: e é de muita diferença muito
 1103 muito diferente, e no centro de Georgetown mesmo
 1104 maioria que mora lá são os negros, os negros, e:
 1105 saindo de Georgetown a maioria assim tem um:: bairro
 1106 que é indiano tem outro bairro que é dos negro, tem
 1107 um bairro que é dos indiano, agora os ↑índio índio
 1108 índio mesmo tem dois lugares que: não, três lugares
 1109 que tu [...]

June estava me contando como o custo de vida costumava ser mais barato na capital guianense, nos anos em que morou lá. Na linha 1090, afirmou que a maioria dos indianos são ricos, e os negros não, pois segundo ela, esses preferem depender de programas assistenciais do governo (linha 1095). Depois, começou a estabelecer diferenças entre os lugares dos indianos e dos negros. Afirmou que os primeiros têm casas grandes e limpas e os segundos casas pequenas e sujas (linhas 1097-1102). Disse que um grupo é trabalhador, e outro não (linhas 1093-1096). Sua avaliação é da perspectiva de quem é esposa de um indo-guianense e retrata, em recorte, a relação entre raça e classe que opera na sociedade guianense.

Como mencionado na seção 3 deste relatório de pesquisa e como será possível ver também na seção 5.2, a política guianense também é marcada por diferenças raciais e, segundo apontou Eileen, as pessoas votam no candidato que representa o grupo racializado ao qual se sentem pertencentes. O exercício da cidadania era/é racializado, e os grupos políticos imbuídos de poder adotavam medidas que impactavam econômica e diferentemente cada um dos diferentes grupos. Danns (2014, p. 74) afirma que, após a morte de Burnham, ex-presidente guianense e afrodescendente, a Guiana vivenciou, entre outras mudanças, a privatização de suas estatais e, com isso, os afrodescendentes que ocupavam altos cargos no serviço

público começaram a perder seus empregos e ser substituídos por indo-guianenses. Isso corrobora o relato de June que qualifica um grupo como trabalhador, e o outro não. Assim sendo, outros objetos contrastantes são adicionados ao eixo de diferenciação social que opera entre as participantes:

Figura 12- Campo indicial com novos objetos contrastantes no segundo eixo



Fonte: elaborado pela autora (2022).

Elementos de classe são incorporados ao eixo de diferenciação social, como: rico x pobre e gostar de trabalhar x não gostar de trabalhar. As referências às casas – grande e limpa, pequena e suja – também denotam a percepção da participante a respeito das condições de classe dos grupos mencionados no que se refere à propriedade, aos tipos de habitação. A casa é tomada como um sinal que indicia o grupo social e sua classe. Os índices “limpa” e “suja” remetem à vontade de trabalhar, ao esforço e ao cuidado.

Zaniyah, que é afrodescendente, reconheceu que há uma “gíria” compartilhada entre os negros, mas, quando se referiu aos indo-guianenses, disse que não é nem inglês o que eles falam. Contudo, ressaltou que, por ter sido criada no mesmo bairro, conseguia entendê-los (seção 5.2). June, que não se autodeclarou expressamente pertencente a nenhum desses grupos étnicos, apresentou ao longo das entrevistas avaliações mais positivas sobre os indo-guianenses – talvez pelo fato de ser casada

com um deles — e menos a respeito dos afro-guianenses. Contudo, June não se furtou a afirmar que o inglês dos indo-guianenses é uma gíria. Inclusive disse que sua mãe, indígena guianense, “sorria” dela — June — por ter aprendido a falar igual ao marido.

As hierarquias étnico-raciais operantes entre as participantes são móveis e são expressas nas ideologias de linguagem que reproduzem. A ideologia raciolinguística mobilizada pelas participantes deve ser examinada a partir do histórico sociocultural de cada uma, bem como daqueles(as) a quem estão se referindo. A ideologia de linguagem de padronização é central, pois é no eixo da gíria que as ideologias de linguagem racializadas se manifestam.

Classe social e raça são categorias que não foram pensadas aprioristicamente quando esta pesquisa foi desenhada, mas os dados revelaram indícios de racialização das ideologias de linguagem e elementos de classe social. Portanto, nesta subseção a lente analítica das ideologias de linguagem precisou focar, sobretudo, raça, mas sem prescindir de classe, de maneira interseccional, no entendimento de que não há como fazer a separação dessas categorias quando estamos tratando de dados como os apresentados até aqui. Por fim, apresento a projeção que Zaniyah fez para marcar a minha — e a de quem represento para ela — branquitude:

Excerto 10 Entrevista 9 [1257-1279]

- 1257 Natália: como é que você se sente?
 1258 Zaniyah: ORGULHOSA da minha cor, orgulhoso de ser guianense,
 1259 orgulhoso de tá aqui no Brasil, orgulhoso de si-
 1260 subir no no Brasil, onde eu fui e foi pisado muito
 1261 aqui, sabe? mas isso daí só me ajudou a ser forte,
 1262 a perseguir, né? (em frente) a lutar po::r tenho
 1263 os meus direitos, até meu pai, meu pai foi o
 1264 primeiro a pessoa que () eu falo a verdade, a
 1265 verdade tem que ser dita, né? então, em cima de
 1266 tudo, o amor ao próximo, né? o amor ao próximo, não
 1267 porque você é branca, não porque você é rica, eu-
 1268 não porque você é: é:: isso ou aquilo, você é
 1269 melhor, você não é melhor, por que o que será você
 1270 sem teu dinheiro? o que será sem seu cor? uma
 1271 fantasma, porque branco para mim é isso daqui
 1272 ((aponta para a parede)) eu nunca vi uma pessoa
 1273 assim não, então você não é melhor que eu, né?
 1274 o amor em cima de tudo, gente, espalhe o amor, amor
 1275 de Deus, amor VERDADEIRO, não falsidade porque
 1276 eu detesto falsidade, e é incrível que eu percebe
 1277 quando a pessoa está sendo falsa [hhh]
 1278 Natália: [hhh]

1279 Zaniyah: tá? Obrigada

No trecho acima, estávamos finalizando a entrevista. A minha pergunta “como é que você se sente?” (linha 1257) surgiu de um complemento à pergunta final em cuja resposta Zaniyah estava me dizendo que negros “têm sangue cruzado” (Excerto 8 Entrevista 9). Quando perguntei como ela se sentia, ela disse sentir orgulho de ser guianense e de ter logrado êxito no Brasil, lugar onde sofreu bastante. Continuou me dizendo que o amor ao próximo é o mais importante e, em seguida, encadeou uma sequência de afirmações em que eu fui a interlocutora mais diretamente projetada. Das linhas 1267 a 1273 ela aciona a cor da pele e a condição econômica, segundo sua percepção.

Nas linhas em que afirmou o que será você sem teu dinheiro? O que será sem seu cor? uma fantasma, porque branco para mim é isso daqui ((aponta para a parede)) eu nunca vi uma pessoa assim não, então você não é melhor que eu, né? (linhas 1270-1273), Zaniyah externava sua crítica ao racismo, crítica que vem da sua experiência como alguém que sofreu racismo, dado o que relatou ao longo da entrevista. Em sua afirmação no trecho destacado, percebo uma relação entre pessoas brancas e ter dinheiro, na lógica de Zaniyah.

Ao mesmo tempo em que perguntou o que eu seria sem “minha” cor, ela disse que branco é a cor da parede e que não há pessoa branca assim. Portanto, eu – a interlocutora branca – não sou melhor do que ninguém, porque nem branca como a parede (referência da cor) eu sou. Entendo que a projeção pareceu ser mais diretamente a mim, pois sou eu quem estava à sua frente, na interação. Porém, também compreendo que a projeção não se encerrou em mim, mas englobou todo o grupo de pessoas brancas que eu pudesse representar, naquele momento, para Zaniyah. Ela mobilizou a ideologia colonialista de que pessoas brancas são superiores com desaprovação e não concordância. Aqui, a racialização dos corpos acontece mediante “[...] um processo de atribuição de significado à cor da pele, de modo que ‘negro’ e ‘branco’ venham a funcionar não como descrições da cor da pele, mas como identidades raciais”¹⁵⁵ (Ahmed, 2020, p. 46). Contudo, a autora ressalta que essa não é a única maneira pela qual corpos são racializados, há múltiplos processos.

¹⁵⁵ [...] a process of investing skin colour with meaning, such that ‘black’ and ‘white’ come to function, not as descriptions of skin colour, but as racial identities.

Assim, pelos dados apresentados, fica evidente como os sinais linguísticos são mobilizados para indiciar sujeitos racializados, e como esse processo semiótico é moldado por ideologias raciolinguísticas. Ademais, nota-se que dois eixos de diferenciação são centrais para que a rematização aconteça: o eixo de diferenciação de padronização e o de diferenciação social, cada um moldado por ideologias de linguagem específicas, mas ambos imbuídos da operacionalização disseminada do capitalismo e dos efeitos da colonialidade.

A execução desse trabalho ideológico da linguagem na fronteira Brasil-Guiana define os usos e valores dos recursos linguísticos, sobretudo do inglês, presentes nos repertórios dos participantes. Portanto, no que segue, discuto como os usos de itens linguísticos reconhecidos como inglês são atravessados por ideologias de diferenciação social e requisitam vivências de linguagem locais para a sua compreensão.

5.2 “TU NÃO VAI... ENTENDE?”: IDEOLOGIAS DE DIFERENCIAÇÃO SOCIAL E A COMPREENSÃO DA DIMENSÃO SIMBÓLICA DO INGLÊS NA FRONTEIRA BRASIL-GUIANA

A dinâmica de usos de itens de repertório linguístico reconhecidos como inglês na fronteira Brasil-Guiana é perpassada por ideologias de diferenciação social e requer vivências de linguagem muito particulares para a sua compreensão. Como pesquisadora, pessoa branca, da universidade e alheia às vivências locais, eu não teria como aprender ou mesmo entender essa complexa dinâmica em torno de determinado recurso linguístico (no caso, o inglês da Guiana e seus referentes), porque isso demandaria mais do que minha capacidade de aprender uma “língua”. Eu precisaria viver na pele e com quem vive na pele tudo o que é preciso para entender a dimensão simbólica do recurso linguístico em questão. A conversa com Brittany me despertou para isso, quando pedi que ela me explicasse mais a respeito do inglês falado na Guiana.

Mantive-me atenta à história de vida de Brittany enquanto conversávamos e a tudo o que tinha a me dizer sobre a Guiana, Bonfim e, principalmente, a respeito do inglês falado na Guiana. Tentou me explicar o que ela entende que ele seja. Retomo, portanto, trechos do excerto 4 da entrevista 11, apresentado na seção anterior, para ilustrar o tópico:

Excerto 4 Entrevista 11 [296-298; 312-314]

296 Brittany: é::, pessoas de Guiana, guyanese fala creole
 297 inglês, não inglês é:: igual america::no or
 298 Inglaterra a ge- né? a gente fala:: creole

[...]

312 assi::m, mas americano fala mai:s:: yankee:: né?
 313 (0.2) they say uh, ↑where are you going girl? né
 314 hhh

Brittany iniciou a resposta fazendo um comparativo: não inglês é:: igual america::no or Inglaterra a ge- né? a gente fala:: creole (linhas 297-298). Marcou a diferença pelos referentes inglês americano e da Inglaterra. Contudo, quando pedi exemplos para compreender melhor essa diferença, ela me disse frases em um inglês que não apresenta distinção daquilo que se reconhece como inglês americano ou europeu. Complementou a resposta dizendo que americano fala mai:s:: yankee:: né (linha 312). A alusão a *yankee* acena para a percepção do grupo que fala esse inglês. Isso já sinaliza que os usos de itens de repertório são perpassados por ideologias de diferenciação social.

Embora Brittany tenha estabelecido um comparativo logo no início de sua resposta, a diferença pelos exemplos dados não ficou evidente para mim. Seguiu me explicando que, na Inglaterra, fala-se mais “fundo”, que é preciso escutar muito bem para compreender e que na Guiana é mais simples, como se pode observar na retomada de trechos do excerto 5 da entrevista 11, apresentado na seção anterior:

Excerto 5 Entrevista 11 [316-323]

316 Brittany: é:: americano fala ma:is assim yankee::
 317 Natália: humrum
 318 Brittany: Inglaterra eles (faz) fala mais fu:ndo também,
 319 né? inglês mais fundo, tem que escuta bem para
 320 entende o que eles fa:lam, ma::s Guyana¹⁵⁶ é mais
 321 simple
 322 Natália: hum
 323 Brittany: guyanese é mais simple (0.2)

¹⁵⁶ O nome do país está escrito em inglês porque a participante o citou dessa forma.

Brittany usou adjetivos como *yankee*, *fundo*, *simples*, mas não foram suficientes para me fazer entender a percepção que ela tem do recurso linguístico nas suas referências. Muito provavelmente, eu não estava entendendo por que as diferenças elencadas estavam além do plano ortográfico e/ou fonético; e, por eu ter tido um aprendizado formal, a partir de um padrão convencionado, do inglês sem o cotidiano da participante. Por isso, insisti nos exemplos. A tentativa era desvendar o que os participantes entendem por inglês, em especial, o da Guiana. Mais precisamente, eu queria compreender o que torna o inglês da Guiana tão diferente para, supostamente, ser menos valorizado — por guianenses e brasileiros — do que outras variedades. Quando pedi mais exemplos, Brittany gargalhou, como alguém que já havia esgotado suas explicações. Disse-me que não sabia, fez uma pausa, e me perguntou: mais exemplo igual a quê? Tentei explicar o que eu estava querendo dizer com mais exemplos e, novamente, ela tentou me fazer entender, como se pode observar pela retomada de trechos do excerto 6 da entrevista 11, também já apresentado na seção anterior:

Excerto 6 Entrevista 11 [336-338; 346-350; 356-357]

336 Brittany: porque americano fala mais boni:to, né? tem
 337 inglês mais bonita assim () mas ah:: (.) Guiana
 338 é mais simple:s, é simples, né [()]

[...]

346 Brittany: por isso a gente diz é creole, inglês creole
 347 Natália: humrum
 348 Brittany: né, fala mais creole, (0.2) (like) they speak
 349 more clear, uh? more clear hhh ((negação com a
 350 cabeça))

[...]

356 Brittany: they speak muito:: broken brea- break up english,
 357 no, tu não vai (.) entende ((gesto com a mão))

Brittany voltou a adjetivar os referentes de inglês. Disse que o americano é mais bonito e o guianense é mais simples, mais claro, sem *accent* fundo e que por isso é chamado de inglês creole (linha 346). Seguiu me dizendo que eles, na Guiana, falam mais claro e sorriu novamente, mas dessa vez balançando a cabeça em negação, sinalizando que aquilo era o seu limite para dar explicação e exemplos. Completou que o inglês da Guiana é também *broken* (linha 352) e me explicou que

há grupos étnicos na Guiana que, segundo ela, falariam esse *broken english* (linha 356). Concluiu dizendo que não vou entender. Entendi que sou eu, a pesquisadora, e todo o grupo de pessoas que eu simbolizo. Com essa afirmação compreendi que os usos e referências ao inglês da Guiana requisitam uma vivência de linguagem marcada por ideologias de diferenciação social que são anteriores ao aprendizado de uma língua. E que nem todos podem acessá-los da mesma forma. Esse é precisamente o argumento defendido por Pannell (2023) e que observo nos dados desta pesquisa. Essa vivência de linguagem pode ser percebida na fala de outros participantes também, como na de Zaniyah:

Excerto 11 Entrevista 9 [928-933]

928 Zaniyah: olha só, dependendo também do região, têm
 929 negros também que fala assim, porque eu sei FALAR,
 930 né? porque de onde eu nasci, era muito indianos,
 931 né? aí eu sei falar, eu e- eu sei fazer as coisas
 932 deles, né? aí eu- () por exemplo, quando eu chegar
 933 aqui no Brasil, eu vou falar da minha professora=

Nesse trecho, Zaniyah estava complementando sua resposta a respeito do inglês da Guiana, me explicando que negros não falam só como negros, mas podem falar como indianos também. Para isso, é preciso ter a vivência. Ela fala como eles porque nasceu na mesma região. Contou-me um pouco de sua história de vida (apresentada na seção anterior) e mencionou episódios de racismo, discriminação e de vulnerabilidade social. Em suas palavras:

Excerto 12 Entrevista 9 [596-617]

596 Natália: como que foi a tua infância, lá em Georgetown, até
 597 os 18 anos?
 598 Zaniyah: péssimo
 599 Natália: sério?
 600 Zaniyah: péssima por quê::?
 601 Natália: hum
 602 Zaniyah: sabe, eu tinha mãe e pai, aí o meu pai trabalhava
 603 e:: coisa mudança e mudança, eu tinha que vivia
 604 na casa de um, na casa do outro, na casa do outro,
 605 na casa do outro, sofrer muito, passar muito fome,
 606 tive que andar parece uma escrava, distância por
 607 pega dinheiro e:: tive que me defender de tudo mal,
 608 e não podia gastar nenhum centavo naquele tempo

609 as coisas era tão barato, com sede, com fome, e
 610 tive que fazer, tive que- uma vez eu fiquei assim
 611 com raiva, eu disse quer saber de uma coisa? eu vou
 612 gastar parte desse dinheiro por comprar uma coisa
 613 pra mim comer, quando eu chego em casa levou
 614 uma surra, levou uma surra, le- da minha prima
 615 levou uma surra, levou uma surra, sabe? não foi
 616 fácil, mas essa daí vem pra mim fortalecer, pra ser
 617 mais (forte), eu sou mãe dos meus filhos, mãe e pai

A infância de Zaniyah na Guiana foi dura e marcada pela escassez. Em certa medida, as dificuldades por ela reportadas também aparecem nos outros relatos de entrevistas dos participantes desta pesquisa, cada um à sua maneira. Brittany também se reportou ao período de sua infância e juventude como sendo árduo, ainda que, ao término da resposta, tenha dito que não tava muito ruim assim [...] (linha 124):

Excerto 4 Entrevista 11 [102-124]

102 Natália: e como que era Georgetown na época que a senhora morava
 103 lá?
 104 Brittany: era bom, mas não é muito, muito bom, porque tive uma
 105 presidente naquele época, nome dele era: Linden Bur-
 106 Forbes Burnham, ele morreu em 85 °acho° é 85 é que 83 é
 107 ãh nós não tive:: ele começa pra:: quando vim pra cá
 108 não tive:: muito coisas aí sim
 109 Natália: °pode falar°
 110 Brittany: (bond, bond, bond)
 111 Natália: humrum
 112 Brittany: né? pra entrar in the país mais
 113 Natália: humrum
 114 Brittany: essas coisas, né?
 115 Natália: humrum
 116 Brittany: nós ta-tava recebendo, eu tava trabalhando numa:: ice
 117 cream factory
 118 Natália: humrum
 119 Brittany: mas eles fecham porque não tive é mais ãh leite nos()
 120 e manteigo essas coisas, né? pra continue fazendo, só
 121 ã- depois eu vim pra cá e começou tudo bem de novo,
 122 como essas coisas de novo
 123 Natália: humrum
 124 Brittany: () mas não tava muito ruim assim, mas tava () hhhh

Infância e juventude árduas na Guiana são pontos convergentes na história de vida dessas duas mulheres, mesmo com uma diferença de idade de onze anos. No trecho acima, Brittany disse que Georgetown na época em que ela morou lá não era um lugar muito bom; creditou isso ao presidente que governava nesse período, Linden

Forbes Burnham, que havia sido primeiro-ministro e depois tornou-se presidente. Burnham era guianense descendente de africanos que esteve no poder por vinte anos e cujo governo foi ditatorial, bastante controverso (Cavlak, 2014; Baines, 2012).

Essa situação política da Guiana foi mencionada também por Harper. Inclusive foi um dos motivos que fizeram seus pais imigrarem para o Brasil, segundo relatou:

Excerto 8 Entrevista 2 [44-71]

- 44 Natália: sim, e por quê que sua família se mudou pra pra
45 Bonfim?
- 46 Harper: é assim, na época é:: tinha é:: eu lembro:: eu me
47 lembro, eu me recordo, é:: a Guiana era muito
48 complicado, é complicado, né? na época da:: da
49 política, o governo, era:: a minha época era o
50 Forbes Burnham, né? negro poderoso, ele foi
51 (tolindo) e:: ele começou a mandar e fazer lei no
52 país, e ele fez- é:: eu me lembro fez ah:: uma lei,
53 acho que é uma lei, né? que fala que é:: não
54 precisava mais votar, ele que vai ser ministro
55 depois é presidente, e ele que vai ficar aí é é
56 comandando, né?
- 57 Natália: humrum
- 58 Harper: e ele ban- baniu é:: votação, justamente para não
59 sair, não sair do poder, e o poder foi é:: subindo
60 a cabeça dele
- 61 Natália: sim
- 62 Harper: e ele chegou a colocar lei que:: a:: a gente, né,
63 os guianense vai plantar- e o que plantar é::
64 cultivar vai é (comer) o que a gente plantar, né?
65 e ele começou ele começou a:: proibir é:: é tipo
66 trigo, trigo, a gente não podia mais ter trigo,
67 né, comprar trigo, então a gente que:: é:: fazer o
68 trigo do nosso cultivo, né? o o arroz e tal, né?
69 então ele queria que a gente plantasse e cultivasse
70 o que a gente plantasse ()
- 71 Natália: humrum

Harper e Brittany relataram que a Guiana passou por um período de escassez durante o governo de Burnham. Pereira (2010) afirma que esse governo foi marcado por crise econômica e social e houve estatização de serviços, além da “[...] política administrativa de recorte racial, que visava pôr na administração pública o maior número de afroguianenses [...]” (p. 200). Tal política de recorte racial também é explicada por Baines (2012, p. 37) quando explicita que a política partidária da Guiana é composta por critérios étnicos. O relato de Harper sobre esse período é acompanhado da narração de sua história de vida e a de sua família. Depois de ouvi-

la e entender um pouco como se estabeleceram em Bonfim, ao final da nossa entrevista, perguntei se havia mais alguma coisa que ela gostaria de me dizer sobre o inglês da Guiana ou mais especificamente sobre o inglês falado em Lethem, e ela iniciou sua resposta me informando a respeito das raças existentes na Guiana, como se pode notar nos trechos do excerto 7 da entrevista 2, já apresentado anteriormente, que reproduzo a seguir:

Excerto 7 Entrevista 2 [742-769]

742 Harper: nã- é é é (.) Lethem tem as seis raças
 743 Natália: Humrum
 744 Harper: né? você encontra os caboclos, o chinês, os
 745 indiano, os coolie¹⁵⁷, o preto, o branco, né? você
 746 encontra eles e você encontra a:: as comidas

[...]

752 Harper: eu também tava na política da Guiana, né? meu é::
 753 meu presidente da Guiana ganhou é:: é novamente,
 754 né?
 755 Natália: anham
 756 Harper: e a gente tá lá () e ele é indiano, é indiano
 757 e:: ah eu pude conversar com ele, e a:: a comida
 758 que ele gosta eu gosto, né? e:: quando ele veio
 759 pra:: pra e- ele fala é ah inglês dele, é::
 760 inglês indiano

[...]

765 nós fizemos campanha nas montanhas, né? e eu fui
 766 com ele, e ele sentou e comeu, e falou, a:: a:
 767 idioma dele é toda assim, sabe, é coolie assim,
 768 sabe? eu entendi tudo o que ele falou, eu entendi,
 769 né?

Assim como outros participantes, Harper trouxe como parte da resposta informações dos grupos étnicos identificados na Guiana. Mencionou, inclusive, um termo que as outras duas participantes, Brittany e Zaniyah, não usaram: *coolie*. Citou o atual presidente da Guiana como exemplo de alguém que é indiano (linha 756) e fala inglês dele (linha 759), inglês indiano (linha 760); e destacou que ela o

¹⁵⁷ Segundo Pereira (2010, p. 208), o termo *coolie* é utilizado para designar a terceira geração de indo-guianenses. Para Major (2017), esse termo é uma designação utilizada desde o século XIX para se referir a trabalhadores indianos pouco qualificados.

compreendeu nesse inglês. Ao falar sobre o inglês do presidente, ela manteve uma expressão de certo orgulho quanto a entendê-lo naquele inglês.

Observemos que Harper escolheu essas informações para me explicar a respeito do “inglês da Guiana/Lethem”. Embora a resposta pareça estar tangenciando o que foi perguntado, Harper respondeu exatamente como compreende que seja o inglês da Guiana e a complexa dinâmica de linguagem da fronteira: marcados por ideologia de diferenciação social — dado quem fala e como fala — e compreendidos por aqueles que têm a experiência da vida local ou são parte daqueles que são locais. A minha percepção, como pesquisadora e interlocutora direta durante a interação, de que Harper teria tangenciado ao tema da pergunta, evidencia o meu alinhamento ideológico com uma concepção específica de língua e do que deveria ser considerado como resposta. Harper estava, de fato, fornecendo uma resposta que ela sabia que eu não compreenderia, pela prática de significação, conforme propõe Pannell (2023).

Ao citar o presidente do país, ela pareceu querer mostrar que esse inglês (que não é tão bom) é falado por grupos específicos de pessoas, independentemente da posição social que ocupem, desde que dentro daquela realidade situada que é a Guiana. Novamente, tal como Brittany e Zaniyah, Harper também revela que para compreender o inglês da Guiana/Lethem é preciso ter a vivência de linguagem, a experiência vivida localmente. Assim como Brittany, Zaniyah e Harper, June sinalizou a mesma coisa quando me disse, nos seguintes trechos do excerto 4 da entrevista 1 retomados:

Excerto 4 Entrevista 1 [115-124 e 137-141]

115 June: e eu pedi da minha mãe pra ir com ela de volta pra
 116 lá↓, eu fui com ela de volta pra lá e quando eu fui
 117 pra lá que eu acabei me ajuntando com o homem que eu
 118 vivo hoje e:: (.) e eu fiquei seis, seis anos na Guiana
 119 seis anos morando pra lá totalmente, aí aprendi
 120 totalmente o inglês e o inglês de lá é:: muito
 121 dife↑rente que o inglês dos Estados Unidos
 122 Natália: é::?
 123 June: porque:: é:: por- gírias, eles falam muitas gírias
 124 na Guiana

[...]

137 June: [aí] é muito, é muito também porque: assim eu

138 fui esquecendo também o inglês corre:to hh porque eu
 139 convivia com eles, especialmente com os indianos, os
 140 indianos, que eu sou casada com um descendência de
 141 indiano, meu esposo

June estava me contando um pouco do seu histórico de mobilidade entre Guiana e Brasil quando começou a falar a respeito do inglês da Guiana. Notemos que, nas linhas 117-121, ela afirma ter aprendido “totalmente” o inglês da Guiana e que é muito diferente do dos Estados Unidos. Indago, mostrando surpresa, que ela me conte mais detalhes dessa diferença, e ela complementa dizendo: eles falam muitas gírias na Guiana (linhas 123-124). Deu alguns exemplos do que seriam essas gírias e informou que esqueceu o inglês correto porque conviveu com indo-guianenses, já que seu esposo é um deles. Novamente, pelo relato de June, observa-se a referência à experiência de vida local e racializada para a compreensão da definição e de uso de um recurso linguístico.

Como mencionei em seção anterior (4.4), conversei com June via chamada de vídeo do WhatsApp pelas imposições das condições sanitárias em decorrência da pandemia pelo novo coronavírus. Entretanto, alguns meses depois, já vacinada e obedecendo às regras de biossegurança, fui a Bonfim para realizar algumas entrevistas presenciais previamente agendadas e aproveitei para conhecer o negócio de venda de salgados típicos da Guiana da mãe de June. Ela disse na entrevista que ajudava sua mãe nesse negócio, já que estava desempregada. Relatou também como a pandemia prejudicou as vendas.

[...] visitei o lanche Travellers¹⁵⁸ da mãe de June e ela conversou bastante comigo embora eu não entendesse metade do que ela dizia, mas ela, ao que tudo indica, me compreendia bem. Mostrou-me os produtos que vendia e comprei um para provar. Um pão vermelho que levava coco ralado, chama-se *salara*. Pedi para falar com June, mas ela não estava. Fiquei mais um tempo sentada na frente da propriedade observando o bairro, as casas, as pessoas, a vida em Bonfim. Porém, como é bem típico de Bonfim, ainda mais em bairros um pouco mais afastados da rua central, não havia muitas pessoas andando pela rua. Imagino que um dos motivos seja o calor. Estava um dia ensolarado. Enquanto bebia minha água, comia meu *salara* e observava a cidade, chegou um afro-guianense no estabelecimento. Ele começou a conversar com a mãe de June em crioulo. Obviamente que eu não entendi nada. Esperei uns minutos e puxei assunto com ele. Ele me falou seu nome, elogiou meu inglês e seguiu. [...]

(Diário de campo, 17 set. 2021)

¹⁵⁸ Pseudônimo criado para o estabelecimento para cumprir a desidentificação dos participantes.

Essa observação da vida local acontecendo, ainda que rápida, revela como são os usos dos recursos linguísticos para essas pessoas, nesse lugar. Não é uma interação rara de acontecer. Eu já havia presenciado interações em crioulo em Bonfim antes (Fonseca, 2015). É até relativamente comum nos postos de imigração da fronteira, os policiais guianenses entre eles, por vezes, se comunicarem em crioulo. Em lojas um pouco mais afastadas no comércio em Lethem, os comerciantes guianenses também se comunicam entre si em crioulo. É o recurso usado em situações de maior familiaridade entre os agentes da interação, além do fato de que os *de fora* não podem compreender o que está sendo dito. No relato de campo acima é precisamente o que acontece. O senhor que chegou no estabelecimento sabia que eu não entenderia o que quer que ele dissesse à mãe de June em crioulo e, muito provavelmente, já a conhecia. Eu não teria como entender porque eu não sou um deles e não convivo com eles para compreender esse recurso linguístico.

O inglês da Guiana é referido de várias maneiras pelos participantes. Crioulo é inglês também, como vimos nos trechos de entrevistas apresentados até aqui e nos que serão dispostos nas seções subsequentes. Isso se dá, em parte, porque a própria nomeação do(s) recurso(s), para eles, não é tão específica e delimitada, nos moldes de como estamos acostumados desde a legitimação da concepção moderna de língua. Para os participantes desta pesquisa, a nomeação parece não fazer muito sentido, pelo menos não a nomeação que opera fora, aquela que é institucionalizada, a que aprendemos na academia. Eles sabem o que, quando e com quem usar cada item de seu repertório, e caso precisem nomear, chamam de inglês e gíria. Nero (2006, p. 504) diz que “[n]a escola e em outros domínios públicos e formais, tanto no Caribe quanto em outros lugares, a maioria dos falantes de crioulo se identifica com o inglês e, mais importante, se consideram falantes nativos de inglês”¹⁵⁹.

Assim como Brittany, que abriu essa seção e me abriu os olhos para a complexidade de elementos que envolvem compreender o inglês da Guiana, Eileen relatou algo semelhante em sua entrevista:

Excerto 2 Entrevista 6 [425-466]

425 Natália: hum

¹⁵⁹ *At school, and in other formal and public domains both in the Caribbean and elsewhere, most CE speakers identify with English, and more importantly, think of themselves as native speakers of English.*

426 Eileen: aqui no Guiana e muitos outros lugares no interior
 427 mais pra lá:: eles fala inglês ah:: creole,
 428 Natália: humrum
 429 Eileen: como creole, tá? mas aqui não diz que eles num
 430 sabem falar inglês porque se eles estuda e fa-
 431 faz um exames e tem que escrever em inglês, el-
 432 eles escreve perfeito, °mas só fala deles eles
 433 fala assim°
 434 Natália: e a senhora pode me dar um exemplo do do crioulo?
 435 Eileen: ah:: e- eu num sei muito muito bom como falar,
 436 mas eu entendo quando eles fala, mas ah:: (.) eles
 437 fala como for- eu vou falar for example, ah::
 438 Natália: humrum
 439 Eileen: eu vou falar primeiro em inglês=
 440 Natália: =humrum
 441 Eileen: depois no crioulo, eles fala assim ah:: where is
 442 she going? esse aqui inglês certo, where is she
 443 going?
 444 Natália: humrum
 445 Eileen: <where is she going?> onde ela está indo?
 446 Natália: humrum
 447 Eileen: () no crioulo fala <where she going?> where she
 448 a ()? where she a go? <where she a go?> né? só
 449 assim >where she a go?<
 450 Natália: humrum
 451 Eileen: non?
 452 Natália: humrum
 453 Eileen: então se você não entende, es- esse esses ah::
 454 creole, tu- tu não vai entender não ((aspiração))
 455 quando me- meu marido ia pro serviço dele, el- é
 456 ele trabalha num polpa aqueles polpas do do do do
 457 polpas do ah::: do:: canoa grande, né?
 458 Natália: hum
 459 Eileen: e ele viaja to::do o (canoa) no interior, fazendo
 460 o trabalho dele, e ele entende bem bem quando a
 461 gente- quando eles fala assim, porque ele, ele,
 462 ele fica com eles, ouve como eles fala, entende,
 463 mas quando às vezes eu viaja com ele, eu não
 464 entendo porque () eu tenho que perguntar o que
 465 ela falou? pra ele explicar pra mim
 466 Natália: entendi

Um pouco antes de chegarmos a esse trecho da entrevista, Eileen estava me explicando sobre o “pato” inglês, que segundo ela, é uma maneira de falar de pessoas exibidas. Falou que já acharam isso dela, mas disse que é apenas o jeito como ela fala. Em seguida completou a resposta dizendo que na Guiana fala-se o inglês crioulo. Pedi um exemplo (linha 434) para tentar compreender seu entendimento de inglês crioulo e ao que estava se referindo. Ela apresentou frases do que ela considera que seja o inglês certo e o crioulo, com variações na aceleração da fala e em alguns aspectos gramaticais. Completou dizendo que se eu não entendo crioulo, eu não

entenderia o que alguém estivesse falando em crioulo (linhas 453-454). Legitimou o marido como alguém que consegue compreender bem por que *ele fica com eles, ouve como eles fala, entende* (linhas 462). Outra vez, podemos observar que a vivência de linguagem com quem fala esse recurso é crucial, conforme as participantes, para a sua compreensão. A vivência aliada às ideologias raciolinguísticas orientam os julgamentos locais do inglês.

Eileen lembrou de detalhes da política guianense da época (até os anos 1970, mais ou menos) e mencionou a revolução do Rupununi, ocorrida em 1969, após a independência da Guiana em 1966. Mencionou que, após a revolução e diante da instabilidade política, muitos guianenses insatisfeitos com a vida na Guiana começaram a mudar para Bonfim, inclusive seus pais. Depois de um tempo, mesmo com a possibilidade de ir para o Canadá ou para os Estados Unidos, ela e seu esposo decidiram vir morar no Brasil, em Bonfim, perto de seus familiares. Disse que é feliz morando no Brasil, que aprecia a tranquilidade de Bonfim e que hoje não voltaria a morar em Georgetown.

Perguntei por que ela não voltaria a morar em Georgetown, e ela me relatou alguns motivos. Dentre eles, falou do petróleo recém achado em solo guianense, mas que não altera o cenário de pobreza no país apesar dessa descoberta. Citou a questão do racismo no país e questões de ordem política. Mencionou os dois principais partidos políticos atuantes na Guiana. Explicou que as eleições são decididas pela raça: indo-guianenses votam em indo-guianenses, e afro-guianenses, em afro-guianenses, tal como Baines (2012) e Pereira (2010) também haviam sinalizado.

Com esse trecho de fala de Eileen, reforço a asserção inicial de que é primordial a mobilização de ideologias de diferenciação social e de vivências particulares de linguagem para a compreensão do que está acontecendo em Bonfim, no que diz respeito às disputas que se dão no terreno da linguagem. Na ânsia por compreender o inglês da Guiana, o que ele é, o que representa e qual valor recebe pelas pessoas que o utilizam no seu dia a dia, deparei-me, inicialmente, com a constatação de que eu, não guianense e não conhecedora da realidade local, não vou compreender a complexidade desse recurso linguístico. Entretanto, posso explicar, a partir da perspectiva das participantes, a compreensão aproximada dessa complexidade, e produzir entendimentos acerca da valorização desse recurso na fronteira Brasil-Guiana.

Também compreendi que a nomeação das línguas e sua classificação em categorias fixas não opera entre as participantes da maneira institucionalizada de categorizar recursos linguísticos. Condiçãoada a entender o funcionamento das línguas por categorias, pensei que eu precisasse dessa nomeação para entender do que estão falando. Talvez eu precise disso, como alguém *de fora*, como alguém que não tem em seu repertório esses recursos que, para se organizarem, exigem uma biografia e ritmo de vida típicos, indo ao encontro do que dizem Blommaert e Backus (2011, p. 9), a respeito da constituição de repertórios.

No que segue, apresento os itens linguísticos que são referidos pela nomeação inglês pelos participantes e como eles divergem daquilo que é compreendido como inglês em outros espaços fora de Bonfim.

5.3 "NEM NOS ESTADOS UNIDOS, NEM NA INGLATERRA ELES NÃO ENTENDEM O GIRO, QUANDO TU CHEGA NA INGLATERRA, OU NOS ESTADOS UNIDOS, VOCÊ TEM QUE VOLTAR À ESCOLA": AS ENTIDADES REFERIDAS PELA NOMEAÇÃO INGLÊS VARIAM

Os itens referidos pela nomeação inglês não são sempre os mesmos entre as ocorrências no discurso de um mesmo participante e, portanto, entre as ocorrências dos participantes. O que os participantes têm como referência de inglês por vezes diverge daquilo que é compreendido como inglês em outros espaços fora de Bonfim, embora haja itens que se sobreponham. O conjunto de referentes nomeados como inglês que opera em Bonfim, para esses participantes, é relevante porque é o que eles enxergam localmente e é o que os atende nas suas necessidades rotineiras, mas não opera em outras escalas, pela projeção que os participantes fazem disso.

Em um lugar fora do microcosmo da fronteira Brasil-Guiana, pelo que foi observado no escopo do discurso das entrevistas, as pessoas não vão compreender esse inglês, assim como quem vai de fora para lá também não (e.g., a pesquisadora). E não vai compreender por falta de conhecimento sociocultural e porque está atrelada a discursos de deprivação, carregados de representação de falta pela escuta branca. É importante que se tenha em vista duas situações: (1) há referentes do inglês local que não são os mesmos, em comparação aos ingleses de outros espaços geográficos; e (2) há referentes que são os mesmos, isto é, se sobrepõem ao que opera localmente, mas são avaliados pelos participantes como sendo diferentes.

Assim, retomo o excerto de entrevista de Zaniyah, que até intitula esta seção, para mostrar seu entendimento do referente de inglês da Guiana:

Excerto 13 Entrevista 9 [881-915]

- 881 Natália: =como é que é o inglês da Guiana?
 882 Zaniyah: é °britânico°, mas a gente tem um giro por causa
 883 da escravidão, né? depois da escravidão e as
 884 pessoas poder FUGIR, né? eles criaram um giro que:
 885 que:: isso daí é mais falado lá (.) na Guiana, e
 886 as >pessoas mas vocês não falam inglês< do da
 887 Inglaterra, dos Estados U- fala fala mas, a
 888 gente usa mais o giro
 889 Natália: humrum
 890 Zaniyah: né? e as pessoas não compreendem o °giro°, aí
 891 essa da- nem nos Estados Unidos, nem na Inglaterra
 892 eles não entendem o giro, QUANDO tu chega na
 893 Inglaterra, ou os Estados Unidos, você tem que
 894 voltar à escola
 895 Natália: pode me dar um exemplo?
 896 Zaniyah: a minha tia, a minha tia saiu da Guiana foi pros
 897 os Estados Unidos, aí ela teve que voltar à
 898 escola, de primário, pra aprender a lín- FALA do
 899 jeito deles né? porque eles não aceita assim,
 900 não, que você chega nos Estados Unidos falar
 901 inglês, aí você vai entrar? não, todo mundo tem
 902 que volta porque eles falam mais no gogó
 903 Natália: consegue me dar um exemplo para diferenciar?
 904 pra eu entender melhor?
 905 Zaniyah: pra você entender melhor, né?
 906 Zaniyah: (2.0)
 907 eu vou dizer a palavra Deus, go::d, my go:d, o
 908 americano oh my go::d oh my go::d o god, ((levanta-se
 909 e mexe os ombros)) tá de::ntro, num é go::d que você
 900 ouve o d oh my go:d, e assim eles falam, I'm hurt,
 901 sabe? be:m curteinha enquanto o o o inglês não °ah ()
 902 brigado° o inglês, não, a gente é assim escandalosa
 903 hhh ((gargalhadas))
 904 Natália: e na gíria que você falou que na na na gíria que é
 905 mais falada, né, [na Guiana]
 906 Zaniyah: [anham]
 907 Natália: o quê que tem de [diferente?]
 908 Zaniyah: [eu v- eu vou] dizer a mesma my
 909 God
 910 Natália: hum
 911 Zaniyah: oh mi gód (0.3) (assim) é mais VULGAR, sabe? oh mi
 912 gód¹⁶⁰, (about wrong to she?) what's wrong with her?
 913 (da) a diferença e os indianos da Índia
 914 eu vou falar de nós aqui
 915 Natália: hum

¹⁶⁰ A pronúncia desta palavra é com a vogal aberta.

O giro a que se refere Zaniyah já foi explicitado na seção 5.1, para mostrar ao leitor quem o fala, onde e qual a percepção das pessoas sobre ele. Além disso, buscou-se elucidar o trabalho ideológico da linguagem a fim de explicitar como os participantes enxergam e categorizam gíria e por quê. Nesta seção, procura-se apresentar o que é o giro em termos de referente de inglês. O empenho aqui é o de descrever, para compreensão aprofundada, dinâmicas que não se separam. Os referentes de inglês que os participantes apontam são o que constitui os eixos de diferenciação (seção 5.1).

Nas linhas 890-894, Zaniyah nos diz que a gíria não é compreendida nos Estados Unidos e na Inglaterra. Tal diferença é tão marcada que, ao chegar em nesses lugares, quem fala a gíria precisa reaprender o inglês. Essa gíria é inglês, mas não o que opera nos países citados. A diferença é perceptível pelas "pessoas" (linha 886) que perguntam se eles, os guianenses, não falam o inglês dos países referenciados. Como é possível ver no trecho acima, Zaniyah afirma que responde a essas pessoas que os guianenses sabem falar esses outros ingleses, mas que falam mais o giro.

Insisto pedindo exemplos para compreender o que é o inglês da Guiana, nomeado de *giro*. Zaniyah me relata a experiência de sua tia guianense, quando chegou aos EUA (linhas 896-892). Disse que ela não podia chegar lá falando inglês, teria que estudar, porque nos EUA eles falam no gogó. Esse inglês da linha 891 é uma referência ao que se fala na Guiana e a quem fala, como também pode ser visto nas linhas 900-901. Aqui já há uma dupla referência: inglês para referir-se ao recurso falado na Guiana e para quem nasceu na Guiana. Ela me dá os exemplos que peço (linhas 896-910) e neles a diferença é marcada pela entonação que ela imprime na performance do exemplo e por quem fala, não pelo recurso em si. Esse é um referente que é nomeado de inglês e de gíria e que se sobrepõe ao que se reconhece como inglês em outros espaços: sabe-se que *oh my god* é uma interjeição reconhecida e utilizada em outros espaços além Guiana. Nero (2006) afirma que os países caribenhos de língua inglesa tiveram suas línguas locais erradicadas pela escravidão e, por essa razão, "[...] os crioulos e o inglês crioulo que se desenvolveram no Caribe tornaram-se o vernáculo, mas, mais importante, tornaram-se publicamente rotulados

como ingleses, por causa da estigmatização dos crioulos."¹⁶¹ (p. 502). A afirmação de Nero corrobora uma das possibilidades que os dados desta pesquisa apontam: a nomeação é a mesma (inglês) para itens que podem não ser os mesmos.

O exemplo linguístico me foi dado por insistência, o que mostra uma visão da pesquisadora ainda muito arraigada em busca de enxergar apenas elementos linguísticos, quando a participante está me dizendo que, para além do recurso linguístico que não opera fora de Bonfim, são seus corpos racializados que performam linguisticamente esse inglês guianense, seja ele qual for, que não se encaixam nesses outros espaços. Ao examinar os exemplos dados por Zaniyah: "oh my god" (linha 898) "oh god", "I'm hurt" (linha 899), é possível perceber que são referentes de inglês amplamente reconhecidos em outros espaços. Não parece haver razão, do ponto de vista linguístico, para um americano solicitar que um guianense que fale assim volte à escola para aprender a falar.

Contudo, Zaniyah disse que é preciso aprender a falar como eles, os americanos (linhas 897-892). Nero (2006) afirma que aqueles que são do Caribe anglófono só se dão conta dessas diferenciações "[...] quando eles vêm para a escola na América do Norte e são colocados em uma classe ESL [inglês como segunda língua] porque seu inglês 'soa' ou 'parece' não nativo; [...]".¹⁶² (p. 502-503). Argumento que é o posicionamento racial evidenciado em práticas linguísticas racializadas que impede o acesso de guianenses a determinados espaços e deslegitima a maneira como falam esse inglês sobreposto.

O mesmo pode ser observado nos trechos do excerto 4 de entrevista 2, de Harper, que retomo a seguir:

Excerto 4 Entrevista 2 [296-297; 312-315]

296 Harper: é igual os os os os é:: imigrantes, né? que chega
297 no Brasil

[...]

312 Harper: e a gente nunca podia chegar em ca:sa e falar assim,
313 mã::e I want water (.) é assim que eles falam lá,
314 I want water eu quero água

¹⁶¹ [...] *the Creoles and Creole English that evolved in the Caribbean became the vernacular, but more importantly, became publicly labeled as English, because of the stigmatization of Creoles.*

¹⁶² [...] *when they come to school in North America and are placed in an ESL class because their English "sounds" or "looks" nonnative;*

315 Natália: humrum

Eu perguntei-lhe sobre qual inglês era proibido em casa, e ela respondeu referindo-se à mistura do chinês com o inglês, em decorrência da migração chinesa. Falou que essa mistura é igual à dos imigrantes que chegam ao Brasil (linhas 296-297). Entretanto, essa é uma mistura que Harper disse compreender por que seus colegas falam. Isto é, ela entende porque tem a vivência de linguagem (seção 5.2). Nas linhas 302-314, ofereceu-me exemplos. Explicou-me como ela entende que dever ser a pronúncia de “water” e como “eles” pronunciam a palavra. Concluiu dizendo que não poderia falar “I want water” em casa e que “é assim que eles falam lá” (linha 313). Novamente, o que se disse ser *mistura* com uso repudiado em casa é um referente de inglês que também é reconhecido em outros espaços para além de Bonfim. A pronúncia pode até divergir daquilo que Harper acredita ser a maneira correta de vocalizar, mas os itens linguísticos são os mesmos.

Esses dois excertos mostram que a diferença projetada pelas participantes entre um ideal de inglês padrão e aquilo que elas consideram mistura/gíria, para o que podem ser os mesmos itens linguísticos do referente inglês, aponta para uma construção ideológica linguístico-identitária. Nero (1997) afirma que o fenômeno da marcação de identidades sociais se dava mediante as práticas linguísticas mais ou menos próximas do padrão de inglês idealizado, já que ele era/é cobrado nas escolas em oposição à língua local (p. 587). Em pesquisa mais recente, Lisser e Wilkinson (2020) concluíram que alguns professores do interior da Guiana têm atitude positiva com relação ao crioulo da Guiana como meio de instrução nas escolas, por se reconhecerem eles próprios como pertencentes a um espaço de diversidade linguística. Já os professores do litoral do país preferem o inglês de padrão instituído, embora sejam eles próprios possivelmente falantes de crioulo (p. 84).

Na pesquisa de Lisser e Wilkinson (2020), percebe-se certa tendência a uma maior valorização do inglês padrão, embora haja algum movimento de valorização do crioulo. Nero (1997) já havia identificado que o crioulo é a língua de validação identitária pós-independência, mas o que proporciona mobilidade social é o inglês padrão (p. 587). Os referentes de inglês a que as participantes se referem são atravessados por ideologias raciolinguísticas porque há avaliação do que se fala e de quem fala. Contudo, além da ideia sobre o recurso e sobre quem o fala, há aquilo que ele pode oferecer em termos de mobilidade e acesso. Ou melhor, aquilo que foi

convencionado por atores sociais munidos de poder como recurso reconhecido para proporcionar e legitimar mobilidade social e geográfica.

Ao cotejar o que Zaniyah diz no excerto 5 "pra aprender a lín- FALA do jeito deles né?" (linhas 898-899), com o que Harper diz no excerto 4 "e a gente nunca podia chegar em ca:sa e falar assim, mã::e I want water (.) é assim que eles falam lá, I want water eu quero água" (linhas 312-314), percebe-se que há uma maneira de falar convencionada da qual não se pode fugir e outra da qual se tem que fugir. A primeira diz respeito à tia de Zaniyah, que precisa falar "do jeito deles", a segunda refere-se à família de Harper, que não permitia que ela falasse como "eles". Especificamente nesses trechos, quem fala tem destaque.

Há referentes do inglês local que não são os mesmos daqueles compreendidos em outras escalas de projeção, conforme informei no início desta seção. Brittany e Franklin fazem menção a isso em seus relatos quando peço exemplos. Retomo trechos do excerto 4 da entrevista 11, de Brittany, para ilustrar:

Excerto 4 Entrevista 11 [294-314]

305 Brittany hhh example assi::m, (0.3) ah:: igual esse:: I'm
 306 going to the park, né? I'm going to the park
 307 Natália: humrum=
 308 Brittany: =or, give me that
 309 Natália: Humrum
 310 Brittany: or, you walk that way, né? or, you go so, you go
 311 so, or come here come, come, you know é:::
 312 assi::m, mas americano fala mai:s:: yankee:: né,
 313 (0.2) they say uh, ↑where are you going girl? né
 314 Hhh

Perguntei a respeito do inglês da Guiana para Brittany, que me contou sua percepção. Pedi exemplos. Ela riu (linha 305), pensou um pouco e disse: "hhh example assi::m, (0.3) ah:: igual esse:: i'm going to the park, né? i'm going to the park" e continuou "=or, give me that" (linha 308), "or, you walk that way, né? or, you go so, you go so, or come here come, come, you know é::: assi::m, mas americano fala mai:s:: yankee:: né, (0.2) they say uh, ↑where are you going girl? né" (linhas 310-313). Até a linha 308 são referentes em sobreposição, ou seja, operam na fronteira Brasil-Guiana e em outros espaços. Nas linhas 310-313, é possível perceber alguma mobilização de itens linguísticos reconhecidos como inglês amplamente, mas com uso em arranjo

diferente. Em "you go so" é a disposição dos itens na frase que a fazem operar localmente e não em outro espaço, com outras pessoas. Esses itens sozinhos são reconhecidos como referentes de inglês em qualquer espaço em que as pessoas os tenham no repertório. O uso deles nessa configuração, para significar algo específico, é que se distingue.

Já na conversa com Franklin, os exemplos dados por ele apresentam itens linguísticos que não se sobrepõem, como será possível observar no excerto de entrevista a seguir. Ele estava me contando a respeito do inglês da Guiana. Um pouco antes de chegar à parte que eu peço exemplos (abaixo), respondeu-me dizendo que pelo que perguntou dos professores de inglês em Bonfim, o inglês da Guiana possui muitas gírias. Vejamos os exemplos que ele oferece:

Excerto 4 Entrevista 12 [857-891]

- 857 Franklin: esse é o inglês que dá pra-
 858 Natália: tá, tu tem algum exemplo?
 859 Franklin: hã:: um exemplo, uma uma uma gíria, uma gíria
 860 que eles utilizam muito, é. where you there
 861 banna? banna, banna é cara, né? é como se fosse
 862 cara
 863 Natália: humrum
 864 Franklin: homem
 865 Natália: humrum
 866 Franklin: (nessa) língua where you there banna? onde que
 867 tu tá, cara?
 868 Natália: humrum
 869 Franklin: e:: o qual outra gíria mais que eles usam? hã,
 870 deixa eu lembrar aqui de mais, ah, como é eles,
 871 num eles vão te falar alguma coisa pra pra negar
 872 no buy¹⁶³, buy essa palavra buy é uma outra gíria
 873 também não, cara, não que é isso, né?
 874 Natália: humrum
 875 Franklin: é, é mais ou menos nesse, nessa nessa gíria, né?
 876 Natália: humrum
 877 Franklin: é que eles que eles colocam no no isso na
 878 conversa do dia a dia deles
 879 Natália: Hum
 880 Franklin: se a gente for parar ali na no aeroporto, na
 881 parte do aeroporto ali de Lethem, os taxistas
 882 é:: no pessoal que circulam mais ali, vai ouvir
 883 isso muito, né
 884 Natália: humrum
 885 Franklin: e aí pega uma- diferentemente de uma professora
 886 de inglês, de uma professora da escola de lá,

¹⁶³ A transcrição foi realizada da maneira como compreendi, mas há a possibilidade de a grafia ser diferente.

887 né?
 888 Natália: humrum
 889 Franklin: é mais, é mais certinho, né? e: mas no dia a dia
 890 mesmo, do guianense tradi- do guianense::
 891 tradicional lá () é:: usa bastante gírias

Nas linhas 860-861, ele fala do termo "banna" como designação, nesse inglês-gíria, para "cara", "homem". Contou também que a frase "where you there, banna?" (linhas 861 e 866) significa "onde tu tá, cara?". Esses itens linguísticos apresentados por Franklin operam em países caribenhos anglófonos. Ainda que o exemplo "where you there..." seja analogicamente passível da mesma interpretação de "you go so", citado por Brittany acima, os itens "banna" e "buy" (linha 872), são exemplos de itens distintos daquilo que se reconhece como inglês em outros espaços fora de Bonfim. Nessa configuração não seriam compreendidos por outras pessoas. Essas palavras fazem parte da parcela de inglês local que não se sobrepõe ao inglês de outras localidades. Nero (2006), ao citar um trecho de seu estudo com estudantes universitários caribenhos falantes de inglês crioulo na interlocução com professores norte-americanos (2001), afirma que "[a] confusão resultante de itens lexicais que parecem ser palavras comuns do inglês padrão [...], mas carregam um significado caribenho, é uma das áreas mais comuns de falta de comunicação [...]".¹⁶⁴ (p. 506). É o mesmo comportamento linguístico identificado a partir da fala dos participantes.

A maior parte do volume dos referentes no repertório dos participantes está nessa dinâmica social que ninguém de fora pode compreender (seção 5.2). Os itens referidos pela nomeação inglês, sejam quais forem, em relação as que estão em pauta em Bonfim como microcosmo, em Boa Vista como mesocosmo, e no Brasil como cosmo, não são a mesma coisa, muito embora uma pequena parte disso que não é possível os outros de fora compreenderem se aproxime do que o restante dos falantes de inglês reconhece. É nessa parcela que há uma sobreposição e é com ela que os participantes conseguem participar de situações, ter acesso a certos espaços e realizar projetos em suas vidas sociais que tenham relação com o de *fora*.

No que segue, apresento como os participantes dizem que usam essa parcela do referente de inglês que se aproxima daquilo que outros falantes de inglês (incluída a pesquisadora) reconhecem como inglês. Refiro-me a essa parcela como "referente

¹⁶⁴ *The confusion resulting from lexical items which appear to be regular standard English words [...] but carry Caribbean meaning is one of the most common areas of miscommunication between North American educators and Caribbean students.*

de inglês em sobreposição”, exatamente porque são itens linguísticos mobilizados na fronteira, na Guiana, em países caribenhos anglófonos e em outros lugares fora desse escopo, como é o caso dos países citados pelos participantes desta pesquisa.

5.3.1 "Eu precisei mais do inglês nessa ocasião quando eu me inscrevi pro Jovens Embaixadores": uso do referente de inglês em sobreposição

Os participantes usam o referente de inglês que se sobrepõe, esse que é reconhecido na fronteira e em outros lugares, para se referirem ao que serve para se comunicar, ter prestígio local, sair de Bonfim e realizar projetos pessoais fora do microcosmo local. Os relatos de Zaniyah, Franklin, June e Jonathan revelam isso.

Conversávamos, Jonathan e eu, sobre como foi o período em que ele estudou em Lethem, quando ele me informou o que isso lhe promoveu:

Excerto 2 Entrevista 8 [93-133]

- 93 Natália: humrum
 94 Jonathan: você não podia tratar o seu colega com
 95 desrespeito, tá entendendo? palavrões não
 96 existia, então eu aprendi muito lá (.) e esse
 97 pouco tempo que eu estudei lá e o pouco inglês
 98 que eu aprendi, esse inglês me levou a duas
 99 missões das Nações Unidas, tá entendendo?
 100 Natália: humrum
 101 Jonathan: mesmo depois de muitos anos sem praticar o é:: o
 102 inglês, ainda eu participei através de uma
 103 seletiva, né?
 104 Natália: humrum
 105 Jonathan: de duas missões das Nações Unidas, então me valeu
 106 muito, é::: o que eu aprendi lá até hoje tenho
 107 comigo
 108 Natália: então para o senhor saber inglês lhe trouxe algum
 109 diferencial?
 110 Jonathan: por eu entender um pouco de inglês, me trouxe
 111 Natália: humrum=
 112 Jonathan: =certo? primeiro por essa missão das Nações
 113 Unidas né? que eu tive que fazer um teste
 114 escrito, verbal, né? e::: foi para mim muito bom,
 115 isso, eu trago aqui no meu peito uma lembrança
 116 dessa missão
 117 Natália: humrum
 118 Jonathan: fui condecorado pelas Nações Unidas, por eu
 119 participar dessa missão e as missões de Nação
 120 Unida, a língua oficial é inglês=
 121 Natália: =humrum
 122 Jonathan: certo? então todos os membros das Nações Unidas

123 eles têm que dominar o inglês, certo? então me
 124 valeu esse inglês que eu que eu aprendi lá
 125 Natália: humrum
 126 Jonathan: é claro que hoje, se eu for falar, meu sotaque é
 127 diferente
 128 Natália: humrum
 129 Jonathan: que é aquele sotaque britânico:: eu não tenho
 130 [mais]
 131 Natália: [humrum]
 132 Jonathan: tá entendendo? mas me valeu muito ter estudado
 133 lá

Jonathan contou que o pouco inglês que aprendeu o levou a missões importantes para ele (linhas 97-99) e a uma condecoração pelas Nações Unidas (linha 118). Ressaltou, contudo, que hoje seu sotaque é diferente (linha 127), não é mais britânico (linha 129). O referente de inglês que se sobrepõe, para Jonathan, serviu para sair do microcosmo de Bonfim-Lethem e realizar projetos fora desse espaço. O reconhecimento pela condecoração e por ter podido participar de um grupo que se comunica só em inglês, produziu um sentimento de orgulho em Jonathan por ter em seu repertório um recurso que lhe proporcionou isso. Algo semelhante é possível ser observado no relato de Zaniyah:

Excerto 14 Entrevista 9 [848-865]

848 Natália: e você, já recebeu algum elogio::=
 849 Zaniyah: =por quê?
 850 Natália: por fal- por falar alguma língua?
 851 Zaniyah: olha, quando o o o centro de educação¹⁶⁵ (.) ia
 852 começar aqui em Bonfim, a professora Maria¹⁶⁶ (0.2)
 853 ela vem e eu tive que fazer a tradução, e ela
 854 disse não, você tá pronto pra ensina::r inglês e
 855 não sei o que, e eu disse professora, eu não acho
 856 (.) por que não, porque eu falo alguma coisa,
 857 traduzir alguma coisa, eu tô pronta, né? pronto é
 858 quando eu vou- eu e você tem aquela confian- você
 859 pode fazer tu::do SEM ERRAR, aí sim, eu vou dizer
 860 agora tô pronto, aqui, no na fronteira e na Guiana
 861 também, eu vou dar bronca no nos governantes,
 862 porque desde o início era pra ter ensinada na
 863 creche o inglês aqui, e lá (.) o português, tu
 864 chega lá muita gente não fala em português
 865 Natália: Lethem?

¹⁶⁵ Nome genérico para desidentificar.

¹⁶⁶ Nome genérico para desidentificar.

Perguntei a Zaniyah se ela já havia recebido algum elogio por falar alguma língua. Ela me relatou que, quando uma instituição a procurou para fazer um serviço de tradução, ela ouviu que estava pronta para ensinar inglês. Ela considera isso um elogio, já que me deu essa resposta quando fiz a pergunta. Contudo, o complemento da resposta diz mais. Ela disse que não poderia ensinar, porque é preciso fazê-lo sem errar, com confiança. Observo essa afirmação de Zaniyah a partir de tudo que já foi apresentado a respeito dela anteriormente e relaciono a questão do erro ao recurso linguístico que ela disse possuir em seu repertório: a gíria.

Pela ideia que ela própria tem do que deve ser falado e em quais espaços e do que deve ser ensinado, ela não se enxerga como alguém que poderia ensinar inglês. A ideologia de linguagem de padronização é muito forte, é algo que é eixo mesmo (conforme seção 5.1) porque é estruturante de outras ideias, tanto sobre linguagem quanto sobre os grupos sociais. Ainda assim, ela mostra que possuir em seu repertório o referente de inglês que se sobrepõe lhe proporciona certo prestígio local aliado a uma mobilidade social, que pode projetá-la além Bonfim, caso queira. O próprio intermediário que nos apresentou me disse que Zaniyah é requisitada com frequência para fazer essas traduções, que é conhecida por isso e pela função que exerce em seu cargo como servidora.

O trecho da fala de June também revela prestígio local, como se pode observar a seguir:

Excerto 6 Entrevista 1 [477-497]

477 Natália: e::: teve alguma situação que você recebeu um elogio
 478 por:: falar em alguma língua?
 479 June: sim, teve teve várias situações assim, t teve me
 480 chamaram uma vez pra:: interpreta:r a language::m
 481 inglesa pra portuguesa, uma vez u::m polícia:l ele
 482 tava com dificuldade de de:: entender o quê que o
 483 guianense tava falando ele me chamou pra interpretar
 484 pra ele, aí eu fui interpretei pra ele e:: e também
 485 várias vezes eu já fui chamada assim com uns amigos
 486 e: e pessoas que eu conheço pra interpretar pra eles
 487 o inglês, pro português e pro inglês, porque as
 488 pessoas da Guiana quando eles querem po- () aqui
 489 no posto pra ser atendido, eles vêm aqui em casa e
 490 me pega e me levam lá pra interpretar pra eles aí
 491 () me trazem de volta (.) aí:: mesma coisa aqui
 492 do Brasil as: as menina do posto aqui no no posto
 493 quando eu tô aí sentada, () quando vi- chega um

494 guianense lá eles já faz assim ((aceno)) vem aqui
 495 aí eu hhh aí eu já vou lá aí eu quê que era, inter
 496 preta aqui pra mim, mas tem muita gente também que
 497 sabe o inglês e tem vergonha de falar o inglês deles

Fiz a mesma pergunta a June, e ela relatou que ocorreram várias situações em que foi elogiada. Que sempre foi requisitada para fazer “interpretação” e ajudar pessoas, especialmente as que chegam da Guiana em Bonfim e precisam se comunicar. Ela também é conhecida por fazer essa ação, de acordo com seu relato de entrevista. Nesse trecho, o referente de inglês pode não necessariamente ser aquele que se sobrepõe, mas de todo modo aciona June para ações que ela aparenta avaliar como sendo positivas. Ela demonstra orgulho ao falar sobre isso.

Então, para a dinâmica local, é relevante que June consiga mobilizar os diferentes referentes de inglês conforme é acionada. Contudo, para as demandas particulares da região, o que vai ter utilidade é o referente mais amplamente mobilizado localmente, aquele que não se sobrepõe. Ao falar sobre os motivos que a levaram a ser tão convocada para ajudar na comunicação, June acabou antecipando em sua resposta algo que eu lhe perguntaria mais adiante: a vergonha que alguns guianenses têm de falar inglês (tópico que será discutido na próxima seção).

Dentro do conjunto de usos do referente de inglês que se sobrepõe, é possível observar também o que disse Franklin, quando perguntado em quais línguas a comunicação acontecia em seu lar. Ele respondeu que sua mãe sempre buscava falar em inglês com ele, mas ele preferia o português, por ser o recurso que ele conseguia compreender melhor. Passou a ter outro olhar para o inglês quando soube de um programa de intercâmbio para os Estados Unidos para jovens estudantes do ensino médio. A seguir o trecho em que ele fala disso:

Excerto 5 Entrevista 12 [360-376]

360 Franklin: mas eu (não) preocupava tanto, mais a minha mãe,
 361 e aí precisou, chegou um tempo no meu ensino
 362 médio, de ter um programa, não sei se você já
 363 ouviu falar no jovens embaixadores
 364 Natália: sim
 365 Franklin: youth ambassadors
 366 Natália: humrum
 367 Franklin: pois é, participei das três edições, e foi aonde
 368 eu precisei mais do inglês hh eu precisei mais
 369 do inglês, nessa ocasião quando eu eu me inscrevi

370 pro pro jovens embaixadores
 371 Natália: humrum
 372 Franklin: e aí falei com ela, mãe, agora a senhora pode me
 373 ensinar a falar inglês? agora? hhh
 374 Natália: hh
 375 Franklin: e assim e no: na no meu terceiro ano,
 376 participação eu fiquei em quarto de Roraima

Franklin percebeu que o recurso linguístico que compunha o repertório de sua mãe poderia lhe ser útil. O inglês fazia parte de seu cotidiano em casa e por essa mesma razão era visto como comum. Se comparados o português e o inglês a partir do relato de Franklin, o primeiro faria mais sentido de ser tomado como preferência, porque Franklin morava no Brasil, suas interações fora de casa eram em português e era o recurso que ele melhor compreendia. Numa escala de importância e utilidade, o português seria mais mobilizado, como de fato era para Franklin, na sua realidade.

Contudo, ao se deparar com uma possibilidade de ter acesso a algo que poderia lhe trazer algum benefício, como a participação do programa Jovens Embaixadores, Franklin passou a reavaliar a utilidade do inglês que já estava no seu horizonte, já fazia parte do seu dia a dia, mas que ainda não era visto como algo de valor. Com base em seu relato, nota-se que, até que ele tivesse conhecimento de que para participar do programa de intercâmbio precisaria do inglês, esse recurso nem era uma possibilidade de habilidade técnica a ser usufruída, porque localmente não era demandada. Compreendo que a construção da ideia de utilidade do inglês (em sobreposição) para os participantes perpassa questões socioculturais e de raça que ressignificam esse inglês para eles. No que segue, apresento o exame dos dados que informam mais detidamente sobre valor (de uso e de troca) e como isso se relaciona com a discussão de mercantilização de linguagem.

5.4 "O MEU SALÁRIO NÃO É MELHOR QUE NINGUÉM [...] ISSO DAÍ É MITO, SÓ SE EU SER UM TRADUTORA, SABE?": VALOR DE USO E DE TROCA DO INGLÊS NA FRONTEIRA BRASIL-GUIANA

O referente de inglês percebido localmente (todas as gírias, giros, crioulos usados na fronteira) pelos participantes tem algum valor de uso para eles, pelo uso na vida cotidiana e por satisfazer a necessidade de comunicação dessas pessoas. Contudo, não é um valor de uso tão grande, como eu havia presumido no início do exame dos dados, porque essa comunicação, inicialmente supervalorizada por mim,

fica prejudicada, em muitos momentos, pelo sentimento de vergonha, pelo julgamento do sujeito que está usando aquele recurso linguístico. Como resultado, o valor de troca é zero. Com relação ao referente de inglês que se sobrepõe (os itens linguísticos que operam tanto na fronteira como nos centros), seu valor de uso, na fronteira, é mínimo, porque quem fala é desvalorizado por ser sujeito racializado, periférico e que dispõe de menos recursos financeiros. E o valor de troca desses itens linguísticos estaria condicionado ao que se pode conseguir com eles fora da fronteira.

Essa é a asserção que elucida o questionamento inicial de que os participantes desta pesquisa, guianenses falantes de inglês residentes em Bonfim-RR, supostamente não valorizariam um recurso linguístico que possuem e que é altamente prestigiado em outros espaços. Contudo, a partir do exame dos dados apresentados nas seções anteriores, sabe-se que não há um inglês apenas, e importa saber o que está sendo referido como inglês para compreender a valoração atribuída. Ressalto que, durante o exercício meta-analítico, compreendi que mais relevante do que conhecer o valor de uso e de troca atribuído ao inglês pelos participantes é reconhecer o valor da branquitude no processo de identificação de tal valor de uso e troca. Mas, para isso, foi preciso buscar compreender essa (des)valorização do referido recurso linguístico.

A partir da disposição do campo indicial situado (seção 5.1) e da ação de ideologias raciolinguísticas nele (5.1.1), entendemos que a dinâmica local é algo muito particular, que só quem é de dentro vai compreender (seção 5.2). Nesse complexo funcionamento linguístico local, os itens linguísticos referidos como inglês nem sempre são os mesmos itens reconhecidos mais amplamente em outros espaços fora da fronteira (seção 5.3), e os usos dos itens linguísticos que operam tanto na fronteira como nos centros (o referente de inglês em sobreposição) ocorrem em situações específicas (seção 5.3.1).

Tendo todo esse panorama em vista, passamos a discussão de valor atribuído ao inglês pelos participantes desta pesquisa. Para tanto, num primeiro momento questionei os participantes se eles haviam presenciado alguém com vergonha de falar algum recurso linguístico. Presumi que essa seria uma maneira de chegar à informação da *pouca* valorização do inglês. Na entrevista com June, no trecho abaixo, ela mesma mencionou ter visto pessoas com vergonha de falar:

498 Natália: [é?]
 499 June: [é, eu já vi isso]
 500 Natália: por quê que tu acha que acontece isso?
 501 June: eu não sei, eu acho que eles não querem se mostrar
 502 que eles sabem falar inglês (.) porque:: ali no
 503 posto tinha uma: uma: amiga assim que eu vi que ela
 504 é até descendência da Guiana do interior da Guiana
 505 Natália: humrum
 506 June: e:: chegou gente da Guia- da Guiana falando
 507 totalmente inglês não sabia nada de português e ela
 508 eu sei que ela [fala inglês] (.) e ela de forma
 509 Natália: [humrum]
 510 June: nenhuma quis ah:: falar em por- em:: a linguagem
 511 pra eles em inglês, ela falando em português e o
 512 cara não entendia nada
 513 Natália: [e depois] tu pergun-
 514 June: [eu não sei]
 515 Natália: perguntou dela por quê que [ela::]
 516 June: [nã:o] não perguntei
 517 porque:: hhh () talvez leve uma bronca então não
 518 perguntei ((sorriso)) hhh aí, mas eu fui lá e eu
 519 expliquei pro cara o quê que ela tinha dito pra ele
 520 em português, aí o cara ah sim entendi, ah tá
 521 obrigada ele falou pra mim, e eu falei tá bom

Antes mesmo de eu perguntar explicitamente, June já mencionou que algumas pessoas em Bonfim têm vergonha de falar em inglês. Acabei só instigando e perguntando por que ela achava que isso acontecia. Ela disse que não sabia, mas achava que eles não querem mostrar que sabem inglês. Inclusive me narrou episódios em que viu isso acontecer, como o da amiga guianense que se recusou a falar em inglês com outra pessoa. Perguntei a June se ela falou com a amiga depois para saber o motivo da vergonha, e ela disse que teve receio de levar uma chamada de atenção.

Por tudo que foi examinado nas seções anteriores e pelo que os dados informam, compreendo que o fato de a amiga de June não ter querido mostrar que sabe inglês tem mais relação com ser guianense no Brasil do que com o recurso linguístico em si, embora este não esteja excluído da equação. Todavia, é bom que se tenha em vista que não sabemos de qual referente de inglês a amiga de June tem vergonha. Fiquei intrigada com essa resposta de June e perguntei se ela presenciou outras pessoas com vergonha de falar:

Excerto 8 Entrevista 1 [538- 549]

538 Natália: e além dessa tua amiga tu já viu outras pessoas com
 539 vergonha de falar inglês?
 540 June: ah:: a minhas irmã também, minhas irmã que tão aqui
 541 há muito tempo que nunca voltou pra Guiana, ah:: ela
 542 algumas vezes quando eu tô falando inglês assim no
 543 banco lá na: em Boa Vista, ela fala português menina
 544 eu acho que ela:: fica assim: porque eu tô falando
 545 inglês né com ela e:: algumas vezes também quando
 546 eu vou falar algum coisa, aí eu lembro o nome daquilo
 547 em inglês e eu não sei o nome em português, aí eu
 548 pego e falo em inglês, aí eles fica::m (0.4)
 549 constrangedor assim

Ela respondeu que sim, suas irmãs. Mais uma vez narrou um episódio para ilustrar o que afirmava (linhas 541-549). Disse que a irmã prefere que ela fale em português. Volto à afirmação do excerto anterior (excerto 7) para ratificar que a vergonha, o constrangimento não é só por falar em inglês, mas, estando no Brasil, não falar em português ou falando em inglês mostrar aos outros que são guianenses e não brasileiras. Vejamos, abaixo, o que disse Zaniyah sobre a mesma questão:

Excerto 15 Entrevista 9 [805- 822 e 837-848]

805 Natália: essas pessoas que você já viu aqui em Bonfim, com
 806 vergonha de falar (.) você acha que elas têm
 807 vergonha? primeiro, é vergonha de falar qual
 808 língua?
 809 Zaniyah: língua inglesa
 810 Natália: e por quê que você acha que elas têm vergonha de
 811 falar inglês?
 812 Zaniyah: os indianos, quando (ah) indígenas, né? ele::s
 813 assim tem um gíria diferente, né?
 814 Natália: humrum
 815 Zaniyah: aí, por isso eles no, no, no, não sabem muito bem
 816 (.) porque eles ou algumas nunca foram para a
 817 escola (0.2) a minha tia por exemplo, lá de
 818 Lethem, ela faleceu,
 819 Natália: Hum
 820 Zaniyah: ela não falava inglês guianense (.) ela só falava
 821 o dialeto de↑la, que é wapix↑ana, aí eu que não
 822 sabia quase NADA, tive que esperar alguém chegar

[...]

837 Zaniyah: eles têm vergonha, eu não sei por que têm vergonha
 838 pra falar inglês, °mana eu tô em qualquer lugar eu
 839 fa- eu solta meu inglês° desde que você entendeu
 840 eu solta ela, meu pai também (.) meu pai é
 841 brasileiro (.) se eu chegar lá conversando com ele
 842 em português, ele troca tudinho pra inglês, ele

843 não aceita o português, ele só aceita inglês
 844 [é::]
 845 Natália: [por quê?]
 846 Zaniyah: NÃO SEI↑::
 847 Natália: porque ele não é guianense, né? e ele só aceita
 848 inglês, ele=
 849 Zaniyah: =não aceita brasileiro

Ao me dizer que era do inglês que as pessoas que ela viu estavam com vergonha (linha 809), Zaniyah foi enfática e não titubeou para responder. Quando perguntei o motivo da vergonha, ela citou os indígenas, falou que eles têm uma gíria diferente e não tiveram a oportunidade de ir à escola. Seguiu exemplificando com a história de sua tia, indígena guianense que não sabia inglês. Depois, na linha 837, afirmou que há vergonha sim em algumas pessoas, mas que ela não sabe dizer a razão e completou: "[...] °mana eu tô em qualquer lugar eu fa- eu solta meu inglês° desde que você entendeu eu solta ela [...]".

Esse trecho da resposta de Zaniyah merece destaque. Primeiro porque ela demonstra não ter o mesmo sentimento de vergonha que identifica em outros; segundo porque ela soou como alguém que não tem o inglês como primeira língua; e terceiro porque ela falou em “soltar o inglês dela” desde que isso seja o suficiente para a comunicação acontecer, numa referência aos referentes de inglês. Outro destaque é quando ela cita seu pai e o fato de ele não aceitar que se fale em “brasileiro”, somente em inglês. Isso reforça a afirmação da vergonha ligada ao estigma de autodeclaração como guianense ou, pelo relato de Zaniyah sobre sua tia, como indígena guianense.

Em estudo realizado na Serra da Lua (uma região de Bonfim) com comunidades indígenas das etnias Wapichana e Macuxi a respeito de revitalização e atitudes linguísticas, as autoras concluíram que há uma relação entre identidade étnica e recurso linguístico, e destacaram que entre os falantes de inglês nas comunidades pesquisadas havia uma garota falante de inglês que se identificava como inglesa e não como Wapichana (Elango; Coutinho; Lima, 2018, p. 140).

As ideologias raciolinguísticas evidenciadas na seção 5.1.1 também mostraram esse alinhamento entre língua e etnia e raça nos participantes desta pesquisa, embora não sejam indígenas aldeados com registro da FUNAI, mas que possuem alguma ligação com os povos originários, como se pôde observar no relato de Zaniyah. O ponto é que se a língua está relacionada a etnia e raça para essas pessoas, então

falar inglês significa mostrar que não se é brasileiro, o que reforça o argumento do estigma da autodeclaração como guianense em solo brasileiro. Assim como ocorre com os indígenas aldeados da pesquisa das autoras citadas, os dados desta pesquisa parecem revelar discursos de orgulho, nos moldes de Heller e Duchêne (2012), por apontarem a ideia de pertencimento a um grupo de uma nação pela língua que falam. Essa relação estabelecida entre língua e grupo étnico-racial sinaliza que o referente de inglês que opera localmente não é bom por ser gíria (seção 5.1) e é agravado pela avaliação do sujeito que fala esse recurso. É uma coconstrução de concepção a respeito do recurso e de quem o fala (Flores, 2019, p. 53).

Elango *et al.* (2018) examinaram também o significado social do inglês nessas comunidades e identificaram que inglês e português têm função de comunicação para essas pessoas, sendo o inglês mais acionado para comunicação com agentes externos à comunidade e para acesso à tecnologia (p. 141). A identificação das pesquisadoras de que o inglês serve para comunicação com pessoas de fora, reforça o argumento da seção 5.3.1 a respeito dos usos do referente de inglês que se sobrepõe, ainda que a pesquisa delas tenha sido feita com outros perfis de participantes.

Retomando a questão da vergonha, Zaniyah ainda disse que:

Excerto 16 Entrevista 9 [991-1005]

991 Natália: humrum
 992 Zaniyah: né? mas aqui em Bonfim tem muitos indígenas que
 993 têm vergonha de falar em língua inglês, eu não
 994 sei por quê, eu não, eu me rasto no inglês e me
 995 rasto no no ESPANHOL (hhh)
 996 Natália: indígena que tem vergonha?
 997 Zaniyah: sim
 998 Natália: e tem guianense que tem vergonha (.) de falar
 999 inglês?
 1000 Zaniyah: mas são GUIANENSE, indígena da Guiana, né? aí::
 1001 eles têm não eu esqueci: ou não, eu não entendi
 1002 muito e não fala- cara, tu fala mal ou falo ruim,
 1003 ou fala bem (.) é língua, é para ser falado, EU
 1004 VOU te dar um exemplo, o que aconteceu com meu
 1005 pai

Zaniyah reforçou que há pessoas com vergonha de falar inglês e que ela não sabe o motivo. Falou dos indígenas e se comparou a eles ao dizer: "[...] eu não, eu me rasto no inglês e me rasto no no espanhol [...]" (linhas 994-995).

Penso que Zaniyah fez tal comparação por ela mesma se autodeclarar também indígena durante a entrevista, em virtude de sua ascendência. Querendo ser mais específica, insisti perguntando se havia guianenses também com vergonha, e ela foi enfática ao dizer que esses de quem falara são guianenses, são indígenas da Guiana (linha 1000).

É importante notar que alguém como Zaniyah, prestigiada localmente por fazer tradução, disse que se “*se rasta*” (se vira) no inglês. A percepção de que o que fala não é suficiente é fruto de ideologias de linguagem de padronização interseccionadas pela categoria de raça que produzem o valor que Zaniyah atribui ao recurso que possui.

Franklin também presenciou pessoas com vergonha de falar inglês, como se pode ver a seguir:

Excerto 6 Entrevista 12 [460-496]

- 460 Natália: e você já viu alguém passado por essa situação,
461 aí em Bonfim?
- 462 Franklin: eu já vi casos de pessoas pelo ao contrário,
463 aqui em Bonfim é evitar falar inglês
- 464 Natália: é? por quê?
- 465 Franklin: eu já vi, eu acredito que por vergonha,
- 466 Natália: é, mas [vergonha de quê]?
- 467 Franklin: [é o que eu percebi] não sei, é algo que
468 eu percebi, que a gente vê, eu eu já- eu digo
469 que é:: eu presenciei isso
- 470 Natália: hum
- 471 Franklin: eu presenciei uma pessoa, se eu não me engano
472 foi meu pai ou foi minha mãe chegou com uma
473 mulher, conversa-, sabe que ela morou na Guiana,
474 conversa, fala em inglês, começou a conversar em
475 inglês com ela e ela respondia tudo em português,
476 e aí, as palavras em português não saíam,
477 entendeu? legais, saiu todo a: toda desengonçada
478 entendeu?
- 479 Natália: hã
- 480 Franklin: eu fui- mas eu falei até mãe mas a fulaninha
481 não sabe falar inglês e por que ela falou com a
482 senhora em português? meu filho, é vergonha, ela
483 até mudou o nome dela e tal, esse é um fato aí
484 bem bem bem bem engraçado
- 485 Natália: humrum
- 486 Franklin: até mudou o nome dela aqui no Brasil não não
487 não preservou o nome dela que ela tem na na
488 Guiana aqui
- 489 Natália: humrum
- 490 e aconteceu que ela tem vergonha mesmo, da língua

491 não sei, dela saber falar inglês, porque era tão
 492 perceptível que ela queria falar ah: queria falar
 493 em português, mas não conseguia, entendeu? aí
 494 va- elas enrolaram o inglês com português, saia
 495 tudo, aquela misturada toda, eu já presenciei
 496 (esse tipo de situação)

Na experiência que Franklin teve, a pessoa com vergonha de falar em inglês insistia em falar em português na situação narrada, mesmo que a comunicação saísse “desengonçada” (linha 477). Ela inclusive mudou o nome ao vir morar no Brasil. Querer falar português não demonstra apenas o estigma de autodeclaração como guianense no Brasil, mas também o funcionamento dos discursos de orgulho, porque o entendimento é que se falar português, pertencerá ao Brasil e com isso poderá usufruir dos benefícios de ser brasileiro, como: votar, frequentar escolas, ter direito a atendimento médico, participar de programas de auxílio assistenciais etc. Essa afirmação é ratificada com o que Madelyn me disse quando perguntei sobre as pessoas que têm vergonha de falar em inglês, e ela contou-me o seguinte:

Excerto 2 Entrevista 4 [109-130]

109 Natália: e aí você:: você mencionou que algumas pessoas
 110 têm vergonha de fala::r inglês::s me conta mais
 111 um pouquinho sobre isso
 112 Madelyn: é:: bem, mui- tem muita gente que tem vergonha,
 113 justamente porque:: porque as pessoas já falam
 114 que eles são da Guiana, né? e eles tá tentando
 115 ser brasileiro
 116 Natália: humm
 117 Madelyn: né?
 118 Natália: humrum
 119 Madelyn: porque a maioria é:: é indígena (aqui) e eles não
 120 querem falar mais o inglês, nem a linguagem é::
 121 da tribo, né?
 122 Natália: humrum humrum
 123 Madelyn: wapixana, macuxi também não falam, só que tem-
 124 tem pessoas que já são mais velhas, né? elas já
 125 falam o inglês, o wapichana tipo quem são
 126 conhecidos eles falam entre si, tipo, para minha
 127 mãe que tem muita gente que ela conhece, aqui no
 128 Bonfim que fala inglês, eles não são daqui do
 129 Brasil, eles são da Guiana, mas estão morando no
 130 Brasil há muito tempo

Madelyn disse que esses que têm vergonha são os que estão tentando ser brasileiros (linhas 114-115) e destacou que a maioria é de indígenas guianenses. O

inglês é o recurso utilizado na esfera particular, com conhecidos. Mais uma vez, o fato de estar no Brasil e querer ser brasileiro os leva a não falar em *outra língua que não o português*. A partir dos discursos de orgulho (Heller; Duchêne, 2012) que legitimam relações hierárquicas e de pertencimento pelo uso de recursos linguísticos, a língua inglesa pelo referente que opera localmente é traço definidor de identidade étnico-racial, mas daquela(s) que se quer esconder. Se o referente de inglês local é visto como inferior em relação aos outros referentes de inglês, o sujeito que o fala também é avaliado dessa maneira. É o funcionamento da constituição coletiva da percepção de ambos.

Portanto, não há razão para querer utilizar tal recurso. Pela vergonha reportada no relato dos participantes, percebe-se o valor conferido ao recurso linguístico que, por sua vez, determina a posição no cenário local. Pelo valor/posição dado ao recurso, estabelecem-se as hierarquias étnico-raciais (seção 5.1.1). Logo, para fins de migração da Guiana para o Brasil, o inglês, independente do referente, não possui valor de uso muito menos, conseqüentemente, de troca.

Ainda na busca por compreender o(s) valores atribuídos ao inglês na fronteira Brasil-Guiana e tendo compreendido que há pessoas com vergonha de falar em inglês, perguntei aos participantes se possuir o inglês no repertório lhes deu algum diferencial ou se existia algum lugar em que o possuir pudesse trazer algum diferencial para quem o fala, já que no Brasil, para os participantes desta pesquisa, dentro da dinâmica situada de Bonfim-Lethem, ficou evidente que não faria diferença. A maior parte das respostas que recebi indicavam que falar inglês é positivo para a comunicação e para ajudar pessoas que estejam precisando. Outros, como Brittany, disseram não ter diferencial nenhum, exceto pela comunicação quando necessária. Para os que responderam identificar algum diferencial, as observações giram em torno de prestígio local e oportunidades de emprego. Vejamos o que Zaniyah me respondeu:

Excerto 17 Entrevista 9 [1089-1111]

- 1089 Natália: você acha que falar inglês te dá algum diferencial?
 1090 Zaniyah: não, porque eu não ganho o meu salário não (hhh) é
 1091 melhor que NINGUÉM, não, não, não, isso daí é
 1092 °mito° só se eu ser um tradutora, sabe? só assim,
 1093 mas num emprego como prefeitura ou com o governo,
 1094 NÃO
 1095 Natália: existe algum lugar: r que falar inglês: s faz alguma

1096 diferença?
 1097 (0.3)
 1098 Zaniyah: pra benefício próprio? pode até ser, né,
 1099 porque olha só o o mala:ndro, se eu vou chegando
 1100 dois pessoas, a gente fica conversando em uma
 1101 língua que o outro não sabe, né, fa- traz um
 1102 benefício para ele, porque eu vou rouba::r aí eu
 1103 falo na tua cara, porque você não sabe nada, você
 1104 é otária e eu vou ficar falando, e: você está lá,
 1105 pode até falar que eu vou te roubar e tô rindo e
 1106 tô: e você vai rindo junto comigo, né? então assim,
 1107 na parte da malandragem, eu acho que sim, mas eu
 1108 não acho (.) NÃO É JUSTO, não é bom, porque eu
 1109 sempre disse se eu falo inglês, você fala inglês,
 1110 você quer comunicar comigo em inglês, tudo bem, mas
 1111 se acontecer alguma coisa, por exemplo, aí você

Zaniyah afirmou que falar inglês não lhe traz nenhum diferencial porque isso não aumenta seu salário, a menos que seja tradutora. Perguntei por um “diferencial”, e ela me respondeu fazendo alusão ao salário. Completou dizendo “isso daí é °mito°” (linhas 1091-1092). Por sua afirmação, percebe-se que há um entendimento estabelecido de que falar inglês traria algum benefício financeiro para o falante, mas que para Zaniyah isso é mito, já que pela sua experiência isso não acontece.

O discurso legitimador do inglês como elemento de distinção e valor econômico opera entre os participantes. Entretanto, pelo campo indicial projetado, os referentes de inglês local não estão no mesmo horizonte de valorização que outros referentes. Ser tradutora só é vantajoso economicamente se for com agentes externos à comunidade e, portanto, utilizando a unidade/referente que se sobrepõe, como se pôde observar no excerto 14 entrevista 9 (seção 5.3.1), em que Zaniyah narra que foi convidada por um centro de educação para fazer uma tradução.

Para Franklin, o diferencial reside no fato de conseguir trabalho, conforme relato abaixo:

Excerto 7 Entrevista 12 [694-708]

694 Natália: humrum, você acha que falar inglês te dá algum
 695 diferencial?
 696 Franklin: sim, pra mim, sim é:: acredito que pra outros
 697 também, porque eu já fiz alguns trabalhos de
 698 fotografia na Guiana
 699 Natália: hum
 700 Franklin: então, e aí, é um ponto pra mim, porque eu- me
 701 ajuda a comunicar

702 Natália: humrum
703 Franklin: né, me ajuda a comunicar dúvidas do cliente, né,
704 que às vezes pergunta sobre preços, sobre quantas
705 fotos vêm, como eu trabalho, eu tenho que me
706 expressar em inglês
707 Natália: humrum
708 Franklin: tem que falar (a língua) dele, né?

Para Franklin, o diferencial de falar inglês está relacionado às oportunidades de trabalho, para se comunicar com clientes. Na seção 5.3.1, Franklin relatou ter começado a se interessar pelo inglês quando vislumbrou a possibilidade de participar de um programa de intercâmbio. Até que soubesse dessa possibilidade, nunca se interessara pelo recurso que sua mãe usava e que ele dispunha no cotidiano do lar. Nota-se pelos relatos que há um entendimento de quais referentes trazem vantagem econômica e quando. Embora Bonfim e Lethem sejam consideradas periferias do capitalismo, os discursos de legitimação do sistema econômico atingem esses espaços, porém a ótica do funcionamento é periférica.

Quando Franklin disse: “tem que falar (a língua) dele, né?” (linha 708), ele reconhece que precisa do inglês para efetivar o serviço, mas pela perspectiva periférica julga que ele é quem precisa saber o recurso para se comunicar. Essa é uma visão que se espera de grupos de pessoas que possuem recursos menos valorizados em comparação ao inglês (valorizado e alvejado em outros espaços menos periféricos) e não o contrário. Em verdade, é uma visão fruto dos efeitos dos discursos legitimadores acerca de quem deve buscar atender a quem e a partir de qual recurso.

O entendimento de que o inglês está relacionado a oportunidades de emprego é central para Victoria também, e ela foi outra participante muito colaborativa. Nós já havíamos nos conhecido desde minha pesquisa anterior (Fonseca, 2015), então a aproximação para o convite à participação desta pesquisa foi mais facilitada, embora eu tenha contado com a ajuda de um dos intermediários para que nos reencontrássemos em Bonfim e pudéssemos conversar sobre a proposta de pesquisa. Victoria é uma professora muito atuante e conhecida na sede de Bonfim. Vejamos o que ela disse no trecho a seguir, quando perguntei quais recursos linguísticos ela usa em casa:

- 116 Natália: humrum e hoje na sua casa, que língua que a
117 senhora mais usa?
- 118 Victoria: hoje com as minhas netinhas eu tô falando o
119 inglês (.) porque nós temos necessidade e o avô
120 dela materno, (pra elas) fala o macuxi
- 121 Natália: humrum qua- a senhora falou que é porque tem
122 necessidade, qual é essa necessidade de falar
123 [inglês]
- 124 Victoria: [globalização], né, mercado de trabalho
125 a gente já tem que tá preparando, a escola ela
126 num- a grade dela não tá correto ainda pra- eu
127 não sei se esse novo ensino médio vai abrir esse
128 leque pra ter a língua::: macuxi:: wapixa::na
129 eles tão preocupados (.) com o mercado de
130 trabalho, mas né internacional, >pra poder tu tá
131 indo pra uma comunidade< (tu) tem que saber lidar
132 da realidade também do povo
- 133 Natália: humrum
- 134 Victoria: né, os costumes
- 135 Natália: humrum
- 136 Victoria: que antes (.) é:: até hoje o que eu percebo nas
137 comunidades indígenas daqui do Brasil é:: para
138 tu ser indígena, tu tem que morar lá
- 139 Natália: humrum
- 140 Victoria: aí se tu sair tu perde todo- diz que tu não é
141 mais índio (.)
- 142 Natália: °humrum°

Victoria disse falar o inglês com suas netas por necessidade. Perguntei qual a necessidade, e ela foi enfática: globalização, mercado de trabalho (linha 124). Pela resposta, nota-se a preocupação de que as netas possuam um recurso (ou pelo menos itens linguísticos) que sejam reconhecidos fora do microcosmo de Bonfim. Ao mesmo tempo em que relatou essa postura com as netas, afirmou que a escola só se preocupa com o mercado de trabalho internacional (linha 130) e que não valoriza o conhecimento para atender a realidade local, a exemplo das demandas das comunidades indígenas.

Quando Victoria cita “globalização e mercado de trabalho”, prevalece o entendimento de que o inglês, nos itens que se sobrepõem, servem ao propósito de dar acesso a espaços, a mercados fora de Bonfim e mobilidade social. O contexto sociopolítico-cultural de Bonfim não é propício para gerar as condições de produção de mercadoria. Isto é, há um entendimento compartilhado entre os participantes de que o inglês é um recurso que promove acesso e que pode trazer ganho financeiro (e.g., fala da Zaniyah sobre tradução), mas as práticas linguísticas locais não são

operacionalizadas como mercadoria, nos termos de Heller e colaboradores. Não havendo as condições para que a linguagem opere como mercadoria, tampouco há para que o recurso possua, localmente, valor de uso e de troca.

Para chegar ao valor econômico (de troca), é preciso antes compreender como o de uso é construído. Um caminho possível é pelo campo indicial. Park e Wee (2012, p. 127) afirmam que "[a]ssim como o valor da mercadoria [...], o valor econômico de uma variedade linguística também é moldado pelas imagens de seus falantes e seus contextos típicos de uso aos quais está indicialmente vinculado."¹⁶⁷ Portanto, pelo campo indicial apresentado nesta pesquisa (seção 5.1 e 5.1.1), as relações indiciais projetadas pelos participantes sugerem algum valor de uso para o referente de inglês local, uma vez que é nele que grande parte das práticas linguísticas de comunicação acontecem e a organização hierárquico-social também. Contudo, esse valor de uso não produz valor de troca, nos termos de Harvey (2014), uma vez que é sabido que um depende do outro dialeticamente. Então, temos um primeiro aspecto para que essa contradição fundamental do capitalismo não opere nessa fronteira.

Da pequena parcela de referentes de inglês que opera tanto localmente quanto em outros espaços, nota-se que há menor valor de uso, se comparado ao referente local, com usos específicos e pontuais, como se pôde verificar na seção 5.3.1, e ainda sociologicamente avaliado como algo não tão bom, mas que permite certa mobilidade social e espacial para quem possui esses itens linguísticos em seu repertório. Ainda assim, para aumentar o valor de uso desse referente que se sobrepõe, seria necessário muito investimento desses participantes que estão socio-historicamente situados na fronteira, e alguns simplesmente não querem, não veem propósito nisso.

Elango *et al.* (2018) também notaram esse aspecto do investimento em aprimoramento de repertório linguístico nos dados da pesquisa delas com participantes das comunidades da Serra da Lua quando perguntaram a eles a respeito da importância do português e do inglês, e pela resposta recebida observaram que “[a] saída da comunidade, [...], é vista como quase inevitável, evento que exigirá um repertório linguístico robusto que inclui o inglês.”¹⁶⁸ (p. 141). Porém, nem todos saem,

¹⁶⁷ Just as the value of the commodity [...] the economic value of a language variety is also shaped by the images of its speakers and its typical contexts of use to which it is indexically linked.

¹⁶⁸ Leaving the community, as mentioned in the participant’s statement, is seen as almost inevitable, an event that will require a robust linguistic repertoire which includes English.

e muitos outros querem permanecer ou retornar, como é o caso dos participantes desta pesquisa.

Esse é o outro aspecto para que essa contradição fundamental do capitalismo (valor de uso e de troca) não opere no cenário pesquisado: o objeto de desejo (inglês) tem um valor de uso que é determinado pelo contexto social de elocução e por elementos de classe e raça; se considerado o referente que se sobrepõe, ainda assim requereria um investimento grande em aumentar seu valor de uso, que é mínimo na fronteira, para que pudesse ter valor de troca, ou seja, para que pudesse atingir o nível de ser moeda de troca. Contudo, é importante ressaltar que o valor de troca desse referente depende do que se pode conseguir com ele fora da fronteira e depende de quem usa o recurso. Portanto, afirmar que ele não teria nenhum valor de troca, como em primeira análise pode-se pensar, seria um equívoco, uma vez que é preciso considerar que os participantes reconhecem, em alguma medida, que o recurso tem valor para o que se pode fazer e/ou alcançar fora da fronteira. No que segue, apresento as contribuições deste estudo.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS: CONTRIBUIÇÕES DESTE ESTUDO E POSSIBILIDADES DE NOVOS IMAGINÁRIOS PARA OS ESTUDOS DA LINGUAGEM

Nesta seção, apresento uma breve discussão dos resultados encontrados nesta pesquisa mediante as respostas às perguntas de pesquisa, e em seguida as contribuições deste estudo.

6.1 Respostas às perguntas de pesquisa

Início pelas respostas de enfoque exploratório/confirmatório que me propus a examinar no período da formulação do projeto de pesquisa. A primeira diz respeito ao repertório sociolinguístico dos atores sociais da fronteira Brasil-Guiana. Os dados apontaram para um repertório multifacetado e com a presença de diversos recursos linguísticos, nomeadamente reconhecidos como português, inglês, espanhol, macuxi, wapixana, chinês, árabe, os giros, as gírias e o crioulo (*creole*).

A análise identificou que as práticas sociolinguísticas destacadas são aquelas que os interlocutores relacionam a prestígio e à sensação de pertencimento, a depender do contexto de elocução. Ao passo que, evidentemente, as que são

apagadas são aquelas relacionadas a desprestígio e que levam à marginalização e denúncia identitária. Considero que essas práticas apagadas são também “marcadas”, nos termos de Urciuoli (2016), porque são avaliadas pelos próprios participantes como inferiores em relação a um ideal do que eles acham que deveria ser. Essa marcação é com relação aos recursos linguísticos, mas também aos corpos que produzem práticas marcadas, como se pôde ver na seção 5.1.1. Esse é um resultado que corrobora o que Urciuoli (2016) afirma a respeito do valor neoliberal de recursos linguísticos falados por pessoas marcadas (p. 31), qual seja: para ter esse valor, esses recursos precisam ser mobilizados de acordo com a ideologia de linguagem de padronização e com a concepção moderna de linguagem.

A segunda resposta é exploratória e investigativa. Refere-se à observação feita por mim (Fonseca, 2015), de que guianenses falantes de inglês residentes ou atuantes em Bonfim-RR considerariam inglês como item de pouco valor no mercado sociolinguístico fronteiriço. Esse é um dos principais questionamentos que esta pesquisa buscou responder, pois a confirmação dessa observação é central para a tese defendida. A resposta depende de entender o que inglês quer dizer para essas pessoas, isto é, a que se referem por inglês. Conforme apresentado ao longo da seção 5, inglês significa entidades linguísticas diferentes para os participantes, sendo tanto referência ao crioulo da Guiana como ao inglês que é reconhecido em outros espaços fora de Bonfim-RR. Então, localmente quando eles categorizam o inglês como crioulo, esse item tem pouco valor de uso local e zero valor de troca.

Quando qualificam o inglês como o referente externo, localmente ele não possui valor de uso, e seu valor de troca está condicionado a como o participante avalia que esse recurso lhe pode ser útil fora da fronteira. Contudo, para obtenção de vantagem econômica pela sua mobilização em escala local, o inglês (referente externo) não opera como em outros espaços imaginados e projetados pelos participantes. Não possui a mesma expressão simbólica e econômica, visto que o valor de troca desse inglês percebido e reportado pelos participantes é, principalmente, para escalas além de Bonfim-Lethem.

No exercício de reinterpretar os dados, a afirmação de que é preciso entender o que inglês significa para os participantes escancara a necessidade do sujeito ouvinte branco de categorizar e avaliar os recursos linguísticos, mesmo que a intenção seja se desvincular disso. A pesquisadora precisou categorizar e nomear para poder conseguir discutir sobre valor. Embora haja uma diferenciação na atribuição de valor

aos diversos recursos linguísticos presentes no repertório dos participantes, o ponto fulcral reside na operacionalização das ideologias moderno-coloniais em uma pesquisa que lança críticas vigorosas a essas ideologias.

Entendo, assim como Irvine (1989), que o valor econômico de qualquer item, linguístico ou não, depende do valor social construído e de quem tem a legitimação para construí-lo. Nesta pesquisa, a ideia racializada do inglês produz o valor que lhe é atribuído localmente. Recurso linguístico e raça são conjuntamente valorados. A racialização das ideias sobre o inglês, mediante discursos de adequação (Flores; Rosa, 2015), revela corpos marcados pelo racismo e colonialidade e que possuem menos acesso a recursos.

Portanto, a despeito de o inglês ser simbólica e economicamente muito valorizado na atual economia globalizada e apesar de sua expansão estar diretamente relacionada à expansão do capital (O'Regan, 2021), na fronteira Brasil-Guiana o funcionamento não é esse, talvez porque o cenário socioeconômico local não seja rota importante de expansão capitalista. Além disso, os referentes de inglês são distintos e variáveis na escala de uso; ainda que consideremos a pequena parte de inglês que opera semelhantemente em Bonfim e em outros lugares, na fronteira o valor de troca é inexpressivo, embora reconhecido pelos participantes. Tal como identificado em pesquisa realizada na Serra da Lua, com comunidades indígenas que possuem inglês no repertório (Elango *et al.*, 2018, p. 141), o inglês, para os participantes desta pesquisa, é visto como ferramenta de comunicação e de participação na economia global, sobretudo em espaços e com agentes externos.

Para além das condições de mercado, o valor do inglês está atrelado também aos processos semióticos (Park; Wee, 2012, p. 124) e a como o trabalho ideológico da linguagem acontece considerando esses processos (Gal; Irvine, 2019). Park e Wee (2012) argumentam que é pelo processo indicial, mediante as noções de campo indicial e interdiscursividade, que o valor do inglês é constituído (p. 124-125). Destacam que esses dois processos, aliados às práticas discursivas das pessoas, constituem o valor do recurso, salientando “[...] a importância da prática na constituição do mercado linguístico – não são regras impostas ou sistemas externos que determinam a estrutura do mercado, mas as práticas das pessoas no discurso.”¹⁶⁹

¹⁶⁹ *We will argue that it is this indexical and interdiscursive process that attributes value to English, and that this underlines the importance of practice in the constitution of the linguistic market—it is not*

(Park; Wee, 2012, p. 125). Pelo exame dos dados desta pesquisa e o que informam, as práticas discursivas importam, corroborando o que dizem os autores, mas elas são também conformadas considerando condições externas que as orientam, como distribuição e acesso a recursos simbólicos e materiais, e estrutura de classes.

Ainda ao encontro do que Park e Wee (2012) apresentam, os resultados desta pesquisa indicam que é a configuração do campo indicial, moldado por ideologias de linguagem, que produz a valoração do inglês. Na esteira das ideologias de linguagem que delineiam os eixos de diferenciação que conformam o campo indicial, estão incluídas as ideias que percebem recursos linguísticos como código abstrato e que orientam a formação dos eixos de diferenciação. Contudo, além da concepção moderna de linguagem, há o elemento raça que aparece centralmente nos dados. Ao reexaminar a conformação do campo indicial, conclui que os participantes fornecem respostas mediante práticas de significação (Pannell, 2023) para comunicar o que desejam expressar sem necessariamente explicitar de forma direta, tornando evidente que não conseguirei compreender a complexidade da realidade social na qual o inglês está inserido. Os participantes engajam-se no jogo de significação para fornecer respostas de acordo com a maneira como formulei as perguntas.

Park e Wee (2012, p. 39) e Gal e Irvine (2019, p. 190) reconhecem a relevância da noção de interdiscursividade na produção de entendimentos sobre os diferentes discursos e a relação entre eles, porém as autoras trabalham na perspectiva da diferença, que foi a que adotei para o exame dos dados. Com a lente do contraste e diferença, foi possível identificar níveis de abrangência de objetos contrastantes que mostram o trabalho ideológico da linguagem feito a partir de um funcionamento colonial persuasivo dos discursos legitimadores.

No que se refere às ideologias de linguagem circulantes no mercado sociolinguístico fronteiriço de Bonfim-RR, os resultados indicam ampla mobilização de ideologias de linguagem de padronização e de colonialidade. Essas ideias são formadas e consolidadas a partir de ideologias contrastivas que estabelecem eixos de diferenciação mediante a posição dos signos dentro do eixo. Conforme apresentado na seção 5.1, o campo indicial que opera entre os participantes é peculiar e emerge de ideologias contrastivas racializadas. “Gíria” e “correto” são termos muito empregados e, por vezes, para o mesmo item linguístico. A oscilação do inglês que é

imposed rules or external systems that determine the structure of the market, but people's practices in discourse.

gíria em um momento e em outro é correto depende do interlocutor, que é racializado e categorizado numa hierarquia étnico-racial assentada na dinâmica social local.

O trabalho ideológico da linguagem identificado nesta pesquisa está de acordo com o que Cavanaugh (2020, p. 56) afirma ser importante para a perspectiva de estudos em ideologias de linguagem: apresentar como se constroem as relações de poder pela linguagem; e como a linguagem é mobilizada para perpetuar desigualdade e injustiça social. Ao mesmo tempo, a organização e funcionamento do trabalho ideológico apresentado nesta pesquisa foram retratados tendo como base o que Irvine (2022) recomenda que se faça ao se projetar uma pesquisa como esta: examinar o trabalho das ideologias de linguagem na/da vida cotidiana das pessoas e comparar perspectivas considerando também aquilo que as pessoas não mencionam expressamente, mas que está dito (p. 11). Assim, ao identificar quais são os eixos de diferenciação e como eles são ideologicamente constituídos, os resultados desta pesquisa revelam as relações hierárquicas na dinâmica da fronteira: sujeitos racializados indicializados pelo inglês que falam.

As ideologias de linguagem racializadas identificadas após o exame dos dados desta pesquisa dialogam com os estudos de ideologias raciolinguísticas (Flores; Rosa, 2015; Alim; Rickford; Ball, 2016) na medida em que percebem a coconstrução de linguagem e raça pelos participantes. Como dito mais acima, a construção do inglês tratado como “gíria” indicia determinados grupos étnico-raciais (e.g., indo-guianenses, afro-guianenses), a depender de quem está avaliando. O mesmo referente de inglês passa a ser tratado como “correto” quando o grupo que fala é outro. Os resultados apontam também para o elemento classe social interseccionando a coconstrução ideológica de linguagem e raça, quando os participantes analisam os grupos étnicos fazendo avaliações de quem é rico ou pobre, quem é trabalhador e quem não é, e pela moradia. A conformação linguagem – raça – classe social é histórica e politicamente alicerçada na Guiana.

Pelo campo indicial apresentado, as ideologias de linguagem que emergem estão relacionadas à posição de sujeito ouvinte branco. Esse posicionamento ideológico foi identificado nos participantes e na pesquisadora porque está cristalizado a partir de discursos legitimadores que orientam a escuta. Quando os participantes chamam de gíria o que sujeitos racializados produzem linguisticamente, eles estão nessa posição de quem ouve como quem racializa, é institucionalizado, rematiza grupos étnico-raciais e tem uma percepção de como o comportamento linguístico do

falante de inglês deve ser. A posição assumida pela pesquisadora revela uma escuta de alguém que está querendo ouvir pedaços de linguagem como produção linguística do que os participantes consideram gíria e correto. Evidencia também uma escuta que quer ouvir por que o inglês não é valorizado naquele lugar, partindo do pressuposto de que se tem que valorizar o inglês.

Retomando a questão do valor do inglês no espaço fronteiroço Brasil-Guiana, os resultados dialogam com os estudos de mercantilização de linguagem (Heller; Duchêne, 2012), porque indicam uma percepção do recurso linguístico como habilidade técnica com utilidade fora do espaço fronteiroço, se o referente de inglês for aquele que é mais amplamente reconhecido (aquele que se sobrepõe), para, por exemplo, concorrer no programa Jovens Embaixadores, participar de missões das Nações Unidas. Os resultados apontam também para o reconhecimento do inglês como elemento de distinção, mobilizado para serviços de tradução e comunicação, em Bonfim. É uma distinção que produz acesso a certos espaços, sobretudo institucionalizados.

Ainda que os participantes tenham a percepção de que o inglês serve para o que foi mencionado acima, os discursos de lucro não estão legitimados localmente. Em parte, isso se dá porque o discurso de orgulho não está mobilizado para expressar o sentimento de pertencimento de que o Estado-nação necessita para a reconfiguração de orgulho para lucro. Nos dados não há indicação de que a linguagem seja construída como elemento de autenticidade dos participantes guianenses. E no que diz respeito à habilidade técnica, localmente, não é algo expressivamente mobilizado.

6.2 Retomada dos objetivos e contribuições deste estudo

O objetivo primário deste trabalho foi verificar o que dizem falantes de inglês de origem guianense sobre repertórios linguísticos que circulam no mercado sociolinguístico fronteiroço de Bonfim, Brasil e Lethem, Guiana, para examinar e discutir, na perspectiva desses falantes, as configurações dos valores de uso e de troca atribuídos ao inglês percebidos nas ideologias de linguagem observadas e reportadas pelos participantes. Foram identificadas ideologias de linguagem que moldam o campo indicial. As noções de padrão linguístico e desvio operam fortemente entre os participantes e a pesquisadora-participante a partir da idealização de corpos

racializados. Nesse contexto, estão inseridas as representações de falta que direcionam para uma noção de normatividade excludente.

O objetivo secundário (1) foi conhecer o repertório sociolinguístico dos atores sociais dessa fronteira Brasil-Guiana e, também, os valores por eles associados às diversas práticas sociolinguísticas locais, tendo em vista a compreensão sobre quais itens de repertório são destacados ou apagados. Conhecer o repertório foi por um lado imprescindível para a compreensão de valor que esta tese se propôs a investigar, e por outro, foi revelador da ideologia moderno-colonial de língua operante na pesquisadora. Como mencionado na subseção 6.1, as práticas apagadas possuem relação com quem está falando e com a marginalização e desprestígio a elas associadas.

O próximo objetivo secundário (2) foi examinar de que maneira as ideologias de linguagem dos atores sociais da fronteira estão relacionadas às dinâmicas de mobilidade e localidade desses sujeitos e, também, às suas perspectivas quanto ao que consideram centro e periferia. As ideologias de linguagem identificadas e examinadas revelaram que, naquilo que os participantes compreendem como inglês “correto” e que se refere aos itens linguísticos reconhecidos como inglês fora de Bonfim, o uso desses itens é útil para mobilidade espacial (e.g., viajar ou mesmo migrar para países com falantes de língua inglesa) e promove acesso a espaços institucionalizados (e.g., fazer tradução para instituições de ensino e participar do programa Jovens Embaixadores). Naquilo que os participantes consideram “gíria” e “correto” e que se referem aos itens linguísticos reconhecidos como inglês dentro de Bonfim, o uso desses itens é útil para a vida cotidiana na fronteira (e.g., comunicação). A dinâmica de localidade dos participantes não se dá exclusivamente pelas práticas linguísticas locais, e a dinâmica de mobilidade mobiliza ideologias raciolinguísticas.

O outro objetivo secundário foi (3) descobrir que relações podem ser estabelecidas entre as dinâmicas socioeconômicas locais e regionais, as economias políticas locais e regionais-nacionais e as ideologias de linguagem observadas e reportadas pelos participantes com vistas à produção de entendimento fundamentado sobre tais relações, além de também colocar em discussão as relações que pode haver entre as dinâmicas locais e possíveis contradições do capitalismo. Esse objetivo foi alcançado e descrito ao longo dos capítulos da análise quando, pelo campo indicial delineado, identificou-se que o funcionamento das ideologias de linguagem mobilizadas na fronteira é também determinado pela dinâmica socioeconômica local.

Os itens linguísticos do inglês reconhecido em outros espaços possuem valor de troca apenas além dos muros de Bonfim. Ressalto que essa afirmação a respeito do valor de troca do inglês reconhecido em outros espaços é gerada por uma percepção comparativa minha, originada da minha expectativa de valorização desse recurso. Entretanto, os dados mostram que esse inglês, que para mim possui mais reconhecimento em outros espaços, tem o seu valor reduzido no espaço Bonfim-Lethem. Pelo que reportam nas entrevistas, os participantes não sustentam a mesma percepção comparativa e nem a mesma expectativa de valorização. Embora eu não tenha dados de outros cenários para verificar essa valorização, a literatura acadêmica sobre o inglês revisada confirma a valorização — às vezes, supervalorização — fora do escopo Bonfim-Lethem. Localmente, o cenário socioeconômico não requer práticas linguísticas específicas, principalmente, práticas de um referente de inglês específico. E do ponto de vista de trocas econômicas, o referente de inglês local também não é acionado. Essa relação entre ideologias de linguagem mobilizadas localmente e o cenário socioeconômico local revelam o funcionamento da contradição valor de uso e de troca em Bonfim-RR.

Se, nos termos de Harvey (2014), a partir do que propõem os estudos marxistas, para que haja valor de troca é preciso que o valor de uso seja elevado, em Bonfim-RR a configuração não é essa. Para o(s) referente(s) de inglês local (todas as gírias, giros, crioulos usados na fronteira), o valor de uso não é elevado porque a comunicação fica prejudicada, em muitos momentos, pelo sentimento de vergonha, pelo julgamento do sujeito que está usando aquele recurso linguístico. Consequentemente, o valor de troca é zero. Para o(s) referente(s) de inglês que operam tanto na fronteira como nos centros (os itens linguísticos que estão em sobreposição), o valor de uso, na fronteira, é mínimo porque quem fala é, de pronto, desvalorizado por ser sujeito racializado e periférico. E o valor de troca desses itens linguísticos estaria condicionado ao que se pode conseguir com eles fora da fronteira. O reexame desse achado leva a outro: o valor de uso e de troca de qualquer recurso linguístico está diretamente relacionado ao valor que a branquitude determina.

No que se refere às contribuições deste estudo, compreendo que investigar o valor de recursos linguísticos ajuda a repensar dinâmicas e discursos linguísticos cristalizados que operam como difusores de ideologias de linguagem de colonialidade produtoras de desigualdade social. Estudar o valor do inglês, especialmente, contribui para refletir qual ideia de inglês é reforçada, sobretudo por agentes institucionalizados

que viabilizam a perpetuação dessa(s) ideia(s) (e.g., professores de inglês). Tendo em vista o que o inglês tem tido como valoração ao longo dos anos e pela sua classificação de “língua global” de comunicação e de trocas econômicas, os resultados desta pesquisa contribuem para o conjunto de pesquisas críticas sobre o “inglês global” que questionam essa posição e buscam conhecer as motivações para tal classificação. A contribuição emerge de conhecer como grupos de pessoas falantes de inglês em espaços periféricos estão enxergando o inglês, presente em seus repertórios, e se ele tem a mesma expressão “global” que outros grupos em outros espaços lhe atribuem. E não havendo consenso a respeito da visão de globalidade desse recurso, como a visão local de grupos de pessoas específicos (e.g., participantes desta pesquisa) contribui para o reforço dessa globalidade.

Do ponto de vista teórico, os resultados desta pesquisa contribuem para o conjunto de estudos que examinam a relação entre linguagem e economia política e mercantilização da linguagem, na medida em que apontam como cenários periféricos que não estão nas rotas principais da expansão capitalista são pouco afetados, localmente, pelos discursos de lucro. Embora entre os participantes haja certo reconhecimento de que o inglês é o recurso que viabiliza acesso e proporciona mobilidade, a ele não é atribuído tão fortemente o valor simbólico e econômico verificado em outros espaços (e.g., frenesi do inglês na Coréia do Sul, conforme Park e Wee, 2012; Park, 2021). Isso ocorre também porque, diferente do que se observa em Park e Wee (2012, p. 8), os processos de rematização são conformados a partir de uma ideia racializada dos grupos que possuem o inglês no repertório. Isto é, as pessoas que produzem o inglês (seja o referente que for) são racializadas e estigmatizadas, contribuindo assim para o esvaziamento do sentido indicial que o inglês tem em outros espaços, para e com outros sujeitos na interação.

No que tange às limitações deste estudo, do ponto de vista metodológico, compreendo que a observação participante, se feita como inicialmente prevista, poderia ter dado mais subsídios da vivência etnográfica para a pesquisadora. Do ponto de vista teórico, classe social foi algo pouco aprofundando, somente apontado ao longo da análise. Considero que essa seja uma categoria importante para a compreensão de atribuição de valor a recursos linguísticos por pessoas que estejam em espaços periféricos do capitalismo. Nos dados desta pesquisa, elementos de classe social emergiram e foram sinalizados. Contudo, apesar de ter conhecimento dessa intersecção e da relevância de discuti-la, isso chegou muito tardiamente na

minha compreensão e, portanto, é algo que aparece como limitação, mas que também é uma conquista do persistente empreendimento intelectual para compreender o funcionamento do complexo cenário linguístico, com ênfase no inglês, da fronteira Brasil-Guiana.

Do ponto de vista metodológico, uma importante contribuição diz respeito à condução etnográfica, se observados os apontamentos de Pannell (2023) sobre etnografias da comunicação, sobretudo em comunidades negras. Saliento que esta pesquisa não é propriamente uma etnografia da comunicação, mas guarda relações. Muito menos teve como objetivo pesquisar grupos de pessoas racializadas e suas maneiras de falar. Isso foi algo que emergiu durante a realização da pesquisa, enquanto eu seguia os dados. Dei-me conta, não de maneira solitária, de que fiz, ainda que inadvertidamente, uma condução etnográfica vigilante (Pannell, 2023, p. 15), implicitamente capitalizando em cima de representações de falta e discursos de deprivação, algo que queremos e devemos nos distanciar. Desnaturalizar noções e conceitos sobre falantes e, sobretudo, daqueles que são racializados é um caminho para uma etnografia mais respeitosa e antirracista.

Pesquisas futuras podem trazer importantes contribuições se examinarem ideologias de linguagem na sua relação com classe social nessa fronteira. Outras importantes contribuições podem ser feitas se for examinada a dinâmica de localidade dos moradores de Bonfim, e se ela está relacionada à ideia de que falam inglês “gíria” ou mesmo se a orientação política dos grupos racializados ajuda a conformar a ideia que eles reportam sobre os grupos étnico-raciais que habitam na fronteira, bem como a linguagem por eles mobilizada. Pesquisas com participantes guianenses situados em espaços fora da fronteira Brasil-Guiana podem contribuir para o avanço da discussão a respeito do trabalho ideológico da linguagem, a partir de um exame comparativo detido do funcionamento das ideologias de linguagem em outros cenários.

REFERÊNCIAS

- AHMED, Sara. Racialized bodies. **Real bodies: A sociological introduction**, p. 46-63, 2002.
- ALBUQUERQUE, Camila Rodrigues Cavalcanti de. **Áreas de livre comércio: o caso de Boa Vista**. Dissertação (Mestrado Profissional Interinstitucional em Economia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre; Universidade Federal de Roraima, 2011.
- ALLAN, Kori; McELHINNY, Bonnie. Neoliberalism, language and migration. **The Routledge handbook of migration and language**, p. 79-101, 2017..
- ALIM, H. S.; RICKFORD, J. R.; BALL, A. F. (2016). Introducing raciolinguistics. **Raciolinguistics: How language shapes our ideas about race**, 1-30.
- ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.
- ALMEIDA, Silvio Luiz de. Estado, direito e análise materialista do racismo. **Para a Crítica do Direito-Reflexões sobre teorias e práticas jurídicas**, 1, 747-767. 2015.
- ANDERSON, Benedict. **Imagined communities: Reflections on the origin and spread of nationalism**. Verso books, 2006[1983].
- BAINES, Stephen Grant. O movimento político indígena em Roraima: identidades indígenas e nacionais na fronteira Brasil-Guiana. **Caderno CRH**, v. 25, p. 33-44, 2012.
- BIERNACKI, Patrick; WALDORF, Dan. Snowball sampling: Problems and techniques of chain referral sampling. **Sociological methods & research**, v. 10, n. 2, p. 141-163, 1981.
- BLOCK, David. Political economy in applied linguistics research. **Language Teaching**, v. 50, n. 1, p. 32-64, 2017a
- BLOCK, David. Social class in migration, identity, and language research. In: **The Routledge handbook of migration and language**. Routledge, 2017b. p. 133-148.
- BLOCK, David. **Political economy and sociolinguistics: Neoliberalism, inequality and social class**. Bloomsbury publishing, 2018a.
- BLOCK, David. What on Earth is 'Language Commodification'? In B. Schmenk, S. Breidbach & L. Küster (Ed.), **Slogonization in Language Education Discourse: Conceptual Thinking in the Age of Academic Marketization** (pp. 121-141). Bristol, Blue Ridge Summit: Multilingual Matters. 2018b
<https://doi.org/10.21832/9781788921879-008>

BLOCK, David; GRAY, John; HOLBOROW, Marnie. **Neoliberalism and applied linguistics**. Routledge, 2012.

BLOMMAERT, Jan; BACKUS, Ad. Superdiverse repertoires and the individual. In: **Multilingualism and multimodality**. Brill, 2013. p. 9-32.

BLOMMAERT, Jan. From mobility to complexity in sociolinguistic theory and method. **Sociolinguistics: Theoretical Debates**, ed. Nikolas Coupland. 242–259. 2016. doi:10.1017/CBO9781107449787.012

BLOMMAERT, J.; RAMPTON, B. Language and Superdiversity. **Diversities**, 13(2), 1-21. 2011. (http://newdiversities.mmg.mpg.de/?page_id=2056)

BLOMMAERT, Jan. **The sociolinguistics of globalization**. Cambridge University Press, 2010. (doi:10.1017/CBO9780511845307)

Bonfim e Lethem se unem contra tráfico de pessoas. *Folha de Boa Vista*, Boa Vista. 19 de out. de 2018. Disponível em: <<https://folhabv.com.br/noticia/Bonfim-e-Lethem-se-unem-contratrafico-de-pessoas-/45223>> Acesso em: 30 de out. 2019.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica do julgamento**. Tradução Daniela Kern e, 2017.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Linguísticas: o que falar quer dizer**. Pierre Bourdieu. Prefácio Sergio Miceli, v. 2, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Editora Bertrand Brasil S.A. 1989.

BRAGA, Ana Paula Araújo. **Afro-guianenses em Boa Vista: língua, religião e arte**. (Mestrado em Sociedade e Fronteiras). Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras. UFRR, Boa Vista, 2016.

BUSCH, Brigitta. The linguistic repertoire revisited. **Applied linguistics**, v. 33, n. 5, p. 503-523, 2012. <https://doi.org/10.1093/applin/ams056>

BUSCH, Brigitta. Expanding the notion of the linguistic repertoire: On the concept of Spracherleben—The lived experience of language. **Applied Linguistics**, v. 38, n. 3, p. 340-358, 2017. <https://doi.org/10.1093/applin/amv030>

BRITO, Maria Lúcia da Silva. **Raízes e rumos: reflexões sobre identidades de guianenses em Boa Vista-Roraima**. 2012. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Letras).

BRITO, Maria Lúcia da Silva (2019). **Vozes dos silêncios: narrativas de jovens filhos de imigrantes guianenses em Boa Vista-RR**. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação. Programa de Pós-graduação em Educação. 2019.

CATANI, A.M. **O que é capitalismo**. Coleção Primeiros Passos. 18ª edição. Editora Brasiliense S/A - São Paulo/SP. 1985.

CAVLAK, Iuri. **História Social da Guiana**. Editora Autografia / UNIFAP. 1ª edição. Rio de Janeiro, 2016.

CAVLAK, Iuri. A história do Norte da América do Sul: Brasil, Guianas e Suriname. **ANPUH - XXVII Simpósio Nacional de História**. Nata- RN, 2013.

CAVLAK, Iuri. Aspectos do desenvolvimento político e econômico da Guyana. **Revista Política e Planejamento Regional**, v. 1, n. 2, p. 237-256, 2014.

CHUN, Christian W. **The discourses of capitalism: Everyday economists and the production of common sense**. Taylor & Francis, 2017.
<https://doi.org/10.4324/9781315751290>

CONCEIÇÃO, Janaína Vianna da. **Eles nos deram um rascunho da história, mas nós temos que passar a limpo: letramentos e identidades racializadas na escola e em outros espaços**. Tese de doutorado - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2023.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE (CNS). **Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016**. Disponível em: <
http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2016/res0510_07_04_2016.html>.
Acesso em: 10 ago. 2019.

DALMACIO, Flavia Zoboli; IWAGASE, Laislla Obara. Uma análise do efeito carona (Free-Riding), num ambiente de shopping center, em período promocional de vendas. **Revista Catarinense da Ciência Contábil**, v. 17, n. 52, p. 84-100, 2018.

DANNS, George K. The impact of identity, ethnicity and class on Guyana's strategic culture. **American International Journal of Contemporary Research**, v. 4, n. 11, p. 65-77, 2014.

DE LISSER, T. N.; WILKINSON, C. Attitudes of hinterland and Coastland teachers towards Guyanese creole. **The Journal of Education and Humanities**, Vol.3, p. 71-91. 2020.

DEL PERCIO, Alfonso; FLUBACHER, Mi-Cha; DUCHÊNE, Alexandre. Language and political economy. **The Oxford handbook of language and society**, p. 55-76, 2017.

DEVONISH, H. The language heritage of the Caribbean: Linguistic genocide and resistance. **Glossa**. Vol 5, No. 1: 1 - 26. 2010.

DEVONISH, H.; THOMPSON, D. Guyanese creole (Creolese). **The Mouton World Atlas of Variation in English**, edited by Bernd Kortmann, and Kerstin Lunkenheimer, De Gruyter, Inc., 2012.

DEVONISH, H.; THOMPSON, D. Creolese. In: Michaelis, Susanne Maria & Maurer, Philippe & Haspelmath, Martin & Huber, Magnus (eds.) **The survey of pidgin and**

creole languages. Volume 1: English-based and Dutch-based Languages. Oxford: Oxford University Press. 2013.

DUCHÊNE, Alexandre. Multilingualism: An insufficient answer to sociolinguistic inequalities. **International Journal of the Sociology of Language**, v. 2020, n. 263, p. 91-97, 2020.

DUCHÊNE, Alexandre; HELLER, Monica (Ed.). **Language in late capitalism: Pride and profit**. Routledge, 2012.

DUCHÊNE, Alexandre; HELLER, Monica (Ed.). **Discourses of endangerment: Ideology and interest in the defence of languages**. A&C Black, 2008.

ELANGO, Vidhya; COUTINHO, Isabella; LIMA, Suzi. **A language vitality survey of Macuxi, Wapichana, and English in Serra da Lua, Roraima (Brazil)**. 2018.

ETIKAN, Ilker; ALKASSIM, Rukayya; ABUBAKAR, Sulaiman. Comparison of snowball sampling and sequential sampling technique. **Biometrics and Biostatistics International Journal**, v. 3, n. 1, p. 55, 2016.

FARIAS, M. V. de A.; SILVA, P. R. de F. Espaços fronteiriços e integração: a importância das cidades na fronteira Brasil – República Cooperativista da Guiana. IN: FILHO, A. R.; NETA, L. C. B. (org.). **Bonfim: um olhar geográfico**. Boa Vista: Editora da UFRR. 260p. (Coleção Paisagem e Território Amazônico; v. 1) p. 235-254. 2013.

FLORES, Nelson. From academic language to language architecture: Challenging raciolinguistic ideologies in research and practice. **Theory into Practice**, v. 59, n. 1, p. 22-31, 2020.

FLORES, Nelson L. Translanguaging into raciolinguistic ideologies: A personal reflection on the legacy of Ofelia García. **Journal of Multilingual Education Research**, v. 9, n. 1, p. 5, 2019.

FLORES, Nelson; LEWIS, Mark C.; PHUONG, Jennifer. Raciolinguistic chronotopes and the education of Latinx students: Resistance and anxiety in a bilingual school. **Language & Communication**, v. 62, p. 15-25, 2018.

FONSECA, Natália Barroncas da. **Construção identitária de alunos guianenses que estudam em Bonfim-RR**. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Letras). Boa Vista: 2015.

FONSECA, Natália Barroncas da. Repertório linguístico reconfigurado para lucro no caso Joel Santana. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 60, p. 379-394, 2021.

FRANK, Nelita. **A experiência de mulheres indígenas Wapichana e Macuxi em deslocamentos na fronteira Brasil-Guyana: um estudo sobre gênero e narrativas autobiográficas**. Dissertação de mestrado. Boa Vista: 2014.

FRIES, Alana. **Ideologias de linguagem na modernidade recente: o que dizem estudantes multilíngues de uma universidade no Sul do Brasil**. Dissertação de mestrado. Porto Alegre: 2020.

GAL, Susan. Language and political economy. **Annual Review of Anthropology**, v. 18, n. 1, p. 345-367, 1989. <http://www.jstor.org/stable/2155896>

GAL, Susan. Sociolinguistic regimes and the management of “diversity”. **Language in late capitalism: Pride and profit**, v. 1, p. 22-37, 2012.

GAL, Susan. Language and political economy: An afterword. **HAU: Journal of Ethnographic Theory**, v. 6, n. 3, p. 331-335, 2016.

GAL, Susan; IRVINE, Judith T. **Signs of difference: Language and ideology in social life**. Cambridge University Press, 2019. doi:10.1017/9781108649209

GARCEZ, Pedro de Moraes; BULLA, Gabriela Da Silva; LODER, Leticia Ludwig. Práticas de pesquisa microetnográfica: geração, segmentação e transcrição de dados audiovisuais como procedimentos analíticos plenos. **DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**, v. 30, p. 257-288, 2014.

GARCEZ, Pedro de Moraes; JUNG, Neiva Maria. Mercantilização da linguagem no capitalismo recente: diversidades e mobilidades. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 60, p. 338-346, 2021.

GRAAN, Andrew. Introduction: Language and political economy, revisited. **HAU: Journal of Ethnographic Theory**, v. 6, n. 3, p. 139-149, 2016. <<https://www.haujournal.org/index.php/hau/article/view/hau6.3.013>>. Acesso em: 02 de maio 2022. doi:<https://doi.org/10.14318/hau6.3.013>.

Guianense é preso acusado de contrabando de roupas, brinquedos e remédios. **Boa Vista Já**, Boa Vista, 20 de jan. de 2019. Disponível em: <<http://boavistaja.com/local/2019/01/20/guianense-e-preso-acusado-de-contrabando-de-roupas-brinquedos-e-remedios/>> Acesso em: 30 de out. 2019.

GUMPERZ, John Joseph. Introduction. In: **Directions in sociolinguistics - The ethnography of communication**. Edited by John J. Gumperz; Dell Hymes. Holt, Rinehart and Winston, Inc. 1972.

HARVEY, David. **Seventeen contradictions and the end of capitalism**. Oxford University Press, USA, 2014.

HELLER, Monica. Globalization, the new economy, and the commodification of language and identity. **Journal of sociolinguistics**, v. 7, n. 4, p. 473-492, 2003..

HELLER, Monica. Language and the nation-state: Challenges to sociolinguistic theory and practice. **Journal of sociolinguistics**, v. 12, n. 4, p. 504-524, 2008.

HELLER, Monica. The commodification of language. **Annual review of Anthropology**, v. 39, p. 101-114, 2010.

HELLER, Monica. **Paths to post-nationalism: A critical ethnography of language and identity**. Oxford University Press, 2011.

HELLER, Monica; DUCHÊNE, Alexandre. (2012). Pride and profit: Changing discourses of language, capital and nation-state. In A. Duchêne & M. Heller (Orgs.), **Language in late capitalism: Pride and profit** (pp. 1-21). Routledge. 2012.

HELLER, Monica; DUCHÊNE, Alexandre. Treating language as an economic resource: Discourse, data and debate. **Sociolinguistics: Theoretical debates**, v. 139, p. 156, 2016.

HELLER, Monica; MCELHINNY, Bonnie. **Language, capitalism, colonialism: Toward a critical history**. University of Toronto Press, 2017.

HELLER, Monica; PIETIKÄINEN, Sari; PUJOLAR, Joan. **Critical sociolinguistic research methods: Studying language issues that matter**. Routledge, 2018.

HOLBOROW, Marnie. **Language and neoliberalism**. Routledge, 2015.

HOLBOROW, Marnie. **The politics of English: A marxist view of language**. SAGE Publications Ltd. 1999. <https://dx.doi.org/10.4135/9781446218501>

INOUE, Miyako. **“Shake well before using”: The dialectics of Michael Silverstein (1945–2020)**. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Panorama da população de Bonfim**. 2023. Disponível em:< <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rr/bonfim/panorama>> Acesso em: 30 set. 2023.

IRVINE, Judith T. When talk isn't cheap: Language and political economy. **American ethnologist**, v. 16, n. 2, p. 248-267, 1989. <http://www.jstor.org/stable/645001>

IRVINE, J. T.; SUSAN, G. Language Ideology and Linguistic Differentiation. In Paul V. Kroskrity (ed.), **Regimes of language: Ideologies, politics, and identities**, 35–85. Santa Fe: University of New Mexico Press. 2000.

IRVINE, Judith T. Revisiting theory and method in language ideology research. **Journal of Linguistic Anthropology**, v. 32, n. 1, p. 222-236, 2022. DOI: 10.1111/jola.12335

JAFFE, Alexandra. Comic performance and the articulation of hybrid identity. **Pragmatics. Quarterly Publication of the International Pragmatics Association (Ipra)**, v. 10, n. 1, p. 39-59, 2000. DOI: <https://doi.org/10.1075/prag.10.1.02jaf>

JOHN, Tamanisha J. Guyana: Myth of capitalist resource extraction as development. **The Extractive Industries and Society**, v. 17, p. 101416, 2024.

KELLY-HOLMES, Helen; PIETIKÄINEN, Sari. The peripheral multilingualism lens: A fruitful and challenging way forward. **Multilingualism and the periphery**, p. 222-227, 2013.

KROSKRITY, P.V. (ed.). **Regimes of language: Ideologies, politics, and identities**. Santa Fe, NM: University of New Mexico Press. 2000.

KROSKRITY, P. V. Language Ideologies. IN: **A Companion to Linguistic Anthropology**. Edited by Alessandro Duranti. p. 496-517. 2005.
<https://doi.org/10.1002/9780470996522.ch22>

LÊNIN, Vladimir Ilitch. Imperialismo, estágio superior do capitalismo: ensaio popular. São Paulo: Expressão Popular, 2012. **O Estado e a revolução. São Paulo: Expressão Popular**, 2010. ISBN 978-85-88208-40-7

LIMA, Erick Cavalcanti Linhares. **Política externa do vizinho distante: estudo de caso da República Cooperativa da Guiana**. 2011.

LIMA, Fernanda Sousa. **Professores em formação no contexto de fronteira Brasil/Guyana: representações sobre a língua inglesa**. 2015. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Letras - UFRR).

LUZ, Débora Silva Brito da. **Reflexões sobre linguagem e identidade de maranhenses residentes em Boa Vista-RR**. 2013. Dissertação de Mestrado. Boa Vista, 2013.

MARTINO, Gildete Nunes de Sousa. **Educação na fronteira: desafios e perspectivas da educação escolar na fronteira Brasil-Guiana**. Dissertação de mestrado. Boa Vista: 2016.

MARTINS, José de Souza. **Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano**. 1997.

MASON, Jennifer. Qualitative researching. **Qualitative researching**, p. 1-288, 2002.

MAJOR, Andrea. 'Hill Coolies': Indian Indentured Labour and the Colonial Imagination, 1836–38. **South Asian Studies**, v. 33, n. 1, p. 23-36, 2017.

MAKONI, Sinfree; PENNYCOOK, Alastair. Disinventing and (re) constituting languages. **Critical Inquiry in Language Studies: An International Journal**, v. 2, n. 3, p. 137-156, 2005. DOI: 10.1207/s15427595cils0203_1

MAKONI, Sinfree; PENNYCOOK, Alastair (Ed.). **Disinventing and reconstituting languages**. Multilingual Matters, 2007.

McELHINNY, Bonnie. Language and political economy. In: **The Routledge handbook of linguistic anthropology**. Routledge, 2015. p. 279-300.
<https://doi.org/10.4324/9780203492741>

McELHINNY, Bonnie; HELLER, Monica. The Linguistic Intimacy of Five Continents. **The Oxford Handbook of Language and Race**, p. 131, 2020.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. Introduction: Linguistic ideology: How Portuguese is being discursively constructed in late modernity. In: **Global Portuguese**. Routledge, 2014. p. 1-26.

NERO, Shondel J. English is my native language... or so I believe. **TESOL quarterly**, v. 31, n. 3, p. 585-593, 1997.

NERO, Shondel J. The changing faces of English: A Caribbean perspective. **Tesol Quarterly**, v. 34, n. 3, p. 483-510, 2000. <https://www.jstor.org/stable/3587740>

NERO, Shondel. Language, identity, and education of Caribbean English speakers. **World Englishes**, v. 25, n. 3-4, p. 501-511, 2006.

OLIVEIRA, Reginaldo Gomes de. **A herança dos descaminhos na formação do Estado de Roraima**. São Paulo, FFLCH, USP, 2003. Tese de Doutorado.

OLIVEIRA, R. V. de; BETHONICO, M. B. de M. Fatores históricos de ocupação e evolução demográfica do município de Bonfim - RR. IN: FILHO, A. R.; NETA, L. C. B. (org.). **Bonfim: um olhar geográfico**. Boa Vista: Editora da UFRR, 2013. 260p. (Coleção Paisagem e Território Amazônico; v. 1) p. 123-140.

O'REGAN, John P. **Global English and political economy**. Routledge, 2021. <https://doi.org/10.4324/9781315749334>

ORTIZ, Sandra Milena Palomino. IDENTIDADE RELIGIOSA E LINGUISTICA DE GUIANESES NA CIDADE DE BOA VISTA-RR. **Fórum de Integração Ensino, Pesquisa, Extensão e Inovação Tecnológica do IFRR-e-ISSN 2447-1208**, v. 3, n. 1, 2016. https://periodicos.ifrr.edu.br/index.php/anais_forint/article/view/630

PANNELL, Justin Lance. Plays with words: Fungible (ly) fugitive Black sound in ethnographies of communication. **Language in Society**, p. 1-22, 2023.

PARK, Joseph Sung-Yul. **In pursuit of English: Language and subjectivity in neoliberal South Korea**. Oxford University Press, 2021.

PARK, Joseph Sung-Yul; WEE, Lionel. Nation-state, transnationalism, and language. **The Routledge handbook of migration and language**, p. 47-62, 2017.

PARK, Joseph Sung-Yul; WEE, Lionel. **Markets of English: Linguistic capital and language policy in a globalizing world**. Routledge, 2013.

PEREIRA, Mariana Cunha. Reconstruções Identitárias em Sociedades Plurais: os povos da fronteira Brasil-Guiana. **Revista reflexão e ação**, v. 18, n. 1. 2010. <https://doi.org/10.17058/rea.v18i1.1305>

PEREIRA, Mariana Cunha. The memory of brazilians and guyanese about the rupununi uprising in the frontier Brazil-Guyana. **Textos e Debates**, n. 28, p. 1-2, 2015.

MACHADO, Ananda; PEREIRA, Jama Peres. Diagnóstico sociolinguístico nas escolas municipais após a sanção à Lei 211/2014, que cooficializou as línguas indígenas na sede do Município de Bonfim, Roraima. **Tellus**, p. 137-161, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.20435/tellus.v19i40.628>

McGILL, Kenneth. **Political economy and language: A review of some recent literature**. 2013.

PIETIKAINEN, Sari; KELLY-HOLMES, Helen. Multilingualism and the periphery. Nova York: Oxford, 2013. IN: PIETIKÄINEN, S.; KELLY-HOLMES, H. (orgs.). **Multilingualism and the periphery**. Nova York: Oxford, p. 1-16. 2013.

Produtores de RR organizam abertura oficial da colheita do arroz irrigado. **G1 Roraima**. Boa Vista. 21 de jan. de 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2015/01/produtores-de-rr-organizam-abertura-oficial-da-colheita-do-arroz-irrigado.html>> Acesso em: 30 de out. 2019.

PRUDENTE, Mabel Pettersen. **As línguas wapichana, macuxi, português, inglês, creolese e espanhol nos cenários sociolinguísticos fronteiriços do Brasil com a República Cooperativa da Guiana**. Tese de doutorado. Goiás: 2019.

RAMALHO, Paulina Onofre. **Lugar de memória: o plano urbanístico de Boa Vista-RR**. 2012. 99 p. 2012. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado)—Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro.

RAPOZO, Pedro; SILVA, Manuel Carlos. As políticas de Modernização e Desenvolvimento na Amazônia brasileira: Olhares sobre o discurso e a questão ambiental contemporânea. **Configurações. Revista Ciências Sociais**, n. 11, p. 67-76, 2013.

REYES, Angela. Coloniality of Mixed Race and Mixed. **The oxford handbook of language and race**, p. 186, 2020.

RICKFORD, John R. **Raciolinguistics: How language shapes our ideas about race**. Oxford University Press, 2016.

ROBICHAUD, David; DE SCHUTTER, Helder; SPOLSKY, Bernard. **Language is just a tool! On the instrumentalist approach to language**. 2012.

ROCHA, Ribamar. Receita aberta cerco de fiscalização na fronteira. **Folha de Boa Vista**, Boa Vista, 24 de abr. de 2019. Disponível em: <<https://folhabv.com.br/noticia/CIDADES/Capital/Receita-aperta-cerco-de-fiscalizacao-na-fronteira/52580>>. Acesso em: 30 de out. de 2019

ROJO, Luisa Martín; DEL PERCIO, Alfonso. Neoliberalism, language, and governmentality. **Language and neoliberal governmentality**, p. 1-25, 2019.

ROSA, Jonathan; FLORES, Nelson. Unsettling race and language: Toward a raciolinguistic perspective. **Language in society**, v. 46, n. 5, p. 621-647, 2017.

ROSA, Jonathan; FLORES, Nelson. Reimagining race and language. **The Oxford handbook of language and race**, p. 90, 2020.

RUBDY, Rani; TUPAS, Ruanni; SARACENI, Mario (Ed.). **Bloomsbury World Englishes Volume 2: Ideologies**. Bloomsbury Publishing, 2021.

RUMSEY, Alan. Wording, meaning, and linguistic ideology. **American anthropologist**, v. 92, n. 2, p. 346-361, 1990.

SANTOS, Nelvio Paulo Dutra; OLIVEIRA, Reginaldo Gomes de; SENHORAS, Elói Martins. O CONTENTIOSO RORAIMA GUIANA SOBRE A PONTE DO RIO TACUTU. **EXAMĀPAKU (revista descontinuada)**, v. 2, n. 2, 2009. Disponível em <<https://revista.ufrr.br/examapaku/article/view/1486> > Acesso em: 1 ago. 19.

SANTOS, Joel Nascimento dos. **IMPLICAÇÕES DO CODE-SWITCHING NO ENSINO-APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA EM UMA ESCOLA DA FRONTEIRA LETHEM (GY) / BONFIM (BR)**. Dissertação, Universidade Federal de Roraima. Boa Vista, p. 98 (Mestrado em Letras), Boa Vista, 2019.

SCHIEFFELIN, Bambi B.; WOOLARD, Kathryn A.; KROSKRITY, Paul V. (Ed.). **Language ideologies: Practice and theory**. Oxford University Press, 1998.

SENHORAS, Elói Martins; VERAS, A. T. de R.; SILVA, P. R. de F. A geografia das relações internacionais de cidades-gêmeas: um estudo de caso na zona transfronteiriça Brasil-Guiana. IN: **Governabilidade e fronteira: os desafios amazônicos**. Organizador, Américo Alves de Lyra Junior. – Boa Vista: Editora da UFRR, p. 165-190. 2012.

SILVA, Carlos Alberto Borges da. **A Revolta do Rupununi: uma etnografia possível**. 2005. Tese de Doutorado. [sn].

SILVA, Daniel do Nascimento. “Favela não se cala”: mercantilização, materialidade e ideologia da linguagem na cooperação transperiférica. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 60, p. 439-454, 2021.

SILVA, Paulo Rogério de Freitas. **Dinâmica territorial urbana em Roraima – Brasil**. Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. - São Paulo, 2007.

SILVA, Paulo Rogério de Freitas. As Cidades Gêmeas na Fronteira Brasil–República Cooperativista da Guiana. **Revista Contexto Geográfico**, v. 2, n. 3, p. 10-21, 2017.

SILVERSTEIN, Michael et al. Language structure and linguistic ideology. **The elements: A parsession on linguistic units and levels**, v. 193, p. 247, 1979.

SILVERSTEIN, Michael. Language and the culture of gender: At the intersection of structure, usage, and ideology. In: **Semiotic mediation**. Academic Press, 1985. p. 219-259.

SIGNORINI, Inês. Política, língua portuguesa e globalização. **O português no século XXI: cenário geopolítico e sociolinguístico**. São Paulo: Parábola, p. 74-100, 2013.

SIMÕES, Sulamita Oliveira. **Dinâmica das cidades-gêmeas da fronteira Guyana (Lethem–Brasil (Bonfim) e a questão aduaneira/tributária**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Roraima. Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras. Boa Vista: 2014.

SOUSA, N. Disputa pelo contrabando e comércio de alho chinês em Roraima resulta em outros crimes. **Roraima em tempo**, Boa Vista, 22 de ago. de 2019. Disponível em: <<https://roraimaemtempo.com/ultimas-noticias/disputa-pelo-contrabando-e-comercio-de-alho-chines-em-roraima-resulta-em-outros-crimes,317681.jhtml>>. Acesso em: 30 de out. de 2019.

SOUZA, Carla Monteiro de. **Do Chuí ao Oiapoque**: migrações de gaúchos para Roraima. Dissertação de Mestrado em História. PPGH/PUCRS. Porto Alegre: 1997.

SOUZA, Carla Monteiro de. **História, memória e migração: processos de territorialização e estratégias de inserção entre migrantes gaúchos radicados em Roraima**. 2004. 301 f. 2004. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS.

SOUZA, Carla Monteiro. Gaúchos em Roraima: memória, regionalismo e identidade. **Estudos Ibero-Americanos**, v. 32, n. 1, 2006.

SOUZA, Carla Monteiro de. Boa Vista/RR e as migrações: mudanças, permanências, múltiplos significados. **Acta Geográfica**, v. 3, n. 5, p. 39-62, 2009.

SOUZA, Janaína Moreira Pacheco De. **Representações sociais de professores de Língua Portuguesa e Inglesa sobre o bilinguismo em escolas no município de Bonfim - fronteira Brasil/Guiana Inglesa**. Dissertação de mestrado. Universidade Estácio de Sá. Rio de Janeiro, (Mestrado em Educação), Rio de Janeiro, 2014.

SOUZA, Janaína Moreira Pacheco de; LIMA, Rita de Cássia Pereira. **Representações sociais de professores de língua portuguesa e inglesa sobre o bilinguismo em escolas no município de Bonfim-fronteira Brasil/Guiana Inglesa**. Revista Educação e Cultura Contemporânea, v. 11, n. 24, p. 164-191, 2014.

SU, Hsi-Yao. Politeness as signs of difference: Semiotic differentiation and identity among Taiwanese in China. **Journal of Sociolinguistics**, v. 27, n. 1, p. 66-86, 2022.

URCIUOLI, Bonnie. Skills and selves in the new workplace. **American ethnologist**, v. 35, n. 2, p. 211-228, 2008.

URCIUOLI, Bonnie. The compromised pragmatics of diversity. **Language & communication**, v. 51, p. 30-39, 2016. ISSN 0271-5309, <https://doi.org/10.1016/j.langcom.2016.07.005>.

URCIUOLI, Bonnie. Skills and selves in the new workplace. **American ethnologist**, v. 35, n. 2, p. 211-228, 2008.

VALE, Ana Lia Farias. O “Ceará” em Roraima-migração de cearenses: 1980-1999. **Jaboticabal: Funep**, 2005.

VALE, Ana Lia Farias. **Migração e Territorialização: as dimensões territoriais dos Nordestinos em Boa Vista/RR**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2007.

VALE, Ana Lia Farias. **Nordeste em Roraima: migração e territorialização dos nordestinos em Boa Vista**. Editora UFRR, EDUFRR, 2014.

VERAS, Antonio Tolrino de Resende. **A produção do espaço urbano de Boa Vista-Roraima**. Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana. Universidade de São Paulo, 2007. (Tese Doutorado).

VESSEY, Rachele. Nationalist language ideologies in tweets about the 2019 Canadian general election. **Discourse, Context & Media**, v. 39, p. 100447, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.dcm.2020.100447>

VITAL, Nicholas. O drama dos arrozeiros de Roraima. **Dinheiro Rural**, v. 12, p. 12, 2016. Disponível em: <<https://www.dinheiorural.com.br/secao/agroeconomia/o-drama-dos-arrozeiros-de-roraima>> Acesso em: 30 de out. 2019.

WIRTZ, Kristina. Racializing Performances in Colonial Time-Spaces. **The oxford handbook of language and race**, 2020, p. 208-229.

WOOLARD, Kathryn A. Introduction: Language ideology as a field of inquiry. **Language ideologies: Practice and theory**, v. 3, n. 11, p. 1-50, 1998.

WOOLARD, Kathryn A. (2020). Language ideologies. In J. Stanlaw (Org.) **The international encyclopedia of linguistic anthropology** (pp. 1-20).

WOOLARD, Kathryn A.; SCHIEFFELIN, Bambi B. Language ideology. **Annual review of anthropology**, v. 23, n. 1, p. 55-82, 1994. (<https://www.jstor.org/stable/2156006>)

WRIGHT, Erik Olin. **Como ser anticapitalista no século XXI?**. Boitempo Editorial, 2019.

WRIGHT, Erik Olin. **Understanding class**. verso books, 2015.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTAS

Parte I - Dados demográficos

Solicitar que o participante se apresente.

Você poderia falar um pouco sobre você?

Você mora com quem?

(Se morador (a) de Bonfim), há quanto tempo você está em Bonfim?

(Se morador (a) de Lethem), há quanto tempo você está em Lethem? O que te traz a Bonfim?

Parte II – Trajetória de vida

Você poderia falar um pouco sobre o lugar onde você nasceu, onde você cresceu e onde você mora?

Você poderia falar um pouco da história da sua família (avós, pais), de onde eles eram e com o que trabalham (trabalharam)?

O que trouxe a sua família para Bonfim (ou Lethem)?

Parte III - Repertório Linguístico

Você poderia contar um pouco sobre como eram as conversas na sua casa?

Como você percebia que seus (avós, pais) conversavam? Em quais línguas as conversas acontecem (aconteciam)?

Nas conversas em casa, com parentes, que línguas você utilizava?

Nas conversas com outras pessoas do seu convívio (amigos), em quais línguas você se comunica?

Você tem preferência por falar alguma língua? Por quê?

Você se lembra de alguma situação em que acharam ruim te ouvir falar alguma língua?

Teve alguma situação em que você recebeu elogios por falar alguma língua? Qual?

Já percebeu alguém sendo envergonhado ou elogiado por falar alguma língua?

Que línguas você percebe que as pessoas falam aqui em Bonfim? E no seu local de trabalho? E em outros lugares de convivência (restaurantes, praça, igreja, lanchonete, rodoviária)?

Tem alguma língua que você gostaria de aprender? Por quê?

Tem alguma língua que você não gosta? Por quê?

(Para quem mora em Bonfim) Quando você vai a Lethem, em quais línguas você costuma se comunicar? Por quê?

No seu ambiente de trabalho você costuma se comunicar em qual língua? Por quê?

Parte IV – Valores atribuídos aos diversos repertórios

Quais são as oportunidades de emprego em Bonfim? Em Lethem?

O que é necessário para conseguir emprego em Bonfim? Em Lethem? E em outro lugar? Precisa ter conhecimento de alguma língua?

Você acha que existe alguma vantagem em aprender outras línguas? Quais?

No dia a dia, o que você acha que é mais importante para as pessoas conseguirem se comunicar?

Você acha que falar muitas línguas é importante? Por quê?

Você acha que falar inglês te dá algum diferencial? E o português?

Existe algum lugar que falar inglês faz alguma diferença? Em que lugar? Pra quem faz diferença?

O que você acha das línguas indígenas?

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado a participar desta pesquisa, intitulada “Ideologias de linguagem no capitalismo tardio: valor do inglês na fronteira Brasil-Guiana”, que tem por objetivo conhecer o que dizem falantes de inglês de origem guianense sobre os repertórios linguísticos que circulam no mercado sociolinguístico fronteiro de Bonfim, Brasil e Lethem, Guiana. Para isso, caso concorde, você participará de encontros pré-agendados conforme a sua conveniência, via plataformas digitais. Nesses encontros, você será entrevistado para contar sobre sua história de vida, de sua família e de suas comunidades. Os tópicos centrais desta pesquisa envolvem: repertório linguístico dos moradores da fronteira Brasil-Guiana, valorização ou desvalorização de línguas, migração, dinâmicas socioeconômicas locais e regionais.

Os encontros não vão tomar muito do seu tempo. Entretanto, caso a interação se estenda a ponto de se tornar cansativa ou inconveniente, basta você solicitar o encerramento do encontro. Os encontros vão ser gravados em áudio e vídeo, e você pode requisitar uma cópia da gravação. As observações e registros do pesquisador vão ser utilizados para a realização de diários de campo e transcrições, que por sua vez vão tornar possível a documentação e análise dos dados gerados. De modo a preservar a sua privacidade e a confidencialidade de informações pessoais durante todas as fases da pesquisa, os participantes, instituições e locais vão ser referidos por nomes fictícios nos relatos de pesquisa, e os registros audiovisuais, caso venham a ser reproduzidos, vão ser tratados para que o seu rosto e a sua voz não possam ser facilmente reconhecidos. A gravação das entrevistas será salva em computador local para minimizar riscos de quebra de sigilo.

Sua participação é voluntária e gratuita, o que quer dizer que você não terá gastos, nem receberá remuneração. Não há benefícios diretos para você decorrentes desta pesquisa. Contudo, os resultados vão contribuir para a compreensão sobre os valores atribuídos aos repertórios linguísticos que circulam no mercado sociolinguístico fronteiro de Bonfim, Brasil, e Lethem, Guiana, especialmente quando divulgados à comunidade acadêmica.

Você poderá desistir de participar da pesquisa, a qualquer momento, sem que isso lhe cause qualquer prejuízo. Como participante, você autoriza a divulgação dos resultados da pesquisa entre a comunidade acadêmica em geral por meio de publicações em revistas, apresentação em eventos acadêmicos e outras formas de divulgação.

Caso você tenha alguma dúvida, deseje esclarecimentos sobre o estudo, por favor, entre em contato com o pesquisador responsável:

Prof. Pedro de Moraes Garcez

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

Prédio Administrativo do Instituto de Letras – Sala 203 – Campus do Vale Av. Bento Gonçalves, 9500 – 91540-000 – Porto Alegre, RS

Telefone: (51) 3308-7080

E-mail: pedrom.garcez@ufrgs.br

Este projeto de pesquisa foi examinado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. As dúvidas e esclarecimentos relacionados aos seus direitos e participação nesta pesquisa podem ser tratados com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS):

Comitê de Ética em Pesquisa/UFRGS

Prédio da Reitoria – 2º andar – Campus Central

Av. Paulo Gama, 110 – 90040-060 -- Porto Alegre, RS Telefone: (51) 3308- 3738

E-mail: etica@propesq.ufrgs.br

Para que fique registrado o seu consentimento em participar da pesquisa, responda a esta mensagem através da gravação de um áudio ou de um vídeo. Por favor, ao gravá-lo leia o texto que segue abaixo, dizendo seu nome completo, data (dia, mês, ano), afirmando que aceita participar desta pesquisa concordando com os termos apresentados.

Eu, **(seu nome completo)**, data completa **(dia, mês e ano)** fui informado(a) dos objetivos da pesquisa **Ideologias de linguagem no capitalismo tardio: valor do inglês na fronteira Brasil-Guiana**. Estou ciente de que a qualquer momento posso solicitar novas informações e também modificar minha decisão de participar. Entendo que o texto presente nesta mensagem me convida a participar da pesquisa e esclarece minhas dúvidas. Declaro que concordo com os termos apresentados no texto de apresentação e concordo em participar da pesquisa de doutorado da estudante Natália Barroncas da Fonseca.

APÊNDICE C – CONVENÇÕES DE TRANSCRIÇÃO

.	(ponto final)	entonação descendente
?	(ponto de interrogação)	entonação ascendente
,	(vírgula)	entonação de continuidade
↑	(seta para cima)	mais agudo
↓	(seta para baixo)	mais grave
palav-	(hífen)	marca de corte abrupto
pala::vra	(dois pontos)	prolongamento do som (maior duração)
pal <u>av</u> ra	(sublinhado)	sílaba ou palavra enfatizada
PALAVRA	(maiúsculas)	intensidade maior (“volume” alto)
°palavra°	(sinais de graus)	intensidade menor (“volume” baixo)
>palavra<	(sinais de maior do que e menor do que)	fala acelerada
<palavra>	(sinais de menor do que e maior do que)	fala desacelerada
hh	(série de h's)	aspiração ou riso
.h	(h's precedidos de ponto)	inspiração audível
=	(sinais de igual)	elocuições contíguas, sem intervalo
[]	(colchetes)	início e fim de falas simultâneas/ sobrepostas
(2,4)	(números entre parênteses)	medida de silêncio (em segundos e décimos de segundos)
(.)	(ponto entre parênteses)	micropausa de até 2/10 de segundo
()	(parênteses vazios)	fala que não pôde ser transcrita
(palavra)	(segmento de fala entre parênteses)	transcrição duvidosa
((olha para baixo))	(parênteses duplos)	descrição de atividade não-vocal

GARCEZ, BULLA E LODER (2014, p. 272)